



Universidade Federal do Rio de Janeiro

**“LAS ARMAS Y LAS LETRAS” DOS VOLUNTÁRIOS
BRASILEIROS NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA:
IDENTIDADES, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS**

Marco Antônio Machado Lima Pereira

2015

**“LAS ARMAS Y LAS LETRAS” DOS VOLUNTÁRIOS
BRASILEIROS NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA:
IDENTIDADES, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS**

Marco Antônio Machado Lima Pereira

**Tese de doutoramento apresentada ao Curso de Doutorado do
Programa de Pós-graduação em História Social do Instituto de
Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de doutor em História Social.**

Linha de pesquisa: Sociedade e Política

Orientadora: Profa. Dra. Maria Paula Nascimento Araujo

RIO DE JANEIRO

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese de doutoramento apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de doutor em História Social.

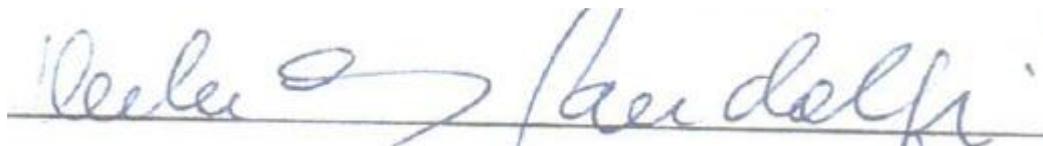
Aprovada por:



Profa. Dra. Maria Paula Nascimento Araujo - Orientadora



Prof. Dr. Manuel Requena Gallego – Coorientador



Profa. Dra. Dulce Pandolfi

Profa. Dra. Marly de Almeida Gomes Vianna

marly de A. G. Vianna

Profa. Dra. Maria da Glória Bordini

Maria da Glória Bordini

Prof. Dra. Sílvia Adriana Barbosa Correia

Silvia Adriana Barbosa Correia

CIP - Catalogação na Publicação

P426" Pereira, Marco Antônio Machado Lima
"Las armas y las letras" dos voluntários
brasileiros na guerra civil espanhola:
identidades, memórias e trajetórias / Marco Antônio
Machado Lima Pereira. -- Rio de Janeiro, 2015.
246 f.

Orientadora: Maria Paula Nascimento Araújo.
Coorientador: Manuel Requena Gallego.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós
Graduação em História Social, 2015.

1. voluntários brasileiros. 2. guerra civil
espanhola, 1936-1939. 3. trajetórias. 4. memórias.
5. identidades. I. Araújo, Maria Paula
Nascimento, orient. II. Gallego, Manuel Requena,
coorient. III. Título.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o lugar que a guerra civil espanhola (1936-1939) ocupou nas trajetórias e nas memórias dos ex-combatentes brasileiros que lutaram a favor dos republicanos como voluntários no Exército Popular e nas Brigadas Internacionais. Desse modo, pretendemos contribuir para uma reflexão sobre as relações conflitantes entre a escrita da história, a memória do grupo e a literatura no contexto pós-guerra civil espanhola. A fim de demonstrar que esse evento-chave – fundador da identidade política de uma geração de militantes de esquerda comprometidos com a causa antifascista – adquiriu uma dimensão de disputas e fraturas internas que demarcaram as memórias e as identidades dos voluntários brasileiros, discutimos a necessidade de se problematizar as narrativas memoriais, literárias e históricas construídas em torno das experiências de guerra em distintas temporalidades.

Palavras-chave: voluntários brasileiros; guerra civil espanhola, 1936-1939; trajetórias; memórias; identidades.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar el lugar que la guerra civil española (1936-1939) tuvo en las trayectorias y los recuerdos de los ex combatientes brasileños que lucharon a favor de los republicanos como voluntarios en el Ejército Popular y en las Brigadas Internacionales. Tenemos la intención de contribuir a través de una reflexión sobre la conflictiva relación entre la escritura de la historia, la memoria del grupo y la literatura en el contexto de la posguerra. Con el fin de demostrar que este evento clave – fundador de la identidad política de una generación de activistas de izquierda comprometidos con la causa antifascista – adquirió una dimensión conflictiva y con fracturas internas que demarcaron las memorias e identidades de los voluntarios brasileños. Nos referimos a la necesidad de problematizar los relatos conmemorativos, literarios y históricos construidos en torno a las experiencias de guerra en distintos marcos temporales.

Palabras-clave: voluntarios brasileños; guerra civil española, 1936-1939; trayectorias; memorias; identidades.

**Para Gabriela Berthou de Almeida,
companheira de tantas lutas e de todas as
horas, por me fazer acreditar nos sonhos
impossíveis...**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram de maneira decisiva para a conclusão dessa tese. Inicialmente, meu reconhecimento à minha orientadora, professora Maria Paula Nascimento Araújo, por acreditar em meu projeto de pesquisa desde o início, quando ingressei em 2011, e por sempre apoiar a realização de um estágio de pesquisa na Espanha. Jamais esquecerei que mesmo nos momentos mais difíceis dessa empreitada Maria Paula sempre acreditou que era possível superar os obstáculos.

Aproveito a oportunidade para expressar minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ e aos professores Carlos Fico, Monica Grin e Marieta de Moraes Ferreira, esta última pelas indicações bibliográficas e sugestões no exame de qualificação. Aos membros da banca examinadora pela leitura crítica e troca de ideias tão enriquecedoras: Dulce Pandolfi (CPDOC/FGV), Marly Vianna (UNIVERSO), Maria da Glória Bordini (UFRGS) e Sílvia Adriana Barbosa Correia (UFRJ). Ao professor Manuel Requena Gallego, catedrático de História Contemporânea da Universidad de Castilla-La Mancha, pela extrema dedicação durante meu estágio na Espanha. Foi graças a sua larga experiência como docente e pesquisador que tive a oportunidade de estabelecer contato com professores, visitar arquivos e bibliotecas. É difícil expressar em poucas palavras o quão sou grato pela sua disposição e generosidade.

Minha investigação teve apoio notável de outros pesquisadores interessados em compartilhar informações e fontes documentais: Paulo Roberto de Almeida; Nélie Sá Pereira; José Carlos Sebe Bom Meihy (USP); Stela Grisotti; Mirta Núñez Diaz-Balart (Departamento de Historia de la Comunicación Social, Universidad Complutense de Madrid); Esther Gambi Giménez (Centro de Estudios Brasileños, Universidad de Salamanca); Ricardo Marín Ruíz (Departamento de Filología Moderna, Universidad de Castilla-La Mancha). Aos testemunhos valiosos de Renée France de Carvalho e Cristina Capistrano da Costa, que tão gentilmente me receberam e se dispuseram a contribuir com suas memórias e histórias de lutas!

Sei que estou em dívida com todos os funcionários dos arquivos por onde passei. São eles: Sandra Moraes (CEDEM/UNESP); Daniel Gimeno (Archivo General de la Administración de Alcalá de Henares); Andrés Manrique Gutiérrez (Archivo General

Militar de Ávila); Candelaria Moreno Ballesteros (Archivo Historico Provincial de Albacete); Patricia González-Posada (Archivo Historico del Partido Comunista de España).

Não poderia deixar de mencionar o imenso amor e o carinho que sinto pelos meus pais Luis Gustavo Pereira & Cleire Maria Machado Lima Pereira, meu irmão caçula “Zé” Lucas e a querida Tia Ciça. Agradeço ainda pelo respaldo incondicional e por terem partilhado comigo mais alegrias que angústias ao longo desse percurso.

À Gabriela Berthou de Almeida por me fazer tão feliz e por tornar nossa vida tão especial! Nunca é demais agradecer seu amor, apoio e carinho incomensuráveis, especialmente nos momentos mais críticos da pesquisa. Sem sua presença marcante e sempre questionadora seria impossível sonhar com a conclusão desse trabalho e, igualmente, com a construção de um mundo mais justo e solidário.

Aos meus sogros José Renato de Almeida & Lenita Berthou de Almeida e a minha “irmã” Renata Berthou de Almeida pela sabedoria e simplicidade. Agradeço a eles por nos ensinarem que a beleza da vida está num banho de cachoeira (com a presença da Capitu) e no cantar dos pássaros...

Aos grandes amigos que, como diria Oscar Wilde, são imprescindíveis e necessários para saber quem somos: Walter Lowande & Nahyara; Daniel Precioso & Manuela Areias; Everton Fernando Pimenta & Pauline Freire; Weder Ferreira da Silva; François Weigel; João Guilherme & Lara Babilônia; Federico Cavanna; Abel de Pinho Nogueira; Renata Silva; Ana Claudia Ferreira de Assis & Andreia Rinaldi; Marcos Tonet.

Aos companheiros do SINDUNESPAR e aos alunos da UNESPAR, campus de Paranaguá/PR, pelo empenho na luta pela educação pública, gratuita e de qualidade. E por torná-la nossa principal bandeira contra um modelo de governo calcado no autoritarismo, na truculência e na espoliação dos direitos dos trabalhadores!

Por fim, deixo registrado meu agradecimento a CAPES pelo apoio e incentivo aos pesquisadores brasileiros. A bolsa-sanduíche concedida por esta agência de fomento representou um momento crucial em minha formação intelectual, profissional e pessoal. Espero retribuir à sociedade brasileira os investimentos feitos.

- [...] Mas todas as guerras estão cheias de histórias novelescas, não é?
- Só para quem não viveu as guerras. [...] Só para quem vai contá-las. Para quem vai à guerra para contá-la, não para fazê-la.

Javier Cercas
Soldados de Salamina

Hoy en día, al echar la vista atrás a las Brigadas Internacionales, tendemos a simplificar a una mera etiqueta las razones que les llevaron a defender la República española durante la guerra civil: eran militantes, sindicalistas y comunistas. Las etiquetas, sin embargo, y especialmente las de carácter político, tienden a sellar historias al no ser capaces de dar una explicación, mucho menos explicaciones históricas. Para entender las razones de los brigadistas internacionales debemos ir más allá de las etiquetas, tener en cuenta el orden social en el que vivieron y poner de relieve los cambios sociales a los que respondían.

Helen Graham

SUMÁRIO

Introdução	1
1 Embates historiográficos	15
1.1 Guerra civil espanhola: as tensões entre história, política e memória..	15
1.2 Brigadas Internacionais: uma epopeia romântica?.....	35
1.3 A participação dos brasileiros no conflito.....	50
2 A guerra civil espanhola e a criação das Brigadas Internacionais	55
2.1 Situação internacional e a chegada das Brigadas.....	55
2.2 “Por qué venimos”: as motivações dos voluntários estrangeiros.....	74
2.3 O fim da República e a despedida dos brigadistas.....	83
3 Os voluntários brasileiros na guerra civil	92
3.1 A atitude do Brasil ante o conflito civil espanhol.....	92
3.2 Nossos personagens.....	101
3.3 Visões do conflito: considerações pessoais.....	111
3.3.1 José Homem Correia de Sá.....	117
3.3.2 Apolônio de Carvalho.....	121
3.3.3 Delcy Silveira.....	127
3.3.4 Homero de Castro Jobim.....	129
3.3.5 Nelson de Souza Alves.....	131
3.3.6 Dinarco Reis.....	134
4 História, memória e literatura	138
4.1 Reflexões sobre a escrita da história.....	141
4.2 Redefinindo o diálogo entre história e literatura.....	143
4.3 Um anti-herói nas Brigadas?.....	145
4.4 “Batalhas pela memória”.....	153
4.5 “Nenhum comunista está sozinho em meio à batalha!”.....	159
5 “Soldados escritores”: memórias e narrativas autobiográficas	168
5.1 Narrativas autobiográficas e identidade.....	170

5.2 A vida nas trincheiras.....	173
5.3 Memórias e ajustes de contas.....	184
5.4 Revisitando o conflito e a militância política.....	189
5.5 O caso Besouchet e a retirada dos voluntários brasileiros.....	195
5.6 O legado da guerra civil espanhola.....	199
Considerações finais.....	203
Fontes.....	208
Bibliografia.....	213

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Organizações

AABI

Asociación de Amigos de las Brigadas Internacionales.

ABAPE

Associação Brasileira dos Amigos do Povo Espanhol.

ACER

Les Amis Des Combattants en Espagne Rèpublicaine.

AICVAS

Associazione Italiana Combattenti Volontari Antifascisti di Spagna.

AIB

Ação Integralista Brasileira.

ANL

Aliança Nacional Libertadora.

BI

Brigadas Internacionales.

CIAPE

Comité Internacional de Ayuda al Pueblo Español.

CIRV

Comisión Internacional para la Retirada de Voluntarios.

CNT

Confederación Nacional del Trabajo – confederação de sindicatos anarcossindicalistas, fundada em 1910.

CTV

Corpo di Truppe Volontarie – forças italianas enviadas à Espanha para lutar ao lado dos nacionalistas durante a guerra civil.

DEOPS

Delegacia Estadual de Ordem Política e Social.

FAI

Federación Anarquista Ibérica – grupo criado em 1927 por anarquistas com o objetivo de impor seus princípios à CNT.

IBMT

International Brigade Memorial Trust.

IC

Internacional Comunista.

JSU

Juventudes Socialistas Unificadas.

LSN

Lei de Segurança Nacional.

NKVD

Narodnyi Komissariat Vnutrennikh Del (Comissariado Popular para Assuntos Internos)
– política secreta soviética.

PCB

Partido Comunista Brasileiro.

PCE

Partido Comunista de España – partido resultante da união dos dois primeiros e pequenos partidos comunistas espanhóis, em novembro de 1921.

PCF

Partido Comunista Francês.

POUM

Partido Obrero de Unificación Marxista – pequeno grupo revolucionário marxista formado em 1935 pela união de dois partidos de dissidentes comunistas: o Partido Comunista de Esquerda, liderado pelo antigo trotskista Andreu Nin, e o Bloco de Trabalhadores e Camponeses, de Joaquín Maurín.

PSOE

Partido Socialista Obrero Español – fundado em 1879.

SIM

Servicio de Investigación Militar – serviço de inteligência republicana criado em agosto de 1937.

SRI

Socorro Rojo Internacional.

TSN

Tribunal de Segurança Nacional.

Fontes

AEL

Arquivo Edgard Leuenroth.

AGA

Archivo General de la Administración de Alcalá de Henares.

AGMA

Archivo General Militar de Ávila.

AHPA

Archivo Histórico Provincial de Albacete.

AHPCE

Archivo Histórico del Partido Comunista de España.

APESP

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

CEDEM

Centro de Documentação e Memória (UNESP).

CEDOBI

Centro de Estudios y Documentación de las Brigadas Internacionales.

INTRODUÇÃO

Em 18 de julho de 1996, o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria especial sobre a guerra civil espanhola com o título “Os 60 anos de um conflito heroico”, assinalando que os veteranos relembram o episódio com um imenso orgulho¹. O caráter romântico e ideológico da guerra é enfatizado em várias passagens pelo correspondente Nelson Franco Jobim, que inclusive utilizou os comentários de historiadores como Paul Preston (“Não existe mais a solidariedade total dos anos 1930”) e Eric Hobsbawm (“Foi uma luta também pela regeneração social, para destruir o velho mundo do nazifascismo e da grande depressão e criar uma sociedade renovada e melhorada”) para alicerçar essa visão heroicizante. A matéria ainda destacou que, embora a União Soviética tenha sido a única potência a apoiar o governo republicano, militantes de esquerda acusaram Stalin de trair a revolução espanhola, sobretudo após a assinatura do pacto germano-soviético em agosto de 1939. Outro exemplo dessa “traição” foram as chamadas “jornadas de maio” de 1937, quando anarquistas e comunistas entraram em confronto nas ruas de Barcelona.

A avaliação do *Jornal do Brasil*, baseada nos depoimentos de alguns ex-combatentes, é que a resistência republicana fracassou devido a alguns fatores tais como: a ausência de um comando unificado; uma estratégia militar clara; e o seu isolamento diplomático. Para comprovar a tese de que “os heróis nunca se arrependem”, o jornal deu destaque a dois depoimentos. O primeiro foi o do veterano George Leeson, funcionário do metrô de Londres: “Quando eu estiver na cama para morrer e me perguntarem o que fiz de mais importante na vida vou dizer: foi no dia em que decidi ir para a Espanha e no dia seguinte, quando tomei o trem na estação de Vitória”. Já o segundo foi o do ex-combatente Apolônio de Carvalho, àquela altura com 84 anos, que definiu a guerra civil espanhola da seguinte maneira: “Foi a mais romântica das guerras do nosso século”. Por fim, a matéria sublinhou que em novembro daquele ano os três últimos voluntários brasileiros ainda vivos (Apolônio de Carvalho, Delcy Silveira e Homero de Castro Jobim) e mais 600 sobreviventes das Brigadas iriam receber uma

¹ JOBIM, Nelson Franco. Os 60 anos de um conflito heroico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1996. Internacional, p. 14.

homenagem em Madrid, a saber, a cidadania espanhola, medida aprovada por unanimidade pelo Parlamento do país.

O grupo de voluntários brasileiros, formado majoritariamente por militantes comunistas, juntou-se às Brigadas e ao Exército Popular contra as tropas de Franco como demonstração de apoio e solidariedade ao governo republicano. O alistamento se fez de modo irregular e clandestino, coordenado pelo Partido Comunista Brasileiro, então na ilegalidade, e financiado em alguns casos pelo PC dos Estados Unidos. A maior parte desse contingente havia conhecido a prisão ou o exílio. Em sua maioria, eram jovens militares que estavam exilados no Uruguai ou recém-saídos da prisão, graças à determinação do ministro da Justiça José Carlos de Macedo de libertá-los em junho de 1937 no episódio conhecido como a “macedada”, por sua implicação nos levantes de novembro de 1935 contra o regime de Vargas. No Uruguai, Carlos da Costa Leite, o veterano do grupo de mais alta patente e experiência política, foi o encarregado de fazer a seleção, contando sempre com o respeito de seus companheiros mais jovens. O conflito civil espanhol serviu igualmente como uma oportunidade para que o grupo se reunisse novamente após um longo período de separação. Muitos chegaram à Espanha somente a partir de meados de 1937, combatendo nos dois terços finais da guerra e permanecendo em território espanhol até os últimos momentos do governo republicano: desde junho de 1937 até janeiro de 1939.

O grupo de comunistas brasileiros cruzou os Pirineus quando as Brigadas já estavam em ação e o Partido Comunista Espanhol era uma das principais forças políticas da República². Foram representados em todas as frentes de combate, nas distintas armas e também em funções civis como comissários políticos. Todos eles foram promovidos a uma graduação superior por méritos de guerra, a exceção de Costa Leite, que conservou o grau de comandante. Um bom número dos militares brasileiros se juntou a XII Brigada, ou batalhão *Garibaldi*, formada principalmente por italianos e espanhóis, devido, entre outros fatores, pela proximidade linguística entre os três idiomas. O problema deste contingente foi o regresso ao país. Enquanto os brigadistas de países democráticos não tiveram maiores problemas, os combatentes de países sob regimes fascistas ou antidemocráticos tiveram que se virar por sua conta, na medida em

² BATTIBUGLI, Thaís. *A solidariedade antifascista: brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939)*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 110.

que eram considerados “estrangeiros indesejáveis”. França, México, Argentina, Estados Unidos e Portugal foram os destinos dos voluntários brasileiros³.

Entre os dezesseis que participaram da guerra civil, apenas dois não saíram com vida da Espanha: o tenente Alberto Besouchet (foi o primeiro a chegar à Península Ibérica; passou a integrar as milícias do POUM⁴ e chegou a ser membro do Estado Maior de Miaja; ascendeu a coronel e foi vítima da aguda crise no seio das esquerdas, ingressando na prisão como partidário de Andreu Nin⁵); e o único militar da aviação que na Espanha conseguiu pilotar um avião, Enéas Jorge de Andrade, que morreu em combate aéreo em Zaragoza. Outro brasileiro, Hermenegildo de Assis Brasil – citado na ordem do dia do XI Corpo do Exército Republicano por sua bravura nos combates de Piedra de Aôlo, cujo documento se encontra no Archivo Militar de Ávila – sairia sem nenhum arranhão da Espanha, mas não da França, onde faleceu, segundo Gay da Cunha, em um campo de concentração nazi; segundo Apolônio, de septicemia, em 1941, a caminho de Marselha. Os feridos em combate foram: o já citado Gay da Cunha, Delcy Silveira e seu irmão Eny Antonio Silveira, Homero de Castro Jobim, Joaquim Silveira dos Santos, Nelson de Souza Alves e David Capistrano da Costa. Apenas dois saíram ilesos, apesar de terem lutado muito em distintos campos de batalha: José Homem Correia de Sá e Dinarco Reis. Nemo Canabarro Lucas preferiu servir no Exército Republicano a alistar-se nas Brigadas⁶.

Em seu relato autobiográfico, o ex-tenente Apolônio de Carvalho chama atenção para o número reduzido de voluntários brasileiros, “não mais que uma vintena de combatentes, dispersos por frentes e armas”. Não obstante, o autor enfatiza o caráter homogêneo e politicamente engajado do grupo – “na ANL, todos, no PC, um terço”⁷. Como as fontes indicam a relação de voluntários brasileiros que lutaram a favor do campo republicano – uma frente reunindo socialistas, democratas e comunistas,

³ GAVILANES LASO, José Luis. Brigadistas brasileños en la guerra civil. *La aventura de la historia*, n. 82, p. 48-50, 2005.

⁴ Integrantes do Partido Obrero de Unificación Marxista, comunistas anti-stalinistas, resultado da fusão do Bloco Operário e Camponês e de certos grupos da oposição de Esquerda Comunista Espanhola. Foi influenciado pelo trotskismo, apesar das críticas contundentes formuladas pelo próprio Trotsky contra seus principais dirigentes, Joaquim Maurin e Andreu Nin.

⁵ GAVILANES LASO, 2005, p. 52. As versões sobre a morte de Besouchet e a busca constante de seus familiares por informações fidedignas que envolveram o episódio de seu desaparecimento serão analisados de forma mais aprofundada no quarto e no quinto capítulo da tese.

⁶ GAVILANES LASO, op. cit., p. 52-53.

⁷ CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 122-123.

contando com o apoio instável dos anarquistas – é a seguinte⁸: 1) Alberto Bomílcar Besouchet; 2) Apolônio de Carvalho; 3) Carlos da Costa Leite; 4) David Capistrano da Costa; 5) Delcy Silveira; 6) Dinarco Reis; 7) Enéas Jorge de Andrade; 8) Eny Silveira; 9) Hermenegildo de Assis Brasil; 10) Homero de Castro Jobim; 11) Joaquim Silveira dos Santos; 12) José Gay da Cunha; 13) José Homem Correia de Sá; 14) Nelson de Souza Alves; 15) Nemo Canabarro Lucas; 16) Roberto Morena.

O propósito central desta tese é recuperar parte da experiência de guerra dos voluntários brasileiros que lutaram ao lado dos republicanos no conflito civil espanhol e avaliar o impacto desta participação em suas memórias e trajetórias de vida, privilegiando suas percepções, vivências, sensibilidades. Outro aspecto importante deste estudo consiste em analisar como os brasileiros se inseriram nos debates e disputas internas das forças republicanas espanholas. Em última análise, o grupo em questão é tomado aqui como um ponto de onde se observam as tensões sociais, políticas e ideológicas que marcaram o período do entreguerras, notadamente as três primeiras décadas do século XX. Convém destacar que a hipótese-base que permeia este trabalho é a seguinte: a guerra civil espanhola foi o “acontecimento inaugurador”⁹ para o grupo de voluntários brasileiros, na medida em que moldou sua trajetória de vida, identidade e visão de mundo.

A guerra civil espanhola continua exercendo um fascínio particular, tendo em vista a produção significativa de artigos, dissertações, teses, romances, documentários e filmes inspirados nesse conflito. Tais elementos indicam seu impacto duradouro e sua importância entre outros grandes acontecimentos do século XX, como a Revolução Russa, a ascensão e queda do Terceiro Reich e a Segunda Guerra Mundial. Em síntese, a guerra civil espanhola foi principalmente um conflito local que simbolizou uma tentativa de resolver, por meios militares, um grande número de questões sociais e

⁸ “A esse conjunto de combatentes brasileiros deve ser acrescentado alguns nomes de oficiais voluntários que não chegaram contudo a pegar em armas pela Espanha republicana, são eles: o major Alcedo Cavalcanti, ex-professor do Estado-Maior do Exército brasileiro e provisoriamente exilado no Uruguai, os oficiais Celso Tovar Bicudo de Castro e Paulo Machado Carrión e o tenente aviador Carlos Brunswick França, todos participantes do movimento aliancista. Os três primeiros não chegaram a ir para a Espanha: em Paris desentenderam-se com as autoridades espanholas e voltaram para o Uruguai; o tenente França foi à Espanha, mas não chegou a combater, pois as autoridades militares já estavam retirando os pilotos estrangeiros”. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na guerra civil espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba: UFPR, n. 12, p. 55, 1999.

⁹ Em outras palavras, interessa-nos aqui trabalhar as “gerações” criadas ou modeladas por um “acontecimento inaugurador”. SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 137.

políticas que dividiram os espanhóis por várias gerações. No entanto, o conflito transcendeu as barreiras nacionais ao suscitar paixões e debates repletos de confrontos e divergências que se desencadearam pela Europa.

A Espanha de 1936 foi um “microcosmo” que sintetizou a ferocidade, o radicalismo e a polarização de uma era. Os partidários dos nacionalistas acreditavam, por exemplo, que sua luta era em defesa da civilização cristã contra a “barbárie comunista”. Já para os voluntários que lutaram pela República, a Espanha representava a “última grande causa”, a resistência final contra as forças do fascismo e do conservadorismo que acabaram arrebatando o continente nos anos entreguerras. Este último grupo também forneceu uma visão maniqueísta na qual a guerra era explicada como a opressão do povo espanhol por uma minoria de clérigos, generais e capitalistas¹⁰. Como demonstram os estudos mais recentes, as origens da guerra estão bem enraizadas na história do país. A noção de que a violência poderia resolver os problemas políticos ao invés do debate de ideias, diz Paul Preston, “estava firmemente implantada num país em que durante mil anos a guerra civil, se não foi rigorosamente a regra, não foi pelo menos uma exceção. A guerra de 1936-1939 foi o quarto conflito desta natureza desde a década de 30 do século XIX”¹¹.

De todo modo, a maioria dos espanhóis foi surpreendida pelo horror e pela tragédia. Os trabalhos de Paul Preston e Romero Salvadó contrastam com a visão monolítica de uma Espanha cruelmente dividida. No verão de 1936, afirmam, não existiam apenas duas Espanhas, mas “mil Espanhas”. Após o fracasso do golpe militar de 18 de julho de 1936, a luta não se converteu simplesmente num choque entre dois campos claramente homogêneos, mas sim numa ampla variedade de conflitos locais¹². Sublinhe-se a ligação entre a realidade local e o contexto internacional (a intervenção externa dos países nazifascistas e a chamada “não intervenção” encabeçada pelas democracias europeias), na medida em que determinaram, em grande medida, o curso e o resultado da guerra. Do mesmo modo, a chegada da ajuda soviética e a mobilização (via Comintern) de milhares de voluntários no outono de 1936 foram responsáveis por defender a capital espanhola e prolongar a guerra¹³. Mesmo que a intervenção soviética

¹⁰ ROMERO SALVADÓ, Francisco José. *A guerra civil espanhola*, Trad. Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 8.

¹¹ PRESTON, Paul. *A Guerra Civil de Espanha*, Trad. António Belo. Portugal: Edições 70, 2005. p. 27.

¹² ROMERO SALVADÓ, op. cit., p. 10-11.

¹³ Ibid., 13.

não tenha ocorrido por razões altruístas, para Romero Salvadó é um absurdo insistir no antigo clichê de que a maldade de Stalin foi responsável pela derrota da República espanhola, pois sem as armas e o apoio soviético a guerra teria terminado bem mais cedo¹⁴.

Em fevereiro de 2007, Eric Hobsbawm escreveu um artigo com o intuito de analisar o significado do conflito civil espanhol na história política do século XX e seu impacto no mundo das artes e das letras¹⁵. O historiador inglês assinalou que a guerra foi responsável por aglutinar toda uma geração de jovens escritores, poetas e artistas que consideravam a guerra de Espanha como algo central em suas vidas. Reconstruindo, a partir de sua própria memória pessoal, as percepções dos intelectuais de esquerda, Hobsbawm afirmou que deter o avanço do fascismo era plenamente possível: “Estábamos seguros de estar a las puertas de un mundo nuevo”. Esse otimismo explicaria as reações espontâneas e massivas ante o conflito. Entre os estudantes de Cambridge a guerra de Espanha serviu como um “divisor de águas”, uma vez que muitos jovens se tornaram militantes de esquerda. Os combatentes que foram à Espanha, como John Cornford, haviam adquirido uma aura imagética exemplar:

Cualquiera que entrara en la habitación de estudiantes socialistas o comunistas en el Cambridge de aquellos días podía estar seguro de encontrarse allí con la fotografía de John Cornford, intelectual, poeta y dirigente de la organización estudiantil del Partido Comunista, que había caído en combate en España el día en que cumplía 21 años, en diciembre de 1936. Lo mismo que la familiar foto del Che Guevara, era una imagen potente, icónica: pero nos era más cercana, y, colgada de nuestras paredes, recordaba diariamente por qué estábamos luchando.

As polêmicas entre as forças políticas que lutavam pela República continuaram vivas a partir de 1939, notadamente entre os comunistas e seus adversários, seguindo de forma ininterrupta mesmo após o término do conflito¹⁶. Incidentes como a proibição do dissidente POUM e o assassinato de seu dirigente Andreu Nin provocaram protestos

¹⁴ Id., p. 13-14.

¹⁵ HOBBSAWM, Eric J. Memoria de la guerra civil española. Tradução de Antoni Domènech. Disponível em: <<http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=1055>>, acesso em 20 de março de 2015.

¹⁶ Os confrontos entre reformistas e revolucionários, marxistas e libertários, fragmentaram as diferentes forças que lutavam pela República e jamais foram equacionadas de forma satisfatória. ROMERO SALVADÓ, op. cit., p. 12-13. Para Apolônio de Carvalho, “uma lição da guerra civil espanhola é a importância da união entre as esquerdas”.

intensos no âmbito internacional. Esses episódios pertencem à história das disputas ideológicas dentro do movimento comunista internacional ou, se preferirmos, da guerra implacável de Stalin contra o trotskismo que seus agentes identificavam (erroneamente) com o POUM. Um bom número de voluntários estrangeiros que foram à Espanha (intelectuais ou não) ficaram impressionados com o que ali se via, pelo sofrimento e a atrocidade, pelo caráter implacável da condução da guerra, pelo comportamento dos russos e pela brutalidade ou até mesmo as intrigas e “enfeudamentos” dentro da República. Entretanto, mesmo que as polêmicas póstumas sobre a guerra civil espanhola sejam legítimas e essenciais, é preciso separar o debate sobre questões reais do politicamente sectário e da propaganda da Guerra Fria. O que caracteriza as revoluções sociais como a de 1936 é a iniciativa local, a espontaneidade, a independência ou ainda a resistência frente a uma autoridade superior. E isso se deu graças à presença marcante do anarquismo na Espanha. Na esteira das reflexões de Hobsbawm, em que pese a repulsa moral provocada pelo stalinismo e pela conduta de seus agentes na Espanha, a guerra civil espanhola chegou a ser recordada e segue sendo lembrada por aqueles que eram jovens na época como o “primeiro grande amor perdido” e a “Íliada dos anos 1930”.

Quando se levantam questões referentes às motivações, ou quando escrevem suas memórias, os voluntários brasileiros explicam seu alistamento do ponto de vista ideológico. Nesse sentido, dois traços estão particularmente enraizados nos depoimentos: a) a convicção de que o comprometimento com luta dos republicanos configurava-se como um desdobramento da ação internacional contra o fascismo; b) a consciência de que o partido comunista, enquanto instituição-chave canalizava esse sentimento (coeso) de solidariedade internacional. Até onde sabemos, nenhum dos voluntários brasileiros demonstrou qualquer arrependimento por sua decisão de ir à luta.

Dinarco Reis assinalou que o vínculo com o PCB e a solidariedade à luta do povo espanhol contra o fascismo contribuíram para a sua participação na guerra civil. O ex-tenente de aviação salientou ainda que a luta das camadas populares espanholas contra o fascismo e por uma República democrática foi bastante dura, no sentido de que “havia uma conspiração internacional para esmagar a revolução do povo espanhol”¹⁷. Mesmo que a República contasse com a ajuda da URSS e com o apoio e a solidariedade

¹⁷ REIS, Dinarco. Questionário elaborado por Paulo Roberto de Almeida. Rio de Janeiro, 4 de abril de 1981.

de milhares trabalhadores e militantes antifascistas, “a ajuda recebida pelos franquistas era imensamente maior e sem limites”¹⁸. Para o ex-combatente, a derrota militar das forças republicanas explica-se pela falta de recursos materiais para prolongar a resistência. Além da carência de recursos e armamentos bélicos, faltavam elementos vitais para suprir as necessidades da população na retaguarda. Outro ponto que contribuiu para a derrota dos republicanos foi aceitar e cumprir à risca a manobra diplomática da Liga das Nações que exigia a retirada das unidades formadas pelos voluntários estrangeiros, levando em conta que o mesmo não ocorreu com as unidades estrangeiras dos franquistas, que permaneceram até o desfecho do conflito.

Rompendo um longo silêncio que já durava quase quarenta anos, Homero de Castro Jobim destacou que a radicalidade de sua postura política o levou a abandonar o emprego, a namorada e a família para ir lutar na Espanha ao lado dos republicanos e das Brigadas Internacionais. O ex-comandante da 2ª Companhia do 2º Batalhão da Brigada *Garibaldi* destacou ainda que a ditadura de Vargas e a histeria anticomunista que se instalou no país também o impeliram a atravessar o Atlântico. Refletindo sobre o significado mais amplo de sua participação na guerra civil espanhola, Jobim enfatizou: “[...] Lá na luta do povo espanhol estava o lugar para todos os idealistas do mundo. Lá que eu podia lutar contra a tirania, pela fraternidade de todos os povos. Lá eu via que começava a se travar a luta contra o nazismo e o fascismo, e sentia que era essa a vontade do povo brasileiro. Tinha que tomar uma posição de vanguarda, de solidariedade humana internacional”¹⁹. Da mesma maneira que Dinarco Reis, Jobim também defendeu a ideia de que a derrota dos republicanos deveu-se à maciça intervenção militar da Alemanha, da Itália e das forças mouras trazidas à Espanha. Por fim, o ex-combatente advoga que as divergências existentes entre as correntes políticas de esquerda foram uma consequência direta dos revezes militares²⁰.

José Gay da Cunha destacou que decidiu lutar na Espanha por convicção antifascista, solidariedade espontânea e por influência direta dos companheiros do PCB²¹. Nemo Canabarro Lucas também enfatizou que sua participação face ao conflito

¹⁸ Idem.

¹⁹ WAINBERG, Jacques: O relato de um gaúcho que foi à Espanha lutar pela democracia: Homero de Castro Jobim. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1º jul. 1979, p. 17.

²⁰ JOBIM, Homero de Castro. Questionário elaborado por Paulo Roberto de Almeida. Porto Alegre, 18 de setembro de 1979.

²¹ CUNHA, José Gay da. Questionário elaborado por Paulo Roberto de Almeida. São Paulo, 7 de novembro de 1979.

civil foi motivada pela solidariedade a causa antifascista. Nessa perspectiva, o ex-combatente assinalou que o espírito de colaboração era predominante entre as correntes políticas de esquerda dentro do Exército Republicano²².

Paris foi palco tanto da afirmação do apoio aos republicanos como também de um encontro do grupo de voluntários brasileiros com alguns colegas militares como o major Alcedo Cavalcanti, o oficial Paulo Machado Carrión e o tenente aviador Carlos Brunswick França, todos participantes do movimento aliancista²³. Nos depoimentos de Delcy Silveira e Nelson de Souza Alves, os ex-combatentes enfatizam o aspecto desagradável e tenso desta reunião, pois os oficiais citados defendiam de maneira peremptória que a República havia sido derrotada militarmente. Alcedo Cavalcanti chegou a se manifestar contra a participação do grupo brasileiro naquele conflito, já que o governo republicano seria incapaz de garantir uma indenização às famílias em caso de morte em combate:

[...] Logo ficou clara a divisão entre quem queria ir e quem não estava com a decisão tomada. Apesar de terem ido a Paris com destino à Espanha, o Alcedo e o Carrión ficaram na França. Pior ainda é que começaram a criar problemas com o governo espanhol, pois queriam certas garantias que evidentemente o governo espanhol não podia dar. Eles queriam, por exemplo, que o governo espanhol depositasse uma quantia de dinheiro como seguro para a família caso morressem ou fossem invalidados. Os republicanos não aceitariam, pois não estavam pensando em contratar soldados, e sim em contar com voluntários que acreditavam na causa antifascista. Lembro-me que nessa ocasião o Alcedo comentou que a situação era grave, com possibilidades de derrota, pois a Espanha estava dividida em duas zonas equilibradas e que, em vista da progressão da guerra, a República estava derrotada. Enfim, eles achavam que nós não devíamos ir. Aquela era uma decisão estranha, pois as pessoas tinham ido para a luta independentemente da certeza da vitória. Pelo nosso lado, quem falou foi Dinarco Reis, que era ponderado e convicto de nosso ideal. O Alcedo e o Carrión ficaram em Paris e mais tarde deixaram a causa por completo. O argumento do pessoal que não foi à luta era ridículo, pois imagine alguém que vai para uma guerra ideológica como era a da Espanha e pede seguro de vida!²⁴

²² CANABARRO LUCAS, Nemo. Questionário elaborado por Paulo Roberto de Almeida. Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1979. Esse tema será problematizado no próximo capítulo à luz de outros depoimentos, como os dos ex-combatentes Apolônio de Carvalho, Homero de Castro Jobim e Nelson de Souza Alves, particularmente na seção “Visões do conflito: considerações pessoais”.

²³ ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na guerra civil espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba: UFPR, p. 55, 1999.

²⁴ ALVES, Nelson de Souza. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 200-201.

Em setembro de 1939 o episódio ganhou destaque nas páginas do jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB. Com o título “Fora os traidores que rompem a unidade”, o major Alcedo Cavalcanti é caracterizado pelo periódico como um oficial que “não soube escutar o chamado do povo espanhol que defendia a sua independência, a República e a democracia”. O Comitê Central do Partido acusou Alcedo Cavalcanti de agir como um “reles mercenário” ao colocar vantagens pessoais acima do cumprimento do “dever revolucionário”, demonstrando assim total “falta de solidez das convicções que dizia ter”. Além disso, sua “atitude covarde” contrastava com a abnegação dos demais militares como o major Costa Leite, os capitães Gay, Nemo Canabarro e Dinarco, o capitão Apolônio de Carvalho e tantos outros, “cuja fé de ofício honra o povo brasileiro, e dos quais muitos ajudaram com seu sangue a forjar a solidariedade dos povos brasileiros e espanhol, amantes da liberdade e da democracia”. O caso de Alcedo Cavalcanti serviu para a agremiação demonstrar que no PCB não havia lugar para “provocadores trotskistas”, considerados “inimigos da libertação nacional do povo brasileiro”²⁵.

Mas qual seria a contribuição específica deste trabalho? Procuraremos demonstrar que o conflito civil espanhol deve ser encarado como sinônimo de disputas políticas que foram reeditadas e ressignificadas em outras temporalidades. Ademais, levaremos em consideração os seguintes aspectos: a necessidade de se problematizar a memória socialmente construída sobre o conflito, recuperando essa dimensão de disputa, de dissenso e de fraturas internas que marcaram os depoimentos analisados; e, por fim, o esforço de estimular uma reflexão crítica sobre o conteúdo simbólico, imaginário e a força identitária construídos pelos voluntários brasileiros em torno da guerra civil espanhola.

A memória tem sido objeto de um renovado interesse por parte de sociólogos, antropólogos, psicólogos e, particularmente, historiadores. No âmbito político e social há uma clara reivindicação pela preservação da memória, sobretudo a memória da dor, das guerras, injustiças, repressões e genocídios. Se a partir do final da década de 1960, o mundo se transformou num extraordinário “consumidor de memória”, deveríamos

²⁵ “Fora os traidores que rompem a unidade!”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1939, n. 217. Este artigo é o único que faz menção direta à participação dos voluntários brasileiros no conflito.

perguntar: “por que e para que recordar?”²⁶. A memória é mais que um depósito de sensações e percepções, algo mais que o simples trazer para o tempo presente as vicissitudes do passado. Graças à memória o indivíduo põe diante de si, num exercício mental, sua trajetória vital completa, sua biografia, podendo reproduzi-la numa sequência ordenada temporalmente, do presente ao passado e vice-versa. Embora a memória seja responsável por esta travessia do passado em direção ao presente, ela não se configura como uma reprodução do mundo exterior, mas sim um aparato para interpretá-lo²⁷.

Uma dos aspectos marcantes da produção historiográfica recente sobre a guerra civil espanhola diz respeito aos estudos que tratam das relações entre a escrita da história e a memória²⁸. Para o historiador Julio Aróstegui, a História (operação intelectual) tem sua própria autonomia na produção de um conhecimento crítico sobre o passado, já que não coincide necessariamente com a memória (valor social e cultural), esta última entendida como uma visão particular do passado e, portanto, fragmentária. Por outro lado, não há como negar que a memória converteu-se, de alguma maneira, em uma formidável arma de combate cultural, ético e político. O fato denota o quanto essa relação pode se tornar complexa e sinuosa, pois a memória está longe de ser neutra e inocente, embora seja forçoso reconhecer que nenhuma faculdade humana o é inteiramente. De maneira geral, “los sujetos y los grupos organizan su memoria como autojustificación y autoafirmación, pero no necesariamente como contribución histórica desinteresada. Toda especie de memoria colectiva en cuanto representativa de un grupo es la expresión de un nosotros, y está ligada a los intereses de quienes la expresan”²⁹. Enquanto categorias, ambas estão sujeitas a cumprir uma mesma função (lutar contra o esquecimento) e, simultaneamente, a lidar com alguns problemas de ordem epistemológica (assumir a impossibilidade de conter em si “todo o passado”). Já que a memória é sempre subjetiva e parcial, compete ao historiador historicizá-la, superando seu caráter intencional. Mesmo assim, a tensão entre a memória dos atores e o

²⁶ ARÓSTEGUI, Julio. Retos de la memoria y trabajos de la historia. *Pasado y Memoria: Revista de Historia Contemporánea*, n. 3, p. 7, 2004.

²⁷ *Ibid.*, p. 16.

²⁸ Ver, a propósito, AGUILAR-FERNANDÉZ, Paloma. *Memoria y olvido de la guerra civil española*. Madrid: Alianza Editorial, 1996; ARÓSTEGUI, Julio (ed.). *España en la memoria de tres generaciones: de la esperanza a la reparación*. Madrid: Editorial Complutense, 2007; CASANOVA, Julián. Pasado y presente de la guerra civil española. *Historia Social*, n. 60, p. 113-127, 2008; JULIÁ, Santos. Por la autonomía de la historia. *Claves de Razón Práctica*, n. 207, p. 8-19, 2010; REIG TAPIA, Alberto. *La cruzada de 1936: mito y memoria*. Madrid: Alianza, 2006.

²⁹ ARÓSTEGUI, 2004, p. 32-33.

conhecimento histórico está sempre presente, pois se é a memória que retém o passado é o historiador que tenta explicá-lo. Outro contraste deve ser nuançado: se o conteúdo da memória pode ser reinterpretado, como o da História, a diferença central entre elas é que a primeira não necessita colocar sua legitimidade à prova tanto quanto a segunda. Mesmo que a História não possa prescindir da memória, devido ao seu caráter combativo e configurador das relações sociais, esta não pode ser a única fonte daquela e nem sequer sua matriz exclusiva. Contudo, a distinção entre história e memória não deve ser interpretada num sentido radical, ontológico, pois elas nascem de uma mesma preocupação e compartilham do mesmo objeto, qual seja, a elaboração do passado.

Feitas essas considerações iniciais, a tese divide-se em cinco capítulos. O primeiro capítulo tem em grande medida um caráter introdutório, tendo em vista que ambicionamos tratar dos principais paradigmas interpretativos a respeito da guerra civil espanhola. Analisamos as discrepâncias sobre o número de brigadistas que foram à Espanha, a procedência dos contingentes majoritários e os aspectos sociológicos (idade, filiação política, profissão) dos voluntários estrangeiros que apoiaram a República. Apontamos ainda as principais contribuições de alguns trabalhos historiográficos que tratam da participação dos ex-combatentes brasileiros e que serviram como base para a construção desta tese.

O segundo capítulo procura compreender o contexto histórico dos anos entreguerras relacionando-o com a intensa mobilização em torno do conflito, particularmente com a criação das Brigadas Internacionais. Para tanto, o trabalho com as fontes primárias consultadas junto ao Archivo Histórico del Partido Comunista foram de suma importância. Discutimos também as motivações dos voluntários estrangeiros, cotejando-as com os periódicos de guerra pesquisados no Instituto de Estudios Albacetenses e na Hemeroteca Municipal de Madrid. Não poderíamos deixar de tratar das causas que levaram ao golpe militar de julho de 1936, bem como dos fatores decisivos que provocaram o colapso da República espanhola.

Já o terceiro capítulo trata da postura do governo Vargas frente ao conflito civil espanhol e das trajetórias dos voluntários brasileiros. No Archivo General de la Administración, localizado em Alcalá de Henares, foi possível consultar fontes secundárias como recortes de jornais da imprensa brasileira sobre a guerra civil espanhola e fontes primárias como as cartas trocadas entre os representantes diplomáticos do governo brasileiro e do governo republicano espanhol. As

possibilidades da prosopografia e a ênfase na microanálise no estudo de atores políticos mostraram-se extremamente fecundos. Diversos documentos serviram como ponto de partida na elaboração da biografia do grupo: a supervisão biográfica do Partido Comunista Espanhol; os questionários elaborados por pesquisadores; dicionários biográficos; imprensa; memórias. Para além da análise das características (idade, nacionalidade) e atributos (nível educativo, título, ocupação, patrimônio, entre outros) dos atores sociais, é preciso incluir discursos, reflexões, lembranças e depoimentos escritos. Para não correremos o risco de cair em concepções ideal-típicas preconcebidas, procuramos estabelecer uma relação entre trajetórias, posições políticas e visões de mundo³⁰. Nesse sentido, tratamos das principais disputas e divergências presentes nos depoimentos analisados a partir de duas questões centrais: que lições da guerra de Espanha os voluntários brasileiros absorveram?; o que eles têm a dizer sobre a política de eliminação sumária de aliados/rivais e de suas obscuras motivações?

O quarto capítulo é uma tentativa de traçar as “zonas cinzentas” das narrativas sobre o conflito, dialogando principalmente com a literatura. Chamamos aqui de “zona cinzenta” o vasto grupo de todos aqueles que se incomodaram com a opção pelas armas, como foi o caso do personagem central Vasco Bruno (inspirado no ex-combatente brasileiro Homero de Castro Jobim) da obra *Saga* de Erico Verissimo, publicada em 1940³¹. Talvez a principal mensagem de *Saga* seja a seguinte: diante do espetáculo horrível da violência e das mortes em massa nenhum valor e nenhuma ideologia pareciam encontrar fundamento. Desse modo, pretendemos compreender e explicar que tipo de visões e representações foram veiculadas nos romances *Saga* e *Os ásperos tempos* de Jorge Amado, publicado em 1954, e de que maneira a primeira obra se contrapõe a segunda quanto a elaboração de uma imagem heroica dos brigadistas comprometidos com a causa antifascista.

³⁰ FERRARI, Marcela. Prosopografia e historia política. Algunas aproximaciones. *Antíteses*, v. 3, n. 5, p. 503-504, jan-jun. 2010.

³¹ Segundo o historiador Enzo Traverso, depois do lançamento do livro *La casa in collina* (1948) do escritor italiano Cesare Pavese surgiu uma expressão cunhada pelos críticos de “síndrome da casa da colina”. O romance revela o mal estar profundo que Pavese sentiu durante os anos da guerra, pois mesmo sendo antifascista o escritor jamais conseguiu deixar de lado suas reticências éticas com relação à opção pelas armas e preferiu se isolar no campo piemontês no momento da luta contra a ocupação alemã. Tais dilemas atormentavam os atores das guerras. TRAVERSO, Enzo. *A sangre y fuego: de la guerra civil europea* (1914-1945). Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 13-15.

O quinto e último capítulo analisa a produção autobiográfica dos ex-combatentes José Gay da Cunha³² e Apolônio de Carvalho³³, estabelecendo paralelos entre as escritas de si e situando-as em meio ao contexto específico em que as obras foram produzidas. Devido ao seu rompimento com o PCB, Apolônio de Carvalho expressou em sua autobiografia uma visão crítica em relação às rígidas estruturas hierárquicas e burocráticas dos partidos comunistas. Já Gay da Cunha direcionou suas críticas aos dirigentes anarquistas da FAI³⁴, acusando-os de “traição” ao orientar seus soldados a desertarem e a romperem com a política da Frente Popular. Por fim, outra questão-chave consiste em trazer à tona uma das principais fissuras na memória construída pelo grupo, a saber, a morte do ex-combatente Alberto Bomílcar Besouchet.

Se a primeira metade do século XX está suficientemente distante para permitir um olhar crítico e distanciado, as páginas que se seguem recusam reduzir a guerra civil espanhola a uma catástrofe humanitária ou a um exemplo assustador da maldade das ideologias. Nesse sentido, a condenação moral da violência não pode substituir sua análise e interpretação³⁵. Pensar historicamente a oposição entre fascismo e antifascismo, que dominou a cultura política dos anos 1930 e 1940, segue sendo um trabalho de pesquisa indissociável do uso público da história e de seus objetivos políticos. Uma historicização crítica deveria, no entanto, superar os clichês da estigmatização ideológica e/ou da apologia cega, ambos unilaterais e, portanto, falsos³⁶.

³² CUNHA, José Gay da. *Um brasileiro na guerra civil espanhola*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

³³ CARVALHO, 1997.

³⁴ Federación Anarquista Ibérica, grupo criado em 1927.

³⁵ TRAVERSO, 2009, p. 16.

³⁶ *Ibid.*, p. 18-19.

CAPÍTULO I

EMBATES HISTORIOGRÁFICOS

1.1. Guerra civil espanhola: as tensões entre história, política e memória

Pelas paixões que despertou e pelas energias que mobilizou, a guerra de Espanha deve ser vista como um evento histórico que catalisou os principais debates políticos da primeira metade do século XX. O conflito tem sido comumente interpretado como um enfrentamento inevitável entre duas Espanhas: um golpe militar espanhol de tipo tradicional contra uma frágil república burguesa; a defesa da democracia frente ao fascismo (em sua dupla dimensão espanhola e europeia). Já para os defensores da zona republicana, as leituras predominantes foram: revolução frente à contrarrevolução; anarquismo frente ao comunismo; trotskismo frente ao stalinismo³⁷. Isto posto, cabe destacar que a guerra civil espanhola foi um conflito político no qual se enfrentaram valores, ideologias, concepções de cultura e visões de mundo distintas³⁸.

Conhecer profundamente toda a bibliografia especializada é uma opção vedada aos pesquisadores, pois de acordo com um levantamento recente já foram publicados mais de 40 mil livros sobre o tema³⁹. Nesse sentido, optamos por mapear os principais paradigmas interpretativos deste que se tornou um capítulo central da historiografia contemporânea espanhola⁴⁰. Passados quase 80 anos convêm lançar uma pergunta: por que a guerra civil ainda suscita tanto interesse por parte dos historiadores e da opinião pública? No limite, as questões colocadas e as demandas por respostas acerca do

³⁷ JULIA, Santos. Discursos de la guerra civil española. In: REQUENA GALLEGU, Manuel. (Coord.). *La guerra civil española y las Brigadas Internacionales*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1998. p. 29.

³⁸ TRAVERSO, Enzo. Las antinomias del antifascismo. In: *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 250.

³⁹ BERTRAND DE MUÑOZ, Maryse. *Bibliografía de la guerra civil española, 1936-1939*. Madrid: Uned, 2005.

⁴⁰ MORADIELLOS, Enrique. Ni gesta heroica ni locura trágica: nuevas perspectivas históricas sobre la guerra civil. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 50, p. 11-39, 2003; REIG TAPIA, Alberto. Historiografía e revisionismo. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra civil espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 17-48; EALHAM, Chris. La historiografía reciente sobre la guerra civil: el rigor histórico contra el rigor mortis. Cuando el “revisionismo” no es nada más que la vuelta a los mitos de ayer expresados con la voz indignada del pasado. *Pasado y Memoria*, Revista de Historia Contemporánea, n. 7, p. 287-306, 2008; GARCÍA, Hugo. La historiografía de la guerra civil en el nuevo siglo. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 62 (2), p. 285-306, 2006; CASANOVA, Julián. Pasado y presente de la guerra civil española. *Historia Social*, n. 60, p. 113-127, 2008; BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés. Apéndice: el registro historiográfico de la guerra civil, 1936-2004. In: ARÓSTEGUI, Julio; GODICHEAU, François (Eds.). *Guerra Civil: Mito y memoria*. Madrid: Marcial Pons, 2006. p. 373-406.

conflito são inesgotáveis. Dessa maneira, cabe explicar o interesse historiográfico e a fascinação pública pelo tema por dois caminhos. Em primeiro lugar, porque constitui um dos acontecimentos centrais da história contemporânea espanhola. Além dessa inegável relevância para o entendimento da própria história da Espanha, a guerra civil também traz uma qualidade notável e reveladora: nos dois últimos séculos, é certamente o fenômeno histórico espanhol de maior transcendência internacional. Tal impacto externo foi captado desde o início das hostilidades pelos analistas diplomáticos dos países ocidentais. Isso sem falar na sua condição de “símbolo do paradigma antifascista”, que às vésperas da Segunda Guerra Mundial estava suplantando o prévio paradigma anticomunista dominante no Ocidente.

É preciso compreender a gênese e a persistência de um modelo de interpretação da guerra que se articulava sobre um esquema dualista (heroico e maniqueísta): relatos de ações extraordinárias em formato idealizado e sem perfis contraditórios. Tal simplificação dicotômica, inerente a esse esquema de interpretação, guarda uma profunda relação com as necessidades de mobilização de cada lado combatente e se justificava pela sua utilidade tanto na retaguarda como no âmbito externo. Do lado franquista, a “cosmovisão da guerra civil” concentrou-se nas dimensões nacionais e religiosas do conflito: uma luta “por Deus e pela Espanha” frente a um inimigo demonizado e apátrida a serviço do comunismo internacional e dirigido por Moscou. Frente a essa interpretação, os republicanos também elaboraram sua própria imagem alternativa a respeito da natureza do evento fratricida, embora sob o mesmo formato dualista e com semelhantes traços heroicos. Porém, diferente dos contornos nacionais e religiosos predominantes, a leitura majoritária na zona republicana centrava-se em aspectos classistas e político-ideológicos: “a resistência do povo face aos privilegiados e seus protetores estrangeiros e invasores”; “a resistência dos democratas e antifascistas frente aos reacionários e fascistas”. De todo modo, as organizações políticas e sindicais hostis aos sublevados careciam da mesma férrea unanimidade interpretativa de seus inimigos. Portanto, a visão dos vencidos se circunscrevia ao exílio e jamais esteve marcada por um discurso monolítico. Nesse sentido, as divergências entre as distintas forças republicanas (comunistas, anarquistas, socialistas, republicanos, nacionalistas catalães e bascos), já presentes durante a guerra, irão resultar em diferentes interpretações sobre o conflito.

De maneira geral, essas visões contrapostas (embora dualistas, ou seja, épicas e maniqueístas) sobre o caráter da guerra civil foram intensamente divulgadas durante as hostilidades e tiveram uma vida prolongada, tanto no plano do discurso público como no campo historiográfico⁴¹. O pressuposto básico subjacente às duas interpretações seria a busca pela legitimação das opções políticas, evitando possíveis críticas. Do lado franquista a persistência inalterada da visão dualista foi produto da imposição de uma ferrenha censura militar. Até o ano de 1964 havia uma estreita vigilância militar sobre as interpretações da guerra. Por outro lado, é importante ressaltar que essa interpretação da guerra civil como um ato heroico e maniqueísta foi mais intenso no lado franquista, tendo em vista a longa duração do regime político triunfante (1939-1975). A intensidade das divisões internas no lado derrotado e a fragmentação geográfica do exílio criaram dificuldades intransponíveis para conformar uma visão unitária do fenômeno bélico, além de sua condição mínima de “guerra antifascista”⁴².

Uma das polêmicas mais agudas entre os comunistas e as demais forças políticas de esquerda diz respeito à afirmação de que o esmagamento da revolução com o apoio dos soviéticos contribuiu possivelmente para apressar a derrota dos republicanos⁴³. Já no exílio, em dezembro de 1937, Trotsky acusava os stalinistas de dirigir golpes contra outros grupos de esquerda na Espanha, particularmente contra o POUM, os anarquistas e socialistas de esquerda, que “representavam a pressão das massas revolucionárias”⁴⁴. Tal ato político comprovaria de forma cabal a “degeneração do Comintern nos últimos anos” e o “caráter contrarrevolucionário do stalinismo na arena mundial”. Trotsky foi um dos primeiros intelectuais a sustentar explicitamente que Stalin assegurou as condições para o fracasso da República espanhola, pautando sua política contrarrevolucionária na necessidade da aliança de classes com a burguesia republicana. Criticando de maneira contundente a ausência de um partido bolchevique que pudesse liderar e unificar a força revolucionária dos trabalhadores para derrubar a democracia liberal e impor a ditadura do proletariado, Trotsky dizia também que a Frente Popular foi responsável por transformar os grupos de esquerda em “prisioneiros” da manutenção do sistema capitalista. Impondo uma espécie de “bolchevismo às avessas”, Stalin teria

⁴¹ MORADIELLOS, 2003, p. 13-16.

⁴² Ibid., p. 17.

⁴³ BLANCO RODRÍGUEZ, 2006, p. 376.

⁴⁴ TROTSKY, León. *La revolución española (1930-1939)*: selección de escritos. Madrid: Fundación Federico Engels, 2006. p. 154-155.

cumprido com êxito seu papel de “coveiro da revolução”⁴⁵. O estigma da “traição” que recaiu sobre a URSS suscitou um intenso debate político e historiográfico, ocupando um lugar de destaque no livro de George Orwell *Lutando na Espanha* (1938):

[...] não se nega que o Partido Comunista foi o maior agente, de início contra o POUM, depois contra os anarquistas e a seção de Caballero dos socialistas e, de um modo geral, contra uma doutrina revolucionária. Uma vez obtida a intervenção da URSS, o triunfo do Partido Comunista ficava assegurado. Para começar, a gratidão à Rússia pelas armas e o fato de que o Partido Comunista, em especial depois da chegada das Brigadas Internacionais, parecia capaz de ganhar a guerra, fizeram subir de modo extraordinário o prestígio dos comunistas. Em segundo lugar, as armas russas eram fornecidas por intermédio do Partido Comunista e os partidos a ele aliados, e os mesmos providenciavam para que o menor número possível delas chegasse a seus adversários políticos⁴⁶.

Fernando Claudín, ex-dirigente do Partido Comunista Espanhol (PCE), foi outro crítico mordaz das decisões que o partido comunista tomou naquele contexto histórico, enfatizando a repressão perpetrada pela esquerda stalinista. Além da carência de ideias próprias, elaboradas com base na análise da sociedade espanhola, os comunistas tinham a pretensão de ser a força dirigente da ditadura proletária na Espanha⁴⁷. Com a convicção de possuir a “verdade absoluta do marxismo”, a Internacional Comunista tornou-se um obstáculo insuperável – ao considerar o modelo soviético como obrigatório para todos os países, isentando-o de qualquer crítica; a política da Frente Popular como a mais adequada à Espanha; o trotskismo como a mais infame das “heresias” – para a criação de um grande partido revolucionário do proletariado espanhol entre os anos 1934-1936 que poderia ter aumentado consideravelmente as chances de vitória da revolução e modificado radicalmente o curso dos

⁴⁵ Ibid., p. 166-167. Os editores da Fundación Federico Engels que organizaram a publicação dos textos de Trotsky sobre a guerra civil corroboram com a tese da “traição stalinista”, concebendo-a como uma lição para o futuro de lutas da classe trabalhadora: “Las enseñanzas de la revolución española son extraordinarias. Cualquiera joven o trabajador que busque orientarse en los acontecimientos del futuro necesita entender con toda profundidad la dinámica de la revolución española: la obra constructiva de los obreros y campesinos, el programa que defendieron las organizaciones obreras y sus errores, la traición del estalinismo y las llamadas ‘democracias’ occidentales, la relación entre la política y la guerra... Al fin y al cabo, las mismas tareas a las que se enfrentó a la generación de obreros de aquellos años, serán planteadas en el futuro”. Id., p. 8-9.

⁴⁶ ORWELL, George. *Lutando na Espanha e o ensaio recordando a guerra civil*, Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 59.

⁴⁷ CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista*, Trad. José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 250.

acontecimentos⁴⁸. Claudín qualificou como “inoportuna” a revolução espanhola por dois motivos centrais: em primeiro lugar, porque foi um processo que pegou desprevenido os dirigentes da IC e, em segundo, devido à contrapartida da ajuda soviética a Espanha republicana, condicionada a garantir o retrocesso da revolução libertária em nome de um sistema político “democrático-burguês”.

Lideranças políticas do governo republicano, como o liberal Manuel Azaña e o socialista reformista Indalecio Prieto, eram os mais dispostos a restaurar o Estado republicano, liquidar os “extremismos” e aproximar-se das democracias ocidentais, utilizando o PCE como forma de neutralizar os adeptos de Largo Caballero (cujo objetivo imediato era a revolução socialista) e os anarcossindicalistas (que lutavam pelo “comunismo libertário”). Na perspectiva dos dirigentes comunistas, para ganhar a guerra era necessário construir uma política unitária, conservando a aliança antifascista, tanto em escala nacional quanto internacional, porém “[...] sob a condição de que todos os envolvidos se dispusessem a representar fielmente o papel que se lhes atribuía; o que estava bem longe de ocorrer”⁴⁹. A revolução libertária encabeçada pelos anarcossindicalistas na Catalunha e em Aragão, por exemplo, foi apresentada como incompatível com o projeto de restauração do Estado republicano “democrático-burguês” e com as exigências mais elementares (militares e econômicas) da guerra.

A força militar levada a cabo pelo PCE, a Internacional Comunista e a URSS atendia a dois objetivos políticos essenciais: resistir militarmente aos fascistas e assegurar o tipo “democrático-burguês” de república. A questão-chave nessa correlação de forças é que o segundo objetivo se chocava frontalmente “[...] com a realidade revolucionária criada e com a maioria do proletariado, que a considerava como a sua máxima conquista”⁵⁰. Posto isso, não existia complementariedade entre os dois objetivos políticos traçados pelo trinômio PCE/IC/URSS (que Claudín chamou de “todo indivisível”), mas sim conflitos e contradições na medida em que o segundo minava os efeitos impositivos do primeiro, tornando muito mais vulnerável o poder de fogo da República espanhola. Nos primeiros meses de 1937, os seguidores de Largo Caballero, os anarcossindicalistas e os militantes do POUM chegaram à conclusão que a adaptação à linha imposta por Moscou havia de fato representado um retrocesso no caráter

⁴⁸ Ibid., p. 251.

⁴⁹ Id., p. 257-258

⁵⁰ Id., p. 267.

proletário inicial da revolução, uma vez que acabou fortalecendo o PCE, os socialistas reformistas e os republicanos burgueses no seio das estruturas políticas e militares.

Ao defender a etapa intermediária “democrático-burguesa-antifascista”, diz Claudín, o PCE subordinava tudo às necessidades da guerra. Além disso, o partido espanhol estava perfeitamente sintonizado com os chamados “processos de Moscou”, ao reclamar o extermínio do POUM, acusar de inimigos da União Soviética e cúmplices do fascismo os adeptos de Largo Caballero e os anarquistas que denunciavam os crimes de Stalin. O terror stalinista simbolizava para as forças políticas dissidentes um prelúdio do que os esperava caso o fim da guerra consolidasse a hegemonia comunista. Lamentavelmente, a única potência que ajudava a República espanhola foi responsável pela propagação do que Claudín chamou de “vírus da desconfiança”, “quando não de ódio”, que resultou na repressão contra o POUM a partir de maio de 1937, beneficiando não o seu principal executor, o PCE, mas sim o bloco de republicanos burgueses e de socialistas reformistas que acabaram ocupando os postos-chave do governo⁵¹.

No início dos anos 1960 coube a Burnett Bolloten reacender o debate sobre o papel do comunismo na guerra civil espanhola de 1936-1939. Trata-se de um clássico cujo livro recebeu títulos diversos, primeiro *El Gran Engaño* e, posteriormente, *Revolución y Contrarrevolución*. Bolloten é considerado pelo historiador Julio Aróstegui como um dos mais constantes, tenazes e monolíticos estudiosos do acontecimento-chave da história política espanhola no século XX⁵². Colocado ao lado de autores como Tuñón de Lara, Herbert R. Southworth e Hugh Thomas, Bolloten é visto como um “clássico atípico”, na medida em que jamais considerou sua obra como concluída e acabada. Ao longo de quase 50 anos de pesquisa, seu trabalho conheceu muitas versões em diversos idiomas entre 1961-1989, o que denota por parte do autor um esforço contínuo de atualização e busca incessante de fontes documentais escritas e orais. Polemizou com todos aqueles que escreveram sobre a política republicana na guerra civil antes e depois de 1961, ano em que seu livro foi publicado pela primeira vez⁵³. Em resumo, o núcleo central de sua argumentação apresenta um juízo severo sobre o papel que o comunismo (soviético/espanhol) desempenhou no contexto da

⁵¹ Id., p. 269-270.

⁵² ARÓSTEGUI, Julio. Burnett Bolloten y la guerra civil española: la persistencia del “gran engaño”. *Historia Contemporánea*, n. 3, p. 152, 1990.

⁵³ Ibid., p. 154.

guerra civil. Sua tese parte de posições ideológicas e historiográficas bastante discutíveis, afirma Aróstegui, pois seu verdadeiro horizonte de análise é outro:

[...] toda la intrínseca maldad del comunismo estalinista tuvo en España un mero y pequeño episodio; en realidad, viene a decir Bolloten, el comunismo siempre ha procedido de así. Lo que hizo en España fue lo que repetiría en la época de la guerra fría. El gran alegato anticomunista de Bolloten tiene la guerra española como punto de partida, tal vez como pretexto. Su verdadero horizonte son los problemas de la guerra fría. Quienes como Bolloten o Stanley Payne ven en la política de los comunistas españoles en 1936-1939 una prefiguración de lo que luego serían las llamadas democracias populares participan de unas mismas posiciones⁵⁴.

Nas edições norte-americana e espanhola de 1979-1980, Bolloten minimizou a proposição de “camuflagem” da revolução, embora tenha mantido a mesma tese desde *El gran engaño*: o papel do comunismo espanhol como ocultador e mesmo repressor de um processo revolucionário, concomitante a sua tentativa de tomar o poder⁵⁵. Mesmo que considere a obra indispensável, Aróstegui pondera que a carência principal de seu trabalho reside no fato de que a hipótese de partida sobre a questão comunista já estava formulada de antemão, ou seja, antes de Bolloten apoiar-se em qualquer evidência empírica sólida⁵⁶. Com pequenas e ligeiras modificações, Bolloten não modificou o que já afirmava em 1961: a profunda revolução social ocorrida durante a República espanhola em guerra foi “camuflada” pelos comunistas guiados por Moscou⁵⁷.

A hegemonia anglo-saxônica sobre o tema diminuiu na medida em que a crise da ditadura franquista permitiu aos historiadores espanhóis fora do regime adentrar-se no “deserto inexplorado” desse período, notadamente em suas origens (a Segunda República, 1931-1936) e consequências (a ditadura de Franco, 1939-1975). Portanto, com o término da ditadura e o restabelecimento da democracia a partir da morte de Franco, em 1975, verificou-se uma mudança significativa nesse cenário, especialmente entre os anos 1981-1986 (celebração dos cinquentenários: o da proclamação da República e o começo da guerra civil), marcados por uma intensa produção

⁵⁴ Id., p. 161.

⁵⁵ Id., p. 163.

⁵⁶ Id., p. 166.

⁵⁷ Id., p. 169-170.

historiográfica sobre a guerra civil⁵⁸. Esse acúmulo de trabalhos monográficos ou mais gerais tem deixado de lado as visões mais simplistas sobre o conflito em favor de esquemas interpretativos mais complexos e plurais⁵⁹.

É preciso destacar a inadequação desse esquema binário (esquerda x direita) para compreendermos o surto, o curso e o desenlace do próprio conflito. Com efeito, é preciso levar em conta que a guerra esteve conformada por “muitas guerras” paralelas e latentes anteriores a 1936⁶⁰. Contudo, são bem escassas (para não dizer nulas) as interpretações historiográficas que consideram que o conflito estava “determinado” previamente e era “inevitável” por razões de força maior. Em linhas gerais, os historiadores estão mais inclinados a considerar os fenômenos históricos como contingentes, que vão se configurando no decorrer do tempo a partir da confluência de causas diversas e não derivados de nenhuma finalidade teleológica⁶¹.

Num dos pontos centrais de seu artigo, Alberto Reig Tapia faz críticas contundentes à corrente denominada “historietográfica”: autores empenhados em fortalecer os velhos mitos oriundos das forças políticas de direita e, igualmente, elaborar uma história “definitiva” ou “essencial” da guerra, cujo expoente máximo foi o historiador e ex-ministro franquista Ricardo de la Cierva. Embora não exista uma unanimidade em torno das causas referentes ao conflito, nenhum historiador deve aceitar qualquer tipo de determinismo ou providencialismo nos fatos históricos que analisa. No limite, todos aqueles que ignoram que a própria história é uma “ciência em construção”, ou seja, uma disciplina acadêmica que jamais impede questionamentos acerca de seus métodos e fins, “[...] não são historiadores, mas simples amadores meros propagandistas, políticos sectários que manipulam a realidade dos fatos que analisam com fins, interesses e objetivos alheios à própria história”⁶².

⁵⁸ MORADIELLOS, 2003, p. 23. Seguindo algumas estimativas fornecidas pelo historiador Enrique Moradiellos, registraram-se nada menos que 3.597 referências bibliográficas sobre a guerra civil (1.848 livros e outros 1.749 artigos de revistas) entre os anos 1975-1996, ou seja, num espaço de vinte anos e em escala global a cada dois dias foram publicados um artigo e/ou livro sobre o tema.

⁵⁹ A explicação da guerra civil por parte do hispanismo anglo-saxão tem se pautado sistematicamente na premissa do “fracasso” da experiência republicana, na incapacidade para manter uma experiência democrática nova na história espanhola. Uma explicação quase exclusivamente política e um exemplo definitivo do “individualismo” interpretativo são as características mais nítidas deste marco que foi forjado nos anos sessenta e que a historiografia dos anos oitenta e noventa não conseguiu de todo substituir. Ver BLANCO RODRÍGUEZ, 2006, p. 381.

⁶⁰ MORADIELLOS, op. cit., p. 25.

⁶¹ Ibid., p. 30. Na mesma página citada o leitor poderá encontrar uma apreciação bastante elucidativa das causas estruturais, conjunturais e imediatas do conflito, bem como suas principais matrizes de interpretação historiográfica.

⁶² REIG TAPIA, 2011, p. 30.

A primeira obra de referência sobre a guerra civil concebida como “clássica” pelo autor é a do historiador britânico Hugh Tomas, *La Guerra Civil Española*, cuja primeira edição saiu em 1962. A relevância do livro de Thomas, que circulou de maneira clandestina “nas mãos de todos aqueles que desconfiavam das verdades ditas oficiais”, consiste em ter começado a preencher certas lacunas, pois naquela época não havia ainda um estudo profissional de conjunto tão objetivo e imparcial. Outros livros importantes publicados na década de 1960 foram *El labirinto español* do hispanista Gerald Brenan, *Historia Contemporánea de España* do historiador espanhol Manuel Tuñón de Lara e *La España del Siglo XX* do historiador norte-americano Gabriel Jackson. Todos eles proibidos na Espanha e que eram adquiridos em Paris ou nos fundos das livrarias livres da ditadura franquista⁶³. Do lado republicano, dois relatos publicados posteriormente ao término da Guerra Civil podem ser considerados, afirma de modo pessoal e subjetivo Reig Tapia, “algumas de nossas marcas de identidade”: *Historia de la Guerra en España* de Julian Zugazagoitia (editor de um periódico socialista), editado na Argentina em 1940, e o testamento político do ex-presidente (1936-39) e “a alma da Segunda República” Manuel Azaña, intitulado *La Velada en Benicarló*, publicado em 1939 simultaneamente em Paris e Buenos Aires.

Das principais obras a colidirem com a propaganda do regime franquista, Reig Tapia considera o trabalho do hispanista norte-americano Herbert Rutledge Southworth fundamental e pioneiro, pois além do rigor e da erudição trouxe à tona informações bibliográficas e documentais não disponíveis àquela altura. Estamos nos referindo ao livro *El mito de la cruzada de Franco*, publicado originalmente em Paris pela editora Ruedo Ibérico em 1963. Esta obra só veio a ser reeditada na Espanha em 1986, quando suscitou a ira dos funcionários pró-Franco por ter devastado cada um dos mitos estabelecidos pelo regime de caudilhismo do general Franco. No livro em questão, “[...] inclui-se uma demolidora análise dos supostos documentos comunistas (que os rebeldes falsificaram) com os quais justificariam a sublevação militar de 1936”⁶⁴.

Quando o Partido Popular ganhou as eleições gerais com maioria absoluta em 1996, há exatos sessenta anos após o início da guerra civil, os setores mais extremistas da direita espanhola lançaram uma forte campanha de legitimação política, histórica e cultural do golpe de Estado ocorrido em 17 de julho de 1936 e, por conseguinte, do

⁶³ Ibid., p. 31.

⁶⁴ Id., p. 36.

regime franquista. Para fins de uso interessado e explícito do passado, os autores da corrente denominada “revisionista” (como o antes citado Ricardo de la Cierva) ignoram as fontes e os métodos inerentes ao campo da pesquisa histórica ao substituí-los por “relatos convincentes ao gosto do consumidor”, construindo assim “[...] relatos baseados em convicções políticas ou interesses partidários, oferecidos como se fossem produtos equivalentes aos dos historiadores”⁶⁵. Para Reig Tapia, o único e legítimo revisionismo se dá no campo científico, como a busca de novas categorias de análise, novos enfoques e perspectivas com a finalidade de enriquecer o campo da pesquisa histórica. Já em termos políticos, revisionismo quer dizer outra coisa, ou seja, legitimar determinadas ideias e interesses partidários específicos. O historiador Enrique Moradiellos, por exemplo, contesta de maneira categórica a utilização do termo em questão, na medida em que nas obras de autores como Ricardo de la Cierva, César Vidal, Pio Moa e José Maria Marco não há “revisão” historiográfica propriamente dita, mas sim uma reatualização do que foi a doutrina oficial durante os quase quarenta anos de duração do regime franquista⁶⁶.

Na contramão dos historiadores profissionais, que buscam analisar, investigar, revisar, explicar e esclarecer certos problemas à luz das fontes e do conhecimento adquirido, os “revisionistas” (que insistem em atribuir a responsabilidade pelo enfrentamento fratricida à esquerda republicana e socialista) primam pela trivialização, banalização e tergiversação, buscando dar outra roupagem à velha retórica da ditadura para adaptá-la aos novos tempos do “crepúsculo das ideologias” e do “fim da história”.

Durante décadas, a historiografia sobre o tema teve um enfoque limitado, centrado especificamente nas origens e nos desdobramentos da guerra. Por sua vez, sob o regime franquista, impõe-se uma visão da guerra como algo inevitável, como uma cruzada moral contra as forças do “mal”, a chamada “anti-Espanha”, formada por separatistas bascos e catalães, ateus, maçons, comunistas e anarquistas, uma coalizão diversa e habilmente manipulada por Moscou. Essa visão da história, portanto, foi amplamente utilizada durante quase quarenta anos pela ditadura franquista para legitimar a distinção entre “vencedores” e “vencidos”. Mesmo que o conflito tenha começado depois de um golpe de Estado frustrado, a direita imputava a culpa a

⁶⁵ REIG TAPIA, 2011, p. 39.

⁶⁶ MORADIELLOS, Enrique. Revisión histórica crítica y revisionismo político presentista: el caso español. In: CUESTA, Josefina (Dir.). *Memorias históricas de España (siglo XX)*. Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 2007. p. 374.

esquerda, formada por uma minoria de “provocadores” ou “vermelhos” dedicados a conquistar as massas, tão fiéis aos valores espanhóis vinculados à hierarquia, família e religião. Fora de seu epicentro, as visões maniqueístas da guerra também se reforçavam. Na perspectiva dos dirigentes do PCE, por exemplo, os embates resumiam-se entre “democracia e fascismo”. O que chama atenção é que tanto franquistas como comunistas supervalorizavam a importância do movimento comunista antes da guerra, deixando de lado a revolução social que estava em curso na Espanha, provavelmente a mais importante da história⁶⁷.

Nas últimas décadas, historiadores como Paul Preston, Enrique Moradiellos e Chris Ealham chamaram atenção para a necessidade de se superar essa concepção maniqueísta das “duas Espanhas” (uma “liberal, progressista e laica” e outra “tradicional, conservadora e católica”) para então falar das “três Espanhas”. Segundo Paul Preston, essa “terceira via” representa os grupos políticos que buscavam um caminho pelo centro. Já Enrique Moradiellos assinala que a “terceira Espanha” era a “Espanha revolucionária”, muito mais influente que as forças de centro. Na perspectiva de Chris Ealham, a guerra civil ocorreu por múltiplas causas e “conflitos diversos”, como por exemplo, entre camponeses e latifundiários, operários e capitalistas, federalistas contra centralistas, republicanos contra monárquicos, etc⁶⁸.

Vale destacar um aspecto relevante do momento político vivido pela Espanha entre os anos 1960-1980. Com a finalidade de conferir uma maior estabilidade à nova democracia, a classe política vigente explorou o medo popular de um golpe de Estado para criar um “pacto de silêncio”, atribuindo a responsabilidade pela guerra e pela repressão a todos os espanhóis, sem qualquer distinção. Temendo pela “reconciliação nacional” e pelo processo de transição democrática, as instituições governamentais não viabilizaram a criação da Comissão da Verdade e Reconciliação que apurasse quaisquer violações aos direitos humanos, como a exemplo da África do Sul e de vários países da América Latina (Argentina, Chile, Peru, Guatemala e mais recentemente Brasil). Em virtude dessa política de sufocar as vozes que reivindicavam a memória pública da repressão durante e depois do conflito, nunca houve no caso espanhol qualquer julgamento dos agentes de segurança do Estado e muito menos dos grupos paramilitares de direita. O preço a se pagar, por um lado, foi o “engavetamento” da dor presente nas

⁶⁷ EALHAM, 2008, p. 288.

⁶⁸ Ibid., p. 289.

memórias dos “perdedores” e, de outro, os enormes prejuízos trazidos ao campo da pesquisa histórica, tornando alguns temas “intocáveis” até o início dos anos 1980⁶⁹.

Com a consolidação da democracia, a chegada de movimentos políticos e sociais antifranquistas e, igualmente, de uma geração não marcada pelo medo da extrema direita, houve um renovado interesse pelo tema da guerra e do pós-guerra neste início de século, processo no qual colaboraram muitos historiadores. Graças a um número crescente de indivíduos que se atrevem a perguntar, vieram à tona diversos estudos sobre valas comuns, encarceramentos, trabalhos forçados e outras formas de repressão. Ademais, o esforço conjunto dos familiares das vítimas do franquismo e da Asociación para la Recuperación de la Memoria Histórica resultou na luta pela compensação financeira e, simultaneamente, pelo reconhecimento legal dos crimes cometidos durante a ditadura de Franco. Tal iniciativa fez com que o governo espanhol aprovasse um projeto de lei chamado Ley de la Memoria Histórica⁷⁰, aprovado pelo Congresso dos Deputados no final de outubro de 2007, oferecendo uma indenização às vítimas dos crimes perpetrados pelo Estado, a exemplo dos sobreviventes dos campos de concentração e dos campos de trabalho forçado.

As mudanças recentes da historiografia sobre a guerra guardam uma profunda relação com o contexto anteriormente citado. Já não é mais possível aceitar a versão da inevitabilidade do conflito e que, portanto, o mesmo eclodiu graças a uma “subversão comunista”. Adotando uma perspectiva comparada, historiadores como Helen Graham, Julián Casanova e Enzo Traverso argumentam que a situação espanhola nos anos 1930 e 1940 espelhavam processos mais amplos que afetavam toda a Europa Ocidental⁷¹. Embora reconheça que a abertura dos arquivos russos e o acesso a documentos diplomáticos desconhecidos até o momento tenham contribuído para fomentar estudos importantes sobre a intervenção soviética na guerra civil, Chris Ealham adverte que o debate e o consenso sobre seu papel no conflito ainda estão em aberto. O mesmo não se

⁶⁹ Id., p. 290.

⁷⁰ “La llegada al Gobierno de José Luis Rodríguez Zapatero en marzo de 2004 abrió un nuevo ciclo. Por primera vez en la historia de la democracia, una democracia que cumplió ya treinta años, el poder político tomaba la iniciativa para reparar esa injusticia histórica. Ése era el principal significado del proyecto de ley presentado a finales de julio de 2006, conocido como Ley de Memoria Histórica, y aprobado por el Congreso de los Diputados en octubre de 2007. Con esta Ley, la memoria ha adquirido una discusión pública sin precedentes y el pasado puede convertirse en una lección para el presente y para el futuro”. CASANOVA, 2008, p. 117.

⁷¹ Ver, por exemplo, GRAHAM, Helen. *La guerra y su sombra: la guerra civil española en la Europa del siglo XX*. Barcelona: Crítica, 2013; TRAVERSO, Enzo. *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009; CASANOVA, Julián. *Europa en guerra: 1914-1945*. Ayer, Madrid: Marcial Pons, n. 55, p. 107-126, 2004.

pode dizer da resposta do governo britânico, pois sua posição hostil em relação à República desempenhou um papel chave favorável ao seu desencadeamento. Nesse sentido, Ealham afirma que a prioridade do governo inglês consistia em encontrar um aparato político que melhor protegesse seus interesses comerciais na Espanha⁷². Os estudos mais recentes sobre a internacionalização do conflito, particularmente a trilogia publicada pelo historiador Ángel Viñas⁷³, têm confirmado o que muitos ex-combatentes já assinalavam de maneira categórica no contexto pós-guerra, a saber, que a assistência italiana e alemã no envio constante de armas, munições, treinamento e assessoria militar foram cruciais para a vitória dos rebeldes comandados por Franco. Em termos comparados, a falta de armamento pesou negativamente na luta militar dos republicanos.

O interesse dos pesquisadores pelo tema do conflito civil espanhol não arrefeceu na virada do século: entre 2000 e 2004 foram publicadas mais de 300 obras. Ademais, seguem aparecendo trabalhos que contemplam aspectos desconhecidos da guerra e reinterpretam o período a partir de novas perspectivas. Em seu artigo, Hugo García propõe detectar certas continuidades nos temas abordados, como também carências e lacunas na bibliografia mais recente.

Desde o início da década de 1990 houve uma retomada das visões extremas do conflito, rompendo o consenso firmado entre os historiadores durante os anos 1980 acerca das causas e da natureza do golpe de Estado. Posteriormente foram reafirmadas as versões antagônicas que dominaram o debate historiográfico até o processo de transição democrática na Espanha. De um lado, uma versão pró-republicanos, representada pelos partidários da “recuperação da memória histórica” da guerra e da ditadura, como os historiadores Francisco Espinosa Maestre e Alberto Reig Tapia. De outro, a versão franquista ou mais precisamente neofranquista tendo a frente nomes como o historiador Alfonso Bullón de Mendoza e divulgadores como o jornalista Pío Moa, cujas obras já venderam centenas de milhares de exemplares⁷⁴. A despeito desse estrondoso sucesso editorial, os “revisionistas” pró-Franco estão praticamente excluídos da comunidade acadêmica. Salvo raras exceções, como o historiador Enrique

⁷² EALHAM, 2008., p. 294.

⁷³ VIÑAS, Ángel. *El honor de la República*. Barcelona: Crítica, 2008; *El escudo de la República*. Barcelona: Crítica, 2007; *La soledad de la República*. Barcelona: Crítica, 2006a.

⁷⁴ MOA, Pío. *Los mitos de la guerra civil*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2003; *El derrumbre de la Segunda República y la guerra civil*. Madrid: Encuentro, 2001.

Moradiellos e Alberto Reig Tapia, os demais especialistas têm preferido ignorar o “fenômeno Moa”, postura assumida graças ao consenso sólido estabelecido entre os estudiosos do tema em torno dos fatos elementares concernentes ao conflito civil espanhol.

Ora, mas este fenômeno não seria um sintoma das carências da historiografia atual? Primeiramente, temos que situar as premissas básicas desse grupo de escritores e jornalistas para, em seguida, explicar seu êxito público e midiático⁷⁵. Para Chris Ealham, as “lendas” e “fábulas” da “historiografia franquista” se apresentam na atualidade como uma revisão dos “mitos da guerra civil” veiculados por intelectuais de esquerda que supostamente controlam as universidades espanholas. No que tange ao período republicano (1931-1936), os chamados “revisionistas” propugnam a tese de que este foi um regime imposto (quase à força) à sociedade espanhola, tendo à frente grupos de esquerda (pouco afeitos à democracia e divididos internamente) decididos a evitar o triunfo eleitoral de um governo de direita a todo custo, inclusive usando a violência (revolucionária). Já a guerra civil foi o resultado decorrente da “anarquia” existente no país após a vitória eleitoral da Frente Popular em fevereiro de 1936 e do convencimento por parte do Exército (contando com amplo apoio popular) de que só uma intervenção militar seria capaz de conter de maneira eficaz a subversão revolucionária e a dissolução nacional, ambas encorajadas por um governo visto como fraco e traidor. Por fim, no que diz respeito à ditadura, sustentam que sua vitória salvou a Espanha do comunismo e dos horrores da Segunda Guerra Mundial, propiciando a sociedade mais de três décadas de “paz interior”⁷⁶, calcada num processo de modernização econômica que lançou as bases para a transição política à democracia⁷⁷. De acordo com Enrique Moradiellos, a emergência do fenômeno sócio-político e cultural denominado “revisionismo histórico filofranquista” deve ser entendido como um “fenômeno político”, isto é, uma tentativa de utilizar a interpretação do passado (de modo sectário) para fins políticos do presente e do futuro imediato da democracia espanhola. De qualquer maneira, as razões do

⁷⁵ Beneficiando-se de uma ampla cobertura dos meios de comunicação de direita (televisão privada, emissoras de rádio e imprensa escrita) os herdeiros dos “grandes” historiadores da época franquista estão “[...] siempre dispuestos a demonizar a la izquierda y apoyar el programa [...] del principal partido conservador, el Partido Popular (PP)”. EALHAM, 2008, p. 300-301.

⁷⁶ “[...] Se ha estimado que más de 200.000 españoles murieron durante los primeros años de ‘la paz de Franco’, como resultado de la represión política, el hambre y las enfermedades. Como en Alemania nazi, los prisioneros políticos eran utilizados como mano de obra forzosa, explotados, con una dieta atroz y sin los más mínimos servicios sanitarios y asistencia médica”. Ibid., p. 299.

⁷⁷ MORADIELLOS, 2007, p. 373.

triunfo público e de vendas das versões neofranquistas podem ser repensadas em outros termos:

[...] Lo que prueba ese éxito es que quedan todavía en España muchas personas agradecidas a Franco y a su dictadura, por su posición social, por sus creencias religiosas o compromisos ideológicos, por sus vínculos familiares con las víctimas de la violencia revolucionaria, que obtuvieron enormes beneficios, materiales y espirituales, de eso largo dominio y que, por supuesto, nunca sufrieron persecución alguna⁷⁸.

À medida que levamos em conta a diversidade das abordagens, constatamos que contemplar o panorama historiográfico dedicado ao tema se torna uma tarefa árdua e complicada: novas sínteses sobre o conflito, ensaios de interpretação, crônicas político-militares, investigações em arquivos internacionais, estudos de caráter sociológico, estudos culturais, recompilações de documentos, biografias individuais e coletivas, etc⁷⁹. Todavia, as tendências e os debates dominantes no campo historiográfico podem ser sintetizados em cinco eixos centrais, a saber: 1) o problema das origens, causas e responsabilidades pelo advento da guerra; 2) a influência da intervenção (ou não intervenção) estrangeira; 3) biografias de personalidades-chave e sínteses sobre o conflito; 4) histórias da repressão; 5) o impacto e a memória sobre a guerra (duas áreas em plena expansão).

O primeiro ponto se refere às causas da sublevação e constitui um debate tão antigo quanto à própria historiografia sobre o conflito. Em resumo, as investigações recentes se dividem em duas explicações tradicionais: a primeira, que a guerra teve início graças à incapacidade da Segunda República em impedir a crescente polarização da sociedade espanhola; a segunda sustenta que a guerra foi o resultado de um golpe militar que nem triunfou e nem fracassou completamente. A ideia da guerra como fracasso da democracia encontra respaldo nas obras de historiadores anglo-saxões dos anos 1960 e conserva ainda muita força entre alguns autores estrangeiros. Para o norte-americano Stanley Payne⁸⁰, os principais responsáveis pela crise foram os grupos de esquerda e sua vontade de monopolizar o poder, tese também defendida por Pío Moa. Já o hispanista francês Bartolomé Benassar sustenta que tanto as forças de esquerda como

⁷⁸ CASANOVA, 2008, p. 118.

⁷⁹ GARCÍA, 2006, p. 287.

⁸⁰ PAYNE, Stanley. *El colapso de la Republica: los orígenes de la guerra civil (1933-1936)*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2005.

as da direita violaram as regras constitucionais de 1931. Para o inglês Antony Beevor⁸¹, num tom um tanto relativista, a questão das responsabilidades dependerá do viés de interpretação de cada autor. Já os especialistas espanhóis tendem a questionar a ideia de que a etapa republicana foi um fracasso. Enrique Moradiellos recusa a assertiva de que o conflito foi inevitável. A República, para o autor, representou a tentativa até então mais sólida e popular de criar instituições capazes de lidar com os graves problemas sociais que assolavam a Espanha. Portanto, o seu fracasso final nunca esteve condicionado a determinados imperativos estruturais e muito menos pelas incapacidades intrínsecas dos espanhóis⁸².

O segundo tema se refere à ajuda estrangeira durante o conflito e foi relançado a partir da investigação do pesquisador inglês Gerald Howson⁸³, ao assinalar que a política de não intervenção adotada pelas potências democráticas pouco tempo depois do início do conflito constituiu a causa determinante da derrota republicana. Enrique Moradiellos tem defendido também que o contexto internacional foi um fator determinante no resultado do conflito, tese central de seu livro *El reñidero de Europa*, lançado em 2001. Os estudos realizados desde a abertura parcial dos arquivos soviéticos nos anos 1990 têm insistido na premissa de que as motivações de Stalin para intervir na Espanha foram tudo menos altruístas. Deve-se ressaltar que poucos especialistas na atualidade sustentam que a República espanhola acabou se convertendo num mero satélite de Moscou. Inclusive Stanley Payne⁸⁴ e Daniel Kowalsky⁸⁵ admitem que o predomínio dos comunistas no aparelho estatal e no Exército Republicano tinha lá seus limites. Rémi Skoutelsky⁸⁶ chega à mesma conclusão em seu estudo sobre a história das Brigadas Internacionais, reconhecida pelos seus pares como a melhor síntese publicada sobre o tema⁸⁷. No geral, e em termos comparados, a intervenção da URSS no conflito tem chamado a atenção dos historiadores de forma semelhante à intervenção italiana e alemã.

⁸¹ BEEVOR, Antony. *La guerra civil española*. Barcelona: Crítica, 2005.

⁸² MORADIELLOS, 2003, p. 31.

⁸³ HOWSON, Gerald. *Armas para España: la historia no contada de la guerra civil española*. Barcelona: Península, 2000.

⁸⁴ PAYNE, Stanley. *Unión Soviética, comunismo y revolución en España (1931-1939)*. Barcelona: Plaza y Janés, 2003.

⁸⁵ KOWALSKY, Daniel. *La Unión Soviética y la guerra civil española: una revisión crítica* (Trad. Teófilo de Lozoya y Juan Rabasseda-Gascón). Barcelona: Crítica, 2004.

⁸⁶ SKOUTELSKY, Rémi. *Novedad en El frente: las Brigadas Internacionales en la guerra civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 2006.

⁸⁷ GARCÍA, 2006, p. 291-292.

O terceiro ponto refere-se ao fato de que nos últimos anos foram publicadas biografias sobre figuras-chave do governo republicano como Juan Negrín⁸⁸ e Francisco Largo Caballero⁸⁹. A melhor síntese escrita sobre a evolução política e militar do campo republicano é a da hispanista britânica Helen Graham⁹⁰, autora que defende a ideia de que o desgaste das autoridades governamentais e os excessos da repressão estatal foram determinados pelas circunstâncias da guerra e não devido à suposta “influência stalinista”. Em contrapartida, o estudioso norte-americano Michael Seidman reivindica o estudo dos “indivíduos desconhecidos, anônimos e não militantes”, na medida em que formavam a maioria da população espanhola nos anos 1930⁹¹. Uma das teses centrais do autor é a de que a resistência ao alistamento e a ocultação de bens e alimentos predominavam sobre a militância e o compromisso ideológico em todas as fases da guerra. Para Seidman, parte do fracasso republicano deveu-se também a incapacidade de satisfazer as necessidades básicas de suas tropas. Algumas premissas teóricas de Seidman suscitaram críticas por parte do hispanista François Godicheau, para quem a concepção “utilitarista” de indivíduo do autor norte-americano o impede de visualizar o amplo compromisso e apoio popular na Catalunha no início do conflito⁹².

Em comparação com a República, a história política do campo nacionalista durante a guerra tem avançado de maneira tímida, em que pese um grande número de obras dedicadas a Franco e ao franquismo por ocasião do trigésimo aniversário da morte do ditador em 1975. Por outro lado, seguem num ritmo crescente publicações sobre a repressão franquista durante a guerra e no imediato pós-guerra. Desde os anos 1990 esse tem sido um dos temas candentes explorados pelos estudos históricos, a exemplo do livro *Víctimas de la guerra civil*⁹³, coordenado por Santos Juliá e que se tornou referência para os especialistas. Já o grupo partidário e militante da “recuperação da

⁸⁸ Juan Negrín foi um socialista moderado, professor de medicina, ministro das Finanças no governo de Largo Caballero e primeiro-ministro de maio de 1937 até ao fim da guerra. JACKSON, Gabriel. *Juan Negrín: médico, socialista y jefe del Gobierno de la II República española*, Trad. Marita Gomis y Gabriela Ellena Castellotti. Barcelona: Crítica, 2008.

⁸⁹ Largo Caballero foi ministro do Trabalho de 1931 a 1933 e primeiro-ministro de 04 de setembro de 1936 a 17 de maio de 1937. ARÓSTEGUI, Julio. *Largo Caballero: el tesón y la quimera*. Barcelona: Debate, 2013.

⁹⁰ GRAHAM, Helen. *Breve historia de la guerra civil*. Madrid: Espasa-Calpe, 2006.

⁹¹ SEIDMAN, Michael. *A ras de suelo: historia social de la república durante la guerra civil*. Madrid: Alianza, 2003.

⁹² GARCÍA, 2006, p. 294. Chris Ealham endossa as críticas direcionadas ao autor, assinalando que o mesmo não explica como foi possível que a República resistisse durante tanto tempo diante da ofensiva de Franco, Hitler e Mussolini. Na esteira de suas observações, contrariando Michael Seidman, o apoio popular a favor dos republicanos foi um recurso único e imprescindível. EALHAM, 2008, p. 297.

⁹³ JULIÁ, Santos (Coord.). *Víctimas de la guerra civil*. Madrid: Temas de Hoy, 1999.

memória histórica” reinterpreta a repressão franquista utilizando dois conceitos que para Hugo García possui duvidosa aplicabilidade ao caso espanhol: “genocídio” e/ou “extermínio sistemático”⁹⁴. Outra publicação de particular interesse é resultado de um congresso internacional realizado em 2002 sobre as prisões e os campos de concentração franquistas, intitulada *Una inmensa prisión*⁹⁵. Contudo, a obsessão pelo estudo da repressão pode distorcer nossa compreensão a respeito da longevidade da ditadura de Franco, explicada pelo amplo respaldo social e pela heterogeneidade desse mesmo apoio⁹⁶.

Há uma demanda significativa pelo tema da violência na história política contemporânea da Espanha. De acordo com os dados levantados por Chris Ealham, cerca de 350 mil espanhóis perderam a vida durante o período formal da guerra. Do total de mortos, uma proporção considerável não ocorreu nos campos de batalha, mas sim a partir da repressão levada a efeito na retaguarda⁹⁷. Ealham defende a tese de que o terror na zona republicana foi diferente do terror praticado pelos rebeldes, levando em conta seu caráter espontâneo e a rápida resposta das autoridades republicanas para impedi-lo. Não só: mostrou-se diferente porque a campanha nacionalista foi “sistemática, onipresente e premeditada”. Outro contraste significativo enfatizado pelos estudiosos é que o terror franquista foi responsável pela configuração de um estado violento e repressivo, como havia ocorrido na Itália e na Alemanha do mesmo período. De toda forma, os estudos apontam para 50 mil execuções na zona republicana, metade dessas ocorridas durante as seis primeiras semanas do conflito. Para encerrar o quadro de violência do “novo estado”, calcula-se que cerca de meio milhão de pessoas buscaram o exílio depois da guerra. Muitos acabaram em campos de refugiados franceses, sendo que a partir de maio de 1940 vários republicanos lutaram na Resistência Francesa. Entre os capturados, o governo alemão devolveu boa parte ao regime franquista para serem executados e outros foram internados em campos de extermínio nazistas.

O último ponto desta breve exposição contempla a questão do “giro cultural” promovido pela história social a partir da análise dos historiadores britânicos Michael

⁹⁴ GARCÍA, 2006, p. 296.

⁹⁵ MOLINERO, Carme; SALA, Margarida; SOBREQUÉS, Jaume. *Una inmensa prisión: los campos de concentración y las prisiones durante la guerra civil y el franquismo*. Barcelona: Crítica, 2003.

⁹⁶ GARCÍA, op. cit., p. 297.

⁹⁷ EALHAM, 2008, p. 298.

Richards e Chris Ealham⁹⁸, que reinterpretem o conflito como o resultado das múltiplas tensões existentes na sociedade espanhola dos anos 1930. Outro dado a ser destacado diz respeito à intensificação dos trabalhos sobre a memória da guerra e, em particular, sobre a existência de um “pacto de silêncio” em torno dos crimes da ditadura, particularmente durante o processo de transição à democracia. Santos Juliá advoga que tal processo se limitou a promulgar uma anistia aos crimes ocorridos desde julho de 1936 e, simultaneamente, a excluí-los do debate político reivindicado pela maioria dos parlamentares⁹⁹. Convém destacar que tal processo não afetou as pesquisas levadas a cabo pelos historiadores. Paralelo a essa polêmica, Julio Aróstegui e François Godicheau organizaram um livro com o propósito de investigar aspectos concretos da “memória” da guerra e do franquismo e que certamente marcarão as pautas de novos trabalhos¹⁰⁰.

Nos últimos vinte anos a investigação e a interpretação da guerra civil experimentaram mudanças significativas ao trazer à baila o conflito entre a escrita da história e as memórias dos atores e de seus herdeiros. Por conseguinte, o domínio da memória e da subjetividade tem ganhado cada vez mais terreno em detrimento dos interesses pelas reflexões de caráter teórico e metodológico¹⁰¹. A “explosão das memórias” que se impôs a história da guerra civil explica-se por dois pressupostos subjacentes a força da chamada “memória histórica”: por um lado, a capacidade das memórias de ir além do que a história oficial e acadêmica é capaz de registrar; por outro, o papel central atribuído aos testemunhos no sentido de reivindicar uma necessária justiça e reparação depois de tantos anos de silêncio e esquecimento¹⁰². Diversas associações criadas para dar voz às vítimas do franquismo demonstram a projeção social do movimento pela “recuperação da memória histórica”. No entanto,

⁹⁸ EALHAM, Chris; RICHARDS, Michael (Eds.). *The Splintering of Spain: Cultural History and the Spanish Civil War, 1936-1939*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

⁹⁹ GARCÍA, 2006, p. 300.

¹⁰⁰ ARÓSTEGUI, Julio; GODICHEAU, François (Eds.). *Guerra civil: mito y memoria*. Madrid: Marcial Pons, 2006.

¹⁰¹ CASANOVA, 2008, p. 113. Como salientou Juan Andrés, duas das principais características concernentes à historiografia da guerra produzida nas três últimas décadas são: a) conservadorismo metodológico geral, por meio da ausência de estudos a respeito de simbolismos, sociabilidades, história social em geral (sociedade e facções em guerra), estudos quantitativos, milícias; b) persistência da historiografia tradicional, ou seja, predomínio dos estudos de história política, história militar, história internacional. Por outro lado, é importante destacar o surgimento de algumas temáticas novas, tais como justiça, emigração, repressão, cultura e propaganda, vida na retaguarda, entre outras. BLANCO RODRÍGUEZ, 2006, p. 393.

¹⁰² CASANOVA, op. cit., p. 115.

não podemos esquecer que os passados traumáticos, sobretudo de guerras e ditaduras, tendem a provocar conflitos entre diferentes memórias, seja no plano individual ou mesmo coletivo. Essa fratura é notável principalmente nos países que sofreram com regimes políticos autoritários, como a Alemanha nazista, a Rússia stalinista, a Espanha de Franco e as ditaduras militares no Cone Sul. Nesse sentido, a história e a memória, longe de ser um terreno neutro, se convertem num campo de batalha cultural, política e de apropriação de símbolos¹⁰³.

Se na segunda metade dos anos 1990 houve uma maior visibilidade das vítimas da guerra civil e da violência franquista, isto se deve ao intenso debate sobre os direitos humanos e as memórias de guerras e ditaduras que alcançou um novo patamar de reflexão depois do término da Guerra Fria e do colapso dos regimes comunistas do Leste Europeu. Sem dúvida, a mobilização de parte significativa da sociedade civil espanhola, notadamente dos descendentes dos mortos pelos franquistas, foi fundamental para a abertura de valas comuns e a consequente busca dos restos mortais de pessoas atingidas pela repressão, emergindo assim uma nova “construção social das memórias”. Graças à persistência dos temas da guerra civil e do franquismo, a memória tornou-se o eixo central do debate cultural, político e até mesmo historiográfico, confrontando muitas vezes as narrativas e análises dos historiadores com as percepções da maioria dos cidadãos espanhóis que nasceram durante a ditadura ou nos primeiros anos da democracia. É preciso sublinhar que uma parcela significativa da sociedade nunca estudou o tema da guerra civil, seja por meio dos textos escolares e/ou até mesmo no ensino superior¹⁰⁴.

Em suma, tentar reduzir a guerra civil ao conflito entre comunismo e fascismo ou, como muitos autores sustentam, entre fascismo e democracia é empobrecê-la em termos de análise e reflexão. No conflito se cristalizaram diferentes batalhas: uma guerra de classes se observarmos os discursos, os comportamentos e as manifestações de violência nos dois lados; uma guerra de religião, notadamente entre catolicismo e anticlericalismo; uma guerra em torno das noções de “pátria” e “nação”; por fim, um embate de ideologias que competiam no cenário político internacional¹⁰⁵.

¹⁰³ Ibid., p. 116.

¹⁰⁴ Id., p. 117-119.

¹⁰⁵ Id., p. 126.

1.2. Brigadas Internacionais: uma epopeia romântica?

O embate constante entre visão mítica e histórica ainda perpassa os cerca de mil livros, folhetos e numerosos artigos publicados sobre o tema das Brigadas Internacionais. Por outro lado, é necessário dizer que durante a guerra civil os dois lados ofereceram versões distintas sobre o papel dos combatentes estrangeiros no conflito. Somente a partir dos anos 1970-80 é que se verifica um primeiro despertar de publicações e diversidades de enfoques matizando essas visões. De fato, esse processo se consolida com a abertura dos arquivos de Moscou, a partir de 1996, suscitando novas questões e interpretações colocadas pelos pesquisadores. Atualmente, muitos estudos têm se debruçado e até mesmo contestado a visão mítica proveniente dos brigadistas, com exceção da visão franquista que ainda perdura na Espanha¹⁰⁶.

Diversas obras de caráter propagandístico surgiram ainda durante o conflito com o intuito de apresentar as bandeiras políticas e ideológicas em jogo. Enquanto os militares rebeldes apresentavam os brigadistas como prova do “avanço do comunismo internacional”, os setores à esquerda enfatizavam sua força antifascista a serviço do governo republicano. Por conseguinte, os testemunhos de brigadistas e as matérias veiculadas por jornalistas enviados a Espanha ocuparam um lugar de destaque nesse processo de difusão e consolidação da imagem dos combatentes estrangeiros como “antifascistas vindos à Espanha para lutar em defesa da liberdade e da democracia”.

Se no primeiro plano das memórias a ênfase recaía sobre a resistência heroica, intencionalmente evitava-se qualquer crítica sobre muitos dos problemas encontrados pelos brigadistas. Tais obras continuaram repercutindo mesmo após o término do conflito, em março de 1939, carecendo de rigor histórico. Com a vitória dos sublevados, impôs-se a visão mítica dos vencedores na Espanha, embora nos países comunistas a orientação fosse elaborar paulatinamente uma visão mais crítica sobre a atuação das Brigadas, calcada no antifascismo como motivo central de sua ida a Espanha¹⁰⁷.

¹⁰⁶ REQUENA GALLEGÓ, Manuel. Mito e historia de las Brigadas Internacionales. In: CUESTA, Josefina (dir.). *Memorias históricas de España (siglo XX)*. Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 2007, p. 110.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 112.

A visão que o governo de Franco desejava dar foi difundida inicialmente por Joaquín Arraras y Adolfo Lizón Gadea¹⁰⁸, enfatizando que as Brigadas Internacionais formavam um exército mundial de comunistas e doutrinados que tinham como objetivo contribuir para o triunfo da revolução comunista. Empregavam todos os adjetivos depreciativos possíveis: eram aventureiros da pior espécie, sem ideais, sem fé, sem moral; mafiosos sem trabalho que buscavam condições mais confortáveis de vida através da aventura, violação e saque. Quanto ao número de brigadistas, os historiadores franquistas mencionam 100 mil, cifras exageradas, a fim de equipará-los a ajuda recebida por Franco. Alguns aspectos negativos foram destacados como a indisciplina, as alterações de ordem, a repressão exercida por seus comandantes, com destaque para os fuzilamentos e as deserções¹⁰⁹.

Para renovar o tom do discurso, Franco criou a partir dos anos 1960 o “Centro de Estudos da Guerra Civil”, nomeando como diretor Ricardo de la Cierva, com o fim de conferir-lhe um enfoque mais acadêmico e abandonar o conceito de “cruzada”, sem, no entanto, deixar de criar outros mitos apoiando-se em fontes documentais selecionadas com pequenas modificações de linguagem e prescindindo dos adjetivos pejorativos. Em 1969, Ricardo de la Cierva lançou o livro *La leyenda de las Brigadas Internacionales*, mantendo os mitos franquistas elaborados nos anos 1940, embora com um enfoque mais acadêmico¹¹⁰. Na década de 1960 surgiu na Espanha a primeira obra sobre as Brigadas que contradiz a versão oficial da historiografia franquista, a de Andreu Castells¹¹¹.

As obras publicadas fora da Espanha nos anos 1970 tinham um menor caráter épico e um maior rigor científico¹¹². Nesse período surgiram três obras de síntese que avançaram na desmitificação do tema: a de Jacques Delperrie de Bayac, que incluiu aspectos contraditórios como as execuções, os reveses militares e as deserções; as de Verle Johnston e de Vicent Brome, que lançam luz sobre um tópico pouco tratado até o momento, como a repressão interna¹¹³. Diversos fatores contribuíram para um maior

¹⁰⁸ Joaquín Arraras, *História de la Cruzada Española* (1940); Adolfo Lizón Gadea, *Brigadas Internacionales en España* (1940); Comité de Información y Actualización Social, *Brigadas Internacionales según testimonios de sus artífices* (1939).

¹⁰⁹ REQUENA GALLEGU, 2007, p. 115-116.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 117.

¹¹¹ CASTELLS, Andreu. *Las brigadas internacionales de la guerra de España*. Barcelona: Ariel, 1974.

¹¹² REQUENA GALLEGU, op. cit. p. 119.

¹¹³ DELPERRIÉ DE BAYAC, Jacques. *Las Brigadas Internacionales*. Gijón: Ediciones Júcar, 1980; JOHNSTON, Verle. *Legions of Babel: The International Brigades in the Spanish Civil War*. Stanford:

avanço nos estudos a partir dos anos 1990. Em primeiro lugar, vale salientar um maior interesse dos partidos comunistas, especialmente o francês, em revitalizar a imagem das Brigadas. Por outro lado, houve a abertura dos arquivos de Moscou aos investigadores, contendo documentos imprescindíveis, que poderão cobrir um vazio historiográfico concernente às trajetórias dos brigadistas, dos estudos sobre o comunismo e do antifascismo nos anos 1930. Ademais, a queda do comunismo nos países da Europa do Leste possibilitou enfoques mais críticos e imparciais a respeito de sua atuação. Outro fator relevante diz respeito às celebrações em torno do 60º aniversário da chegada dos voluntários estrangeiros à Espanha. Foi nesta ocasião que o Congresso dos Deputados reconheceu a nacionalidade espanhola dos combatentes das Brigadas Internacionais. Os cerca de 500 brigadistas que compareceram ao evento, além de receberem tal título, foram homenageados nas três principais cidades: Madri (capital do Estado), Albacete (sede das Brigadas) e Barcelona (local de despedida)¹¹⁴. O último fator deve-se ao protagonismo e esforço coletivo de algumas associações de veteranos¹¹⁵, como também a criação do Centro de Estudios y Documentación de las Brigadas Internacionales (CEDOBI), vinculada a Universidad de Castilla-La Mancha¹¹⁶.

Um dos primeiros autores a examinar certos aspectos míticos vinculados ao tema das Brigadas Internacionais foi o historiador Michael Alpert. De início, o autor alerta para o fato de que qualquer “[...] crítica de la actuación de las Brigadas arriesga con ser tachada de frio academicismo, de hacer caso omiso de lo heroico del sacrificio de los interbrigadistas e, incluso, de acercarse algo a la actitud de los autores pro-franquistas que dedicaron su esfuerzos a exagerar los números e incluso a denigrar los móviles de los voluntarios”¹¹⁷. Todavia, em que pese os dados exagerados da literatura pró-Franco,

University Park and London, 1967; BROME, Vincent. *The International Brigades. Spain 1936-1939*. London: Heinemann, 1965.

¹¹⁴ Apolônio de Carvalho e Delcy Silveira compareceram a essas homenagens. Voltando da referida viagem, Delcy disse o seguinte numa carta ao historiador José Carlos Sebe Bom Meihy: “A acolhida que o povo espanhol nos brindou foi extremamente calorosa e de grande emoção, [...] sendo que em todas as cidades que fomos, tivemos a mesma acolhida carinhosa”. Na mesma carta, Apolônio descreveu a importância daquele momento em poucas linhas: “[...] esta demonstração de carinho e respeito ao povo espanhol é uma recompensa ao sacrifício que fizemos, coroando nosso fim de vida”. SILVEIRA, Delcy. Carta a José Carlos Sebe Bom Meihy. Porto Alegre, dezembro de 1996.

¹¹⁵ Abraham Lincoln Brigada Archive (ALBA); Associazione Italiana Combattenti Volontari Antifascisti di Spagna (AICVAS); International Brigade Memorial Truste (IBMT); Les Amis Des Combattants en Espagne Rëpublicaine (ACER).

¹¹⁶ REQUENA GALLEGO, 2007, p. 122-123.

¹¹⁷ ALPERT, Michael. “Una trompeta lejana”. Las Brigadas Internacionales en la guerra de España. Una consideración sesenta años después. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, n. 12, p. 226, 1999.

Alpert pondera que o número máximo de voluntários internacionais antes das grandes baixas advindas das batalhas de Jarama e Brunete (fevereiro a julho de 1937) pode ter chegado a 35 mil combatentes. Ademais, é preciso ter em mente também que as Brigadas formavam apenas uma fração do Exército Popular, contrastando com os italianos do Corpo di Truppe Volontarie (calcula-se 73 mil) e os mouros regulares (cerca de oitenta mil ou mais) que combateram ao lado dos sublevados.

Mesmo que os brigadistas não tenham sido os primeiros voluntários a lutar no exército de outro país, há aqui uma diferença significativa: os que foram à Espanha entre os anos 1936-37 não eram mercenários, pois a grande maioria abandonou emprego e às vezes família para lutar por seus ideais. Portanto, deve-se destacar que a história das Brigadas Internacionais é a dos “voluntários ideológicos” que lutaram em unidades com menor capacidade de organização que as brigadas espanholas do Exército Republicano, entre as quais havia alguns militares de carreira¹¹⁸. Outro contraste importante com os voluntários das tropas franquistas diz respeito à falta de estrutura militar que havia para receber os brigadistas. O novo recruta do lado franquista poderia contar com um imenso aparato e uma tradição militar pré-existente e livre dos problemas burocráticos que obstruíam o Exército Popular. Outro tópico importante levantado por Alpert refere-se à falta de experiência e disciplina militar entre os brigadistas. Estima-se que os militares que adquiriram experiência na Grande Guerra de 1914-1918 deveriam ter em 1936 quase quarenta anos. O fato é que a esmagadora maioria era muito mais jovem. Isso sem falar que na Inglaterra e nos Estados Unidos não havia serviço militar. Somente os franceses (majoritários entre os voluntários estrangeiros) o haviam feito (desde 1927).

Havia um estranho paralelo entre o tratamento dispensado por Franco junto aos batalhões de “Camisas Negras” enviados em dezembro de 1936 por Mussolini e o gesto evasivo do governo republicano espanhol em relação ao projeto de recrutar uma legião de voluntários. A situação se modificou com a presença maciça e cada vez mais crescente de militantes de esquerda em território espanhol, somados ao fracasso militar das milícias republicanas frente ao avanço franquista em Extremadura e às pressões sobre a Internacional Comunista para que algo fosse feito. A partir desse momento, estabeleceu-se um acordo no sentido de centralizar o recrutamento através dos organismos controlados pelo Partido Comunista Francês e o apoio *in loco* de dois

¹¹⁸ Ibid., p. 227.

importantes personagens dos PCs Francês e Italiano, respectivamente: André Marty e Luigi Longo. No dia 15 de outubro de 1936, data da chegada da primeira grande remessa de material bélico vindo da URSS, Luigi Longo deu início à organização das Brigadas Internacionais em Albacete. Dias depois, o socialista e chefe de governo Largo Caballero “autorizou com pouco entusiasmo a constituição das Brigadas Internacionais separadas das Brigadas Mistas, com seus próprios oficiais e organização, vendo-as provavelmente como parte do preço a pagar pelas armas russas”¹¹⁹. O historiador Daniel Kowalsky sustenta que junto com as forças aéreas e unidades blindadas de Stalin chegaram também um grande número de armas pequenas e obsoletas, bem como algo da “cultura venenosa y paranoica del estalinismo”.

No que tange à história das Brigadas, Alpert assinala que a confusão linguística foi um dos motivos principais do caos reinante, aspecto confirmado pelos testemunhos dos brigadistas. Se muitos dos voluntários alemães, italianos e poloneses entendiam o francês por terem vivido nesse país, outros como ingleses e norte-americanos falavam somente seu próprio idioma¹²⁰. Das principais batalhas que contaram com a participação dos brigadistas, o autor destaca três: a batalha de Jarama (fevereiro de 1937), que representou o momento áureo dos brigadistas por lutarem contra um inimigo infinitamente mais capacitado para a guerra, cujo saldo negativo foi de 1.200 mortos e três mil feridos; a batalha de Guadalajara (março de 1937), que passou à história por ter sido a primeira derrota dos italianos fascistas; e a batalha de Brunete (julho de 1937), que contou com a mais intensa participação dos voluntários estrangeiros como “tropas de choque”, “[...] sofrendo enormes perdas sem verdadeiramente demonstrar capacidades militares especiais, as quais em todo caso não se poderia pedir a homens sem experiência militar e que somente havia recebido uma primitiva formação em Albacete”¹²¹.

Outro elemento a ser destacado refere-se à constante vigilância comunista, preocupada em extirpar das Brigadas os militantes trotskistas. Entretanto, tal

¹¹⁹ Id., p. 229. “[...] Cualquier beneficio que los republicanos obtuvieran de los aviones I-15 o de los tanques T-26 y de las decenas de miles de soldados de las Brigadas Internacionales tuvo un alto precio en las luchas internas y el caos político que produjo la presencia de los comunistas. De hecho, el precio final fue aún mayor, ya que el gobierno republicano se vio obligado a enviar a Stalin la reserva de oro almacenada durante siglos en el Banco de España para cubrir su deuda bélica con los rusos”. KOWALSKY, Daniel. *La Unión Soviética y las Brigadas Internacionales*. Ayer, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 95, 2004.

¹²⁰ ALPERT, op. cit., p. 233.

¹²¹ Ibid., p. 234.

preocupação sequer foi capaz de detectar os agentes de vários serviços secretos, como Vital Gayman, chefe do Estado Maior da base de Albacete e próximo de André Marty. De suas marcas características não há como se esquecer as baixas constantes, por morte ou ferimentos, dos chefes de companhia e batalhão. Do mesmo modo, a organização e a eficácia das Brigadas Internacionais “[...] no correspondían al entusiasmo y autosacrificio de sus componentes”. Em outras palavras, em que pese o espírito comunista predominante, “[...] la mayoría de los voluntarios eran reacios a la necesaria imposición de cierto nivel de disciplina mecánica”¹²². As Brigadas foram dissolvidas no outono de 1938, depois de atuar em todas as grandes batalhas do conflito civil, tais como Madrid, Jarama, Brunete, Belchite, Teruel, Aragón e Ebro.

Ao ordenar a retirada dos combatentes estrangeiros em setembro de 1938, o governo presidido pelo socialista Juan Negrín tinha em vista dois propósitos: demonstrar frente à opinião pública internacional o caráter independente do esforço bélico republicano e, simultaneamente, forçar o inimigo a imitar essa conduta, prescindindo do grande volume de tropas italianas e alemãs que lhe prestavam apoio. Resultado: todas as suas expectativas foram frustradas. Dessa maneira, a retirada dos últimos 12.673 brigadistas computados por uma comissão internacional não surtiu qualquer efeito político e mesmo militar. Em seguida, os combatentes deixaram a Espanha depois de uma homenagem do doutor Negrín e com a promessa de receber a cidadania espanhola depois da guerra¹²³.

Mesmo que o processo de recrutamento dos voluntários estrangeiros entre setembro de 1936 e o verão de 1938 tenha ido além de qualquer previsão, resultando num êxito surpreendente e incomparável, traçar seu número exato é impossível devido à inexistência de arquivos centrais e fidedignos destruídos pela guerra e/ou pelo caráter semiclandestino de recrutamento em diversos países, o que impedia a conservação de registros regulares. Portanto, as estimativas sobre o número total de brigadistas são muito variadas e até contraditórias. Em maio de 1938, os serviços de imprensa franquista declaravam que na Espanha havia 160 mil brigadistas enviados pela Internacional Comunista¹²⁴. As fontes dessa natureza tendem a oferecer uma cifra muito elevada para sublinhar o caráter quase estrangeiro da resistência republicana. Como bem

¹²² Id., p. 236.

¹²³ MORADIELLOS, Enrique. Las Brigadas Internacionales: una revisión histórica y bibliográfica. *Sine Ira et Studio*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 39, 2000.

¹²⁴ Ibid., p. 41.

observou Enrique Moradiellos, a história oficial das Brigadas Internacionais, publicada em 1974, traz também uma surpreendente imprecisão a este respeito¹²⁵. Há nesta obra três estimativas díspares sobre a entidade numérica dessas unidades durante toda a guerra: o comunista alemão Wilhelm Zaisser (general “Gómez”) contabiliza 52 mil homens; o comunista polaco Karol Swierczewski (general “Walter”) aponta um máximo de 42 mil; para o historiador soviético K. L. Maidanik e os dirigentes comunistas espanhóis Manuel Azcárate e José Sandoval, a cifra alcançada esteve em torno de 35 mil homens durante todo o conflito¹²⁶.

As investigações historiográficas mais recentes estão longe de delimitar uma cifra unânime, embora todas elas tenham como base o procedimento de identificação dos voluntários por nacionalidade para se chegar a uma estimativa genérica e aproximada. De todo modo, temos um número mínimo aproximado de 35 mil voluntários estrangeiros (dados arrolados por Delperrie de Bayac), procedentes de mais de 50 países distintos e de todos os continentes, formando as sete Brigadas Internacionais criadas no seio do Exército Popular da República. Ao que tudo indica, nunca foram mais de 15 mil a 18 mil combatentes ao mesmo tempo e pouco mais de 12 mil continuaram em serviço ativo até sua retirada e posterior repatriação no final de 1938¹²⁷.

O contingente de voluntários franceses era amplamente majoritário (Castells, 15.400; Delperrie de Bayac, 9 mil). O segundo contingente nacional mais numeroso era formado por alemães e austríacos (Castells, 5.831; Delperrie de Bayac, 5.000), seguido de perto pelo núcleo polaco (5.411 ou 4 mil) e pelo italiano (5.118 ou 3.100). Os voluntários norte-americanos e britânicos oscilaram entre 3.890 a 2 mil e 3.540 a 2 mil, respectivamente. O único caso em que as cifras de Delperrie de Bayac superam a de Castells é em relação aos voluntários de origem balcânica (iugoslavos, gregos, albaneses e búlgaros). O primeiro sugere 4 mil voluntários frente aos 2.614 do segundo. Castells também aponta uma cifra em torno de mil para os voluntários procedentes da América hispânica (em sua maioria formada por mexicanos, cubanos e argentinos). Outro dado significativo é que não houve voluntários soviéticos nas Brigadas. O contingente militar enviado pela URSS para ajudar a República era formado por 2 mil

¹²⁵ ACADEMIA DE CIENCIAS DE LA URSS. *La solidaridad de los pueblos con la Republica Española, 1936-1939*. Moscu: Progreso, 1974.

¹²⁶ MORADIELLOS, op. cit., p. 42.

¹²⁷ Ibid., p. 43.

peessoas, majoritariamente estrategistas, aviadores, técnicos e especialistas que serviram como assessores do Exército Republicano. Todos eles receberam ordens expressas no sentido de manterem-se o mais afastados possível da frente de combate com o propósito de evitar sua captura pelo inimigo.

Outros aspectos relevantes apontados por Enrique Moradiellos dizem respeito à afiliação política, faixa etária, procedência social e étnica dos brigadistas. A afiliação política majoritária entre os voluntários era progressista antifascista e não exclusivamente comunista de inspiração soviética. Nesse sentido, é pouco acertado considerar que as Brigadas Internacionais foram unicamente o exército do Comintern, como assinalam os autores pró-franquistas. Os núcleos de voluntários alemães e italianos eram os que contavam com maior presença de comunistas (de 60 a 80%) exilados da Alemanha nazi e da Itália fascista. Entre os efetivos franceses, calcula-se que a porcentagem de comunistas girava em torno de 40 a 50% do total. Já entre os voluntários dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, os comunistas representavam menos da metade dos recrutados. A esmagadora maioria dos voluntários advinha da classe trabalhadora e dos setores populares (mais de 80%), embora seja preciso reconhecer que existia uma parcela significativa de intelectuais, escritores, profissionais liberais (médicos e enfermeiras) e estudantes. Com exceção dos italianos e alemães, predominavam os jovens, cuja faixa etária era inferior a trinta anos¹²⁸, sendo pouco mais de 60% solteiro. O último aspecto refere-se à composição de sua natureza multirracial. Calcula-se que por volta de 7 mil judeus formavam parte dos brigadistas e um mínimo de 200 voluntários negros (metade dos quais eram norte-americanos)¹²⁹.

Durante décadas as Brigadas Internacionais seguem sendo objeto de “fantasmas”, “lendas” e polêmicas. Setenta anos depois do início da guerra civil e da abertura dos arquivos de Moscou, o historiador Rémi Skoutelsky publicou um artigo extremamente relevante a respeito de suas principais controvérsias¹³⁰. A primeira delas surgiu com o término da guerra, quando a propaganda franquista se apropriou do tema para demonstrar que a intervenção soviética na Espanha foi realizada antes e com mais

¹²⁸ A média de idade dos combatentes estrangeiros girava em torno de 18-36 anos. ALPERT, Michael. *El ejército popular de la república, 1936-1939*. Barcelona: Crítica, 2007. p. 247-249.

¹²⁹ Há ainda um número impreciso de combatentes chineses e árabes na composição do conjunto dos voluntários estrangeiros. Ver REQUENA GALLEGU, Manuel. *Las Brigadas Internacionales: una aproximación historiográfica*. Ayer, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 27, 2004.

¹³⁰ SKOUTELSKY, Rémi. *Las Brigadas Internacionales: algunas definiciones*. Congreso Internacional La guerra civil española 1936-39, p. 1-17, 2006b.

intensidade que os regimes nazifascistas, apoiando-se numa suposta reunião da IC ocorrida em Praga em 26 de julho de 1936, onde se decidiu pela formação de uma Brigada com 5 mil homens. Tal referência surgiu através dos porta-vozes da historiografia franquista para legitimar o apelo dos sublevados ao governo italiano e alemão frente à “invasão vermelha” previamente planejada. Outro dado passível de crítica por parte dos historiadores refere-se ao número de brigadistas: o franquista Adolfo Lizón Gadea assinalou em 1940 a existência de 100 mil voluntários. Trinta anos mais tarde, Ricardo de la Cierva retoma a cifra de seu antecessor, para em 2004 reduzi-la a 70 mil¹³¹.

A “ata de fundação” das Brigadas ocorreu a 18 de setembro de 1936, graças a uma reunião comandada pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista em Moscou, disposta a debater a “questão espanhola”. Em seguida, a cidade de Albacete foi escolhida de forma improvisada como centro de formação dos voluntários internacionais, inaugurado a 14 de outubro de 1936. Se as Brigadas devem ser concebidas como uma criação do Comintern, não devemos esquecer que as BI surgiram a partir de um movimento (*a priori*) espontâneo de militantes.

No que tange às motivações desses voluntários, Skoutelsky faz um alerta: “Me parece demasiado mecánico atribuir a cada contingente de las Brigadas Internacionales un tipo único de motivación del compromiso, como se puede leer a menudo. Pero es claro que para el inmigrante político, España representaba una ocasión de hacer algo en la vida”¹³². No entanto, é inegável que o antifascismo constituiu-se num dos denominadores comuns dos voluntários, provavelmente o principal. De maneira que a luta contra o fascismo na Espanha seria um prolongamento direto do combate que se travava em seus países de origem, sobretudo para os combatentes alemães, italianos e irlandeses. Outros fatores de alistamento referem-se à reação direta contra a política de não intervenção e, por conseguinte, a “solidariedade de classe”, levando em conta que “[...] los voluntarios eran esencialmente obreros que deseaban prestar su ayuda a otros obreros”¹³³.

Em síntese, a forma mais extrema de solidariedade vinculava-se ao que o historiador chamou de “cultura internacionalista”, isto é, o desejo de participar de um

¹³¹ Ibid., p. 2.

¹³² Id., p. 9.

¹³³ Id., p. 11.

processo revolucionário¹³⁴. Traçando outras motivações, especialmente de cunho pessoal, é possível destacar que em muitos voluntários se observava o gosto pela aventura, o desejo de emancipação familiar e os fracassos conjugais como um conjunto de fatores a ser levado em conta. Já no plano político é plausível sustentar que tanto nos países de origem dos voluntários como na Espanha o fascismo representava um perigo real. Mesmo que nem todos os recrutados fossem comunistas, as Brigadas formavam parte do “universo comunista”. Contudo, é preciso ter cautela ao interpretá-las como mera correia de transmissão de Moscou.

O processo de estruturação das Brigadas Internacionais ocorreu em 1937, quando a guerra passou a se inscrever no seio de um conflito de longo prazo. Embora tenha sido um exército “controlado” pelo Comintern, as Brigadas eram formadas por muitos voluntários antimilitaristas, fato que gerou alguns enfrentamentos com os quadros de direção nitidamente stalinistas. Por sua amplitude, diz Skoutelsky, as Brigadas Internacionais representam um fenômeno único na história. Entre os republicanos exilados que participaram das resistências nacionais ao lado das tropas aliadas também encontramos os brigadistas, considerados como “atores da construção da Europa democrática e livre de hoje”¹³⁵.

Dos temas mais recentes que tem atraído o interesse dos historiadores é preciso destacar o estudo dos desertores, o recrutamento forçado, as prisões e centros de reabilitação das Brigadas, o retorno aos seus países de origem e sua posterior reintegração¹³⁶. Outros trabalhos têm abordado o papel militar dos brigadistas, a importância dos meios de comunicação, o cinema e a literatura como propaganda e

¹³⁴ “A articulação entre projeto revolucionário mundial e internacionalismo foi durante muito tempo reivindicada por Trotsky e pelas organizações por ele influenciadas nos anos 30, numa altura em que a IC tinha explicitamente abandonado essa perspectiva. Após a Segunda Guerra Mundial, o movimento comunista internacional nunca mais retornaria a uma abordagem desse tipo”. WOLIKOW, Serge. Internacionalismos e internacionalismos comunistas. In: DREYFUS, Michel et. al. *O século dos comunismos: depois da ideologia e da propaganda uma visão serena e rigorosa*. Lisboa: Notícias, 2004. p. 396.

¹³⁵ SKOUTELSKY, 2006b, p. 16.

¹³⁶ CORRAL, Pedro. *Desertores: la guerra civil que nadie quiere contar*. Barcelona: Debate, 2006; MATTHEWS, James. *Soldados a la fuerza: reclutamiento obligatorio durante la guerra civil, 1936-1939*. Madrid: Alianza, 2013; SKOUTELSKY, Rémi. El regreso de los voluntarios. La memoria de las Brigadas. In: REQUENA GALLEGU, Manuel y LOSA, Rosa Maria Sepúlveda (Coord.). *Las Brigadas Internacionales: el contexto internacional, los medios de propaganda, literatura y memorias*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2003. p. 143-155.

contrapropaganda e, por último, a participação de médicos e enfermeiras nos hospitais de emergência¹³⁷.

A proposta de examinar as condições de regresso dos brigadistas é também um dos temas recentes suscitados por historiadores como Manuel Requena Gallego e Rémi Skoutelsky. Analisar tais condições depende em boa medida da situação política e social predominante em seus países. Os brigadistas que saíram da Espanha no final de 1938 foram retidos nos campos de concentração franceses e depois regressaram a seus países paulatinamente, exceto à Alemanha, Itália e Áustria. No geral, nos países comunistas e democráticos foram bem recebidos. Alguns governos democráticos atuaram repressivamente como o da Suíça, o da Polônia, que lhes retirou a nacionalidade, o holandês, que suspendeu seus direitos cívicos e o dos Estados Unidos, que os perseguiu nos primeiros anos. Em linhas gerais, sua reintegração social foi difícil já que os governos colaboraram muito pouco para resolver sua precária situação frente às elevadas taxas de desemprego¹³⁸.

Repensar a importância dos brigadistas, especialmente do ponto de vista militar, é uma tarefa necessária. Em que pese o fato de que uma parcela significativa dos comandantes das Brigadas contava apenas com conhecimentos militares básicos, tratava-se de revolucionários decididos e absolutamente seguros de seu papel, desempenhando sua missão com entusiasmo, sentimento que era transmitido aos seus subordinados. No entanto, a sublevação militar de julho de 1936 praticamente arrasou todo o Exército Republicano, que contava com um conjunto armado formado por milicianos, soldados e guardas que não respondiam a nenhum esquema organizativo coeso. Se entre eles a tônica era o espírito revolucionário e o entusiasmo político, o mesmo não se pode dizer da disciplina, da ordem e da eficácia combativa¹³⁹. Na perspectiva de Gabriel Cardona, os brigadistas representavam a única referência de uma tropa organizada e disciplinada, tanto é que sua eficácia na defesa de Madrid rendeu-

¹³⁷ CARDONA, Gabriel. El Ejército Popular y las Brigadas Internacionales. ¿Cuál fue la importancia de las Brigadas? In: REQUENA GALLEGO, Manuel y LOSA, Rosa María Sepúlveda (Coord.). *Las Brigadas Internacionales: el contexto internacional, los medios de propaganda, literatura y memorias*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2003. p. 37-46; NÚÑEZ DÍAZ-BALART, Mirta. Un cuadrilátero para el combate político: la prensa de las Brigadas Internacionales. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 121-141, 2004; CRUSELLS, Magi. El papel de las Brigadas Internacionales en el cine documental extranjero. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 143-163, 2004; PRESTON, Paul. Dos médicos y una causa: Len Crome y Reginald Saxton en las Brigadas Internacionales. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 37-66, 2004.

¹³⁸ REQUENA GALLEGO, 2007, p. 118.

¹³⁹ CARDONA, op. cit., p. 37-38.

lhes prestígio imediato. Sem a presença das Brigadas, sobretudo no aspecto tático e moral, dificilmente a República poderia organizar suas unidades de choque e levar a cabo suas batalhas ofensivas¹⁴⁰. Provavelmente a grande contribuição dos voluntários à causa da República tenha sido seu espírito de missão e sua entrega desinteressada. E foram capazes de fazê-lo até os últimos dias da guerra¹⁴¹.

Pode-se afirmar que a diversidade de idiomas e procedências dos brigadistas resultou na criação de um aparato de imprensa e propaganda capaz de estabelecer canais de contato entre o governo espanhol e a estrutura das Brigadas, entre os próprios combatentes, e entre o povo espanhol e os voluntários estrangeiros. Nesse conjunto de publicações buscava-se certa homogeneidade e coesão linguística. Além de material informativo e propagandístico, havia também espaço para o entretenimento, na medida em que facilitaria a transmissão de ordens militares e mensagens de todo tipo¹⁴². No verão de 1937 existiam 71 publicações, com uma tiragem de 100 mil exemplares, o que indica a relevância dos meios de comunicação dentro do universo dos brigadistas¹⁴³. É nesse sentido que devemos compreender essas publicações, melhor dizendo, como um símbolo e uma expressão da identidade do conjunto das Brigadas. Se a moral de uma determinada unidade deveria ser exaltada, a imprensa tornou-se o retrato daquilo que se pretendia alcançar, ou seja, uma política de unidade. Com efeito, pedia-se aos brigadistas que pressionassem suas organizações de origem (políticas, sindicais, humanitárias) pedindo o fim do embargo de armas à República espanhola¹⁴⁴.

Como salientou Mirta Núñez, a mobilização promovida pelos periódicos das Brigadas respondia à necessidade de conquistar a vitória frente ao inimigo. Em síntese, os atritos em decorrência das diferentes nacionalidades deveriam ser superados pelos sentimentos de fraternidade que nasciam de uma luta comum. No entanto, as bandeiras se contrapunham aos desgostos e problemas cotidianos, tais como a falta de treinamento militar e as limitadas permissões para ir à retaguarda. Os voluntários deveriam ser um exemplo para a população como um todo, sobretudo quando vinham de tão longe, de preferência dotados de virtudes sociais, como por exemplo, entregar uma parte do seu salário para um refeitório infantil. Além disso, era necessário evitar a embriaguez, as

¹⁴⁰ Ibid., p. 40-42.

¹⁴¹ Id., p. 46.

¹⁴² NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2004, p. 122.

¹⁴³ Ibid., p. 126.

¹⁴⁴ Id., p. 131-132.

cartas desalentadoras dos familiares, lutar contra o desperdício de comida e ter mais cuidado no manejo das armas¹⁴⁵.

Outro recurso utilizado como arma política e de propaganda durante a guerra civil foi o cinema, notadamente através de três elementos centrais: a imagem, o texto verbal e a música. A diversidade de centros de produção cinematográfica (Reino Unido, Estados Unidos, França, Alemanha e União Soviética) durante o conflito proporcionou uma grande variedade de pontos de vista, bem como de propostas ideológicas e estratégicas distintas. Mesmo que as Brigadas Internacionais possuíssem diversos organismos para difundir seu ideário político, basicamente através da imprensa escrita, nunca tiveram uma produtora cinematográfica própria.

Nos últimos anos foram editadas as memórias de médicos e enfermeiras que relataram suas experiências nos hospitais de emergência das frentes de combate¹⁴⁶. A participação de médicos espanhóis e estrangeiros no conflito foi de suma importância para o desenvolvimento da medicina traumatológica, seja em períodos de guerra como em tempos de paz. Por outro lado, não podemos esquecer o trabalho dos condutores de ambulância e enfermeiras. Dessa maneira, médicos e enfermeiras demonstraram durante o conflito a mesma coragem e solidariedade que os demais voluntários, uma vez que muitos abandonaram até mesmo suas carreiras profissionais¹⁴⁷.

Outro ponto extremamente relevante a este debate se refere à suposta homogeneidade na apreciação, por parte das organizações de esquerda, do significado da participação das Brigadas em tempos de guerra civil¹⁴⁸. Embora a imagem dos “voluntários da liberdade”, vindos de todo o mundo para salvar a República da ameaça dos regimes nazifascistas, tenha sobrevivido na memória da esquerda espanhola, para a direita de inspiração franquista ela foi o instrumento armado de Stalin destinado a fazer da Espanha um satélite comunista. Trazer à tona diferentes imagens construídas em torno da participação dos voluntários estrangeiros nos interessa aqui como forma de demonstrar sua relação com distintas concepções acerca da estratégia de guerra e da

¹⁴⁵ Id., p. 138-139.

¹⁴⁶ Para uma análise mais aprofundada sobre este tema ver REQUENA GALLEGO, Manuel. *Las Brigadas Internacionales: una aproximación historiográfica*. Ayer, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 32-35, 2004.

¹⁴⁷ PRESTON, Paul. *Dos médicos y una causa: Len Crome y Reginald Saxton en las Brigadas Internacionales*. Ayer, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 37-66, 2004.

¹⁴⁸ Este é o eixo central da análise de Antonio Elorza e Marta Bizcarrondo. Ver o artigo *Las Brigadas Internacionales. Imágenes desde la izquierda*. Ayer, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 67-91, 2004.

revolução¹⁴⁹. Dos tempos de guerra à comemoração de 1996, a preocupação comunista consistiu em elogiar a atuação das BI, vistas como o expoente máximo da solidariedade com a Espanha¹⁵⁰. Porém, a dificuldade era transmitir e consolidar a imagem da chegada de voluntários previamente enquadrados como um processo espontâneo:

[...] La imagen romántica de una solidaridad de los proletarios demócratas de Europa era la que mejor encajaba con las exigencias de la política del PCE en defensa de la República española. Pero contaba también el propósito de capitalizar una ayuda que venía a mostrar que solamente el mundo comunista desarrollaba un labor eficaz de solidaridad con España¹⁵¹.

No periódico comunista *Mundo Obrero*, os brigadistas eram apresentados como um modelo de disciplina e espírito de resistência. Para o comissário político, o italiano comunista Giuseppe di Vittorio (Nicoletti), a Brigada (no singular) era a projeção militar da Frente Popular europeia. No geral, as publicações comunistas insistiram nesse duplo componente: (o central) na solidariedade generosa de alguns homens que por sua própria vontade vieram à Espanha para lutar contra o fascismo; secundariamente, na presença comunista no seio das BI¹⁵². No poema “A las Brigadas Internacionales”, publicado em maio de 1937, Rafael Alberti chama os voluntários estrangeiros de “hermanos”, associando-os a defesa da capital espanhola e, simultaneamente, forjando a imagem das Brigadas como um emblema insuperável da luta antifascista¹⁵³:

Venís desde muy lejos... Mas esta lejanía,
¿qué es para vuestra sangre, que canta sin fronteras?
La necesaria muerte os nombra cada día,
no importa en qué ciudades, campos o carreteras.
De este país, del otro, del grande, del pequeño,
del que apenas si al alma da un calor desvaído,
con las mismas raíces que tiene un mismo sueño,
sencillamente anónimos y hablando habéis venido.

No conocéis siquiera ni el color de los muros
que vuestro infranqueable compromiso amuralla.
La tierra que os entierra la defendéis, seguros,
A tiros con la muerte vestido de batalla.

¹⁴⁹ Ibid., p. 68.

¹⁵⁰ Id., p. 70.

¹⁵¹ Id., p. 75.

¹⁵² Id., p. 76.

¹⁵³ Id., p. 77.

Quedad, que así lo quieren los árboles, los llanos,
las mínimas partículas de la luz que reanima
un solo sentimiento que el mar sacude: ¡Hermanos!
Madrid con vuestro nombre se agranda y se ilumina¹⁵⁴.

Havia um patrimônio ideológico comum entre socialistas e comunistas, especialmente ao compartilharem a caracterização da guerra como a defesa da nação espanhola, de sua liberdade e democracia, ameaçadas pelo militarismo fascista¹⁵⁵. A visão socialista a respeito das Brigadas também se coadunava com o discurso do PCE e os slogans de disciplina e normalização do exército, comuns aos militantes do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e do PCE. Embora tomasse para si em 1936 “un proyecto revolucionario mimetico del bolchevique de 1917”, o POUM também saudou com entusiasmo a contribuição dos brigadistas depois da batalha de Madrid¹⁵⁶.

A manifestação mais clara de rechaço quanto a entrada dos voluntários estrangeiros no conflito está presente nos relatos – marcados por um profundo sentimento anticomunista – do dirigente da FAI, Diego Abad de Santillán, e do ministro da Justiça anarquista no governo de Largo Caballero, Juan García Oliver, em seus respectivos livros de memórias, *Por qué perdimos la guerra* e *El eco de los pasos*. O primeiro fez questão de sublinhar que a intervenção russa na guerra foi o adversário principal, pois colocou a República “en manos de los emisarios o de los agentes soviéticos”¹⁵⁷. Tendo em vista a questão central do poder, para o líder da FAI a Espanha feliz e revolucionária contrastava com seus inimigos encarnados no capitalismo e no “estatismo internacional”. Em outras palavras, o polo positivo seria representado pelas milícias, mediante as quais “o povo luta heroicamente contra a rebelião militar”; no plano negativo, as Brigadas, enquanto instrumento da contrarrevolução ditada pela Rússia¹⁵⁸. Na leitura de Santillán, as Brigadas se converteram no espaço privilegiado para que os stalinistas eliminassem seus inimigos políticos (trotskistas, libertários, socialistas independentes), constituindo assim um museu de horrores dentro do museu de horrores mais amplo da intervenção russa na Espanha¹⁵⁹. O que estava em jogo não

¹⁵⁴ STEBAN, José. Las Brigadas Internacionales y la guerra civil en la literatura. In: REQUENA GALLEGU, Manuel (Coord.). *La guerra civil española y las Brigadas Internacionales*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1998. p. 139-140.

¹⁵⁵ ELORZA; BIZCARRONDO, 2004, p. 78.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 82.

¹⁵⁷ *Id.*, p. 85.

¹⁵⁸ *Id.*, p. 86.

¹⁵⁹ *Id.*, p. 87.

era uma concepção ideal de milícias libertárias frente às BI com disciplina comunista, mas sim “[...] una pugna por la asignación de recursos que pudiesen hacer peligrar el control inicialmente ganado por los anarcosindicalistas sobre Cataluña”¹⁶⁰.

Se compararmos a versão dos líderes anarquistas citados com a direção da Confederação Nacional do Trabalho (CNT), percebe-se que o giro de cento e oitenta graus em relação à valoração positiva dos voluntários estrangeiros vinculava-se à necessidade de somar forças para a luta contra o fascismo e, nesse sentido, a ajuda externa foi entendida dentro do marco de solidariedade internacionalista à República espanhola. De maneira surpreendente, desde a batalha de Madrid até a retirada dos voluntários anunciada por Negrín em Genebra no dia 21 de setembro de 1938, o discurso oficial da CNT se manteve nesses termos de cordialidade e respeito pela contribuição das Brigadas a causa da liberdade espanhola¹⁶¹. Mesmo que com algumas exceções, a exaltação, o reconhecimento e a admiração pelos brigadistas, vistos como “voluntários da liberdade”, chegou a se impor frente os conflitos políticos existentes no campo da esquerda. De acordo com Antonio Elorza e Marta Bizcarrondo, o mito positivo construído em torno das Brigadas foi sem dúvida alguma “el más sólido que el comunismo español logró poner en pie durante la guerra civil”¹⁶².

1.3. A participação dos brasileiros no conflito

Um dos obstáculos postos à pesquisa certamente refere-se à escassez de estudos concernentes às modalidades individuais de participação dos brasileiros na guerra civil espanhola. O pesquisador Paulo Roberto de Almeida, pioneiro nesse campo ainda pouco explorado pela historiografia brasileira contemporânea, chama atenção para as principais dificuldades encontradas em tal empreendimento, sobretudo no que diz respeito à precariedade das fontes. Além da necessidade do uso de depoimentos orais, o autor sublinha a importância de pesquisas adicionais em arquivos e fundos documentais oficiais, vinculados às instituições militares e às chancelarias dos países envolvidos¹⁶³.

¹⁶⁰ Id., p. 89.

¹⁶¹ Id., p. 90.

¹⁶² Id., p. 77-78.

¹⁶³ ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na guerra civil espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba: UFPR, p. 40, 1999.

Trabalhando no final dos anos 1970 com a coleta de depoimentos orais e escritos junto aos ex-combatentes brasileiros e suas respectivas famílias, Paulo Roberto de Almeida, num artigo bem posterior, ainda detectaria a presença de “pontos obscuros” nesse capítulo importante do movimento comunista brasileiro: “[...] como aqueles relativos às relações dos comunistas brasileiros com os ‘agentes de Moscou’ e, mistério dos mistérios, o desaparecimento na Espanha de um desses brasileiros de esquerda considerados ‘traidores’, pois que vinculado, aparentemente, aos ‘trotskistas’ do POUM”¹⁶⁴.

No que diz respeito ao número reduzido de voluntários brasileiros, o autor pondera que alguns fatores explicativos podem ser apontados, como, por exemplo, a repressão que se seguiu logo após os levantes de novembro de 1935¹⁶⁵ – fato que enfraqueceu ainda mais o PCB enquanto organização política – e as dificuldades financeiras. Embora reconheça a fragmentação das informações sobre o encaminhamento dos combatentes brasileiros, Paulo Roberto de Almeida identifica duas posturas básicas que mobilizaram o grupo em questão: “por um lado, o cumprimento de um dever de solidariedade e de internacionalismo proletário da parte dos militares vinculados ao PCB; por outro, a colaboração pessoal e direta em defesa de convicções políticas – no caso, a luta contra o fascismo – mas sem injunções partidárias, da parte dos voluntários não comunistas”¹⁶⁶.

Uma das contribuições relevantes de Jorge Christian Fernandez diz respeito à composição da delegação brasileira: grupos, origem, formação e atividade político-militar. Segundo Jorge Fernandez, o conjunto dos voluntários brasileiros que combateram pela República Espanhola pode ser dividido entre o grupo de voluntários militares – formado por ex-militares expulsos do exército brasileiro em decorrência de suas atividades políticas ligadas ao PCB ou a ANL¹⁶⁷ – e o grupo de voluntários civis.

¹⁶⁴ Ibid., p. 37.

¹⁶⁵ “Perder a patente de militar era, do ponto de vista material e emocional, um grande choque. Ser expulso da carreira era perder todos os benefícios, não receber mais salário, nem ter a perspectiva de reintegração à tropa a curto ou médio prazo, o que era um pesado fardo para muitos, principalmente para os de origem humilde que tinham de se sustentar, como David Capistrano da Costa e José Homem Correia de Sá. Outros ainda ajudavam financeiramente a família, como Apolônio de Carvalho e Nelson de Souza Alves”. BATTIBUGLI, Thaís. *A solidariedade antifascista: brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939)*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 53.

¹⁶⁶ ALMEIDA, op. cit., p. 48.

¹⁶⁷ “A ANL foi reconhecidamente, a maior organização de massas que o país já teve. Em cerca de três meses, organizou centenas de núcleos em todo o Brasil, sendo a maioria no Rio de Janeiro. O sucesso da organização assustou o governo, cuja primeira reação foi fazer aprovar a Lei de Segurança Nacional (a 4

Embora o primeiro grupo em questão fosse mais homogêneo, sua origem social era bastante variada. Alguns pertenciam à classe média ou média-baixa, “onde as poucas chances de ascensão social passavam necessariamente ou pela incorporação ao serviço público ou pelo ingresso nas Forças Armadas”, como foi o caso de David Capistrano da Costa, Dinarco Reis, Nelson de Souza Alves, Enéas Jorge de Andrade e José Homem Correia de Sá. Outros membros seguiram a profissão militar como continuidade da trajetória familiar, como por exemplo, Carlos da Costa Leite e Apolônio de Carvalho¹⁶⁸. Outra parte dos veteranos do grupo militar provinha das classes mais abastadas, ou seja, eram filhos de famílias tradicionais da sociedade, como foi o caso dos gaúchos Nemo Canabarro Lucas, Hermenegildo de Assis Brasil, Delcy Silveira, Homero de Castro Jobim e José Gay da Cunha¹⁶⁹.

Em linhas gerais, o grupo em questão obteve sua formação em um ambiente militar profundamente marcado pela efervescência política dos anos 1920 e 1930:

[...] foi na Escola Militar do Realengo que os jovens cadetes tomaram um contato mais direto e amplo com as ideias políticas que estavam em discussão naquele tempo. Vivendo numa atmosfera técnica e ‘científica’, dado o paradigma do profissionalismo militar, os estudos e as leituras complementares ocupavam boa parte do dia dos cadetes. Seja pela influência dos mestres ou dos colegas, a questão é que existia um ambiente propício para a discussão política e, conseqüentemente, para a tomada de consciência política e social¹⁷⁰.

de abril de 1935). Por outro lado, o governo tentava identificar a ANL com o PCB, para isolá-la e combatê-la com maior eficácia”. VIANNA, Marly de Almeida Gomes. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 e o apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 2: O Brasil Republicano. p. 82.

¹⁶⁸ É digno de nota que, para o ex-tenente de artilharia Apolônio de Carvalho, um dos motivos de orgulho de seu pai foi ter sido cadete de Benjamin Constant e, igualmente, ter participado da luta pela República: “Tornou-se um jovem oficial muito ligado às massas, o que o levou a choques que mais tarde conduziram à sua reforma precipitada. Esse espírito de meu pai, pela democracia e pelas liberdades democráticas, desbordou naturalmente na formação familiar. Assim, meu irmão mais velho e os demais participaram da luta contra a ditadura Bernardes e, na minha juventude, nos anos 30, eu também entraria na luta, num período em que a classe operária começava a surgir no plano nacional, e num momento em que a única vanguarda era o Partido Comunista Brasileiro”. CARVALHO, Apolônio de. Entrevista. *Pasquim*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 532, 7-13 de setembro, 1979.

¹⁶⁹ FERNANDEZ, Jorge Christian. *Voluntários da liberdade: militares brasileiros nas forças armadas republicanas durante a guerra civil espanhola (1936-1939)*. 392 fls. Dissertação (Mestrado em História) – UNISINOS, 2003. p. 82-83.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 90. Em entrevista a Marly Vianna, José Homem Correia de Sá – na ocasião cabo da Aeronáutica, e que teria papel de destaque na insurreição de novembro – relativiza um pouco essa questão tomando como base a Escola de Aviação Militar (EAM), ao chamar atenção para o baixo grau de politização nos quartéis: “[...] ‘Nada de política de classe. Nossa vivência política não era propriamente de Partido, mas contra as injustiças. Sabíamos que havia coisas erradas no país e desenvolveu-se um sentimento revolucionário-patriótico entre nós. E dentro da tradição que havia no Exército, isso foi encaminhado para um golpe. Nós éramos a continuação do tenentismo, dando mais importância ao

Thaís Battibugli assinalou, em pesquisa recente, que todos os 14 militares analisados sofreram alguma forma de repressão após as revoltas de 1935, melhor dizendo, foram expulsos do Exército e perderam suas respectivas patentes em julgamento no Supremo Tribunal Militar (STM). Com efeito, para o grupo de brasileiros, “a guerra na Espanha era também uma alternativa de luta, uma forma de ausentar-se de um país que vivia sob forte pressão iniciada após o levante de novembro de 1935, porque essa perseguição havia inviabilizado sua ação enquanto militantes no país”¹⁷¹. Por outro lado, a participação de militantes do PCB no conflito “foi a primeira e única ação militar do partido fora do território nacional”. Além disso, “a meta inicial era enviar cerca de 100 pessoas, mas a repressão do governo Vargas acabou dificultando os planos. Essa foi o motivo pelo qual apenas 22 voluntários ligados ao partido embarcaram para a Espanha, mas, desses 22, apenas 16 combateram”¹⁷². Em síntese,

a maioria do grupo tomou a decisão de partir para a Espanha no período em que conviveram nas prisões. Para grande parte dos voluntários estrangeiros, incluindo o grupo de militares e civis brasileiros, a guerra civil espanhola representava, desde seu início, o principal flanco de resistência contra o nazifascismo. A participação nessa luta era para os militares um modo de proteger seu próprio país e sua família do avanço fascista, atuando no principal foco de agitação política da época. Além disso, para os militares era uma alternativa de luta, uma oportunidade de colocar em prática seus conhecimentos profissionais e adquirir maior experiência para uma nova insurreição no país¹⁷³.

Outro autor que se empenhou no estudo da esquerda militar brasileira, notadamente a partir de sua participação no contexto da guerra civil espanhola, foi o

aspecto social do imperialismo”. VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 218.

¹⁷¹ BATTIBUGLI, 2004, p. 85.

¹⁷² Ibid., p. 87. Há um documento importante que confirma essa assertiva. Trata-se de uma carta escrita pelo secretário nacional “Arnaldo”, do Comitê Central do PCB, e posteriormente enviada aos companheiros do Comitê Central do PCE: “Desde noviembre de 1935 el Brasil vive bajo un régimen de terror y de ‘estado de guerra’, con nuestro Partido en la mas completa ilegalidad y millares de militantes antifascistas presos, entre los que se encuentra su querido líder Luis Carlos Prestes. A partir de 10 de noviembre de 1937, como consecuencia de un golpe de estado ha sido establecido el ‘estado corporativo’, vivimos bajo un régimen fascista apoyado fundamentalmente en el imperialismo nazi, que viene desarrollando los mayores esfuerzos para predominar en nuestro Continente. Este es el motivo por lo que no hemos podido prestar al pueblo español y al querido Partido hermano la ayuda que debíamos, por la grandeza de sus sacrificios en prol de la humanidad y en particular por la solidaridad del pueblo y del gobierno español al pueblo brasileño en el momento que fue encarcelado Luis Carlos Prestes”. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1938. Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/Coleção Internacional Comunista/Instituto Astrojildo Pereira.

¹⁷³ BATTIBUGLI, 2004, p. 90.

historiador José Sebe Bom Meihy. Sua proposta em trabalhar com as técnicas da história oral à luz da historiografia sobre o tema confere relevo a aspectos ainda pouco explorados pelos pesquisadores interessados em avaliar as relações existentes entre os setores da vida intelectual brasileira – como artistas, jornalistas e militares – e a sua possível sintonia com movimentos políticos internacionais¹⁷⁴.

A partir dos testemunhos/motivações pessoais, sua análise propõe perceber como se configuram as relações entre indivíduo/sociedade, melhor dizendo, os vínculos entre o “amplo” e o “específico”. Para tanto, o autor realizou uma série de entrevistas com os cinco militares brasileiros sobreviventes: José Homem Correia de Sá, Apolônio de Carvalho, Homero de Castro Jobim, Delcy Silveira e Nelson de Souza Alves. Em resumo, Meihy intenta compreender/explicar o que sustentou a unidade do grupo, tomando como ponto de partida três níveis de abordagem: a) vida privada; b) carreira militar; c) interseção dessas duas dimensões. Três elementos centrais foram responsáveis por aglutinar os voluntários pesquisados, a saber, a Escola Militar do Realengo, a adesão aos levantes de 1935 e, igualmente, a prisão na Casa de Correção, que teria funcionado “como uma universidade”¹⁷⁵.

Alguns dos brigadistas brasileiros deixaram importante testemunho escrito e publicado acerca de sua passagem pela Espanha. Este foi o caso de Homero de Castro Jobim (através do romance *Saga*, de 1940, de Erico Veríssimo); José Gay da Cunha (*Um brasileiro na guerra civil espanhola*, de 1946); Apolônio de Carvalho, autor do livro autobiográfico *Vale a pena sonhar*, publicado em 1997. Para José Luis Gavilanes Laso, os livros citados constituem referências importantes tanto por seu conteúdo documental-informativo como pelo seu valor estritamente literário. Lamentavelmente são textos praticamente desconhecidos na Espanha e pouco conhecidos no Brasil¹⁷⁶.

¹⁷⁴ Ver o trabalho mais recente sobre o conflito civil espanhol organizado pelo autor: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra civil espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011.

¹⁷⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 42.

¹⁷⁶ GAVILANES LASO, José Luis. Armas y letras de los brigadistas brasileños. In: RODRIGUEZ CELADA, Antonio; PASTOR GARCÍA, Daniel; LÓPEZ ALONSO, Rosa Maria (Eds.). *Las brigadas internacionales: 70 años de memoria histórica*. Salamanca: Amarú Ediciones, 2007. p. 169-175.

CAPÍTULO II

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E A CRIAÇÃO DAS BRIGADAS INTERNACIONAIS

Para compreendermos historicamente o contexto internacional do período entreguerras é preciso levar em conta que os anos 1920-30 foram marcados pela ascensão do fascismo em suas diferentes versões, pela crise econômica e pelas lutas sociais. O antifascismo explica o movimento de “solidariedade ativa” sem precedentes com a Espanha republicana, e o compromisso dos que se alistavam deve ser entendido como sua expressão mais emblemática. Segundo o historiador italiano Enzo Traverso, o que explica a difusão do antifascismo no decorrer dos anos 1930 não é o poder de sedução de uma ideologia nem a mera força de uma máquina de propaganda, mas sim “[...] su capacidad para imponerse como un ethos colectivo para todos aquellos que quieren combatir las dictaduras de Mussolini, Hitler e Franco”¹⁷⁷. Outro aspecto que poderia explicar a intensa mobilização em torno do conflito diz respeito ao envio de centenas de repórteres, dezenas de fotógrafos e cineastas à Espanha para cobrir um evento que viu nascer o fotojornalismo moderno, inaugurando um período em que a imprensa, o rádio, os filmes sonoros, os cartazes, os desfiles militares e muitos outros suportes foram utilizados sistematicamente para ganhar posições na batalha entre as duas facções em guerra¹⁷⁸.

2.1. Situação internacional e a chegada das Brigadas Internacionais

O que acabaria “armando” o golpe militar de julho de 1936 foram o surgimento e o desenvolvimento da oposição política às reformas republicanas. O fator que provocou o maior descontentamento popular diz respeito à interferência da República na cultura católica, que até então conformava as identidades sociais e a vida cotidiana¹⁷⁹. Para muitos católicos a República representava o anticristo, já para as camadas populares despossuídas era a fonte de “salvação messiânica”. De fato, as mudanças que o regime republicano havia introduzido em 1931 não agradavam a direita

¹⁷⁷ TRAVERSO, ENZO. Las antinomias del antifascismo. In: *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 250-251.

¹⁷⁸ PENA-RODRÍGUEZ, Alberto. *A guerra da propaganda: Portugal, Brasil e a guerra civil de Espanha: imprensa, diplomacia e fascismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 11.

¹⁷⁹ GRAHAM, Helen. *Breve historia de la guerra civil*. Madrid: Espasa-Calpe, 2006. p. 28.

antirrepublicana, na medida em que colocava em xeque a tradicional estrutura de poder na Espanha, afetando diretamente seus privilégios¹⁸⁰. O plano da Frente Popular de levar a cabo a reforma agrária, secularizar a educação e de retirar o poder dos militares havia levantado o desprezo e o ódio da velha elite: a aristocracia, a Igreja, os proprietários de terra e o alto comando do exército. Isso foi o que impulsionou Franco e os militares a rebelar-se contra o governo republicano¹⁸¹.

As esquerdas estavam divididas entre o movimento parlamentar socialista – que confiava numa mudança gradual através das urnas – e a Confederação Nacional do Trabalho (anarcossindicalista e antiparlamentar) que empreendia uma ação política direta. Em síntese, é possível sustentar que as condições que propiciaram o êxito do golpe não podem ser vinculadas às profundas tensões que marcavam a sociedade espanhola, mas sim ao fracasso dos republicanos e socialistas para colocar em prática reformas políticas importantes em 1931-33. É possível que a mais crucial tenha sido a não desmilitarização da ordem pública¹⁸².

O golpe militar contra a República teve início em 17 de julho de 1936 entre setores do exército colonial que tinha sua base no Marrocos espanhol, onde, após alguns combates, as guarnições locais tomaram o controle da colônia. A obrigação de “tomar partido” constituiu o primeiro ato de violência do golpe e o mais duradouro. A Igreja Católica – associada historicamente aos ricos e poderosos – concedeu legitimidade à rebelião, nomeando-a como uma “cruzada”. Por outro lado, a violência anticlerical na Espanha republicana acabou com a vida de quase sete mil religiosos. Já os militares sublevados justificaram o golpe como um intento de evitar a revolução violenta da esquerda. As elites civis, por sua vez, declaravam abertamente que a Espanha necessitava de ser “depurada” ou “purificada”¹⁸³. No limite, o golpe abriu caminho para os assassinatos em massa, criando um colapso de ordem pública.

A zona sublevada tinha como característica central a violência dirigida contra todos aqueles considerados como heterodoxos ou diferentes do ponto de vista social, cultural e sexual. Sua principal força de combate eram os mercenários marroquinos, que atuaram sob o comando de oficiais de carreira espanhóis (os chamados africanistas)

¹⁸⁰ VIÑAS, Ángel. *La soledad de la República. El abandono de las democracias y el viraje hacia la Unión Soviética*. Barcelona: Crítica, 2006a. p. 7.

¹⁸¹ CARROLL, Peter. *La odisea de la Brigada Abraham Lincoln: los norteamericanos en la guerra civil española*. Sevilla: Espuela de Plata, 2005. p. 31-32.

¹⁸² GRAHAM, op. cit., p. 36-37.

¹⁸³ Ibid., p. 46-47.

dirigidos pelo general Francisco Franco, que em suas palavras “salvaria a Espanha do marxismo pelo preço que fosse”. O regime franquista fundamentou sua legitimidade na vitória “contra o comunismo” ao longo de uma “sangrenta cruzada” e teve tempo, ou seja, quase quarenta anos, para elaborar todo tipo de justificativa. As forças vencidas (socialistas, anarquistas, comunistas, maçons ou simplesmente republicanos) constituíam a chamada “anti-Espanha”, indivíduos manipulados por Moscou que negavam os elementos patrióticos e conservadores da ordem.

Ao transportar um exército profissional à Espanha, a intervenção alemã e italiana transformou a natureza do conflito, fato que obrigou os republicanos a repensarem sua estratégia de resistência. Para que a República conseguisse numa guerra moderna e mecanizada (graças à ajuda alemã e italiana) “resistir frente às tropas sublevadas seria necessário construir um exército e mobilizar toda a população, algo sem precedentes na experiência espanhola”¹⁸⁴.

Num estudo voltado para as limitações que o contexto internacional impôs a República, frente ao contínuo apoio das potências fascistas aos sublevados, Ángel Viñas assinala que os ditadores fascistas interviram no conflito espanhol porque almejavam obter vantagens e benefícios em longo prazo¹⁸⁵. Ao negar seu apoio à República, as democracias ocidentais forçaram o início da virada republicana a Moscou. Antes do golpe militar, notadamente entre os meses de março/abril de 1936, o universo intelectual inglês propagava “visões apocalípticas” sobre o que se passava na Espanha. A partir da análise dos informes do Banco da Inglaterra, Viñas constatou que o “temor ao comunismo” – conceito elástico que contemplava toda a esquerda, a revolucionária e a não revolucionária – foi predominante e esteve profundamente arraigado no seio da alta burocracia britânica. A partir de 18 de agosto de 1936 todos os governos estavam fechando as portas para os republicanos. Como por exemplo, serve a proibição britânica de exportar aviões a Espanha, ainda que fossem para transportar passageiros¹⁸⁶.

Altos funcionários do governo norte-americano pensavam que na Espanha se repetia a experiência bolchevique de 1917, não demonstrando muito interesse em ajudar a República. Lázaro Cárdenas, presidente mexicano, não ocultou as razões que o levaram a apoiar os republicanos, exaltando sua simpatia e dos setores revolucionários de seu país pelo governo da Frente Popular. No início de setembro de 1936, Cárdenas

¹⁸⁴ Id., p. 56.

¹⁸⁵ VIÑAS, 2006a, p. 63.

¹⁸⁶ Ibid., p. 80.

informou numa sessão solene com o poder legislativo que colocou à disposição do governo republicano 20.000 fuzis de 7 mm e vinte milhões de balas de fabricação nacional¹⁸⁷. De toda forma, cabe assinalar a assimetria na resposta por parte das potências democráticas e da URSS, por um lado, e das potências de fascistas de outro. No caso dos países democráticos, a ajuda foi tímida por diversas razões, entre as quais se destaca o temor em contribuir para a formação de um regime pró-soviético¹⁸⁸. O historiador Francisco Romero Salvadó sublinha que os dois lados em conflito dependiam do apoio militar estrangeiro. Contudo, é impossível estabelecer qualquer tipo de comparação entre a ajuda concedida aos republicanos e a assistência recebida pelos nacionalistas. Só para mencionar alguns exemplos, os nacionalistas obtiveram petróleo (a crédito) das principais empresas anglo-americanas (Texaco, Shell, Standard Oil e Atlantic Refining Oil). Além disso, mediante acordos comerciais na forma de provimento de matéria-prima, Hitler investiu cerca de 215 milhões de dólares, enquanto Mussolini teve um gasto de 345 milhões na aventura espanhola¹⁸⁹.

De início, cabe esclarecer a data do início da ajuda soviética ao governo republicano e a formação das Brigadas Internacionais. Historiadores franquistas como Joaquin Arraras y Adolfo Lizón Gadea já enfatizavam desde o início dos anos 1940 – mesmo sem qualquer base documental – que o acordo de colaboração entre a União Soviética e o governo republicano se deu no fim de julho de 1936, notadamente na reunião da Internacional Comunista celebrada em Moscou no dia 21 de julho de 1936, local onde teriam decidido apoiar o governo da Frente Popular. Ademais, os historiadores “revisionistas” como Ricardo de la Cierva e Pio Moa pretendem justificar e, igualmente, legitimar a colaboração imediata dos alemães e italianos a Franco, já que, segundo eles, “foi como réplica a ajuda dos vermelhos para implantar o comunismo na Espanha”. Tal visão contradiz a numerosa documentação hoje acessível aos pesquisadores, que aponta manifestações favoráveis à defesa da democracia espanhola e a decidida oposição à ditadura do proletariado por parte dos líderes soviéticos. Dimitrov, secretário geral da IC, enviou um telegrama ao PCF dias depois de iniciado o

¹⁸⁷ Id., p. 84.

¹⁸⁸ Id., p. 107.

¹⁸⁹ ROMERO SALVADÓ, Francisco José. O reflexo distorcido: a dimensão internacional da guerra civil espanhola. In: *A guerra civil espanhola*, Trad. Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 126.

conflito, assegurando que na Espanha se decidia em grande medida a sorte da democracia na Europa¹⁹⁰.

Mesmo diante dos reveses militares republicanos, ocorridos nos primeiros meses do conflito, Stalin decidiu adotar uma postura cautelosa, mantendo a neutralidade da URSS. O ditador soviético tinha consciência do perigo de um enfrentamento direto com a Alemanha e, por isso, tratou de conquistar as simpatias do Reino Unido e da França firmando o Pacto de Não-Intervenção no dia 23 de agosto de 1936. O fato de a guerra ter tomado uma orientação revolucionária, de matiz anarquista, despertava certa desconfiança em Stalin. Concomitante a esse processo, a União Soviética se aproximou do governo republicano enviando a Espanha funcionários da IC como Maurice Thorez, Jacques Duclos, Togliatti e André Marty; o general Vladimir Antonov, como cônsul em Barcelona e Marcel Rosenberg como embaixador em Madrid. Ademais, propôs à IC não descartar a possibilidade de uma eventual organização de voluntários estrangeiros para defender a República espanhola.

A estratégia adotada por Stalin não correspondia a um sentimento de solidariedade com a Espanha, ou seja, sua ajuda e apoio material não se vincularam ao sentimento de “internacionalismo proletário”. No limite, sua atitude condizia com a defesa do Estado soviético frente à ameaça da Alemanha nazi. O início da guerra serviu como argumento para criar uma coalização entre a URSS e os governos democráticos, permitindo assim frear os propósitos expansionistas por parte dos alemães. A estratégia política das Frentes Populares que teve grande êxito na França, Espanha e Chile – criada a partir do VII Congresso da Internacional Comunista, realizado entre os meses de julho e agosto de 1935 –, atendia a esse fim, a saber, o de demonstrar às potências democráticas que os soviéticos não buscavam fomentar uma revolução fora de suas fronteiras e que era preciso defender os “regimes burgueses” contra o perigo nazi¹⁹¹. Portanto, não estava na ordem do dia a criação de um poder soviético na Espanha. O que contava no momento era o fortalecimento da Frente Popular e o estabelecimento de

¹⁹⁰ REQUENA GALLEGO, Manuel. Las Brigadas Internacionales en el contexto internacional de la Guerra Civil Española”. In: SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep (Ed.). *El pacto de la no intervención: la internacionalización de la guerra civil española*. Tarragona: Publicaciones URV, 2009. p. 157-158.

¹⁹¹ Ibid., p. 158. Essa tese já tinha sido esboçada por Fernando Claudín no final dos anos 1960, ao sustentar que “[...] a única forma aparente de conciliar a ajuda à Espanha com os objetivos da política externa era que o proletariado espanhol não fosse mais além do que, no extremo, podia ser admissível para a burguesia franco-inglesa. E o máximo que esta podia aceitar era a existência na Espanha, de uma república parlamentar, democrática, antifascista, até frente-populista, o mais à esquerda que se quisesse, mas burguesa, sobretudo burguesa”. CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista*, Trad. José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 253.

um regime democrático que impedisse o avanço do fascismo e da contrarrevolução¹⁹². Se a revolta na Espanha havia criado uma situação extremamente complexa, tal situação não deveria ser aproveitada para fazer avançar o caminho pela ditadura do proletariado nem, muito menos, para criar sovietes¹⁹³. Mas como as forças políticas que apoiavam os republicanos deveriam atuar no conflito? Para o búlgaro Dimitrov, seria criando um exército novo com os oficiais que haviam permanecido fiéis à República¹⁹⁴.

Em meados de setembro de 1936, após constatar que em apenas dois meses as tropas republicanas haviam demonstrado sua debilidade ante o avanço dos rebeldes, Stalin decidiu oferecer ajuda armamentista ao governo republicano, exigindo que a IC aprovasse a formação das Brigadas Internacionais. De fato, em virtude do Pacto de Não-Intervenção o Exército Republicano encontrava-se numa situação limite, perdendo em todas as frentes, sobretudo pela carência de armamento necessário¹⁹⁵. No dia 18 de setembro de 1936, a IC aprovou em Moscou a criação das Brigadas, indicando a necessidade de proceder ao recrutamento, entre os trabalhadores de todos os países, de voluntários que tivessem experiência militar, com o objetivo de enviá-los a Espanha.

É atualmente indiscutível que a criação das Brigadas procede do trabalho da Internacional Comunista. Não obstante, em sua origem, a formação das BI tem sido objeto de grande controvérsia. De acordo com o depoimento do ex-combatente tcheco Arthur London, tanto a Internacional Comunista como os partidos comunistas nacionais foram os principais organizadores das Brigadas. Jacques Delperrie de Bayac, ao contrário, situa a Espanha como o ponto de origem do recurso às forças internacionais. De todo modo, a própria Internacional estava interessada em ressaltar o caráter pluripartidarista deste modelo de defesa. Para o pesquisador catalão Andreu Castells, uma reunião conjunta da IC e da Internacional Sindical (Profintern), celebrada em Praga em 26 de julho de 1936, deu origem à criação das Brigadas. Em resumo, as divergências se centram na autoria da iniciativa: se esta partiu do PCE ou, pelo contrário, teve origem na III Internacional¹⁹⁶. Em todo caso, é ponto pacífico a afirmação de que foram os

¹⁹² VIÑAS, 2006a, p. 101.

¹⁹³ Ibid., p. 103.

¹⁹⁴ Segundo o Serviço de Inteligência Britânico, a maioria dos oficiais da aviação e a metade da Guarda Civil estava com os sublevados. Id., p. 106-107.

¹⁹⁵ REQUENA GALLEGO, 2009, p. 158-159.

¹⁹⁶ De acordo com Aldo Agosti, a Terceira Internacional nasceu impregnada por uma forte carga “ideológica”, tendo em vista que esse é o período em que a luta ideológica é concebida como um componente fundamental da luta de classe e, enquanto tal, como uma parte integrante da ação revolucionária do movimento comunista. É nesse momento também que a interpretação teórica da

partidos comunistas de cada país que promoveram o recrutamento dos voluntários, o que não implica que todos os combatentes fossem necessariamente comunistas¹⁹⁷.

EFETIVOS DOS BRIGADISTAS POR NACIONALIDADE, SEGUNDO A BASE DE ALBACETE ¹⁹⁸ .	
Franceses (incluindo argelinos)	8.962
Polacos	3.113
Italianos	3.002
Estadunidenses	2.341
Alemães	2.217
Balcânicos ¹⁹⁹	2.095
Britânicos	1.843
Belgas	1.722
Tchecoslovacos	1.066
Bálticos	892
Austríacos	872
Escandinavos	799
Holandeses	628
Húngaros	528
Canadenses	512
Suíços	408
Portugueses	134
Vários ²⁰⁰	1.122
Total	32.256

realidade social assume um papel novo, tornando-se o elemento determinante para distinguir o movimento revolucionário de todos os seus adversários. AGOSTI, Aldo. O mundo da Terceira Internacional: os 'estados maiores'. In: HOBBSAWM, Eric (Coord.). *História do marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares*, Trad. Carlos Nelson Coutinho e Nemesio Salles. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 139.

¹⁹⁷ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, Mirta. *La disciplina de la consciencia: las Brigadas Internacionales y su artillería de papel*. Barcelona: Flor del Viento, 2006. p. 93-96.

¹⁹⁸ SKOUTELSKY, Rémi. *Novedad en El frente: las Brigadas Internacionales en la guerra civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 2006a. p. 169.

¹⁹⁹ Búlgaros, iugoslavos, romenos, gregos.

²⁰⁰ Entre eles: sul-americanos, cubanos, mexicanos, chineses e passaportes Nansen (apátridas).

Calcula-se que em torno de 35 mil brigadistas procedentes de mais de cinquenta países lutaram a favor do governo republicano. Em vários países criaram-se centros de recrutamento por iniciativa dos comunistas com a colaboração de socialistas, anarquistas, democratas e republicanos. Com efeito, organizavam-se o alistamento dos voluntários que desejavam ir a Espanha lutar, bem como os contatos para realizar a viagem até Paris e as ajudas financeiras para cobrir os custos. Deve-se destacar que alguns brigadistas viajaram com recursos próprios, ainda que outros contassem com o auxílio financeiro de sindicatos, partidos ou até mesmo particulares²⁰¹.

Já mencionamos no primeiro capítulo as discrepâncias entre os historiadores sobre o número de brigadistas que foram à Espanha. Se, por um lado, os autores pró-Franco oferecem uma cifra bastante elevada, entre 120 mil e 75 mil, de outro, o grupo mais heterogêneo de pesquisadores (liberais e marxistas) mantém um cálculo que oscila entre 59 mil (Andreu Castells) e 35 mil (Delperrie e Skoutelsky). Também já tratamos da procedência dos contingentes majoritários e dos aspectos sociológicos (idade/filiação política/profissão) dos voluntários estrangeiros que apoiaram a República. Contudo, convém questionar a construção de um “mito literário-romântico” criado a partir da experiência de guerra dos brigadistas na Espanha, frequentemente descritos como um regimento de “escritores em armas”. Essa reputação “épica” e “heroica” que recaiu sobre os voluntários estrangeiros – projetados como homens que sofreram e lutaram para conferir uma realidade concreta à causa antifascista – forneceu a República um status de humanismo. Não é por mera casualidade que essas figuras aparecem em muitos romances e roteiros de filmes produzidos durante a guerra civil – particularmente através de personagens heroicos ligados às Brigadas, como o personagem Robert Jordan (Ernest Hemingway) e Manuel (André Malraux) – como intelectuais, artistas ou escritores²⁰². O compromisso de escritores renomados, como o inglês George Orwell, assim como o peso da participação dos intelectuais no trabalho de solidariedade com a Espanha ou em termos mais gerais com a luta antifascista dos anos trinta, levaram muitos a crer num amplo envolvimento desse setor nas unidades internacionais. Skoutelsky assinala que essa representação mitológica dos brigadistas como um “exército intelectual” guarda uma distância considerável da realidade, na

²⁰¹ Este foi o caso dos irmãos Delcy e Eny Silveira, conforme veremos no capítulo sobre os voluntários brasileiros.

²⁰² STRADLING, Robert. *History and Legend: writing the International Brigades*. Cardiff: University of Wales Press, 2003.

medida em que se existiu na história contemporânea um “exército proletário”, este foi o caso das Brigadas²⁰³. Os homens pertencentes ao universo literário e artístico eram poucos, isto é, não chegavam a 3% dos brigadistas. Apesar do contraste com as camadas populares (mais de 80%), sua participação teve um impacto propagandístico considerável: recordamos aqui os casos do poeta inglês John Cornford, do escritor inglês Ralph Fox e do escritor alemão Ludwig Renn.

Os primeiros contingentes de voluntários estrangeiros chegaram à Espanha antes da criação oficial dos centros de recrutamento das Brigadas Internacionais. Muitos se integraram às diversas milícias de esquerda durante os dois primeiros meses do conflito. Em alguns países estes centros eram clandestinos, como na Suíça e Luxemburgo, países onde o governo proibia seus cidadãos de apoiar ambos os lados da trincheira, isto é, republicanos e sublevados. Na Alemanha, Itália e Áustria, por exemplo, os governos fascistas perseguiram o recrutamento favorável ao campo republicano. Para ser aceito nos centros de recrutamento era necessário contar com o aval de uma organização de esquerda ou de indivíduos que militassem nesses partidos e/ou sindicatos. Os centros organizavam as ajudas financeiras para cobrir os gastos de viagem, facilitando o transporte e ludibriando o controle dos agentes policiais. O entusiasmo era tamanho entre os voluntários que alguns deles colaboraram com suas poupanças ou com a venda de seus pertences. Os trajetos dos voluntários até Paris, sede do recrutamento, foram os mais diversos. O controle para impedir sua chegada à Espanha, estabelecido por muitos governos, não foi muito eficaz, dada a simpatia de alguns agentes pelos republicanos²⁰⁴.

O acordo consistia em que todos os brigadistas se reagrupassem em Paris, com o intuito de realizar uma seleção de pessoas idôneas para a guerra, facilitando-lhes uma rota mais segura de chegada e para a detenção de prováveis “traidores”. Cada voluntário deveria preencher um questionário com questões sobre sua formação militar, dados pessoais, militância política, etc²⁰⁵. Em seguida, eram submetidos a exames médicos. Num parecer final se decidia se o voluntário seria ou não incorporado. Por meio de queixas emitidas por André Marty, chefe da base de Albacete, deduz-se que a seleção, principalmente nos primeiros meses, não era lá muito restrita²⁰⁶. Para o envio dos

²⁰³ SKOUTELSKY, 2006a, p. 174-175.

²⁰⁴ REQUENA GALLEGO, 2009, p. 160.

²⁰⁵ Este questionário será analisado no próximo capítulo, quando iremos tratar das biografias dos voluntários brasileiros.

²⁰⁶ REQUENA GALLEGO, 2009, p. 160-161.

brigadistas de Paris com destino a Espanha duas vias de transporte foram utilizadas: a marítima e a (mais comum) terrestre, realizada por trem desde a estação de Austerlitz em Paris, passando por Port Bou a Espanha, e seguia por Figueres, Barcelona e Valência até chegar a Albacete. No início de 1937, período em que o controle dos agentes franceses se tornou mais rigoroso sobre as fronteiras, algumas viagens chegaram a ser realizadas em ônibus ou caminhões para, depois, cruzar os Pirineus a pé.

Em outubro de 1936 uma representação do Comitê organizador das Brigadas (encabeçada por Luigi Longo, acompanhado de Vittorio Vidali, Pierre Rebière e um grupo de comunistas espanhóis e diplomatas soviéticos) fora a Madrid conversar pessoalmente com o presidente da República Manuel Azaña e, posteriormente, com o chefe de governo Francisco Largo Caballero. No encontro externaram seu desejo de colocar-se a serviço do governo, solicitando autorização para formar unidades com comando próprio, onde forneceriam aos voluntários estrangeiros, alojamento, alimentos e armas. A proposta foi recebida com reservas, uma vez que Largo Caballero desejava enquadrá-los sob o controle militar espanhol, embora tenha cedido quanto à autonomia e comandos próprios. Diego Martínez Barrios, presidente da Junta de Defesa de Levante, tornou-se responsável pelo organismo de ligação entre o Estado Maior espanhol, com sede em Albacete, e pelo abastecimento de munições e comida. Já o coronel soviético Simonov foi escolhido representante dos brigadistas. Martínez de Barrio recebeu como missão supervisionar a organização das Brigadas, facilitando-lhes os meios necessários, para o qual ordenou ao Banco de Espanha o adiantamento de cem mil pesetas²⁰⁷.

A província de Albacete foi escolhida pelo governo de Largo Caballero como sede das Brigadas Internacionais, local de formação militar dos voluntários antes de serem incorporados às frentes de batalha. Albacete apresentava um conjunto de características que a tornavam atrativa e vantajosa: a) região tranquila, com escassa presença de anarquistas; b) era dotada de excelentes comunicações por estrada e trem entre Madrid e a costa mediterrânea (Cartagena, Alicante e Valencia), ponto de onde chegavam o armamento aos soldados; c) encontrava-se relativamente próxima às frentes mais ativas de Madrid e Andaluzia; d) era uma província rica em produção agrícola, o que facilitaria os recursos alimentícios de intendência; e) a configuração plana do terreno resultava ser uma base adequada de instrução às forças militares; f) ocupava um

²⁰⁷ Ibid., p. 161.

lugar estratégico entre Madrid e o Mediterrâneo para manter um corredor seguro por onde pudesse escapar o governo em caso de emergência²⁰⁸.

Nos primeiros dias de outubro de 1936 o governo ainda permanecia em Madrid. O chefe da base de Albacete era André Marty²⁰⁹, com quem colaboraram Vital Gayman²¹⁰ (“comandante Vidal”), como comandante da base e os comissários políticos Luigi Longo (“Gallo”) e Mario Nicoletti, integrando todos eles um Comitê Militar que coordenaria os primeiros passos da entidade. Em suas memórias, os brigadistas qualificaram os primeiros dias como “caóticos” e de extrema improvisação, chamando atenção para a ausência dos serviços mais elementares²¹¹. Durante os quinze primeiros dias estes homens aceitaram sem pestanejar dormir sobre o cimento, sem colchões e sem nada para cobrir-se. Privaram-se também de dinheiro, tabaco, alimentação regular, periódicos, livros e quaisquer notícias de seus familiares e amigos. Em que pese tais condições adversas, torna-se relevante destacar que o alistamento massivo de voluntários estrangeiros do lado da República espanhola representou um momento único na história da Europa. Com efeito, as Brigadas Internacionais não podem ser entendidas senão como a “ponta do iceberg” de um amplo movimento de solidariedade²¹². Nos Estados Unidos, por exemplo, socialistas e comunistas fundaram o Comitê de Apoio à Luta Antifascista na Espanha. Até na China foram realizadas manifestações em defesa da República espanhola.

As Brigadas dispunham de delegações em Valência, Alicante, Madrid e Barcelona. Cada uma de suas unidades se convertia em unidade autônoma e só dependia do Estado-Maior de seu setor, que por sua vez era controlado por especialistas militares

²⁰⁸ REQUENA GALLEGU, Manuel. Albacete, base de las Brigadas Internacionales, 1936-1938. In: *La guerra civil española y las Brigadas Internacionales*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1998. p. 148.

²⁰⁹ “[...] Miembro del comité ejecutivo de la Comintern en 1932, accedió al secretariado en 1935, siendo el único francés que llegó a alcanzar ese rango. Incluso antes de su asignación a España, Marty se caracterizaba por sus insultos, sus iras y paranoias. Enviado por la Internacional como delegado ante el gobierno español, fue oficialmente ‘encargado por el ministro de la Guerra de constituir las Brigadas Internacionales en el marco establecido por el decreto de octubre de 1936, que instituía el nuevo Ejército Popular español’. Su conocimiento de España, su prestigio, su perfecta ortodoxia y su formación de oficial de marina pueden explicar por qué el comité ejecutivo lo eligió, probablemente propuesto por Maurice Thorez”. SKOUTELSKY, 2006a, p. 80-81.

²¹⁰ “[...] Debido a su experiencia militar, el Partido Comunista Francés envió a Gayman a Madrid a principios de agosto como observador del conflicto español. Allí colaboró con diferentes organismos, entre ellos el Quinto Regimiento. Tuvo incluso que rechazar la propuesta del gobierno de Largo Caballero de asignarlo al estado mayor central del ejército, a comienzos de octubre de 1936. Ocupará, a partir de entonces, la pesada carga de administrar y organizar las unidades combatientes en formación”. Ibid., p. 81-82.

²¹¹ REQUENA GALLEGU, 2009, p. 162.

²¹² SKOUTELSKY, op. cit., p. 48.

soviéticos. Ao que tudo indica, todo chefe de grupo importante do novo Exército Republicano (ainda que não fosse comunista) estava acompanhado por um assessor soviético, fato comum em muitas Brigadas²¹³. O primeiro batalhão, formado por alemães, austríacos e iugoslavos, seria batizado em novembro de 1936 como *Edgar André*, nome de um dirigente comunista alemão de origem belga decapitado pelos nazis. A centúria *Comuna de Paris* deu seu nome ao segundo batalhão, ao qual se integrou como companhia de metralhadoras. O batalhão era composto por cerca de 80% de franceses, alguns italianos, espanhóis, iugoslavos, russos e um grupo de vinte cinco ingleses. Já os italianos se agruparam no batalhão *Garibaldi*, ao qual se incorporaram a maioria dos homens da centúria *Gastone Sozzi*, comandados por Galliani (um advogado comunista de cerca de sessenta anos que se refugiou em Nova York desde que Mussolini tomou o poder). O batalhão *Dombrowski* reunia polacos, húngaros e balcânicos sob o comando do comunista polaco Boleslav Ulanoski, conhecido como *Bolek*²¹⁴.

Para a fase de treinamento os soldados dispunham de apenas trezentos a quatrocentos fuzis de guerra, “verdadeiras peças de museu”, enviados pelos ex-combatentes de diversos países. A tática e a instrução das unidades de infantaria foram inspiradas no exército francês, aos quais Gayman parecia manejar com destreza. No dia 30 de outubro de 1936 havia cerca de 3.500 homens organizados em Albacete e arredores. No dia seguinte, as Brigadas deram início a uma vida autônoma, como unidades independentes do Exército Republicano espanhol²¹⁵. Todo soldado que tivesse um mínimo de experiência militar era indicado para um posto de comando. Até o mês de janeiro de 1937 era necessário acelerar esse processo, na medida em que não se dispunha nem de pessoal médico e técnico para proceder a uma inspeção completa e um exame minucioso de cada um dos novos voluntários. O que evidencia o quão longe estava das tropas de choque do comunismo internacional organizadas em um exército internacional teleguiado desde Moscou²¹⁶. Em síntese, trabalhadores e jovens militares de 53 países resgataram um internacionalismo em declínio depois da Primeira Guerra Mundial²¹⁷.

²¹³ Ibid., p. 84.

²¹⁴ Id., p. 85.

²¹⁵ Id., p. 86.

²¹⁶ Id., p. 87.

²¹⁷ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 82.

Mas como a IC recrutava os brigadistas? A dimensão espontânea dos alistamentos marcou as primeiras semanas, embora a rede estruturada pela III Internacional também tenha contribuído para arregimentar os voluntários. Até outubro de 1936 apenas alguns estrangeiros combatiam em milícias, muitas delas organizadas pelo Partido Comunista. Se as Brigadas conseguiram reunir várias dezenas de milhares de combatentes, não é possível afirmar que todos tenham vindo sem a ação da IC²¹⁸. No limite, a decisão de recrutar voluntários estrangeiros, tomada em setembro de 1936, envolvia toda a seção da Comintern. Em um estudo importante sobre o contingente francês, Rémi Skoutelsky destaca que a proximidade geográfica com a Espanha, a força do PCF e a situação política do país são fatores que explicam a escolha de Paris como centro do dispositivo de recrutamento²¹⁹. Por outro lado, mais da metade dos futuros brigadistas residiam na França. O grande problema foi que a polícia se infiltrou nos altos escalões do PCF, o que permitiu que estivessem a par de suas principais atividades²²⁰.

A partir do testemunho de ex-combatentes franceses envolvidos com o recrutamento e do cruzamento com outras fontes, Skoutelsky destaca que a tarefa de fomentar os quadros do Exército Republicano revestia-se de múltiplas formas, tanto dentro como fora do partido. Dentro do PCF o alistamento possuía um caráter nitidamente voluntário. Os sindicatos, especialmente dos metalúrgicos, representavam a estrutura essencial no que tange ao apoio e solidariedade com a Espanha republicana. Deve-se salientar que o Comité Internacional de Lucha por la Paz e o Socorro Rojo Internacional também representaram um importante marco de recrutamento²²¹.

Todos os voluntários da região parisiense e a esmagadora maioria dos voluntários das demais regiões deveriam passar por locais como o Comité de Ayuda Mutua a la España Republicana, criado no início de agosto pelo Socorro Rojo Internacional. Os voluntários eram submetidos a uma espécie de triagem, onde eram submetidos a um exame médico e convocados dias antes da viagem. Os interrogatórios

²¹⁸ Ver SKOUTELSKY, 2006a, p. 115.

²¹⁹ “El alistamento no se realizó sólo en la metrópoli. Orán, situada al oeste de Argelia, era ante todo una ciudad española y la mitad de sus 200.000 habitantes eran originarios de la península Ibérica, a la que les unía una conexión marítima diaria. Su Centro Cultural Español se transformó, desde julio de 1936, en el centro de los alistamentos para la guerra civil para toda África del Norte. A partir de septiembre, los alistamentos se convirtieron en regulares, abarcando tanto a españoles como a ciudadanos franceses y árabes (por entonces súbditos, no ciudadanos franceses). El paquebote *Jaime II*, de la compañía Transmediterránea, haría varios viajes hasta Alicante”. Ibid., p. 119.

²²⁰ Id., p. 116.

²²¹ Id., p. 118.

que marcavam o processo de seleção não tinham a finalidade de verificar se o combatente era um simpatizante comunista, mas sim se possuía conhecimentos militares e se não se tratava de um “provocador” (na definição de André Marty aquele indivíduo que se negava a aceitar um mínimo de disciplina coletiva). Um dos indícios de que os procedimentos de “filtro” estavam longe de ser inflexíveis diz respeito ao número considerável de menores que chegaram a Albacete e o desembarque de dezenas de moradores de rua de Lyon, estes últimos enviados de volta à França. Ou seja, pelo menos nas primeiras semanas a seleção não se efetuava com base em critérios físicos, militares e morais rígidos. Todavia, os militantes encarregados do controle dos voluntários não eram totalmente benevolentes, pois muitos que haviam partido do porto de Le Havre no dia 20 de novembro de 1936 foram detidos em Paris em decorrência de condenações anteriores. O envolvimento dos voluntários que decidiram lutar pela República não era de natureza contratual, uma vez que não recebiam premiações e ignoravam por quanto tempo permaneceriam na Espanha. Se não recebiam nenhuma promessa financeira, ao menos lhes era garantido verbalmente que, se fosse o caso, suas famílias seriam assistidas²²².

Entre os países democráticos, a Suíça se situava no extremo oposto se comparado à França em termos de recrutamento, na medida em que os decretos federais promulgados em agosto de 1936 proibiam toda forma de apoio aos dois lados na Espanha²²³. Contudo, todos os voluntários oriundos do leste (Áustria, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Polônia, Hungria, Itália e Alemanha) transitaram pelo território suíço. No Reino Unido, o Partido Comunista continuava sendo uma força política frágil – não alcançava nem sequer os 13 mil afiliados em 1936-37. Quando se tomou a decisão de criar as Brigadas, todo o secretariado do comitê do distrito de Londres se apresentou como voluntário. Ao contrário do que ocorreu na França, o então Partido Comunista da Grã-Bretanha aparecia publicamente no jornal *Daily Worker* como o organizador das saídas de combatentes para a Espanha²²⁴. Nos Estados Unidos os efetivos do PC eram reduzidos se comparado ao tamanho do país, porém encontrava-se em forte expansão, já

²²² Id., p. 121-122. Pela leitura dos informes elaborados pelo Comissariado Geral de Guerra no mês de agosto de 1937, lê-se que “los familiares de los soldados voluntarios reciben un subsidio aproximado de tres pesetas, que dificilmente cobran, debido a los múltiples requisitos que necesitan para ello” (Madrid, 10 de agosto de 1937). Arquivo Histórico do PCE. Documentos militares de la guerra civil, rollo de microfilm 6, agosto-septiembre de 1937.

²²³ SKOUTELSKY, op. cit., p. 122-123.

²²⁴ Ibid., p. 125.

que, ainda que tivessem apenas 10 mil afiliados antes do *crash* da Bolsa de Nova York em 1929, esse número aumentou de maneira significativa para 80 mil em 1938. Assim como na França, listas de recrutamento começaram a circular dentro do PC desde o início do outono de 1936, embora a ordem de recrutar tenha chegado apenas a partir de novembro. Cada candidato deveria se apresentar ante uma comissão de veteranos da Primeira Guerra Mundial, com máxima discrição para não violar a lei norte-americana que proibia o envolvimento de qualquer soldado num exército estrangeiro. Mesmo que no princípio os candidatos que não tinham experiência militar fossem rechaçados, os critérios acabaram se tornando mais flexíveis. Todo voluntário apto recebia do partido passagem e maletas. Para organizar a partida era necessário aguardar uma autorização da IC. O primeiro contingente se reuniu na noite de natal em dezembro de 1936. No dia seguinte, 86 homens tomaram o transatlântico *Normandie* com destino a Le Havre²²⁵.

Seu “batismo de fogo” foi no início da sublevação militar. Antes da institucionalização das Brigadas, os internacionalistas tomaram parte em numerosas ações contra o exército sublevado. Lutaram nos primeiros dias da guerra nas colunas das frentes do Norte e na serra de Madrid, assim como nos combates iniciais de Barcelona, nas quais perderam a vida muitos dos atletas da Primeira Olimpíada Popular. A entrada das Brigadas significou um lampejo de esperança para a República. Sua intervenção na defesa de Madrid, no inverno de 1936, seria o símbolo máximo de sua presença na Espanha. A defesa de Madrid foi a grande vitória republicana devido a circunstâncias extraordinárias: inexistência de um exército regular, sem coordenação de forças, com o governo e o parlamento fora da cidade e com uma junta de defesa recém-formada²²⁶.

Os voluntários atuaram nas grandes batalhas da guerra até sua definitiva desmobilização: Madrid, Jarama, Guadalajara, Brunete, Teruel e Ebro, entre as mais destacadas. Além disso, participaram em unidades de guerrilha, com ações de sabotagem contra as tropas franquistas em Andaluzia, Extremadura e a Serra de Guadarrama. Foram organizados atos públicos em cada unidade para comemorar sua entrada em combate. Em outubro de 1936 celebrou-se o ponto de partida das Brigadas na Espanha, pois no dia 14 chegaram à estação de Albacete os primeiros 500 voluntários. Já em 7 de novembro Madrid tornou-se um símbolo internacional da resistência antifascista. O eco das comemorações ia além da esfera militar e chegava a

²²⁵ Id., p. 126-127.

²²⁶ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 84.

Madrid, Albacete e aos povoados próximos às frentes de combate. A presença de representantes governamentais e militares do Exército Popular referendava o respaldo oficial e os exaltava como expressão do apoio popular, à margem da política dos governos democráticos estrangeiros²²⁷. Um grande número de voluntários estrangeiros – sobretudo aqueles que procediam de países onde o serviço militar obrigatório não havia sido institucionalizado – teve que aprender a manear armas na Espanha. A imensa maioria foi incorporada às BI, ainda que alguns tenham permanecido nas colunas anarquistas e trotskistas até seu desaparecimento final²²⁸.

Desde a sua entrada em combate na frente de Madrid, em 9 de novembro de 1936, e até sua retirada em setembro de 1938, os voluntários estrangeiros foram enquadrados em sete Brigadas Internacionais plenamente integradas ao Exército Popular da República. Sua numeração, idioma predominante e data de formação foram as seguintes: XI Brigada (de língua alemã, criada em outubro de 1936), XII (italiana, formada em novembro de 1936), XIII e XIV (ambas de língua francesa, organizadas em dezembro de 1936), XV (de língua inglesa, criada em fevereiro de 1937), a Brigada 150 (com predomínio do idioma húngaro, formada em julho de 1937) e a Brigada 129 (com maioria de línguas balcânicas, constituída em fevereiro de 1938)²²⁹.

A partir dos informes do inspetor das Brigadas Luigi Longo, redigidos no mês de agosto de 1937, é possível recuperar o número de voluntários estrangeiros que atuavam nas unidades internacionais²³⁰:

Recapitulación de las fuerzas actuales de las unidades internacionales

a) Efectivos de las Brigadas Internacionales.....	9.041
b) Efectivos de las otras unidades internacionales.....	6.570
c) Efectivos en la Base Orgánica de Albacete.....	3.349
d) Efectivos en los Hospitales.....	4.954
Total.....	23.894

²²⁷ Ibid., p. 90-91.

²²⁸ Id., p. 105.

²²⁹ MORADIELLOS, Enrique. Las Brigadas Internacionales: una revisión histórica y bibliográfica. *Sine Ira et Studio*, Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 45, 2000.

²³⁰ A documentação oficial a respeito das Brigadas pode ser consultada no Arquivo Histórico do PCE. Documentos militares de la guerra civil, rollo de microfilm 6, agosto-septiembre de 1937. Propositiones de reorganización de las Brigadas Internacionales y proyecto de estatuto.

Sua proposta de reorganização das Brigadas contemplava períodos de descanso e licenças aos brigadistas, permitindo “a los hombres que descansen de tiempo en tiempo y regresan al combate en la plenitud de sus fuerzas”. Para tanto, Longo propôs o seguinte: “después de cada acción importante en la que las Brigadas Internacionales sufran grandes pérdidas en hombres y cuadros, darles el tiempo necesario para reposar y organizarse y asimilarse a los nuevos refuerzos”; “establecer para los combatientes, después de seis meses de frente, un sistema moral de permisos personales para pasarles con sus familiares y, para los combatientes internacionales, en el extranjero o en casas de descanso especialmente organizadas”.

Através dessa documentação é possível reconstituir as principais funções atribuídas à base orgânica de Albacete: 1) Recoger, organizar y instruir militarmente a los voluntarios de los diferentes países y mantener la ligación con las diferentes organizaciones antifascistas que envían a estes voluntarios; 2) Recoger, organizar y instruir militarmente a los reclutas españoles puestos por el Gobierno a disposición de las Brigadas Internacionales; 3) Elevar la calificación militar de los cuadros superiores e inferiores españoles o internacionales, de las Brigadas Internacionales por medio de escuelas especiales; 4) Controlar el servicio sanitario de las Brigadas Internacionales que debido a sus exigencias particulares de los idiomas tiene una administración central en Albacete. Esta es parte integrante del servicio sanitario del ejército español; 5) Arreglar el envío a las Brigadas de los heridos y enfermos curados que salen de los hospitales; 6) Proponer al Gobierno los permisos y repatriaciones que se han de conceder a los voluntarios de las Brigadas Internacionales.

Luigi Longo encaminhou no mesmo informe um projeto de estatuto das BI, delimitando do ponto de vista jurídico a situação dos voluntários estrangeiros em território espanhol. As Brigadas, cujos integrantes eram voluntários antifascistas enviados pelas organizações políticas e sindicais de seus países, formavam parte do exército regular espanhol. Entre seus principais deveres destacamos:

- 1º. Las Brigadas Internacionales en general y cada voluntario en particular, se someten a las leyes y reglamentos vigentes en España republicana y ejecutan las órdenes del Estado Mayor y del Gobierno Republicano. Obedecen de manera absoluta a todo lo que sea de orden militar. Respetan y aplican las decisiones de las autoridades civiles.
- 2º. Los combatientes internacionales están agrupados en unidades mixtas españolas e internacionales, en beneficio de los intereses y exigencias militares.

3°. Se utiliza a los voluntarios teniendo en cuenta su especialidad en su arma determinada.

4°. Los voluntarios internacionales disfrutan de iguales derechos igual situación, igual prerrogativa que todos los soldados y oficiales del Ejército Republicano. Los voluntarios internacionales recibirán el mismo sueldo que los soldados, oficiales e Comisarios Políticos del Ejército español, serán vestidos, equipados y armados de la misma manera. Esta igualdad se comprende tanto individual como colectivamente.

5°. La organización de las unidades internacionales se hará teniendo en cuenta las afinidades de los idiomas de los voluntarios, siempre que este no contrarreste en nada las exigencias militares.

6°. Las Brigadas Internacionales organizan de una manera especial su intendencia, que distribuye lo que recibe de la Intendencia General del Ejército español. Distribuyo también lo que recibe directamente de las organizaciones que en los diferentes países apadrinan a las Brigadas Internacionales.

7°. Debido a las necesidades particulares del idioma, el Servicio Central Sanitario de las Brigadas Internacionales de Albacete, organiza y administra, de acuerdo con los reglamentos del servicio de Sanidad del Ejército Español, los hospitales puestos a disposición de las Brigadas Internacionales.

8°. Las Brigadas Internacionales organizan especialmente su servicio de correo y de censura bajo el control del Ejército Regular conforme a los acuerdos ya establecidos con las autoridades españolas.

Gino Baumann realizou um importante estudo sobre os voluntários hispano-americanos. Os governos latino-americanos apoiaram os sublevados, exceto alguns que mostraram sua aparente neutralidade, como foi o caso de Cuba e Chile, e uma clara demonstração de hostilidade, como foi o caso do México. Esse último país nunca reconheceu o governo de Franco, mantendo relações oficiais com o governo republicano mesmo depois de finalizada a guerra²³¹. Baumann chama atenção para o fato de que na América Latina houve recrutamento para as Brigadas em Cuba, Argentina, Chile, México e, em menor escala, nos demais países. Mesmo durante a guerra a República se empenhou em recrutar oficiais dos exércitos latino-americanos²³². Se o combatente tivesse experiência militar (muitos tinham uma idade pouco superior à dos recrutas tradicionais, de 17 a 19 anos) era designado para a instrução militar no Exército Popular e para o trabalho de propaganda política. Contudo, não houve na região um recrutamento bem organizado como havia por parte dos partidos comunistas, socialistas e entre as fileiras dos centros sindicais da Europa.

²³¹ BAUMANN, Gerold Gino. *Los voluntarios latinoamericanos en la guerra civil española*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2009. p. 22.

²³² *Ibid.*, p. 33.

Seguindo seus cálculos, o total de voluntários latino-americanos que estiveram na Espanha lutando a favor do governo republicano foram 2.435. De todo modo, é preciso recordar que as Brigadas representavam menos de 2% das forças republicanas durante o primeiro ano de conflito e uma porcentagem menor depois. Era um apoio valioso, embora de nenhuma maneira decisivo²³³. Mas como explicar o baixo número de militantes latino-americanos que viajaram a Espanha? A este respeito, Baumann destaca dois fatores: o primeiro vincula-se à estrutura frágil das esquerdas (partidos socialistas e republicanos; diversos grupos anarquistas e comunistas) e das organizações sindicais na América Latina; o outro se deve à repressão que atingiu muitos países do novo continente entre os anos 1930-1940, impedindo uma agitação forte e persistente²³⁴. Poderíamos acrescentar um terceiro aspecto que nos parece também decisivo, qual seja, a formação de uma opinião pública favorável aos rebeldes, já que a República espanhola representava o perigo, a desordem, o espectro do comunismo e da anarquia. Em linhas gerais, a eficácia no momento de recrutar se devia, em primeiro lugar, a própria eficácia da Internacional, como também, e com maior força a simpatia que essa despertava dentro do campo da esquerda²³⁵. É importante observar que havia muitos hispano-americanos nas filas republicanas, mas muitos deles não se integraram nas Brigadas, mas sim diretamente nas unidades do Exército Popular²³⁶.

Entre os latino-americanos figuravam, principalmente, voluntários de classe média, estudantes, boêmios e intelectuais, bem como jovens das classes mais abastadas (oligárquico-aristocráticas). Naturalmente havia exceções, como, por exemplo, trabalhadores, desempregados e militares profissionais. Nas Brigadas era possível encontrar homens de todas as ideologias: democratas, socialistas, trotskistas, comunistas ou, simplesmente, amantes da República. Sua característica fundamental era ser antifascista, como também havia muitos voluntários anti-stalinistas. Vale destacar que os sul-americanos lutaram principalmente nos batalhões *Lincoln* e *Garibaldi*²³⁷.

²³³ Id., p. 35.

²³⁴ Id., p. 36.

²³⁵ SKOUTELSKY, 2006a, p. 127.

²³⁶ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 86.

²³⁷ BAUMANN, op. cit., p. 37. O brasileiro José Gay da Cunha foi designado por ordem de André Marty o último comandante da XV Brigada Internacional, criada em fevereiro de 1937 e uma das mais emblemáticas entre as internacionais. Denominada *Abraham Lincoln*, era a unidade de língua inglesa, por excelência, na qual estavam presentes britânicos, canadenses e irlandeses. Nela estavam integrados combatentes de muitas procedências e línguas, como foi o caso dos hispano-americanos que viviam nos Estados Unidos. Já os brasileiros que não falavam espanhol foram para a XII Brigada, batalhão *Garibaldi*:

2.2. “Por qué venimos”: as motivações dos voluntários estrangeiros

É possível obter uma visão de conjunto acerca das motivações dos brigadistas que apoiaram o governo republicano, sem perder de vista as peculiaridades de tantas trajetórias envolvidas no conflito? Com o propósito de responder esta questão, iremos explorar alguns artigos publicados nos periódicos de guerra para em seguida confrontá-los com as análises realizadas por alguns historiadores que se dedicaram ao tema²³⁸. Nas páginas do jornal *Il Garibaldino*²³⁹ destacava-se o protagonismo dos combatentes, fornecendo aos recrutas histórias grandiosas e heroicas de seus veteranos. Estes eram apresentados como lutadores nos conflitos sociais de seus respectivos países e na Espanha como combatentes contra o fascismo internacional²⁴⁰. Por outro lado, os aspectos extramilitares encontravam respaldo nos periódicos de guerra, de modo que a educação, a saúde e a cultura ocuparam um papel simbólico crucial.

Daremos início com *Por que luchamos*²⁴¹ de Tomaz Sanchez Duque. O artigo inicia com um desabafo em que o autor assume sua própria incapacidade em expor aos seus companheiros em tão poucas linhas todos os problemas trazidos pela guerra. Em resumo, sua resposta à pergunta “¿Sabem muchos de ellos por qué luchamos?” é a seguinte: “[...] por acabar con la explotación del hombre por el hombre”; “pero por lo que mayormente luchamos hoy es por la independencia de nuestro suelo, pisoteado por moros, alemanes e italianos”. Para atingir o objetivo máximo da vitória, os soldados deveriam “obedecer ciegamente” seus comandantes que lutam “por el bienestar de sus hijos”, pois só assim o triunfo não tardaria em ser alcançado.

Taneo Riliguio, autor de *Por qué venimos*²⁴², escreve em nome de seus compatriotas italianos, “atraídos por una comprensión de justicia y en defensa – en la medida de nuestras fuerzas – de un pueblo amenazado de la más brutal reacción: el fascismo”, entendido como uma ideologia a serviço das “classes burguesas” e da Igreja.

David Capistrano da Costa, Dinarco Reis, José Homem Correa de Sá, Delcy e Eny Silveira, Nelson de Souza Alves e Homero de Castro Jobim.

²³⁸ Os números dos jornais citados ao longo desta seção encontram-se nos arquivos do Instituto de Estudos Albacetences (IEA) e na Hemeroteca Municipal de Madrid.

²³⁹ Porta-voz em língua italiana da Brigada *Garibaldi*, foi um dos periódicos de maior longevidade, apesar de sua irregularidade. Seus últimos números foram quase todos escritos em castelhano. Através dela se desenvolveu um interessante combate militar e propagandístico entre os italianos fascistas inseridos no *Corpo di Truppe Voluntaire* e os antifascistas italianos incorporados à Brigada *Garibaldi*. Ver NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 57.

²⁴⁰ *Ibid.*, p. 92.

²⁴¹ *Il Garibaldino*, n. 03, 16 de mayo de 1937.

²⁴² *Il Garibaldino*, n. 19, 7 de noviembre de 1937.

No momento em que novas ideias brotavam, como a noção de que era preciso uma repartição mais igualitária dos bens para atender as classes mais sofridas e exploradas, “[...] despertose la bestia en el alma de los detentores del privilegio y de las riquezas; alzandose con selvajes instintos y con feroz insânia, clavó sus garras de fiera en el martirizado cuerpo proletário, sin reparar en médios”. Para o autor, milhares de jovens que pegaram em armas para apoiar a República espanhola o fizeram pela convicção de defender “el derecho a la vida”, sem pedir nem muito menos esperar qualquer tipo de recompensa. E mais: “venimos también porque sabemos que aquí no solo se defiende la libertad de España, sino que, incluida, está la libertad del mundo, y con ella las reivindicaciones todas de la clase trabajadora”. As calúnias dos jornais “burgueses” contra os brigadistas, chamados de “canallas internacionales” e “rojos salvajes”, não impediriam os voluntários italianos de prosseguir sua luta, “[...] abriendo caminos y forjando sentimientos hasta ayer desconocidos por la mayoría”. A ênfase na parte final do artigo recai sobre a consciência de que a guerra exigiria dos voluntários enormes sacrifícios recompensados pela derrota das forças fascistas e, por conseguinte, “[...] el abrirse de la conciencia de los hombres que hasta ayer no eran más que instrumentos dóciles en las manos de aquellos que acostumbraran a tenerlos esclavos”.

Educado desde a infância nos ideais socialistas, Alfredo Pellefigue sublinha a importância e a finalidade da luta pela emancipação dos trabalhadores:

[...] luchando de momento con los medios a mi alcance por una República democrática de trabajadores de todas las clases, que sea gobernada por individuos elegidos libremente por el pueblo; en la que el que no trabaje no coma, en la que no existan caciques ni usureros, en la que la tierra sea del que la trabaja y en la que el trabajador tenga intervención o controle la empresa, taller o fábrica en que se encuentra produciendo. Y, en fin, por una República con legislación avanzada, que proteja a la infancia, dé trabajo al adulto y ampare a la vejez; que ataque el analfabetismo, al señorito y al clero fanático, aniquilando de una vez para siempre el militarismo imperialista. [...] Este credo debe ser conocido y sentido por todos los trabajadores, y cuando tú, lector y luchador antifascista que me lees sientas que tu ánimo flaquea, recuerda, pero sintiéndole de verdad, el credo a que me refiero y notarás que un nuevo entusiasmo te anima y que la confianza y espíritu de sacrificio renace en ti. Recuerda siempre esta estrofa: Arriba, los pobres del mundo, en pie los esclavos sin pan; alcémonos todos al grito de viva la Internacional²⁴³.

²⁴³ PELLEFIGUE, Alfredo. “Por qué estoy yo aquí?” In: *Sobre la marcha*. Semanario de la 4ª Brigada Mixta. Año II. Madrid, 21 de junio de 1937. n. 19.

A imprensa das Brigadas só seria eficaz na medida em que permitisse uma maior proximidade com o voluntário e o recruta, transmitindo-lhes ordens e necessidades de comando, elementos que poderiam contribuir de maneira decisiva com a sua formação política e militar. Nas Brigadas Internacionais a estrutura de publicações nasceu *pari passu* ao seu processo de institucionalização²⁴⁴. A partir de março de 1937 os comissários políticos se reuniram em Madrid para organizar de maneira sistemática o aparato de imprensa e propaganda, uma vez que os meios de comunicação tinham que colaborar para a vitória militar da República. Todo periódico deveria ser um exemplo de coesão e um fator de unidade, no qual colaboravam desde a direção político-militar (comissários e comandantes) até os soldados. O lema que se intentava transmitir era que a unidade das forças internacionais serviria de exemplo às demais organizações para que juntas atuassem no combate antifascista.

Os artigos de conteúdo estritamente militar procediam regularmente dos comandantes e dos altos comandos. Sua inserção se fazia obrigatória e as possibilidades de opinar eram logicamente restritas²⁴⁵. No entanto, a imprensa não se resumia ao papel de porta-voz dos comandantes, mas sim de tribuna onde os brigadistas podiam relatar suas experiências e inquietudes. As colaborações dos soldados espanhóis serviram para estreitar os laços de fraternidade com os voluntários estrangeiros. A exortação aos combatentes para que participassem na redação dos periódicos era uma constante na imprensa brigadista. Incutia-se no soldado-leitor a ideia de que o periódico era seu porta-voz e um meio para que ele se tornasse um redator²⁴⁶.

O periódico de cada unidade configurava-se como um emblema e o símbolo da participação no conflito. Sua organização ficava a cargo dos comissários políticos, bem como a tarefa de incentivar a participação dos voluntários. Ademais, competia ao comissário político receber os artigos escritos pelos voluntários, supervisioná-los e encaminhá-los ao comitê de redação. De acordo com uma ordem circular do general Rojo, de 28 de junho de 1937, as apreciações do comissário determinavam a sobrevivência ou o fim de um periódico²⁴⁷. A tarefa dos comissários era extremamente árdua, pois consistia em despertar a atividade política e periodista entre os voluntários. A formação do Exército Popular tornou necessária a criação de uma estrutura não

²⁴⁴ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 28-29.

²⁴⁵ Ibid., p. 34-35.

²⁴⁶ Id., p. 39.

²⁴⁷ Id., p. 41-42.

partidária: era o Exército da nação, da República. De modo que as publicações foram porta-vozes das unidades e não de partidos, sindicatos ou lugares de procedência.

Na primavera de 1937 houve uma reorganização do aparato de imprensa e propaganda. Depois das batalhas de Jarama e Guadalajara não havia melhor ocasião para criar novas tiragens e promover campanhas de propaganda que coincidiram com o êxito da resistência e da ofensiva republicana²⁴⁸. À medida que a guerra avançava as dificuldades eram maiores para publicar e, portanto, a periodicidade se ressentia da escassez de materiais necessários (papel, tinta, material fotográfico, etc.) que aumentaram durante o decorrer do conflito. Em resumo, as “peças do motor” que moviam a imprensa brigadista (edição, periodicidade e tiragem) eram o incentivo do comissariado político, a demanda dos voluntários e a disponibilidade de matérias-primas²⁴⁹.

Deve-se destacar que recompilações de poemas, romances e canções foram muito abundantes na imprensa brigadista durante a guerra²⁵⁰. De acordo com Mirta Núñez, centenas de combatentes utilizaram um lápis pela primeira vez. Muitos tiveram a oportunidade de ver seus poemas publicados. Nas Brigadas a poesia era um veículo ideológico e meio de expressão dos combatentes. A morte dos companheiros, a servidão do inimigo, a esperança no amanhã eram temas recorrentes para uma realidade da guerra onde tudo e todos deveriam cumprir um papel. Nesse sentido, tanto a propaganda (cuja repercussão transcendeu as fronteiras do conflito) como a luta armada eram aspectos da mesma batalha²⁵¹.

As publicações também tinham um papel relevante no que concerne ao preenchimento de certas lacunas na formação muitas vezes precária (em termos de instrução militar, política e moral) de soldados e comandantes. A formação de quadros tornou-se imprescindível como parte de uma estrutura verticalizada, que substituiu todas as normas milicianas. A imprensa brigadista publicou artigos dedicados à formação com o intuito de incentivar a promoção militar através do conhecimento e sua aplicação no

²⁴⁸ Id., p. 45-47. De acordo com Mirta Núñez, as principais publicações da imprensa brigadista foram: *Vers la Liberté* (XII Brigada, batalhão *André Marty*); *Our Fight* (XV Brigada); *Il Garibaldino* (XII Brigada, batalhão *Garibaldi*); *La Voix du Regiment* (XIV Brigada); *El Voluntario de la Libertad* (órgão central das Brigadas Internacionais, seis edições – italiano, inglês, francês, alemão, polaco, servo-croata, tiragem mensal em torno de 40.000 exemplares).

²⁴⁹ Id., p. 49-51.

²⁵⁰ Id., p. 68.

²⁵¹ Id., p. 69-72.

confronto bélico. Ler, estudar e instruir-se faziam parte, portanto, das obrigações que todo voluntário devia ter em mente, para si e para os demais combatentes²⁵².

Face às deficiências materiais do lado republicano havia a necessidade de reforçar os estímulos morais, aspecto reiterado na imprensa brigadista. Daí em diante a busca pela vitória militar frente a qualquer outra ambição tornou-se a principal bandeira. A atitude do PCE em favor do exército regular o reforçou em termos políticos e militares. O partido foi apresentado como vitorioso na militarização das milícias, medida nada agradável para os setores relutantes como os anarquistas e trotskistas²⁵³. Reforçada pelo PCE, a premissa da disciplina era inerente à reconstrução de uma defesa regular, pois a criação de um exército novo implicava obediência e coesão de todos diante do fascismo²⁵⁴. Porém, a maioria dos jovens desconhecia a estrutura militar. A recusa à hierarquia militar e a progressiva centralização de comando, o desacato às ordens, travavam os esforços empreendidos para a construção de um exército forte capaz de enfrentar os sublevados.

Após a inserção das Brigadas no Exército Popular se reforçou na imprensa uma intensa campanha em nome da disciplina, que acabou se convertendo num chamariz para a vitória final. Com o propósito de tornar a disciplina institucionalizada nas fileiras dos defensores da República, o Ministério da Defesa expediu em Valência um decreto em junho de 1937 que deu origem ao código penal militar. O tema ocupou as páginas dos boletins e periódicos brigadistas, insistindo no fato de que a disciplina do Exército Popular era “proletária” e auto-imposta pelos próprios combatentes²⁵⁵:

[...] Antes existía la disciplina impuesta por una clase a otra, de los explotadores a los explotados. Hoy la disciplina existe entre la misma clase que lucha por su porvenir, en contra de la invasión. La disciplina que existe en el Ejército del Pueblo es una condición para que el pueblo logre su victoria, para que defienda sus libertades, su patria, sus intereses. El jefe como el soldado defiende la misma causa, y entre ellos no hay antagonismo, sino comunidad de intereses. El soldado no

²⁵² Id., p. 112-113.

²⁵³ Id., p. 121-122.

²⁵⁴ Segundo Fernando Claudín, o PCE converteu-se rapidamente no “partido militar da república” graças aos traços semimilitares do modelo bolchevique: “[...] no núcleo organizador do exército que se deveria criar rapidamente e sem o qual tudo estava condenado a perecer: ensaios libertários, Estado republicano, partidos e sindicatos. O mais elementar senso comum fazia com que as massas, independentemente das suas preferências políticas e sindicais, compreendessem que, sem exército, sem comando único, sem disciplina, sem economia de guerra, sem unidade ‘de ferro’ (como dizia o PCE) na frente e na retaguarda, sem subordinar todas as considerações à urgente necessidade de derrotar as tropas inimigas que avançavam – sem isso não havia salvação”. CLAUDÍN, 2013, p. 265.

²⁵⁵ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 123-125.

es un borrego y el jefe no es el tirano, sino que ambos son camaradas, combatientes, y cada uno con su misión específica que cumplir. [...] Cada acto de indisciplina es una ayuda al enemigo, es un acto en contra del pueblo y de su causa²⁵⁶.

A falta de um exército coeso e dirigido profissionalmente em todas as frentes causou danos às fileiras republicanas e teve seus efeitos sobre o espírito dos partidos e das vozes em prol da unidade, que se multiplicaram²⁵⁷. Por trás da campanha pela unidade das forças antifascistas estava, sem dúvida, o PCE. As demais forças políticas não demonstravam publicamente qualquer oposição às exortações unitárias. Apesar disso, os enfrentamentos entre opções minoritárias no âmbito político e sindical que pretendiam manter as milícias (anarquistas e trotskistas) e o PCE (que contava com o apoio das forças democráticas com presença parlamentar) ocorridos na capital catalã em maio de 1937 marcaram o futuro político da zona republicana.

Os comitês de soldados, por meio dos quais se transmitiam as petições e demandas das tropas, foram considerados como “surto de indisciplina” e de “influência trotskista”, impróprios de uma formação de defesa regular. Na realidade todo soldado favorável à manutenção das milícias e dos comitês de soldados nas frentes de combate poderia ser considerado “trotskista”, sendo equiparado depois da rebelião de Barcelona àqueles que haviam apoiado as tropas de Franco²⁵⁸.

O problema da embriaguez e do alcoolismo também ocupou as páginas dos periódicos das BI. A preocupação por parte dos comissários políticos era de que se comportando dessa maneira os soldados poderiam se converter em “agentes do inimigo”. Havia uma nova ética que atribuía ao capitalismo todos os vícios que degradavam o ser humano. A sociedade do amanhã necessitava de um homem novo, livre dos males herdados do sistema capitalista. Nesse sentido, o recurso à prostituição e ao alcoolismo eram considerados como armas propícias ao adversário:

[...] La prostitución hoy, por necesidad económica o por vicio, continua en el mismo estado que antes; ninguna transformación se ha operado en la vida de estas esclavas, y no es precisamente el Estado el que lo ha de transformar, ha de ser nuestra propia conciencia de revolucionarios la que debe levantarse contra la continuidad de esta injusticia. [...] De la mujer esclava (la prostituta) debemos hacer una

²⁵⁶ CONTRERAS, Carlos J. “Dos Ejércitos, dos disciplinas”. In: *El Soldado*. Periódico editado por la Delegación de Prensa y Propaganda del Comisariado. Año I, n. 1, 27 de octubre de 1938.

²⁵⁷ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 127.

²⁵⁸ *Ibid.*, p. 129-130.

mujer libre, digna de compartir con nosotros el triunfo; no habrá libertad mientras haya persona que para vivir tenga que negociar con su cuerpo, cual si éste fuera una mercancía; [...] Conseguir hoy que el pueblo abandone la prostitución mediante una ley sería absurdo intentarlo; al pueblo hay que prepararlo y educarlo para la sociedad en que va a vivir²⁵⁹.

A permanência dos voluntários por longos meses nas frentes de combate favorecia todo tipo de transgressões. A dureza da luta e o enorme número de baixas sofridas nas batalhas de Jarama e Brunete também explicariam a existência de casos de insubordinação, descontentamento e, principalmente, embates recorrentes entre ideologia e a práxis das campanhas militares. O PCE declarava que sem consolidar a disciplina e a obediência não seria possível construir o Exército Popular. Uma das tarefas prementes consistia em contornar as diferenças políticas, uma vez que a vitória militar seria o único e principal objetivo²⁶⁰.

Após a decisão do governo republicano de incorporar recrutas espanhóis nas unidades, novas tarefas foram recomendadas aos voluntários internacionais: as de converterem-se em professores dos recém-chegados (havia que dotá-los de uma forte consciência revolucionária e de uma grande capacidade de combate); aprenderem urgentemente o espanhol (importante por razões militares como também em termos políticos, de modo que essa mudança implicava um contato mais próximo com os camaradas espanhóis); fazerem um esforço para entender os costumes, a história do país e de seus aspectos sociais, realizando um trabalho de instrução política, militar e cultural, para evitar que pudessem cair nas mãos de provocadores e derrotistas²⁶¹. Estava claro, inclusive para os próprios voluntários espanhóis, que um setor dos recrutas era formado por gente de duvidosa fiabilidade, sobre os quais havia a necessidade de se fazer um trabalho de cunho ideológico para incorporá-los à causa republicana.

O grande fator desestabilizador da disciplina era, sem dúvida, a demora e a escassez de licenças, ou seja, períodos de descanso de 24 a 48 horas para ir às cidades e aos centros urbanos. Na realidade as tropas encontravam-se extenuadas pelos combates duros e pela forte tensão habitual advinda dos meses seguidos no *front*. Essa situação provocou um descontentamento geral entre os brigadistas. Em todo o Exército Popular

²⁵⁹ TECGLE, José Ernesto. "Prostitución". In: *Orientación* (1937-1938). Revista político militar editada por el Comissariado de Guerra de la 12ª División. Año II, n.6, febrero de 1938.

²⁶⁰ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 134-136.

²⁶¹ *Ibid.*, p. 136-139.

havia falta de licenças e carência de substitutos. Outro aspecto da discórdia entre as autoridades militares espanholas e os voluntários eram as licenças para viajar ao exterior, pois nenhum combatente podia abandonar a Espanha sem a autorização prévia do governo. Não se permitia a viagem de volta àqueles que queriam ser repatriados por distintas razões, apesar das repetidas solicitações e protestos por parte dos oficiais brigadistas²⁶². Os motivos alegados poderiam ser suficientemente relevantes, desde graves problemas familiares ou o cumprimento obrigatório do serviço militar, entre outros. Depois de casos de protesto e surtos de indisciplina, a partir de abril de 1937 ocorreram autorizações para os combatentes abandonarem o país²⁶³. Os combates prolongados muito além do previsto e a intransigência das autoridades republicanas, que se negavam a conceder licenças (temporárias ou definitivas) de retorno aos países de origem, deram origem a casos de deserção²⁶⁴. O cansaço e a falta de perspectivas quanto ao fim próximo do conflito também contribuíram de maneira decisiva para agravar o quadro.

O desemprego e a pobreza em massa, em particular nas áreas urbanas, aceleraram a polarização política porque pareciam anunciar o colapso de uma economia capitalista defendida pelas forças de direita. A luta por uma forma de política mais igualitária deu corpo às bandeiras dos republicanos no conflito civil espanhol. Os brigadistas que foram a Espanha eram fundamentalmente voluntários e, como indicam seus antecedentes históricos e sociológicos, suas motivações eram complexas e arraigadas na experiência pessoal, a exemplo dos primeiros voluntários que acudiram a República. Portanto, seria um erro reduzir o complexo fenômeno histórico das Brigadas Internacionais ao esquema simplista de um exército da IC, cuja cultura política doutrinária inclinava-se para formas de organização excessivamente rígidas²⁶⁵.

²⁶² Id., p. 141-143.

²⁶³ Id., p. 143-144.

²⁶⁴ Reconhecendo a dificuldade em estabelecer uma cifra exata para os casos de deserção entre os voluntários estrangeiros da República, Pedro Corral estima que dos 35 mil brigadistas que lutaram na Espanha 5 mil combatentes desertaram, fato surpreendente devido ao caráter voluntário dessas unidades. Com efeito, as fugas das frentes de combate seguem representando um dos principais pontos de colisão entre o mito e a realidade envolvendo a participação das Brigadas Internacionais no drama espanhol. Para o comunista italiano Luigi Longo, os fatores que contribuíram de maneira significativa para a desmoralização dos voluntários foram: a incerteza sobre o pagamento de pensões para os familiares dos soldados mortos em combate e para aqueles considerados inválidos; o segundo se referia a proibição em conceder permissão para ir ao estrangeiro, uma forma de evitar que os brigadistas retornassem a seus países de origem. Havia medidas efetivas para evitar essas fugas, como a de ser considerado desertor a quem tentasse regressar, e para isso seus passaportes eram confiscados. CORRAL, Pedro. *Desertores: la guerra civil que nadie quiere contar*. Barcelona: Debate, 2006. p. 461.

²⁶⁵ GRAHAM, 2006, p. 70.

Mas será que os voluntários lutaram para defender a revolução, a democracia e/ou seus países? Eram revolucionários, antifascistas ou democratas? Como assinalou Rémi Skoutelsky, a problemática do alistamento é abordada com frequência em termos simplistas, na medida em que contrapõem categorias que não são necessariamente excludentes, pois um indivíduo não é feito de uma só “peça”, e o compromisso revolucionário não é sempre algo racional e claramente expresso. Por fim, não se pode reduzir um indivíduo a suas opiniões, fazendo uma abstração de sua situação social e colocando um véu sobre considerações de ordem muito mais íntima²⁶⁶.

Para os voluntários que partiram da França – a metade dos combatentes das Brigadas – o antifascismo tinha duas dimensões: uma externa (cronologicamente, a hostilidade contra Mussolini, Hitler, e logo Franco) e outra interna (a luta contra a extrema direita francesa). Na França da *Front Populaire* o fascismo se apresentava antes de tudo como um perigo externo. Dessa maneira, a convicção antifascista parecia indissociável da luta contra as tropas franquistas²⁶⁷.

A solidariedade de classe aparece também como um fator fundamental do alistamento entre os voluntários franceses, como Emmanuel Mignard, militante comunista que partiu para a Espanha no início de novembro de 1936. A cultura internacionalista era algo que não se aprendia nos livros, mas sim era construído sobre bases concretas²⁶⁸. Diversos brigadistas franceses já haviam tido contatos com a Espanha, de uma forma ou de outra, antes do início da guerra civil, gerando um sentimento de proximidade (física e/ou intelectual) com o país. O contrário também é verdadeiro: milhares de espanhóis haviam buscado refúgio na França durante o biênio negro depois da feroz repressão à comuna de Astúrias em 1934²⁶⁹; e foram os militantes comunistas de toda a França que se ocupavam deles²⁷⁰.

²⁶⁶ SKOUTELSKY, 2006a, p. 190.

²⁶⁷ Ibid., p. 194-195.

²⁶⁸ Id., p. 200-201.

²⁶⁹ A insurreição de outubro de 1934 foi uma revolta armada organizada por grupos de trabalhadores reunidos sob o nome de Alianza Obrera. A rebelião fracassou em quase toda a Espanha, com exceção da província do noroeste de Astúrias, uma região rica em mineração e siderurgia caracterizada por um elevado grau de organização dos trabalhadores. Os mineiros tomaram o poder em muitas cidades importantes, incluindo a capital da província Oviedo, dando início à reorganização da sociedade. A comuna de Astúrias, como passou a ser conhecida pelos revolucionários, durou quase duas semanas antes de o governo enviar o exército para sufocá-la. BUNK, Brian D. “Your comrades will not forget”: revolutionary memory and the breakdown of the Spanish Second Republic, 1934-1936. *History & Memory*, v. 14, n. 1-2, p. 66, Fall 2002.

²⁷⁰ SKOUTELSKY, op. cit., p. 202.

Outros casos como o do estadunidense James Lardner, filho do escritor Ring Lardner, que chegou a Espanha como correspondente do *New York Herald Tribune* e acabou se alistando nas Brigadas, demonstra como considerações de caráter político e aspirações pessoais podiam ser combinadas. Contudo, em muitos voluntários se observava um gosto inegável por aventura, paralelo ao anseio de emancipação familiar²⁷¹. Estes dois elementos podem ter desempenhado algum papel relevante para os que combatiam na Espanha, ainda que devêssemos relativizar o segundo elemento, já que não estamos falando de uma população particularmente jovem.

Marcel Loeuillet, ex-militante trotskista, admitiu que, embora ele tenha se alistado na Espanha “porque por fim se fazia real a revolução”, “a carreira militar e a vida ao ar livre” o atraíam²⁷². Muitos voluntários não admitiam que os companheiros arriscassem suas vidas enquanto eles permaneciam em suas casas. Por outro lado, entre os filhos de militantes se dava uma forma particular de cumplicidade familiar²⁷³. Em outros casos o voluntário simplesmente sentia a necessidade de ir à Espanha para dar um sentido à vida, isto é, recuperar sua dignidade ou obter certa inserção social. Entre os brigadistas politizados, numa situação de fracasso social ou pessoal, as Brigadas podiam aparecer como uma “tábua de salvação”²⁷⁴.

2.3. O fim da República e a despedida dos brigadistas

O desmoronamento político da República proporcionou às forças de Franco a vitória na guerra, inaugurando uma ditadura que durante mais de três décadas violou sistematicamente os direitos humanos dos cidadãos espanhóis. Mais de 400 mil republicanos buscaram refúgio no exílio. Na Rússia havia 3 mil crianças refugiadas procedentes da Espanha republicana. Por outro lado, calcula-se que nos campos nazistas morreram cerca de 10 mil republicanos espanhóis. Através de diversos canais (como trabalho/emprego e educação; organização da vida cotidiana e espaço público), o regime

²⁷¹ A meu ver, esse gosto pela aventura também é perceptível através do personagem Vasco Bruno do romance *Saga*, aspecto sobre o qual iremos nos debruçar no quarto capítulo.

²⁷² SKOUTELSKY, 2006a, p. 208.

²⁷³ *Ibid.*, p. 208-209.

²⁷⁴ Roger Codou escreveu em sua autobiografia as razões profundas de sua viagem a Espanha: “[...] Esta idea me obsesionó. Yo era un tipo arruinado, condenado a una existencia miserable, que arrastraba a mi compañera en mi decadência, y era mejor que terminara de un modo triunfal, al servicio de mi partido, en un último combate por la libertad junto a los republicanos españoles”. *Id.*, p. 211-213.

franquista (respaldado pela aliança entre Igreja/Estado) se dedicou a dividir os espanhóis por meio de um esquema maniqueísta de “vencedores” e “vencidos”²⁷⁵.

Mas afinal, o que deu errado na Espanha em 1936? Segundo o historiador Josep Buades, essa foi a grande questão que mobilizou muitos protagonistas da guerra civil e que propiciou nos anos posteriores ao conflito a publicação de diversos ensaios e livros de memórias de republicanos como Manuel Azaña, conservadores como Gil Robles, anarquistas como Abad de Santillán ou liberais como Salvador de Madariaga²⁷⁶. Embora existam razões estruturais e conjunturais que possam explicar o desfecho do conflito civil espanhol, Josep Buades destaca sobretudo seus aspectos internos:

[...] a guerra civil foi sobretudo um fracasso coletivo da sociedade espanhola e especialmente de sua classe dirigente. Nem os políticos, nem os empresários, nem os sindicalistas, nem os intelectuais estiveram dispostos a transigir nem a chegar a soluções de compromisso. Pelo contrário, o que primou foi a aposta pelo tudo ou nada, a imposição de princípios irrenunciáveis e a crença de que era melhor a eliminação física do adversário que a claudicação ideológica²⁷⁷.

Concomitante a essa aposta pelo tudo ou nada, a longa duração da intolerância na história da Espanha também explicaria os três anos de guerra, os mais de 200 mil mortos, um longo pós-guerra de fome, doenças, perseguições políticas e todo tipo de privações, bem como “[...] a consolidação de uma ditadura nacional-católica que manteve o país no isolamento internacional por quase duas décadas e que o submeteu ao autoritarismo até bem entrada a década de 1970”²⁷⁸. Em que pese seus erros e deficiências, a Segunda República – considerada pelo historiador Josep Buades como a primeira experiência verdadeiramente democrática de toda a história política espanhola – não entrou em colapso por causas naturais. Figuras como os generais Franco, Sanjurjo, Mola, Queipo de Llano, Goded, entre outros, conspiraram contra um governo que possuía a legitimidade conferida pelas urnas²⁷⁹. Para Josep Buades, o pretexto-chave utilizado para justificar o golpe de Estado preventivo frente a uma iminente

²⁷⁵ Segundo a historiadora britânica Helen Graham, Franco proibiu durante algum tempo o uso das línguas basca e catalã. Ademais, 1/4 dos professores e mestres perderam o direito de exercer sua profissão.

²⁷⁶ BUADES, Josep Maria. Raíces españolas da guerra civil. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra civil espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 83-94.

²⁷⁷ *Ibid.*, p. 93.

²⁷⁸ *Ibidem*.

²⁷⁹ *Id.*, p. 93-94.

revolução proletária carece de qualquer base histórica, servindo mais como bode expiatório de um retrocesso político do que a uma justificativa plausível para o pronunciamento militar²⁸⁰.

Josep Buades refuta a tese de que as estruturas econômicas e as conjunturas internacionais deram origem à execução de crimes hediondos durante a guerra civil. Para o autor, tais práticas foram realizadas por pessoas de “carne e osso”. Para além das análises socioeconômicas, é importante não se esquecer das biografias de atores cujas responsabilidades foram bem definidas: “os políticos republicanos que entregaram armas a sindicatos e partidos de esquerda, facilitando assim a formação de milícias irregulares que praticaram todo tipo de desmandos contra direitistas, incluindo o assassinato de empresários, profissionais liberais e religiosos”; as checas comunistas²⁸¹; presos fuzilados sem julgamento prévio; assassinato de poetas; o expurgo e aniquilação de educadores pelas suas ideias²⁸².

Com base nos desdobramentos da “crise de maio de 1937”, que dividiu os grupos políticos e sindicais de esquerda, Claudín advoga que a política geral do governo republicano evoluiu em direção a uma solução negociada para a guerra. De acordo com o ex-dirigente do PCE, a política capitulacionista de Azaña e Prieto adquiriu uma base social cada vez mais ampla, ao passo que a resistência a qualquer preço – preconizada pelos comunistas – colidia com um crescente ceticismo. De fato, abriu-se um abismo entre o PCE e as demais frações do proletariado revolucionário²⁸³. Daí o desânimo e o derrotismo propagados entre as camadas pequeno-burguesas da cidade e do campo, contagiando também alguns grupos de trabalhadores²⁸⁴.

²⁸⁰ Id., p. 94.

²⁸¹ “[...] todos os grupos da Frente Popular tinham muitos *exaltés* convencidos de que a liquidação física dos inimigos de classe e parasitas burgueses era inerente ao sucesso da revolução. Era necessário para a ‘saúde pública’ limpar todos aqueles vistos como exploradores. Como consequência, por toda a Espanha republicana, milhões de cidadãos ligados a partidos de direita ou à exploração social foram presos e levados para prisões improvisadas (checas), onde eram julgados sumariamente, soltos de imediato ou davam seu *paseo* final”. ROMERO SALVADÓ, Francisco José. *A guerra civil espanhola*, Trad. Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 151.

²⁸² BUADES, op. cit., p. 94. O historiador Francisco Salvadó chama atenção para necessidade de distinguirmos o terror comunista do terror praticado pelos insurgentes. O primeiro foi fundamentalmente produto da paixão, da vingança e do profundo desejo de desfazer erros históricos. O segundo foi movido pelo cálculo e pela frieza, cujo propósito central era liquidar o ciclo de reformas iniciado em 1931, valendo-se da violência para restabelecer a ordem social tradicional, expurgada dos elementos discordantes. ROMERO SALVADÓ, op. cit., p. 151-153.

²⁸³ CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista*, Trad. José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 268-269.

²⁸⁴ Ibid., p. 270.

Claudín acusou o PCE e Negrín de realizarem uma série de concessões políticas e ideológicas nos últimos meses da guerra com a finalidade de facilitar a “união nacional dos espanhóis patriotas dos dois lados”. Visto como o “partido da capitulação”, o PCE – que acabou se tornando o mais influente da zona republicana – foi diretamente responsável pela derrota final. Mesmo buscando outros caminhos, ao deixar momentaneamente de lado seu compromisso com os aliados burgueses e reformistas, o partido havia jogado por terra todo o sacrifício e o heroísmo de três anos, ignorando os “[...] imperativos essenciais da realidade revolucionária da Espanha para se ajustar aos imperativos da estratégia internacional de Stalin”²⁸⁵. Na visão de Claudín, a sujeição do PCE a essa estratégia se transformou num grave obstáculo para a revolução social e, sobretudo, para a instauração do poder proletário.

Das principais críticas direcionadas ao Estado republicano “democrático-burguês”, Claudín enfatizou a falta de organização, em larga escala, da guerrilha revolucionária na zona ocupada pelos militares sublevados. Se o PCE abandonasse qualquer “esquema dogmático”, se posicionando a favor da revolução, a agremiação poderia ter contribuído para a construção de um Estado proletário e, ao mesmo tempo, para a unificação de comunistas, socialistas do PSOE, militantes do POUM e os anarcossindicalistas. Apesar disso, a República espanhola socialista imaginada por Claudín, independente da IC e de Stalin, esbarraria na arma que os comunistas ortodoxos mais temiam: “[...] a arma da crítica aberta, a possibilidade de denunciar claramente ao proletariado mundial a conduta de Moscou no caso de sua negativa em ajudar a revolução espanhola”²⁸⁶. Claudín referendou a tese levantada pelo historiador soviético Alexandre Nekritch de que a ajuda militar de Stalin representou uma “traição” à República espanhola, frustrando qualquer tentativa de criar um poder revolucionário na zona republicana, poder este que teria acrescido consideravelmente a capacidade de combate do povo espanhol. Outro elemento que fundamentaria a tese da “traição” refere-se à maneira como os serviços secretos de Stalin operavam dentro da República, sobretudo no caso mais escandaloso – mas não o único – como foi o assassinato de Nin,

²⁸⁵ Id., p. 273-274. Entretanto, Fernando Claudín faz uma ressalva importante ao dizer que o PCE foi exemplar na organização do exército, no estímulo ao espírito de combate, na exaltação dos aspectos antifascistas e nacional-libertadores da luta.

²⁸⁶ Id., p. 277.

depois do fracasso da tentativa de utilizar o líder do POUM para montar uma edição espanhola dos “processos de Moscou”²⁸⁷.

Claudín tinha a clara noção de que apenas com a abertura dos arquivos soviéticos os pesquisadores poderiam começar a examinar até que ponto a insuficiência do apoio de Stalin a República espanhola foi resultado das dificuldades técnicas (como distância, bloqueio de armas, etc) e/ou em que medida ela foi “planificada”, obedecendo a conveniências de sua política externa. De uma coisa Claudín não tinha a menor dúvida, a saber, o impacto provocado pela política de “asfixia” do ditador soviético: “[...] Stalin ajudou a República espanhola para poder prolongar a sua resistência e chegar a uma solução de compromisso, aceitável para as ‘democracias ocidentais’ no marco do sistema de alianças anti-hitlerianas – e não para que ela pudesse vencer”²⁸⁸. À época, militantes comunistas e diversos antifascistas espanhóis consideravam a estratégia de Stalin como “a mais monstruosa calúnia de todos os tempos”, pois no período entreguerras sua política, aplicada pela IC e pelo PCE, simbolizava a subordinação de uma revolução à razão de Estado da potência soviética²⁸⁹.

Ao interpretar a estratégia internacional de Stalin como determinante para o desfecho do conflito, Fernando Claudín sugere que a retirada das Brigadas foi uma decisão orquestrada com os soviéticos, quando não promovida por eles, com o propósito de torná-la compatível com sua política de alianças com as democracias ocidentais²⁹⁰. Na verdade, àquela altura, não restavam entre os brigadistas mais que unidades espanholas com quadros de direção estrangeiros que vinham agonizando desde o fracasso da ofensiva do Ebro: tratava-se naquele momento de salvar os últimos quadros para novos combates²⁹¹. Em resumo, dois elementos influíram na decisão tomada pelo chefe de governo Juan Negrín no dia 21 de setembro de 1938: o primeiro foi o resultado

²⁸⁷ Id., p. 277-278. “[...] O antigo papel de Andreu Nin como secretário particular de Trotski nos anos 1920, seus ataques contra a Frente Popular, que seria um instrumento de dominação burguesa, e sua crítica à União Soviética facilitaram as acusações de comunistas de que o POUM era um partido trotskista. Na verdade, Nin rompera com os revolucionários russos, que muitas vezes, reprovavam o POUM em seus textos”. ROMERO SALVADÓ, 2008, p. 183-184.

²⁸⁸ CLAUDÍN, 2013, p. 278-279.

²⁸⁹ Ibid., p. 279-280. “[...] Para anarquistas, trotskistas y poumistas, Stalin deseaba ahogar en sangre las posibilidades de emancipación auténtica del proletariado español, anulando la embriagante revolución que, impetuosa, se abría camino”. VIÑAS, Ángel. La decisión de Stalin de ayudar a la República: un aspecto controvertido en la historiografía de la guerra civil. *Historia y Política*, n. 16, p. 90, 2006.

²⁹⁰ Sob a ótica de alguns voluntários brasileiros (Apolônio de Carvalho, Dinarco Reis, Delcy Silveira e Nelson de Souza Alves), a decisão de retirar os combatentes não espanhóis que lutavam nas fileiras governamentais pode ser vista como um dos aspectos mais controversos e “quixotescos” da guerra civil.

²⁹¹ SKOUTELSKY, 2006a, p. 390.

desfavorável na batalha do Ebro, que levou o Exército Republicano a perdas significativas em termos de soldados e armamentos; o segundo diz respeito à tentativa frustrada de conquistar a simpatia da França e da Grã-Bretanha²⁹². André Marty se encarregou de difundir a decisão de Negrín, oferecendo todo o apoio a essa medida. Imediatamente, o Comitê Nacional da Frente Popular enviou aos comitês provinciais uma nota datada em 23 de outubro de 1938 solicitando que fossem organizados atos de homenagem aos brigadistas em cada província. O propósito era exaltar o valor e o significado da colaboração prestada pelos combatentes estrangeiros. Durante todo o mês de outubro foram publicadas páginas e páginas dedicadas à despedida dos voluntários estrangeiros²⁹³.

Os voluntários estrangeiros já haviam pisado nos principais cenários da guerra. Aproximadamente 10 mil voluntários estrangeiros perderam a vida durante o conflito e mais de 50% de seus efetivos sofreu feridas de combate gravíssimas. Sua atuação como unidades de choque já havia sido assumida pelo Exército Popular e seus integrantes eram numericamente escassos pelas baixas sofridas. O bloqueio da política de não intervenção havia impedido substituí-los por novos contingentes. Os voluntários encontravam-se esgotados pela luta travada durante dois anos na primeira linha de frente. Os insurretos tinham grande parte do território em seu domínio. Seus aliados alemães já haviam provado suas armas e estratégias em Guernica e Almería²⁹⁴.

Os partidos políticos, sindicatos e organizações humanitárias prepararam uma série de atos como desfiles, banquetes, peças de teatro, etc. Planejava-se reforçar o espírito de resistência entre a população e, simultaneamente, promover um impacto internacional com todas essas celebrações, realizadas em sua maioria na Catalunha e o restante em Levante, Madrid e Albacete²⁹⁵. No início de outubro foi realizado em Barcelona o primeiro ato de caráter simbólico, a saber, o enterro do último brigadista morto em virtude de ferimentos de guerra no Ebro. O cortejo fúnebre atravessou Barcelona, acompanhado por aviões de caça. Em 28 de outubro se celebrou em Barcelona, contando com amplo apoio popular, um desfile militar em homenagem às

²⁹² REQUENA GALLEGO, Manuel. La retirada de las Brigadas Internacionales de la guerra civil española. In: SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep; AGUDO BLANCO, Sebastián J (Coords.). *La Batalla del Ebro, perspectivas y balance*. Ponencias: Actas del Congreso Internacional de Historia “La Batalla del Ebro, 70 años después”. Móra d’Ebre 24-27 de julio 2008. p. 267-268.

²⁹³ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 117.

²⁹⁴ Ibid., p. 114.

²⁹⁵ REQUENA GALLEGO, 2008, p. 269-270.

Brigadas na avenida 14 de abril (Diagonal). A parada militar contou com a presença das mais altas autoridades políticas e militares: o presidente da República, Manuel Azaña e o presidente do governo Juan Negrín; o presidente das Cortes Diego Martínez Barrios e o presidente da Generalitat, Lluís Companys; os generais Rojo e Riquelme e, por fim, André Marty, representante máximo dos brigadistas²⁹⁶. Uma das mensagens mais reproduzidas pela imprensa e difundidas pelo rádio foi um longo discurso de Negrín, que denunciava a traição do Comitê de Não-Intervenção, na medida em que dificultou a chegada de armas, sendo permissivo com os rebeldes, em contraposição ao “grande sacrifício e contribuição militar dos brigadistas” a favor da democracia: “Amigos de Espanha que desde cinquenta y tres naciones habéis venido a combatir la invasión agresora de los países antidemocráticos y a defender los principios de libertad y convivencia internacional”.

A partir da última semana de setembro teve início a retirada dos brigadistas das frentes de combate. No dia 1 de outubro a Sociedade das Nações supervisionou a retirada e para isso nomeou uma Comissão Internacional para a Retirada de Voluntários (CIRV), presidida pelo general finlandês Jalander, o voluntário inglês Molesworth e o coronel francês Homo. Os trabalhos começaram no dia 14 de outubro de 1938, visitando alojamentos e hospitais para reunir informações dos combatentes que deveriam sair do território espanhol²⁹⁷. Seguindo um informe elaborado pela Comissão Internacional, aprovado pelo Conselho da Sociedade das Nações, havia àquela altura 7.102 membros das Brigadas Internacionais; somados aos portugueses e sul-americanos dispersos no Exército da República, 1.946; mais 3.160 hospitalizados de ambas as categorias, com um resultado total de 12.208. A CIRV afirmou que nunca houve mais de 25.000 combatentes estrangeiros lutando no Exército republicano. Retoques finais nos números, somados aos voluntários presentes na Catalunha e Levante, compuseram a cifra final de 12.673²⁹⁸.

Durante o mês de outubro de 1938 foram designados centros de desmobilização onde eram reunidas as Brigadas que esperavam sua saída da Espanha. Foram solicitadas junto às autoridades locais mantas, colchões, utensílios de cozinha e alojamentos, muitas vezes insuficientes frente à situação de pobreza da população. Através de notas publicadas na imprensa entre os meses de outubro e novembro, os voluntários

²⁹⁶ Ibid., p. 272.

²⁹⁷ Id., p. 280.

²⁹⁸ NÚÑEZ DÍAZ-BALART, 2006, p. 116.

estrangeiros foram orientados a se integrar às unidades correspondentes visando sua posterior evacuação. O Comitê encarregado de controlar a retirada dos brigadistas não era de inteira confiança do governo republicano, como demonstrou um informe do Estado Maior Central²⁹⁹.

A saída do território espanhol via França foi complicada e dramática em virtude da carência de recursos e alimentos, representando um sério incômodo para o governo francês de Daladier. Tanto é que no dia 25 de outubro um comboio formado por feridos e sobreviventes foi detido em Port Bou e, após uma longa negociação, foram autorizados a cruzar a fronteira. No dia 11 de novembro outro contingente de brigadistas – formado por 1.737 voluntários, 1.505 dos quais eram franceses, 224 belgas e 8 luxemburgueses – partiu em direção à França, onde os mais numerosos (cerca de 700) pertenciam à região de Paris³⁰⁰. Posteriormente outros grupos foram chegando, como franceses, dinamarqueses, noruegueses e holandeses. Em Londres, 305 voluntários foram recebidos com grande entusiasmo no início de dezembro. Algo semelhante ocorreu com os brigadistas do batalhão *Abraham Lincoln* no momento de sua chegada a Nova York³⁰¹.

Os voluntários que ainda permaneciam na região fronteiriça com a França pegaram em armas, pela última vez, em fevereiro de 1939 para defender a República frente ao avanço dos rebeldes³⁰². Os soldados e civis republicanos que cruzaram a fronteira da Catalunha com a França nesse período foram detidos de imediato pelas autoridades hostis nos campos de internamento, onde a falta de atendimento médico e abrigo geraram enormes estragos entre os internos, já debilitados pelas privações trazidas pelo conflito. Junto com os republicanos espanhóis ficaram internados os brigadistas que não podiam regressar aos seus países. Milhares de republicanos permaneceram no porto de Alicante à espera de um navio que nunca chegaria. Muitos deles foram fuzilados no decorrer dos dias³⁰³. Alguns conseguiram escapar, encontrando segurança relativa no México e nas Américas, embora outros tenham sido absorvidos pelo turbilhão europeu de guerra e aniquilação. Como refugiados políticos, as opções de

²⁹⁹ REQUENA GALLEGU, 2008, p. 280-281.

³⁰⁰ De acordo com Skoutelsky, muitos veteranos franceses foram marginalizados e expulsos do partido comunista. Entre os anos 1937-39 os brigadistas eram vistos como heróis, embora ofuscados pelo brilho dos verdadeiros heróis, obviamente, os da Resistência.

³⁰¹ REQUENA GALLEGU, op. cit., p. 282.

³⁰² NÚÑEZ DÍAZ-BALART, op. cit., p. 118.

³⁰³ SKOUTELSKY, 2006a, p. 393.

republicanos e brigadistas eram escassas e brutais, sobretudo porque a Frente Popular na França e na Espanha havia chegado ao fim³⁰⁴. Em 28 de março, os exércitos de Franco entraram na capital. No dia 1º de abril de 1939 se proclamou oficialmente o fim da guerra.

Mas como explicar a vitória absoluta das tropas franquistas e a concomitante derrota dos republicanos? Pautando seus argumentos no livro de memórias de Manuel Azaña escrito durante o exílio na França, em fevereiro de 1939, Enrique Moradiellos defende a tese de que o contexto internacional impôs condições favoráveis e obstáculos insuperáveis a cada um dos lados do conflito. Porém, é inegável que sem a constante e sistemática ajuda militar, diplomática e financeira prestada pela Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini, é muito difícil acreditar que os franquistas tivessem obtido uma vitória tão contundente. Na mesma linha, sem o asfixiante embargo de armas (e não a asfixia de um processo revolucionário por parte do trinômio PCE/IC/URSS, como quer Fernando Claudín) imposto pela política europeia de não intervenção e a consequente inibição das grandes potências democráticas ocidentais, é bem improvável que a República tivesse sofrido um colapso interno e uma derrota militar tão acachapante. No final dos anos 1970, os historiadores Raymond Carr e Juan Pablo Fusi assinalaram que a disciplina dos sublevados era um reflexo de sua unidade política. Já a debilidade militar da Frente Popular pode ser apontada como uma consequência direta de suas lutas políticas internas. Outro fator que pesou consideravelmente a favor do lado franquista na guerra civil está relacionado com o seu êxito na tarefa de formar um exército combatente e bem abastecido; construir um Estado eficaz para reagir à economia de guerra; e, por último, suprir uma retaguarda civil unificada e comprometida com a causa bélica³⁰⁵.

³⁰⁴ GRAHAM, 2006, p. 156-157.

³⁰⁵ MORADIELLOS, Enrique. Ni gesta heroica ni locura trágica: nuevas perspectivas históricas sobre la guerra civil. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 50, p. 35-36, 2003.

CAPÍTULO III

OS VOLUNTÁRIOS BRASILEIROS NA GUERRA CIVIL

3.1. A atitude do Brasil ante o conflito civil espanhol

As relações diplomáticas do Brasil com o governo espanhol foram a princípio bastante amistosas. O governo provisório de Vargas reconheceu imediatamente a República espanhola, dando-lhe boas vindas à família dos regimes democráticos. Em dezembro de 1933, a representação oficial espanhola no Rio de Janeiro foi elevada, mediante um decreto, à categoria de Embaixada. No entanto, as primeiras suspeitas e desconfianças surgiram após o fracasso do movimento revolucionário orquestrado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) em novembro de 1935 e a posterior campanha anticomunista desencadeada por Vargas. Esse ambiente de radicalização ideológica progressiva em âmbito interno coincidiu com o auge dos fascismos na Europa.

A delegação brasileira em Madrid seguia de perto as medidas do governo republicano, algumas das quais (como a reforma agrária) apresentavam um inquietante viés comunista. Diversos desencontros diplomáticos, tais como o apoio espanhol a Luís Carlos Prestes, à frente da ANL, ou o telegrama enviado por Largo Caballero e outros sessenta deputados de esquerda exigindo a liberação dos presos políticos envolvidos na “Intentona” (como passou a ser conhecida a insurreição de 1935) complicaram ainda mais as relações hispano-brasileiras³⁰⁶.

A imprensa brasileira deu ampla cobertura ao telegrama enviado pelos deputados espanhóis da Frente Popular ao presidente Vargas, “exigindo com grande energia” a libertação de Prestes e dos demais presos políticos. Sem dúvida, a maior suspeita que recaía sobre o regime espanhol era se este poderia vir a se tornar um foco de irradiação de “ideologias subversivas”. Na edição de 26 de maio de 1936, o jornal carioca *O Globo* noticiou o seguinte:

[...] O exemplo que nos vem da Espanha como que se impõem à meditação dos brasileiros, mostrando-lhes, nessa vitória da Frente Popular, a que seríamos nós arrastados um dia se fosse lícito conceber-se para o Brasil, e por um só instante, o triunfo sangrento

³⁰⁶ GAMBI JIMÉNEZ, Esther; REY GARCÍA, Pablo. El poder de la información: la guerra civil española y la prensa en Brasil. *Comunicación y Pluralismo*, Universidad Pontificia de Salamanca, n. 3, p. 142, 2007.

daqueles que, na madrugada de 27 de novembro, mataram a ferro e a fogo os seus oficiais adormecidos.

Na mesma data, outro periódico carioca chamado *A Nota* sustentava que uma nova “Intentona Comunista” estaria sendo articulada no estrangeiro:

Sessenta e quatro vagabundos de Madrid passaram um telegrama humorístico ao Presidente Getúlio Vargas, intimando-o, com energia hilariante, a pôr em liberdade Luiz Carlos Prestes e os demais comunistas presos. [...] O telegrama dos extremistas da Espanha demonstra a articulação universal do movimento bolchevista. A situação do grande país ibérico deve merecer nossas atenções, para que nos conservemos vigilantes, afim de que não aconteça, aqui, o que está acontecendo por lá.

O então Encarregado de Negócios da Espanha no Rio de Janeiro José de Carcer encaminhou ao diplomata e ministro das Relações Exteriores Mario de Pimentel Brandão uma carta em 27 de maio de 1936 comentando a postura dos deputados espanhóis:

[...] Se os deputados queriam de alguma forma ser úteis a Prestes e a sua causa, erraram por completo em seu propósito. E mais, o efeito foi completamente contraproducente e diametralmente oposto. Deram uma arma poderosa ao Presidente da República em sua implacável campanha contra os extremistas, servindo-se habilmente dela explorando o sentimento nacionalista brasileiro (e seu fundo de xenofobia) e excitando o ódio popular contra os comunistas. Informam-me confidencialmente que o senhor Getúlio Vargas manifestou por isso mesmo satisfação pela ocasião que lhe dava esse telegrama para prosseguir com os fins a que se propõe [...] ³⁰⁷.

Na noite anterior a sede da Embaixada espanhola no Rio teria sido alvo de ataques de “[...] vários afiliados a partidos extremistas de direita que quiseram realizar uma demonstração anticomunista e protestar de forma violenta diante dos termos do telegrama citado, que consideram ofensivos para o Brasil”. José de Carcer ainda salientou que apesar da presença numerosa de jornalistas e fotógrafos após o incidente, não houve por parte da imprensa uma preocupação em expor o episódio publicamente, fato que segundo ele estaria vinculado às ordens advindas da censura e do então Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

³⁰⁷ Expediente informativo sobre el encarcelamiento de Luís Carlos Prestes, comunista encarcelado en Brasil/AGA, 51, 16142/1936.

Com o advento da guerra civil espanhola (1936-1939), a desconfiança tornou-se a tônica nas relações estabelecidas entre ambos os países. Nem o presidente Vargas nem mesmo boa parte de seus ministros ocultavam simpatias pelos nacionalistas espanhóis, com os quais possuíam afinidades ideológicas evidentes. A mais emblemática era, sem dúvida, a luta contra o comunismo. As elites políticas temiam uma possível subversão social que poderia trazer consigo a anarquia, ou seja, a perda dos valores tradicionais e a sujeição do país à suposta conspiração internacional marxista. Em resumo, os eventos que ocorriam na Espanha se converteram num exemplo do que poderia ocorrer no Brasil caso não fossem tomadas medidas adequadas e enérgicas para evitar que o país caísse no “domínio comunista”.

A inclinação pelos “rebeldes”, como foi o caso da lei que estabelecia a censura prévia da imprensa escrita³⁰⁸ – proibindo a publicação de notícias que elogiavam o regime soviético ou que difundiam as vitórias obtidas por tropas que “defendem regimes bolchevistas, como o governo de Valência na Espanha” – provocou a indignação de alguns representantes oficiais do governo espanhol. O Encarregado de Negócios protestava ante o ministro das Relações Exteriores pela inadequada definição do governo espanhol como “bolchevique”, considerando inexplicável a proibição acerca da divulgação das vitórias militares obtidas por um “governo amigo”³⁰⁹.

O início do conflito ocorreu paralelamente à tentativa empreendida pelo governo Vargas (1930-1945) de colocar “ordem na casa”, perseguindo de maneira sistemática grupos de esquerda e minorias étnicas, considerados difusores de “ideologias exóticas”. O Brasil vivenciou um clima de tensão política desde os levantes de novembro de 1935, principalmente em virtude da repressão aos comunistas que, liderados por Prestes, haviam participado da chamada “Intentona”. A promulgação da Lei de Segurança Nacional, em 4 de abril de 1935, que definia crimes contra a ordem política e social, “[...] seguida de grande número de prisões e deportações de estrangeiros do território brasileiro alimentou, durante anos, a ideia de que a segurança do Brasil corria sérios perigos. Perigos tão sérios que – segundo a versão oficial – se não eliminados, poderiam levar o país à beira de uma guerra civil”³¹⁰.

³⁰⁸ “[...] En aquel tiempo existían métodos de presión, como las subvenciones directas del gobierno, o las restricciones al papel, cuando no con la misma censura, para lograr que la prensa ajustara su discurso al patrón deseado”. GAMBÍ JIMÉNEZ; REY GARCÍA, 2007, p. 149.

³⁰⁹ Ibid., p. 143-144.

³¹⁰ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. A guerra civil espanhola sob o olhar do Deops/SP. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra civil espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 159.

A grande imprensa e a propaganda do Estado autoritário de Vargas lançaram mão de fragmentos da guerra para compor uma visão de “desastre social” cujas responsabilidades eram atribuídas aos anarquistas e aos comunistas. Nesse sentido, a guerra civil espanhola e os militantes de esquerda serviriam de contraponto ao projeto político encabeçado pelo governo varguista segundo os ideais de ordem, segurança e bem-estar social. Se, por um lado, os homens do exército republicano eram comparados na imprensa a um bando de mercenários desorganizados e violentos, de outro, os soldados do exército nacionalista eram apresentados como salvadores aclamados pelo povo. Da mesma maneira a figura de Franco emergia nos jornais brasileiros como o modelo de homem ideal e sobre o qual recaíam as esperanças dos espanhóis. O fotojornalismo reafirmava a imagem de uma Europa marcada pelo desespero, enquanto traçava o perfil idealizado do general Franco como o grande libertador, assim como Getúlio Vargas³¹¹.

Um estudo realizado pelo historiador João Henrique Botteri Negrão aponta um total de 1.915 notícias publicadas pelo jornal *O Estado de São Paulo* durante o conflito. Com grandes manchetes impressas em letras enormes e subtítulos em negrito, diversos adjetivos foram utilizados para designar as forças políticas e militares em luta. Por exemplo, os franquistas eram definidos como “rebeldes”, “insurrectos”, “revolucionários” e “nacionalistas”, enquanto os republicanos, representando o poder legalmente constituído, apareciam de maneira pejorativa como “vermelhos”, “anarquistas”, “marxistas” e “desordeiros”. Ou seja, ao longo de toda a guerra as categorias de ordem/desordem foram trabalhadas de modo a construir o estereótipo dos “vândalos” atribuídos aos militantes de esquerda como uma verdade inquestionável³¹².

No caso brasileiro, é importante ressaltar que a conjuntura política interna facilitou a divulgação de imagens e relatos favoráveis aos nacionalistas, embora não faltassem opiniões discordantes que conseguiram se esquivar da censura (sobretudo desde a fundação do Departamento de Imprensa e Propaganda em 1939), apresentando sua versão particular dos acontecimentos. Os periódicos de tiragem nacional eram em sua maioria de tendência conservadora. Os republicanos contavam com o respaldo de diários de certa importância como *A Tarde* do Rio ou *A Última Hora* de São Paulo, que

³¹¹ Ibid., p. 160.

³¹² NEGRÃO, João Henrique Botteri. Guerra civil espanhola no jornal *O Estado de São Paulo*. *Revista Histórica*, n. 4, São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, p. 40-44, 2001.

apresentavam a República como “valente” e “heroica” frente aos responsáveis pela “carnificina ingloriosa”³¹³.

Sob a ótica do discurso oficial, a Espanha representava desde os primeiros anos da década de 1930 até o momento da chegada de Franco ao poder em 1939 um modelo a ser evitado, na medida em que o conflito era explicado como “consequência da atuação dos comunistas apontados como comparsas na execução de um plano secreto internacional”, criando assim o mito da conspiração judaico-comunista mundial. A persistência de tais mitos alimentava no imaginário político a ideia de que forças secretas rondavam a sociedade brasileira, trazendo à tona sensações de mal-estar, medo e insegurança que em diferentes momentos de nossa história serviram para colocar em prática aparatos repressivos de inspiração totalitária³¹⁴.

Outro aspecto que merece ser destacado diz respeito ao fato de que os espanhóis radicados no Brasil eram considerados perigosos à ordem pública e social, notadamente por defenderem projetos políticos que caminhavam na contramão do governo Vargas, marcado por sua postura autoritária, nacionalista e xenófoba. Muitos espanhóis foram fichados como “subversivos” pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo (Deops/SP), destacando-se como agitadores políticos, panfletários, editores e distribuidores de jornais que circulavam na clandestinidade³¹⁵. O imigrante espanhol se tornava uma ameaça a partir do momento que defendia propostas políticas expressivas do pensamento da esquerda. Entre o total de estrangeiros expulsos do país de novembro de 1935 a outubro de 1937, os espanhóis representavam 45,78%, o que denota que o universo repressivo dos anos 1930 tentou de diversas maneiras anular a inserção dos cidadãos no espaço público e excluí-los das decisões políticas³¹⁶.

Com o propósito de justificar a repressão aos comunistas que tentaram “fazer a revolução” em 1935, Vargas defendia a necessidade de um regime forte como garantia do equilíbrio e da paz social. Com efeito, a resistência comunista às práticas nazifascistas foi vista como uma forma de oposição ao governo varguista, que não ocultava suas simpatias pelos regimes de Hitler e Mussolini. Os brasileiros que se alistaram para servir nas Brigadas Internacionais tiveram seus nomes fichados pela

³¹³ GAMBI JIMÉNEZ; REY GARCÍA, 2007, p. 148.

³¹⁴ CARNEIRO, 2011, p. 162-163.

³¹⁵ Ibid., p. 168-169.

³¹⁶ SOUZA, Ismara Izepe de. “Adiós compañeros”: os espanhóis expulsos durante a Era Vargas. *Revista Histórica*, n. 4, São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, p. 39, 2001. Em números absolutos, essa porcentagem representa 37 homens e uma mulher.

polícia política que aguardava o regresso dos voluntários dedicados à luta contra o fascismo. O Itamaraty preocupou-se com o processo de repatriação dos combatentes que lutaram a favor dos republicanos. A maioria tinha sido condenada por atividades comunistas e, portanto, estava impossibilitada de retornar ao Brasil. A polícia política brasileira não mediu esforços para estar sempre informada a respeito do paradeiro dos ex-combatentes redobrando a vigilância nos portos com a finalidade de identificar os brasileiros que haviam lutado na Espanha³¹⁷. No dia 17 de março de 1939, o capitão Batista Teixeira, então delegado especial de segurança política e social do Rio de Janeiro, enviou ao delegado de segurança pública de São Paulo Carneiro da Ponte um ofício com a “relação de nomes brasileiros que fizeram parte das Brigadas Internacionais a serviço da Espanha republicana”. No documento citado, o capitão Teixeira solicitava a Carneiro da Ponte vigilância nos portos e demais pontos de desembarque, visto que “devido ao fracasso previsível dos republicanos na luta da Espanha, é natural que estes elementos procurem retornar aos pontos de origem”³¹⁸.

O setor consular do Itamaraty observou que a repatriação era improcedente, levando em conta que estes indivíduos haviam perdido a nacionalidade brasileira devido ao artigo 2 do decreto-lei de n. 389 de abril de 1938. Tal artigo previa que os brasileiros que realizassem a prestação voluntária do serviço militar em outro país perderiam a nacionalidade³¹⁹.

A postura brasileira pode ser considerada dúbia, pois se oficialmente as relações diplomáticas com o governo republicano foram mantidas, o Estado Novo enviou em sigilo sacas de café às tropas franquistas, doação que atendia à preferência das elites políticas brasileiras pelos nacionalistas espanhóis³²⁰. Terminada a guerra, o então Encarregado de Negócios José de Carcer enviou uma carta ao ministro das Relações Exteriores do Brasil Oswaldo Aranha em 13 de julho de 1939, agradecendo o envio de sacas de café às zonas ocupadas pelas tropas de Franco:

Señor Ministro,

³¹⁷ GAVILANES LASO, José Luis. Armas y letras de los brigadistas brasileños. In: RODRIGUEZ CELADA, Antonio; PASTOR GARCÍA, Daniel; LÓPEZ ALONSO, Rosa Maria (Eds.). *Las brigadas internacionales: 70 años de memoria histórica*. Salamanca: Amarú Ediciones, 2007. p. 174.

³¹⁸ Este documento, elaborado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, está presente num dos prontuários dos voluntários brasileiros (APESP).

³¹⁹ SOUZA, Ismara Izepe de. A diplomacia brasileira e a guerra civil espanhola. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra civil espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 154.

³²⁰ *Ibid.*, p. 156.

Durante el curso de la cruenta guerra de España, el Gobierno del Brasil y principalmente su muy ilustre Jefe de Estado, el Excmo. Señor Presidente Dr. Getulio Vargas, ha efectuado varias veces donativos de café a la zona nacional, para aliviar las poblaciones necesitadas. Últimamente después de restablecida la paz, fueron nuevamente donadas 10 mil sacas de ese producto. El sentimiento altamente humanitario que ilustran estos gestos, no ha pasado desapercibido al Gobierno de España y hoy cumpla el grato deber de dirigirme a Vuestra Excelencia en nombre del mismo para rogarle acepte el testimonio de su más profundo agradecimiento. Aprovecho la oportunidad para reiterar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi más alta consideración. Su Excelencia el Dr. Oswaldo Aranha, Ministro de Relaciones Exteriores de Brasil³²¹.

Existia uma contradição evidente entre a postura oficial do regime de Vargas, teoricamente neutro e amigo do governo espanhol eleito nas urnas, e a atitude oficial, que na prática o levou a mostrar suas preferências pelos nacionalistas espanhóis e sua “cruzada” anticomunista. Ademais, a censura e a repressão se encarregaram de impedir ou, pelo menos, dificultar, qualquer demonstração de propaganda ou solidariedade que se organizara em torno do conflito, distinguindo os republicanos, considerados elementos perniciosos e subversivos, dos franquistas, vistos como colaboradores do governo brasileiro. A postura oficial do Brasil face à guerra civil espanhola não foi muito diferente da de outros países americanos como Cuba ou Argentina. O regime imperante desde novembro de 1937 – conhecido como Estado Novo – permitiu um apoio descarado aos franquistas e uma repressão mais intensa aos republicanos. Por isso, não é de se estranhar que o Brasil foi, junto com Portugal de Salazar, um dos primeiros países do mundo a reconhecer o governo franquista³²². No dia 1 de março de 1939, Oswaldo Aranha se dirigiu ao ministro José Prieto del Rio (Encarregado de Negócios Interino da Espanha) salientando que o contexto espanhol do pós-guerra obrigava as autoridades brasileiras a reconhecer a legitimidade não mais do governo republicano, mas sim do regime franquista, “[...] cuja autoridade é aceita pela grande maioria da população”³²³.

Apesar do controle dos meios de comunicação alguns intelectuais brasileiros encontraram formas de se expressar, opinar e participar do conflito que estava

³²¹ Correspondencia de salida. Año 1939-1940/AGA, 51, 16133/1939.

³²² GAMBI JIMÉNEZ; REY GARCÍA, 2007, p. 144.

³²³ Correspondencia de entrada. Años 1936, 1937 y 1939/AGA, 51, 16431/1936. Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 1 de março de 1939.

ocorrendo na Península Ibérica. Jornalistas como Moacyr Werneck de Castro e escritores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Adalgisa Nery, Murilo Mendes, Aníbal Machado, Arthur Ramos e Caio Padro Jr., entre outros, lançaram publicamente um manifesto de apoio ao governo republicano em setembro de 1937:

Nós intelectuais brasileiros, patriotas e democratas, fiéis a nossa própria consciência, não podemos silenciar mais ante o que se passa nas terras desgraçadas da Espanha. Esta nossa atitude tem apenas o sentido de uma pura demonstração de amor à liberdade e à cultura, tão ameaçadas pelas hordas do fascismo internacional, no país que deu ao patrimônio da humanidade figuras como Goya e Cervantes. O governo de Valência é, de fato e de direito, a legítima expressão da vontade nacional, desde que foi eleito por uma grande maioria em pleito realizado sob governo adverso. E outro, aliás, não tem sido o espírito da atitude do governo brasileiro, tanto que até hoje mantemos nossa representação diplomática junto ao presidente Azaña, sem que tenhamos dado sequer aos rebeldes o reconhecimento de beligerância. Estamos, portanto, no direito de manifestar nossa consciente solidariedade para com o povo espanhol e o governo que ele escolheu nas urnas, ambos profundamente unidos entre si, enfrentando, numa luta heroica, as hostes do fascismo que ameaçam destruí-los num supremo atentado a todas as conquistas do progresso e numa afronta à dignidade humana. Exércitos estrangeiros de ocupação sob a bandeira do fascismo imperialista intentam liquidar uma das mais gloriosas repúblicas do mundo. A população católica das províncias bascas é dizimada por forças mercenárias. Neste caso, cabe a todos os homens [...], a todos os republicanos, o dever de manifestar a sua solidariedade para com aqueles que defendem, desamparados, essa mesma República como regime e como nação. Aos intelectuais é que toca imperiosamente e especial dever na defesa de uma democracia em perigo, porque é, sobretudo no regime democrático que a liberdade de pensamento e de crença pode vicejar em toda sua plenitude, o que, para a cultura, é essencial. Convidamos, pois, todos aqueles que não queiram para o Brasil momentos como o que está vivendo a Espanha a apoiar valorosamente a luta do povo espanhol e do governo de Valência contra os traidores que se unem aos estrangeiros para massacrar seus próprios irmãos, num tributo ao fascismo guerreiro³²⁴.

Numa carta enviada em 24 de setembro de 1937 ao Encarregado de Negócios da Espanha no Rio de Janeiro Fernando Morales, Adalgisa Nery e Murilo Mendes assinalaram que “a assinatura no referido documento equivale, politicamente falando, a um protesto contra a tentativa de destruição do regime democrático e ameaça de implantação do fascismo na Espanha”. Como católicos, os escritores lamentavam os excessos de violência de ambos os lados, sublinhando que condenavam fortemente o

³²⁴ Manifiesto de los intelectuales brasileños sobre la guerra civil/AGA, 51, 16493/1937. Os intelectuais brasileiros e a democracia espanhola. Publicado em *O Popular*, 14 de setembro de 1937.

comunismo e o ateísmo, bem como as atrocidades que se verificam em todo território espanhol, principalmente as que se praticavam em nome de Cristo.

No mundo das letras, a poesia também foi o gênero utilizado pelos brasileiros que se manifestavam a favor da Espanha republicana, com a dupla projeção de protesto contra a ditadura brasileira e os fascismos na Europa. Os poemas de Manuel Bandeira (“Espanha da liberdade, não a Espanha da opressão. [...] Espanha republicana, noiva da revolução!”) e Carlos Drummond de Andrade (“Quisera fazer do poema não uma flor: uma bomba e com essa bomba romper o muro que envolve a Espanha”) denunciavam a censura que pairava sobre a cobertura dada ao conflito. Drummond manteve uma devoção continuada pela Espanha, dedicando importantes núcleos de sua produção a Dom Quixote, em versos publicados nos anos 1950, ilustrados pelo pintor Candido Portinari³²⁵.

Dois obras literárias, produzidas num contexto claramente desfavorável aos republicanos espanhóis, também se vincularam ao debate político-ideológico dos anos 1930 e 1940: é o caso de *Saga*, de Erico Verissimo, publicada em 1940 com base no diário de um ex-combatente do Rio Grande do Sul que se alistou nas Brigadas; e Jorge Amado que demonstrou sua solidariedade à Espanha republicana abrindo sua trilogia *Os subterrâneos da liberdade* de 1954 utilizando diversos testemunhos, entre eles o do ex-combatente Apolônio de Carvalho³²⁶.

O debate sobre a guerra estaria incompleto se não mencionássemos o apoio ao golpe militar protagonizado pelo general Franco. Neste sentido, podemos destacar o ensaio do jornalista Soares d’Azevedo intitulado *Espanha em sangue: o que vi e sofri*, em que o autor realiza uma ardente defesa do catolicismo e divulga o caos provocado pelos “sem crenças”, leia-se, os comunistas ateus e queimadores de igrejas³²⁷. De todo modo, tanto a esquerda como a direita utilizaram a temática do conflito para defender seu quadro de valores éticos, morais e políticos, caracterizando o inimigo que deviam combater: o fascismo num caso, o comunismo em outro³²⁸.

³²⁵ GAVILANES LASO, José Luis. Brigadistas brasileños en la guerra civil. *La aventura de la historia*, n. 82, p. 53, 2005.

³²⁶ As duas obras em questão serão analisadas no próximo capítulo.

³²⁷ GAMBI JIMÉNEZ; REY GARCÍA, 2007, p. 147.

³²⁸ *Ibid.*, p. 150.

3.2. Nossos personagens: um estudo sociobiográfico dos voluntários brasileiros

Para compor as trajetórias dos voluntários brasileiros partiremos da documentação proveniente da Internacional Comunista³²⁹, particularmente as fichas autobiográficas respondidas pelo grupo (Arquivo Edgard Leuenroth) e as notas informativas do dirigente do PCB Honório de Freitas Guimarães referentes aos militantes comunistas e aliancistas que lutaram na guerra civil espanhola (Centro de Documentação e Memória). Com o propósito de analisar tais trajetórias, pretendemos utilizar neste trabalho o método sociobiográfico. Esse método se interessa pelo indivíduo como ator da história, mas situando-o no contexto mais vasto da sua geração, do seu meio político e cultural, de um universo mental partilhado com outros indivíduos³³⁰. Nas últimas décadas a biografia coletiva ganhou força graças à abundância da documentação impressa, à ajuda da história oral e da reutilização dos grandes arquivos biográficos existentes³³¹. Nessas novas abordagens, “os grupos se definem por suas propriedades relacionais ou por suas imagens recíprocas, ou ainda por sua capacidade em impor uma imagem de si mesmos aos outros, mas também à maior parte de seus membros”³³². Para evitar algumas armadilhas, o historiador deve confrontar os resultados das biografias coletivas com outras fontes documentais. Em linhas gerais, o objetivo central da prosopografia comparada consiste em apreender, através das biografias coletivas, o funcionamento real das instituições ou dos meios onde agem os indivíduos estudados.

A relevância conferida às questões biográficas no mundo comunista levou ao acúmulo de uma quantidade considerável de dossiês pessoais sobre os quadros de militantes nos arquivos dos partidos e dos Estados comunistas, permitindo explicar a história do comunismo a partir de outras abordagens além daquela da história política tradicional, mais atenta à evolução do discurso, à ideologia e aos aspectos

³²⁹ Tal acesso aos arquivos “[...] permitiu ter uma visão mais precisa, menos ‘impressionista’, e uma compreensão mais fina, em particular da construção de um novo tipo de militante, o quadro stalinista, que apresenta traços comuns mesmo em situações geográficas e contextos culturais muito diferentes”. GROppo, Bruno. Biografia e autobiografias como fontes para a história do comunismo: os trabalhos de biografia coletiva após a abertura dos arquivos do Comintern. *Revista Contemporânea*. Niterói: NEC-UFF, Niterói, v. 2, n. 2, p. 228, 2012.

³³⁰ *Ibid.*, p. 248.

³³¹ CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flavio M. (Org.). *Para uma história das elites. Ensaios de prosopografia e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 43.

³³² *Ibid.*, p. 44.

organizacionais. O acesso a essas novas fontes, acessíveis graças à abertura dos arquivos comunistas nos anos 1990, nos permitirá aprofundar a reflexão sobre alguns mecanismos que caracterizaram o mundo comunista, como a autocrítica, as confissões, as purgações, e mais em geral a autoanálise dos militantes comunistas. Esse controle biográfico respondia à necessidade de se proteger de eventuais infiltrados e, simultaneamente, à exigência de uma gestão mais eficaz dos recursos humanos disponíveis. O partido almejava formar um tipo de quadro totalmente devotado à causa comunista, isto é, disposto a sacrificar inteiramente sua vida privada e exigindo um engajamento ilimitado, que apagasse completamente a fronteira entre a vida privada e atividade política. Do ponto de vista partidário, o militante ideal seria aquele cujo capital político dependesse inteiramente da agremiação.

A partir dos anos 1920, com a “bolchevização” dos partidos comunistas, a biografia assumiu um papel central no mundo comunista³³³. A utilização das biografias conservadas nos arquivos da IC foi um dos meios pelos quais o stalinismo eliminou qualquer oposição no interior do partido soviético e dos outros partidos comunistas³³⁴. Importante observar que nenhum outro movimento político havia construído para si uma forma de organização tão centralizada. A biografia tornou-se determinante pois era necessário indicar obrigatoriamente, entre outras funções, a origem social, cujo propósito era distinguir os revolucionários dos oportunistas.

Não há como escapar do debate que envolve a reabilitação da biografia histórica, que trouxe em seu bojo um exame mais detido dos atores como testemunhas, ou seja, como reveladores de uma dada época³³⁵. O sociólogo italiano Franco Ferrarotti assinala que há uma relação dialética entre o par indivíduo/sociedade, no sentido em que o esforço para interpretar a biografia em toda a sua unicidade, torna-se o esforço para interpretar o sistema social. Em suma, todo indivíduo percebe e conhece a sua condição a partir de sua pertença a vários grupos sociais³³⁶. Contudo, cada indivíduo “[...] não totaliza diretamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social

³³³ GROPPPO, 2012, p. 229-230.

³³⁴ Ibid., p. 231-232.

³³⁵ “A biografia desfez também a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. O indivíduo não existe só. Ele só existe ‘numa rede de relações sociais diversificadas’. Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence”. PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 10, 2009.

³³⁶ FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 9, p. 171-177, 1991. Dossier “Biografia e Património”.

imediate, os pequenos grupos de que faz parte; nestes grupos são, por seu turno, agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto”³³⁷. Por outro lado, “[...] cada um deles ‘lê’ o grupo e dele faz uma interpretação particular segundo a sua própria perspectiva; cada um constrói um sentido de si na base da sua percepção do grupo de que é membro”³³⁸. O uso das biografias de grupos, particularmente as do “grupo primário” (amigos, parceiros de escola, famílias, grupos de pares, vizinhos, colegas de trabalho), constituiria a mediação fundamental entre o social e o individual; reduziria alguns problemas relacionados à operacionalidade da abordagem biográfica, uma vez que tal perspectiva nos coloca não no nível de um indivíduo numa determinada situação, mas sim no nível imediatamente social, ou seja, o do grupo.

Alberto Bomílcar Besouchet nasceu em 11 de dezembro de 1912 em Recife. Foi aluno da Escola Militar do Realengo entre os anos 1931-1932. Como tenente servindo em Recife participou no levante de 1935 e mesmo ferido conseguiu escapar. Clandestino, foi para a Europa partindo de Buenos Aires a bordo de um navio com um grupo de voluntários alemães, portando passaporte cubano e com o nome falso de Ernesto Torres. Desembarcou no porto de Antuérpia em janeiro de 1937 (conforme cartão postal enviado aos familiares no Brasil) e com identidade verdadeira chegou a Perpignan em fevereiro de 1937. Em junho de 1937 é entrevistado em Madrid por um correspondente de guerra chamado Richard Bloch³³⁹. De acordo com essa entrevista, o tenente Besouchet teria participado em inúmeros combates em território espanhol, na frente de Guadalajara inclusive. Junto ao general Miaja participou de operações militares nessa cidade, ascendendo à patente de coronel depois de ter sido ferido duas vezes. Em seguida, foi integrado ao Estado-Maior do general Miaja. Participou de combates em Barcelona, Andújar (região de Andalucía) e Carabanchel (Madrid). Comandou uma Brigada nos campos de Madrid e, posteriormente, foi destacado para as frentes de Sevilla e Córdoba, depois de passar 15 dias numa enfermaria de Madrid. Foi o primeiro brasileiro a chegar à Espanha e quando chegaram os demais combatentes brasileiros ele já estava desaparecido. As circunstâncias específicas envolvendo sua morte são até hoje misteriosas e controversas. A versão corrente é que Besouchet, por

³³⁷ Ibid., p. 174.

³³⁸ Id., p. 175.

³³⁹ BLOCH, Richard. Como o tenente Amílcar Besouchet alcançara a Espanha. *Diário de Pernambuco*, 16 de junho de 1937.

estar ligado aos trotskistas, teria sido assassinado pelos stalinistas nos confrontos de maio de 1937 em Barcelona³⁴⁰.

Apolônio de Carvalho nasceu em Corumbá/MT em 9 de fevereiro de 1912. Preso em Bagé/RS, onde servia como tenente, por sua militância na ANL, foi transferido para o Rio e expulso do exército no início de 1936 em consequência dos levantes militares de novembro de 1935. Apolônio sai da cadeia em junho de 1937 e em menos de quinze dias se filia ao PCB e decide ir lutar na Espanha. Viaja clandestino até a Bahia e lá obtém um passaporte brasileiro legal. Embarca no navio *Bagé*, desce no Havre, se apresenta em Paris, é encaminhado para Perpignan onde recebe um passaporte espanhol. Entra na Espanha no início de setembro de 1937 e é designado para servir no Exército Popular Republicano em Valência e em Albacete como tenente-auxiliar. Combateu em várias frentes (como Toledo, Córdoba e Extremadura), chegando a assumir funções de coronel comandando uma bateria. Saiu da Espanha, na fronteira francesa, em 9 de fevereiro de 1939. Foi detido nos campos de concentração franceses em Argelès-sur-Mer (Pirineus Orientais) e em Gurs (Baixos Pirineus). Fugiu do campo de Gurs em dezembro de 1940. Participou da *Résistance Française* em 1940-1941, prestando auxílio aos detidos nas prisões de Les Milles e dos campos de concentração. Em 1942-1944 atuou nas fileiras dos *Francs-tireurs et Partisans Français*. Ao término da Segunda Guerra recebeu a patente de coronel das *Force Françaises de l'Interieur*. Recebeu como condecorações a medalha da Resistência, a Cruz de Guerra e a de Cavaleiro de Honra. Regressou ao Brasil em dezembro de 1946³⁴¹.

Carlos da Costa Leite nasceu no Rio de Janeiro em 1 de janeiro de 1895, filho do oficial do exército Jerônimo da Costa Leite e de Bernardina Martins Pereira Leite. Era o mais velho dos voluntários e o militar de mais alta patente (major). Era militante do PCB e um dos líderes da ANL. Servia em Bagé/RS como subcomandante da guarnição de artilharia e cavalaria na época do levante de 1935 e conseguiu fugir para o Uruguai antes de ser preso. Embarcou para a Espanha em fevereiro de 1938. Serviu inicialmente como instrutor do Centro de Organização e Preparação nº 2, localizado na Catalunha. Logo depois se tornou comandante de um batalhão de artilharia do Exército

³⁴⁰ Carta de Lídia Besouchet. Madrid, novembro de 1979.

³⁴¹ CARVALHO, Apolônio de. Entrevista concedida a Nêlie Sá Pereira, Daniel Aarão Reis Filho, Álvaro Caldas. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1986. Ver também *Archivo Histórico Provincial de Albacete (AHPA)*. Colección documental de las Brigadas Internacionales, caja 63184. Expedientes 1/52 a 1/54, cartas de los voluntarios Apolônio de Carvalho y Delcy Silveira a los miembros de la Asociación de Amigos de las Brigadas Internacionales (AABI).

do Ebro, participando do último esforço de guerra das forças republicanas naquela região. No final da guerra foi internado no campo de Gurs e depois transferido para outro campo, Les Milles. Saindo do campo de internamento passa algum tempo com Apolônio, Dinarco e Capistrano em Marselha. Libertado no início de 1941, retornou ao Brasil em setembro do ano seguinte. Apresentando-se como voluntário na Força Expedicionária Brasileira que participaria da guerra na Europa, foi preso e levado para a Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Em 18 de abril de 1945, com a decretação da anistia a todos os que haviam cometido crimes políticos desde 1934, foi libertado. Fundou a Associação Brasileira dos Amigos do Povo Espanhol (ABAPE), entidade de caráter antifascista³⁴².

David Capistrano da Costa nasceu no povoado de Jacampari, no município de Boa Viagem/CE em 16 de novembro de 1913. Estudou na Escola de Aviação Militar do Rio de Janeiro entre os anos 1934-35, onde exerceu a profissão de mecânico. Aderiu ao PCB no final de 1934, sendo responsável por uma das células naquela instituição por cerca de seis meses. Participou do levante armado na Escola de Aviação Militar em 27 de novembro de 1935. Logo em seguida foi preso e posteriormente libertado em junho de 1937. Em agosto de 1937, contando com o apoio do PCB, David Capistrano viajou à Espanha com o objetivo de lutar e adquirir experiência. Chegou a Espanha em 13 de setembro de 1937. Foi incorporado a XII Brigada Internacional, Batalhão *Garibaldi*. Lutou como soldado na batalha do Ebro (6 a 22 de setembro de 1938)³⁴³.

Delcy Silveira nasceu em Santa Vitória do Palmar, município do Estado do Rio Grande do Sul, em 8 de novembro de 1916. Filho de fazendeiros, Delcy estudou no Colégio Militar e Academia Militar no Rio de Janeiro entre os anos 1928-1936. Interessou-se por questões políticas em 1934, quando ainda era cadete da Academia Militar do Brasil. Foi influenciado pelas leituras (*ABC do comunismo* de Mikhail Bukarin, entre outros) e, simultaneamente, por camaradas comunistas com os quais mantinha contato. Aderiu ao PCB em novembro de 1934, na cidade do Rio de Janeiro. Delcy Silveira também foi membro da direção do Partido na Academia Militar do Brasil (1935) e responsável pelo setor militar da agremiação em Porto Alegre (1937). Embora não tenha participado da revolta no Rio em 27 de novembro de 1935, Delcy ficou cerca

³⁴² BELOCH, Israel. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense, 1983. p. 1782-1783. v. 3.

³⁴³ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

de um ano na prisão. Em virtude da abertura de um inquérito policial militar, foi expulso do Exército em junho de 1936. Conseguiu sair ilegalmente do Brasil em outubro de 1937, contando com o apoio político fornecido pelo PCB e, ao mesmo tempo, com a ajuda financeira da família. Antes de chegar à Espanha em 22 de abril de 1938, Delcy esteve no Uruguai e na Argentina. Na Espanha foi designado para a XII Brigada Garibaldi, onde acumulou as funções militares de sargento, tenente, delegado político de seção e, por fim, instrutor³⁴⁴.

Dinarco Reis nasceu no Rio de Janeiro em 22 de julho de 1904. Era casado e tinha dois filhos. Desempenhou o ofício de mecânico e tenente de aviação. Aderiu ao PCB em 1933. Participou ativamente do plano para a sublevação da Escola de Aviação Militar do Rio em novembro de 1935. Foi detido de novembro de 1935 até abril de 1937. Teve passagens pelo navio presídio Pedro I, Casa de Detenção e Casa de Correção. Foi liberado apenas em junho de 1937. Exilou-se no Uruguai em setembro de 1937 por conta própria e também com o apoio do PCB. Conseguiu chegar à Espanha em abril de 1938 graças ao respaldo do Partido Comunista dos EUA. Combateu como soldado na 2ª Cia do Batalhão de Instrução da XII Brigada Internacional (*Garibaldi*) em Besalú. Lutou como soldado e depois topógrafo do batalhão na batalha do Ebro (maio a setembro de 1938)³⁴⁵.

Enéas Jorge de Andrade nasceu em 4 de julho de 1914. Era filho de pequenos proprietários no estado de Pernambuco. Foi membro ativo da Aliança Nacional Libertadora. Participou da insurreição de novembro de 1935 na Escola de Aviação Militar, onde havia concluído um curso de sargento-metralhador-aviador. No período em que ficou encarcerado (vinte meses) participou dos cursos políticos e técnicos militares realizados na prisão. Em 30 de junho de 1937 foi solto graças a um *habeas corpus*. Viajou para a Espanha no barco inglês *Arlanzer* na segunda metade de 1937 com Capistrano, Correia de Sá e dois voluntários paraguaios. De acordo com o dirigente do PCB Honório de Freitas Guimarães, Enéas foi mobilizado pelo partido com o intuito de “[...] ajudar o povo espanhol a defender a democracia e expulsar os invasores fascistas de seu solo e para assimilar a experiência dessa luta de que os nacional-

³⁴⁴ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

³⁴⁵ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

libertadores precisam armar-se”³⁴⁶. Um dos mais jovens militares brasileiros, foi a única vítima que morreu em combate. Integrou a segunda leva de voluntários brasileiros e, ao contrário dos demais que foram incorporados a XII Brigada, Enéas Jorge de Andrade combateu na aviação. Correia de Sá foi a Albacete visitá-lo na base de Quintanar de la República (antiga Quintanar del Rey, a dezoito quilômetros de Albacete), quando Enéas havia acabado de ser promovido a tenente de aviação; em janeiro de 1938, Correia de Sá informou ter recebido uma carta acompanhado de uma foto do sanatório onde Enéas Jorge de Andrade se encontrava em repouso. Pouco tempo depois, Roberto Morena lhe comunicou a morte de Enéas em combate quando retornava de uma missão em Zaragoza contra aviões alemães e italianos³⁴⁷.

Eny Silveira nasceu em Porto Alegre/RS no dia 13 de junho de 1916. Aderiu ao PCB em dezembro de 1935 em uma célula estudantil no Colégio Militar de Porto Alegre. Saiu do país em outubro de 1937, passando por Uruguai e Argentina. Recebeu apoio financeiro da família e respaldo político do Partido. Chegou à Espanha em abril de 1938 graças à intervenção do Partido Comunista dos EUA. Combateu na XII Brigada Internacional (*Garibaldi*). Também participou da batalha do Ebro³⁴⁸.

Hermenegildo de Assis Brasil nasceu na cidade de São Gabriel/RS em 25 de setembro de 1909. Aderiu ao PCB em setembro de 1931. Participou dos levantes de novembro de 1935. Detido quatro vezes, foi posteriormente processado pelo Tribunal de Segurança Nacional junto com José Gay da Cunha, Correia de Sá e David Capistrano. Foi liberado apenas em julho de 1936. A primeira vez que saiu do Brasil (com a ajuda do PCB) se deu em novembro de 1937, passando por diversos países como Uruguai, Argentina, França e Espanha (abril de 1938)³⁴⁹.

Homero de Castro Jobim nasceu em Porto Alegre/RS em 2 de fevereiro de 1913. Estudou no Colégio Militar de Porto Alegre (1927-1932) e Escola Militar do Realengo (1933-1935). Interessou-se pelo movimento proletário no ano de 1932, por

³⁴⁶ Informe escrito pelo comunista brasileiro “Castro” (pseudônimo do dirigente do PCB Honório de Freitas Guimarães) referente a Enéas Jorge de Andrade. Paris, 11 de septiembre de 1937. Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/Coleção Internacional Comunista/Instituto Astrojildo Pereira.

³⁴⁷ Ficha de Enéas Jorge de Andrade. Figueras, (Espanhe) 13 de septiembre de 1937. Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/Coleção Internacional Comunista/Instituto Astrojildo Pereira.

³⁴⁸ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

³⁴⁹ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

intermédio de amigos comunistas, leituras (*Origem da família e da propriedade privada* de Engels e *O Capital* de Marx) e ambiente familiar. Aderiu ao PCB em julho de 1934, na cidade do Rio de Janeiro. Foi expulso do Exército em virtude de sua participação no levante realizado no Rio de Janeiro em 27 de novembro de 1935. Foi detido em agosto de 1937 e também em janeiro de 1938. Teve passagens pela Polícia Central e pela Casa de Detenção, no Rio de Janeiro; pela Polícia Central, em Porto Alegre; e pela Polícia Marítima de Buenos Aires. Antes de chegar à Espanha em 24 de abril de 1938 – por intermédio do Partido Comunista dos Estados Unidos –, com a finalidade de combater o fascismo, Jobim esteve no Uruguai e Argentina. Combateu na XII Brigada Internacional, batalhão *Garibaldi*³⁵⁰.

Joaquim Silveira dos Santos nasceu em 13 de novembro de 1914 na cidade de Fortaleza/CE. Estudou no Colégio Militar do Ceará de 1927 a 1931. Passou pela Escola Militar do Rio de Janeiro de 1932 a 1934. Em dezembro desse ano foi promovido a aspirante. Atuou no 3º Regimento de Infantaria em janeiro de 1935, sendo promovido a segundo tenente em setembro do mesmo ano. Em novembro de 1935 participou com o 3º regimento de infantaria do “movimento de libertação nacional comandado por Luís Carlos Prestes”. Nessa luta foi ferido no rosto e, em consequência, ficou com deficiência na vista esquerda. Com seus camaradas ficou preso por 19 meses (toda a duração do estado de guerra). Conseguiu sua liberdade através de um habeas corpus, embora seu julgamento estivesse em curso no Tribunal de Segurança Nacional. Foi liberado em junho de 1937 e partiu do Brasil no começo de agosto com a finalidade de “combater o fascismo ao lado do povo heroico espanhol”. Segundo o informe de Honório de Freitas Guimarães, Joaquim Silveira dos Santos foi sempre ativo e participativo desde que começou a luta antifascista no Brasil. “Mesmo no tempo que esteve na prisão continuou ao lado de seus camaradas. Fez greve de fome por três vezes. Fez ainda, durante o tempo que ficou preso, um curso de política marxista-leninista organizado pelos camaradas do Partido. Desde março de 1936 aderiu à linha e às diretrizes do PCB e foi recrutado”³⁵¹. Incorporado ao Exército Republicano do Centro como tenente, foi ferido duas vezes num mesmo combate em Huesca e internado num

³⁵⁰ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

³⁵¹ Informe escrito pelo comunista brasileiro “Castro” (pseudônimo do dirigente do PCB Honório de Freitas Guimarães) referente a Joaquim Silveira dos Santos. Paris, 4 de septiembre de 1937. Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/Coleção Internacional Comunista/Instituto Astrojildo Pereira.

hospital em Alicante. Depois da retirada das Brigadas Internacionais, isolado, juntamente com Apolônio de Carvalho e os demais brasileiros que se encontravam na Cataluña, o tenente Silveira ainda cumpriu diversas operações militares antes de ser enviado para a Cataluña e a França, no começo de 1939. Internado em Gurs, a partir daí vive as mesmas experiências que Dinarco Reis até o final de 1941 em Portugal. De lá Joaquim segue para o México, onde ficou exilado até a anistia em 1945³⁵².

José Gay da Cunha nasceu em Porto Alegre/RS em 10 de julho de 1911. Estudou na Escola de Aviação Militar, no Rio de Janeiro. Aderiu ao PC do Uruguai em 1937. Foi detido uma vez (de novembro de 1935 até junho de 1937). Foi também processado, julgado e condenado a oito anos de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional em 1937 por sua participação nos levantes da Escola de Aviação. Valeu-se de um habeas-corpus – por motivo de suspensão do Estado de Guerra – para realizar sua defesa em liberdade. Em seguida, saiu ilegalmente do Brasil em 5 de setembro de 1937. Antes de chegar à Espanha no dia 5 de abril de 1938, com o intuito de capacitar-se politicamente, Gay da Cunha esteve no Uruguai e na Argentina. Combateu como tenente de infantaria na 143.^a Brigada Mista, 569.^o Batalhão (onde exerceu a função de chefe de seção, chefe de companhia e professor da escola de cabos e sargentos), 1.^a Companhia – abril de 1938 a 4 de setembro de 1938; 24.^o Batalhão de Metralhadoras Motorizado e 24.^a Divisão do X Corpo de Exército – 4 de setembro a 30 de setembro de 1938. Participou da ofensiva de Baladredo (julho de 1938) e da batalha do Ebro (setembro de 1938)³⁵³.

José Homem Correia de Sá nasceu no Rio de Janeiro em 17 de julho de 1912. Estudou na Escola de Aviação Militar do Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de mecânico, eletricitista e aviador. Aderiu ao PCB no início de 1935. Participou do levante militar ocorrido na Escola de Aviação Militar em novembro de 1935. Foi julgado e condenado a sete anos e três meses de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional. Conseguiu um habeas-corpus e logo fugiu do país (julho de 1937) contando com o

³⁵² A segunda parte dos dados biográficos de Joaquim Silveira dos Santos a respeito do período em que foi para a Espanha baseia-se nas pesquisas realizadas por Nélie Sá Pereira no projeto financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPQ) no final dos anos 1980, intitulado “Apolônio de Carvalho (1937-1947) e a participação na guerra civil espanhola e na resistência francesa”. Sou profundamente grato a Nélie por compartilhar os documentos que estão sob sua guarda (fotos, cartas, depoimentos dos voluntários brasileiros), sem os quais dificilmente teríamos dado início a presente pesquisa.

³⁵³ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

apoio do Partido. Chegou à Espanha em setembro de 1937. Foi incorporado a XII Brigada Internacional, batalhão *Garibaldi*³⁵⁴.

Nelson de Souza Alves nasceu no Rio de Janeiro no dia 2 de janeiro de 1913. Era solteiro e militar de profissão. Aderiu ao PCB em 1935. Foi membro do diretório central da ANL no estado do Espírito Santo. Foi detido no mesmo ano por participar de comícios e outras ações antifascistas na cidade do Rio de Janeiro. Solto em novembro de 1935, Nelson de Souza exilou-se no Uruguai e Argentina (1937). Chegou à Espanha em abril de 1938. Foi incorporado como soldado à XII Brigada Internacional, Batalhão *Garibaldi*. Posteriormente exerceu a função de instrutor do 2º Batalhão da XII Brigada, sendo promovido a tenente³⁵⁵.

Nemo Canabarro Lucas nasceu em São Francisco de Assis/RS no dia 4 de novembro de 1907. Militar filiado a ANL, preso em 1935, solto em 1937, saiu para o Uruguai de onde embarcou para a Espanha em fins de 1937. Serviu no Exército Republicano na Catalunha e nos Pirineus. Mobilizado para o Exército da Catalunha, foi designado oficial de Estado Maior na 218ª Brigada Mista da 34ª Divisão de Infantaria, que integrava o 10º Corpo do Exército do Leste. Com a derrota dos republicanos em abril de 1939, é internado no campo de St. Cyprien e, assim como Delcy, Eny, Nelson e Homero Jobim, saiu do campo graças ao Embaixador Carlos da Silveira Martins Ramos e indo com os companheiros para Marselha. Chegam ao Rio em abril de 1939. Ficou preso três dias para averiguações na Polícia Federal. Em seguida foi solto e absolvido no processo relativo à sua militância na ANL. Beneficiado pela anistia de abril de 1945, recebeu junto ao exército as promoções de capitão, major e tenente-coronel³⁵⁶.

Roberto Morena nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no dia 7 de junho de 1902. Filho de imigrantes italianos iniciou sua militância política em 1917, inspirado pelos ideais do anarcossindicalismo, destacando-se na organização dos trabalhadores marceneiros e entalhadores. Tornou-se um importante líder político, ingressando em 1924 no clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB), então Partido Comunista do Brasil. Atendendo às instruções do partido, organizou o envio de voluntários para o combate ao lado das forças republicanas. Seguiu para a Espanha em

³⁵⁴ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

³⁵⁵ Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10.

³⁵⁶ BELOCH, Israel. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense, 1983. p. 1947. v. 3.

outubro de 1937 e lá chegando ao mês seguinte recebeu a missão de “ser responsável pelos quadros brasileiros e se incorporar a uma unidade militar com o cargo de comissário político”. Tendo pouca participação militar na luta das Brigadas Internacionais, devido à necessidade de quadros no setor administrativo enfrentada pelo PCE, foi instrutor do Comitê Central dessa organização na região de Alicante. Com o final da guerra civil espanhola em março de 1939 e a vitória das forças franquistas foi um dos últimos combatentes a abandonar a cidade de Alicante antes de ser tomada pelas tropas vitoriosas, embarcando então em um navio que atracou na Argélia. Preso nesse país em um campo de concentração do qual tentaria escapar por duas vezes, refugiou-se ainda em 1939 na União Soviética, onde passou a trabalhar em uma fábrica de tratores³⁵⁷. Em 1943, no retorno ao Brasil, assumiu o trabalho de reorganização do PCB, levando a experiência adquirida no exterior para dentro do partido. A partir dos cursos de formação política dos comunistas espanhóis, Roberto Morena almejava eliminar as deficiências teóricas e dotar de educação política os demais companheiros de partido. Dada a precariedade da base política e doutrinária dos comunistas brasileiros no contexto pós-guerra, Roberto Morena lutou para que o estudo do marxismo pudesse ser utilizado como fonte e instrumento da ação política, levando em conta que seus quadros dirigentes “[...] não dispunham de um conhecimento sólido dos fundamentos do marxismo-leninismo”³⁵⁸. Foram 55 anos dedicados à militância política (1923-1978).

3.3. Visões do conflito: considerações pessoais

As entrevistas realizadas pelo historiador José Carlos Sebe Bom Meihy com os seis últimos sobreviventes – José Homem Correia de Sá, Apolônio de Carvalho, Delcy Silveira, Homero de Castro Jobim, Nelson de Souza Alves e Dinarco Reis³⁵⁹ – e que serviram como base para a reconstituição das trajetórias e das memórias dos voluntários brasileiros, deve ser encarada como um ponto de partida e não como um local de chegada. Trata-se de um ponto de partida, pois a historiografia sobre o tema ainda não

³⁵⁷ BELOCH, Israel. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense, 1983. p. 2292-2293. v. 3.

³⁵⁸ PENNA, Lincoln de Abreu. *Roberto Morena, o militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 13-14.

³⁵⁹ O depoimento que representa de maneira exemplar a presença do “cânone comunista” nos depoimentos dos voluntários brasileiros, no caso o do militante do PCB Dinarco Reis, não foi incluído no livro *A revolução possível*, organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy.

se debruçou sobre as tensões, conflitos e disputas que marcaram muitas das narrativas e memórias construídas em torno das experiências de guerra dos ex-combatentes brasileiros. Levando em conta que um dos objetivos centrais deste trabalho consiste em identificar as formas múltiplas e possivelmente conflitantes de rememoração e utilização do passado, pretendemos demonstrar que as singularidades, contradições e dissensos estão presentes nos depoimentos analisados.

Convém sublinhar que a memória é passível de ser utilizada para reforçar a coesão social e, simultaneamente, como instrumento de poder e/ou luta política. Por outro lado, as preocupações pessoais e políticas do presente constituem um elemento central no processo de estruturação da memória. Todo grupo realiza ao longo do tempo o que Michael Pollak chamou de “trabalho de enquadramento da memória”, necessário para conferir a cada um de seus membros o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência. Nesse sentido, é preciso reconhecer a existência de uma forte ligação entre memória e identidade³⁶⁰.

A aproximação ou o distanciamento do “cânone comunista” para interpretar a guerra vincula-se à própria trajetória de cada um dos entrevistados. É bem provável que um olhar mais crítico sobre o conflito partisse daqueles voluntários que já tinham se afastado da militância no PCB. O “cânone” ao qual nos referimos diz respeito à maneira como o Comitê Central do PCE interpretava o cenário de isolamento da República espanhola frente à agressão das potências fascistas: “a independência da Espanha está em perigo”, proclamava a direção comunista. Os chamados “generais reacionários” não teriam outro propósito a não ser transformar a Espanha em uma colônia fascista. Tal caracterização da guerra foi eficaz para legitimar a estratégia do Partido³⁶¹.

Cabe aqui um breve parêntese para analisarmos como o PCB se posicionou ao longo do conflito através do jornal *A Classe Operária*. Pelos títulos dos artigos consultados no periódico, percebe-se que a tônica foi apresentar aos leitores a guerra como uma luta patriótica para libertar a Espanha dos invasores estrangeiros, versão muito próxima (quando não idêntica) da propaganda veiculada pelo governo republicano espanhol: “Assim, na Espanha, o que vemos é de um lado a velha casta monarquista composta da nobreza, da oficialidade e dos grandes proprietários de terra

³⁶⁰ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 206-207, 1992.

³⁶¹ ELORZA, Antonio; BIZCARRONDO, Marta. *Las Brigadas Internacionales. Imágenes desde la izquierda*. Ayer, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 74, 2004.

ligados com o alto clero obscurantista, tentando implantar uma ditadura fascista para esmagar todas as liberdades democráticas recentemente conquistadas pelas massas populares”³⁶².

Na perspectiva do jornal, um dos principais obstáculos no caminho dos republicanos advinha da falta de experiência dos combatentes, dos conhecimentos militares necessários e de disciplina dentro do Exército Popular. Mas tais problemas poderiam ser compensados pelo apoio da população “que, assim, defendem a sua própria causa” e pelo grau de consciência dos soldados, que sabiam que estavam lutando “pela defesa de seu pão e sua liberdade”, ambas ameaçados pelos fascismos. A intervenção militar das potências nazifascistas sinalizava uma possível deflagração mundial do conflito: de um lado, as “pandilhas reacionárias” (e particularmente o fascismo); de outro, “o povo organizado nas frentes populares do mundo inteiro, tendo, na vanguarda, o proletariado”. Em contraposição às visões negativas das autoridades brasileiras a respeito do governo republicano, o periódico chamava atenção para o exemplo que vinha da Espanha: “ali, anarquistas, socialistas, comunistas, liberais de todas as tendências, todos, conjugam suas forças contra o inimigo comum”. A maior contribuição que os militantes de esquerda no Brasil poderiam dar aos “heroicos combatentes espanhóis” era lutar sem tréguas pela derrubada do governo de Vargas, “que trama com seus sicários integralistas a instauração de uma ditadura militar-fascista”. Sob a ótica do PCB era necessário ainda mobilizar a opinião pública a favor da República espanhola:

[...] desmascarar os jornais que a serviço do fascismo intentam por meio de mentiras e calúnias principalmente sobre a questão religiosa, noticiando saques e bombardeios de igrejas e conventos – conquistar a simpatia do povo brasileiro, em grande parte católico, para o fascismo. Urge mobilizar todas as organizações culturais, esportivas, sindicais; formar grupos nas fábricas, nas escolas, nas fazendas, em apoio, tanto material como moral, aos nossos irmãos espanhóis; promover coletas em favor das vítimas da reação fascista; enviar cartas de solidariedade, telegramas; promover manifestações em frente aos jornais, exigindo-lhes que digam a verdade e não forjem telegramas e notícias [...]; formar círculos em torno de rádios para a captação de notícias provindas diretamente de fontes seguras, como Madrid e Paris.

³⁶² “O heroico povo espanhol levanta-se, em massa, para esmagar a contrarrevolução fascista”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. São Paulo, agosto de 1936, n. 197.

Em outro artigo, intitulado “A epopeia grandiosa da Espanha democrática, em defesa da liberdade, da paz e do progresso”, o órgão central do PCB criticava a política de não intervenção, principalmente por permitir a Hitler e Mussolini suprir o exército rebelde com armas e munições, ao mesmo tempo em que legitimava o bloqueio da Espanha republicana. Mesmo diante de um quadro tão desfavorável, o jornal enaltecia a abnegação, o heroísmo e a combatividade do “povo espanhol”, encabeçado pelas suas “gloriosas milícias”, trazendo entusiasmo e admiração “a todos quanto amam a civilização, a liberdade e o progresso”³⁶³.

Em novembro de 1936, *A Classe Operária* conferiu destaque mais uma vez à atuação das “gloriosas milícias populares” e sua “resistência granítica” frente às tropas mercenárias de Franco na defesa de Madrid. “Sangue, saque, ruínas, fome, miséria e peste” teriam sido os rastros deixados pelas tropas franquistas e sua “fúria fascista” ao bombardear a capital espanhola e sua população civil de mais de um milhão de habitantes. Mais uma vez a política de não intervenção é concebida como um gesto de “cruzar os braços” enquanto os “bandidos fascistas” liquidavam a República democrática espanhola, abrindo assim um triste precedente para o desencadeamento de uma possível guerra mundial, “que marcará a liquidação física da grande maioria da humanidade e a destruição de toda uma civilização construída através de séculos e séculos”³⁶⁴.

O apoio e a solidariedade que o Partido esperava despertar entre os militantes favoráveis ao governo da Frente Popular na Espanha – “Organizemos, em todos os locais de trabalho, em todos os bairros, associações e cidades, amplas Comissões de Auxílio ao Governo Espanhol, com o fim de fazer a propaganda dos objetivos da Frente Popular, de enviar-lhe mantimentos, roupas, dinheiro!” – era inseparável de um posicionamento decididamente contrário a um possível golpe de Estado orquestrado por Vargas, que queria se perpetuar no Catete, apoiado pelos integralistas em seu intento de “enterrar a Constituição, fechar as Câmaras e entregar o país ao saque e ao terror dos bandos fascistas”³⁶⁵. Essa seria a forma de prestar uma solidariedade ativa aos “grande

³⁶³ “A epopeia grandiosa da Espanha democrática, em defesa da liberdade, da paz e do progresso”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. Rio de Janeiro, outubro de 1936, n. 201.

³⁶⁴ “Fora da Espanha os assassinos fascistas de Hitler, Franco e Mussolini”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. São Paulo, novembro de 1936, n. 198.

³⁶⁵ “Frente única mundial de todos os antifascistas, para expulsar da Espanha os exércitos de Hitler e Mussolini, para garantir a vitória da Frente Popular”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. São Paulo, fevereiro de 1937, n. 199.

exércitos populares antifascistas da Espanha”, ao exigir o fechamento da Ação Integralista e alertando a população sobre os riscos iminentes de um regime ditatorial no país.

O único artigo a respeito das Brigadas Internacionais foi publicado no jornal em fevereiro de 1937. A mensagem de uma coluna de voluntários estrangeiros que lutava ao lado dos defensores de Madrid foi dirigida a todos os antifascistas do mundo, reafirmando o seguinte compromisso: “[...] A Brigada Internacional lutará conosco até o fim e até a vitória, tendo em mira a libertação de todos os povos oprimidos pelo fascismo. Povo de Madrid! Todo o povo vos olha e espera nossa vitória sobre o fascismo internacional”³⁶⁶. O jornal noticiou em março de 1937 o fortalecimento da disciplina dentro Exército Popular, a exemplo do Exército Vermelho na União Soviética. Nesse sentido, o proletariado e o povo espanhol “contam hoje com um poderoso instrumento, forjado no próprio curso das lutas sangrentas contra o invasor fascista”³⁶⁷. O êxito na defesa de Madrid e a ofensiva em Guadalajara indicavam que “os soldados da Frente Popular souberam mostrar que levarão à prática seu lema: ‘Madrid será o túmulo do fascismo’”. Não obstante, a vitória sobre as tropas franquistas apenas viria a se concretizar se os republicanos continuassem empenhados em manter a unidade de ação interna entre todas as correntes integrantes da Frente Popular.

A *Classe Operária* cobriu os eventos de maio de 1937 em Barcelona, associando a participação do POUM no episódio aos “agentes do fascismo internacional”. O chamado “putsch contrarrevolucionário” na Catalunha teria sido organizado pelos “trotskistas”, cuja crise política subsequente resultou na formação de um novo gabinete encabeçado por Juan Negrín³⁶⁸. Analisando as causas da crise governamental que se abateu sobre o governo de Largo Caballero, o jornal assinalou que todos aqueles que se colocavam contrários à palavra de ordem dos comunistas – “ganhar a guerra” – estariam alinhados com Hitler e Mussolini e, por conseguinte, poderiam colocar em risco “a unidade de todo o povo em defesa da República democrática”³⁶⁹. Na mesma edição de agosto de 1937 lê-se que o Bureau Político do PCB enviou uma moção de apoio ao

³⁶⁶ “A coluna internacional saúda os antifascistas”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1937, n. 209.

³⁶⁷ “A luta pela libertação da Espanha do jugo fascista é uma causa de toda a humanidade!”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. São Paulo, março de 1937, n. 200.

³⁶⁸ “O gabinete Negrín deve ser o gabinete da vitória”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. Rio de Janeiro, agosto de 1937, n. 206.

³⁶⁹ “As causas da queda do governo Largo Caballero”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. Rio de Janeiro, agosto de 1937, n. 206.

Comitê Central do PCE e a todas as organizações de trabalhadores integradas na Frente Popular³⁷⁰.

O jornal procurava vincular a causa da Espanha com a causa do proletariado mundial, ambas “ameaçadas pelos canibais fascistas”. A confiança na vitória se dava por conta da “resistência heroica do povo espanhol”, comparada em certos aspectos a “resistência memorável que o povo soviético opôs à intervenção dos vários países estrangeiros que tentaram estrangular a Rússia liberta da opressão singular do czarismo”. Se a Rússia saiu-se vitoriosa em 1917 graças aos esforços do “povo” e com o apoio do proletariado no resto do mundo que “se solidarizou com seus irmãos na conquista de uma nova vida e para a garantia de sua independência”, acreditava-se de maneira otimista que o mesmo iria ocorrer em breve com a Espanha republicana, pois “ao seu lado estarão todas as forças sãs da humanidade”³⁷¹.

A meu ver, uma das questões que ainda não foram contempladas e enfatizadas no estudo da participação dos brasileiros diz respeito à tentativa de explorar nas narrativas algo sólido da cultura política comunista dos anos 1930, em que os interesses partidários se sobrepunham aos interesses pessoais³⁷². Deste modo, a apresentação a seguir pretende lançar luz sobre os dilemas de ordem ética, política e pessoal vividos pelos voluntários brasileiros no compromisso com a Espanha republicana. Pretendemos avaliar em que medida as divergências internas no campo republicano estão presentes nos relatos dos voluntários e se nos testemunhos sobre a guerra civil as dimensões utópicas ou românticas ocuparam um papel de destaque.

³⁷⁰ “Moção ao Partido Comunista Espanhol”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. Rio de Janeiro, agosto de 1937, n. 206.

³⁷¹ “A Espanha republicana vencerá”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. São Paulo, abril de 1938, n. 207.

³⁷² “O sujeito que entra para o partido ele se prepara para sofrer, para sacrifícios. A gente, às vezes, no meu caso, sacrificava a própria família. Eu, por exemplo, minha ida para a Espanha. Foi uma tarefa que eu recebi, foi uma missão que o partido exigiu daqueles que eram comunistas de irem para a Espanha. Não foi fácil. Para mim não foi fácil porque eu sempre fui apegado aos meus pais e aos meus irmãos. Nós somos uma família unidíssima. Hoje só restam as irmãs. Eu perdi dias, noites de sono pensando no desgosto que eu ia dar aos meus pais. Bota desgosto nisso. Mas a consciência revolucionária, aquele norte que eu adquiri lá na prisão me obrigou a ir para a Espanha”. SILVEIRA, Delcy. Entrevista a Stela Grisotti para a realização do documentário *Vale a Pena Sonhar* (2000/2001).

3.3.1. José Homem Correia de Sá: a frustração de um projeto político-militar.

A frustração é a tônica da narrativa de José Homem Correia de Sá sobre o conflito. O elemento que confere certa dramaticidade ao seu depoimento é a afirmação de que antes de chegar à Espanha Correia de Sá sabia que do ponto de vista político e militar a guerra estava perdida. Mesmo assim, a convicção de lutar contra o fascismo independente da vitória o acompanhou desde o início:

[...] Dizem que sou pessimista porque assim que entrei na Espanha já afirmava que a guerra estava perdida. Outros colegas viram até com mais antecedência do que eu, porque viram Paris naquela situação e recusaram-se a ir. Eu não. Tive um procedimento diferente: cheguei à fronteira e vi que a guerra estava perdida do ponto de vista militar e político também, mas entrei. A minha convicção era lutar contra o fascismo enquanto tivesse forças. [...] Lutei mesmo sabendo que ia perder. Fui à guerra pensando que meu auxílio poderia causar algumas baixas no exército fascista, e isso bastava. Alguns colegas ficavam ansiosos para voltar porque era uma luta muito desigual, mas eu pensava: ‘Vim combater o nazismo, e vou ser solidário com este povo. Eu adoro o povo espanhol’³⁷³.

Detido no começo de 1936 até junho de 1937, Correia de Sá foi solto graças ao Ministro da Justiça Macedo Soares, que ordenou a libertação de todos aqueles que não tivessem processos legais estabelecidos. Em seguida, o ex-combatente viajou até o Sul do país para se juntar às forças do governador Flores da Cunha, que supostamente preparava um movimento armado contra Getúlio Vargas. Frustrado em seu novo intento, pois o governador gaúcho declinara da tentativa de derrubar Vargas, Correia de Sá prosseguiu viagem rumo ao Uruguai, período em que recebeu apoio do partido comunista local. De acordo com o seu testemunho, o PC do Uruguai organizou uma comissão de ajuda à Espanha que implicava, fundamentalmente, o envio de técnicos para o Exército Republicano em formação.

A maior concentração do pequeno contingente de voluntários brasileiros ficou na XII Brigada de Infantaria, cuja maioria era composta de exilados italianos³⁷⁴. Em

³⁷³ CORREIA DE SÁ, José Homem. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 72-73.

³⁷⁴ XII Brigada Garibaldi. Criada em novembro de 1936. Língua dominante: italiano. Comandantes sucessivos: Maté Zalka, chamado Paul Lukacz (húngaro), Randolfo Pacciardi (italiano), Carlo Penchienati (italiano), Arturo Zanoni (italiano), Martino Martini (italiano), Luis Rivas Pereyra (espanhol). Batalhões: Thaelmann, Comuna de Paris, Dombrowski, Garibaldi (italianos), André Marty (franceses e

linhas gerais, os agrupamentos eram feitos com base em critérios linguísticos. Em seu depoimento, o entrevistado lamentou que o PCB estivesse de mãos atadas, “pois a crise econômica e a repressão política neutralizavam suas forças”³⁷⁵. Servindo como tenente nas Brigadas Internacionais, Correia de Sá ressalta que foi o brasileiro que mais tempo permaneceu ao lado das forças republicanas na Espanha: cerca de um ano e meio.

Nesta passagem a seguir, a frustração cede lugar à tentativa de criar na narrativa sobre o conflito um espaço romântico e utópico: “[...] nós estávamos insatisfeitos com o nosso país e achávamos que seria bom atuar onde a revolução fosse possível de ser concretizada. [...] quem sabe se a partir da Espanha não começaríamos a revolução pelo mundo!”³⁷⁶. O tema da revolução envolveu sujeitos de distintas forças políticas, tais como socialistas, anarquistas, comunistas leninistas e os stalinistas vinculados a IC. Trabalhos como os do historiador Julio Aróstegui têm demonstrado que, em seu conjunto, as forças de esquerda na Espanha dos anos 1930 estavam longe de coincidir quanto à concepção e a melhor forma de levar a cabo um projeto revolucionário³⁷⁷. Do ponto de vista histórico, a guerra civil não foi nem uma rebelião ante uma revolução real nem um projeto maduro de contrarrevolução. De todo modo, a possível conexão entre guerra civil e processo revolucionário nos permite falar daquilo que Aróstegui chamou de “paradoxo de origem”, na medida em que nos anos republicanos do pré-guerra foram escassas as ideologias e/ou grupos organizados que fizeram propostas revolucionárias explícitas e programáticas³⁷⁸. Num artigo posterior, Aróstegui reafirmou que a revolução libertária carecia de uma direção clara. Já o comunismo de matiz stalinista

belgas). Principais combates: Madrid, Majadahonda, Jarama, Guadalajara, Huesca, Brunete, Belchite, retirada de Aragón, Ebro. LEFEBVRE, Michel; SKOUTELSKY, Rémi. *Las Brigadas Internacionales: imágenes recuperadas*. Barcelona, Madrid: Lunwerg Editores, 2003. p. 17.

³⁷⁵ CORREIA DE SÁ, 2009, p. 69.

³⁷⁶ Ibid., p. 68.

³⁷⁷ Fernando Claudín atesta que cada uma das “[...] organizações políticas e sindicais do arco republicano tinha a sua própria concepção de revolução e lutava para impô-la, prosseguindo na sua política anterior, desde o primeiro dia da guerra civil. A ‘guerra não era um aspecto autônomo da luta global que permitisse colocar entre parênteses as três principais ‘variantes’ da revolução que se enfrentavam: a proletária, a democrático-burguesa e a liberal-burguesa”. CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista*, Trad. José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 267. A segunda parte da argumentação de Claudín (sobre as variantes proletária e burguesa da revolução) pode ser contestada por estudos mais recentes como o de Julio Aróstegui ao sublinhar que nem todas as correntes do proletariado espanhol dos anos 1930 desejavam esta revolução como “resposta” à quebra do poder no interior do sistema político republicano, e menos ainda as burguesias não oligárquicas. AROSTEGUI, Julio. Guerra, poder y revolución: la República española y el impacto de la sublevación. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 50, p. 100, 2003.

³⁷⁸ ARÓSTEGUI, Julio. Revolución, contrarrevolución y guerra civil en España. In: REQUENA GALLEGU, Manuel. (Coord.). *La guerra civil española y las Brigadas Internacionales*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1998. p. 61.

tentou deixá-la em suspenso (e não apenas “camuflá-la” como disse Bolloten), recusando-se a aceitar sua presença no quadro sócio-político da República em guerra, o que o levou, em última instância, a sua neutralização. Consequentemente, são esses elementos que nos permitem dizer, sem rodeios, que a “revolução espanhola” não passou de seus primeiros passos³⁷⁹.

Correia de Sá recorda-se do sentimento de inquietação e angústia diante da ausência de ordem referente a uma possível incorporação na aviação espanhola. Ao queixar-se de sua situação junto ao departamento de quadros do PCE, o ex-combatente foi designado para se juntar às Brigadas Internacionais, cujo comando-geral localizava-se na cidade de Albacete. Deslocado para a batalha travada às margens do Rio Ebro em dezembro de 1937, Correia de Sá criticou tanto a postura como a concepção de guerra assumida pelo Estado-Maior das Brigadas Internacionais frente ao conflito³⁸⁰:

[...] A noção que guardavam era de algo apenas heroico. Mantinham aquela compreensão histórica da Revolução Russa, com formações populares nas quais quem se destacava tornava-se naturalmente o chefe. Uma coisa muito retrógrada, nada moderna. A influência da Revolução Russa estava infiltrada demais, e isso era terrivelmente prejudicial³⁸¹.

Um dos aspectos da guerra que mais incomodou José Correia de Sá foram as dificuldades de comunicação entre os voluntários brasileiros. Se internamente as comunicações eram péssimas, as externas sequer existiam: “Eu nunca tive uma carta, um bilhete, um cartãozinho do Brasil. Fiquei isolado. Não tive notícia de algum parente, de algum companheiro que tivesse recebido as coisas que mandei”³⁸². Todavia, o aspecto que ainda despertava sua atenção diz respeito à adesão expressiva dos

³⁷⁹ ARÓSTEGUI, 2003, p. 101.

³⁸⁰ José Homem Correia de Sá escreveu uma carta à camarada “Carmen” demonstrando sua profunda insatisfação ao ser incorporado junto às Brigadas: “Estoy aquí en Albacete, no sé aún el destino que me van dar [...] yo no me quedo satisfecto. La única cosa que quiero, ahora, es mi baja de las Brigadas e esto yo te pido insistentemente para que yo no venga a cometer un acto de desespero, porque desesperado yo ya estoy a mucho tiempo. Antes de nada quiero mi baja de las Brigadas, después si no haber posibilidad de yo entrar para la aviación quiero mi repatriación. Una vez más le pido que me solicite a las autoridades militares [...] para que yo no tenga que reproducir actos humillantes. Con mis saludos antifascistas”. AEL, documentos da Internacional Comunista, microfilme nº. 10. Carta de José Homem Correia de Sá à camarada “Carmen”. Albacete, 17/02/1938. Provavelmente a referida carta teve um impacto negativo na avaliação que Costa Leite fez da atuação de Correia de Sá durante o conflito: “Miembro del Partido. Quizá el peor de los brasileños comunistas desde el punto de vista del Partido. Falta de interés en el trabajo político. Se desmoralizo un poco. Tuvo una mala actitud en sus relaciones con una mujer en Ripoll. No muy firme políticamente” (información dada por el mayor Costa Leite, 15/01/1939).

³⁸¹ CORREIA DE SÁ, 2009, p. 72.

³⁸² Ibid., p. 75.

intelectuais (artistas, escritores e jornalistas) à causa dos republicanos³⁸³. Aqui Correia de Sá se aproxima do que chamamos de mito “literário-romântico”, pois segundo ele o caráter épico daquele evento “favorecia a produção de artigos voltados à exploração do lado heroico daquilo que fazíamos. Havia certa pedagogia da guerra, isto é, uma militância que precisava das justificativas e do reconhecimento vindos por meio da poesia, música, representação teatral”.

Correia de Sá rebateu a tese de que as divergências entre facções de esquerda, particularmente comunistas e anarquistas³⁸⁴, foram diretamente responsáveis pela derrota do governo republicano³⁸⁵. Embora não descarte que as constantes contradições internas tenham tido certo relevo nos desdobramentos da guerra, o ex-combatente brasileiro advoga que “a responsabilidade pela derrota republicana foi das potências capitalistas. Os norte-americanos têm grande culpa por causa do artifício da neutralidade. A não intervenção nos esmagou”³⁸⁶. No contexto imediatamente posterior a guerra civil na Espanha, outros eventos marcariam de maneira indelével a trajetória de José Correia de Sá: a passagem pelo campo de concentração em Gurs (França) no inverno de 1939 a 1940; o retorno ao Brasil por intermédio do embaixador brasileiro na Espanha, Silveira Martins; a clandestinidade e o exílio no Uruguai; novo retorno ao país após a declaração de guerra ao Eixo e a prisão em Ilha Grande até a anistia, em 1945.

³⁸³ “Um grande número de intelectuais, escritores e artistas chegava ao país para expressar sua solidariedade à causa republicana. Escritores como Ernest Hemingway, George Orwell, André Malraux, John dos Passos e muitos outros imortalizaram a catástrofe humana com suas obras. Essa luta épica também permeou o mundo do cinema, assegurando o caráter romântico e lendário da guerra. Importantes roteiristas, atores e diretores de Hollywood expressaram seu compromisso participando de inúmeras festas pró-republicanos destinadas a arrecadar recursos ou retratando a luta espanhola nas telas. Um dos partidários de Hollywood mais fotogênicos, Errol Flynt, chegou a Barcelona em março de 1937 para entregar uma carta de apoio ao governo, além de um cheque de um milhão e meio de dólares para a compra de remédio e alimentos”. ROMERO SALVADÓ, Francisco José. *A guerra civil espanhola*, Trad. Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 112-113.

³⁸⁴ “[...] O anseio de autonomia administrativa, o ódio ao poder centralizador do Estado, a reivindicação de uma descentralização, todos esses eram motivos que confluíam no anarquismo”. Ademais, “os meios eram revolucionários: iam da autodefesa à sabotagem, da expropriação à revolta armada”. ENZENSBERGER, Hans Magnus. *O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a guerra civil espanhola*, Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 36-37.

³⁸⁵ Comparado às imensas misérias de uma guerra civil, diz o escritor George Orwell, a briga interna entre partidos – eivada de injustiças e acusações falsas – pode parecer à primeira vista um aspecto trivial. De todo modo, a tática comunista de enfrentar os adversários políticos por meio de acusações infundadas pode ser apontada como uma das causas mais prejudiciais à luta antifascista. ORWELL, George. *Lutando na Espanha e o ensaio recordando a guerra civil*, Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 187.

³⁸⁶ CORREIA DE SÁ, 2009, p. 75.

3.3.2. Apolônio de Carvalho: “a tentativa de mudar o mundo era um convite aberto”.

Apolônio confere à herança democrática presente em sua própria família – cujos principais representantes foram seu pai e o irmão mais velho – como uma espécie de “bússola” em toda a sua trajetória de militância política:

[...] Sempre que falo dessas coisas vale lembrar que os motivos que me levaram, nos anos 1930, a atuar contra o regime de Getúlio foram os mesmos que orientaram minha participação nos movimentos dos anos 1960 e na atualidade. A continuação do ideal da minha juventude explica porque atuei contra a ditadura militar; explica também toda a trajetória que tenho desempenhado. Tudo decorre dessa tradição de família. É isto que explica também porque sou ativista dentro do Partido dos Trabalhadores³⁸⁷.

A citação acima abre espaço para problematizarmos, à luz das reflexões formuladas pelo sociólogo Pierre Bourdieu, a maneira como, por exemplo, Apolônio narra sua própria “história de vida”: como uma espécie de “estrada”, ou seja, um caminho que necessariamente deve ser percorrido, um trajeto que tem um começo, etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade, um fim da história³⁸⁸. Se nos relatos a preocupação premente reside em organizar e narrar a própria existência, selecionando certos acontecimentos, estabelecendo relações de causa/efeito, tais elementos denotam o quão próximo encontram-se investigador e investigado do que Bourdieu chamou de “criação artificial de sentido”. Dito de outro modo, “tratar a vida como história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar”³⁸⁹.

Com o propósito de contrapor a “história de vida” como o fim último no horizonte de análise do pesquisador³⁹⁰, Bourdieu propõe a construção da noção de

³⁸⁷ CARVALHO, Apolônio de. Depoimento, In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 99.

³⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos de história oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183.

³⁸⁹ *Ibid.*, p. 185.

³⁹⁰ Numa perspectiva mais otimista, Lígia Maria Leite Pereira assinala que “[...] a história de vida permite explorar melhor certos elementos que, em geral, são lacunares nos textos autobiográficos e biografias:

“trajetória”, entendida aqui como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes”³⁹¹. Utilizando a metáfora do “metrô” e das “estações” para explicar a relação entre as noções de “trajetória” e “campo”, o autor assinala o seguinte:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações³⁹².

A noção de “campo” refere-se ao espaço de relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais, espaço de disputa e jogo de poder. Em última instância, compreender uma trajetória implica construir “[...] os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis”³⁹³.

Na contramão das representações fornecidas por José Correia de Sá, a perspectiva de Apolônio de Carvalho ao chegar à Espanha era extremamente otimista, visto que para ele a resistência demonstrada por trabalhadores, operários, anarquistas, socialistas, comunistas, constituía forte indício de que o caminho da vitória estava próximo. Participando das principais frentes de guerra como oficial da artilharia do Exército Republicano, entre julho de 1937 a janeiro de 1939, Apolônio nos fornece a seguir um retrato idílico da Espanha e uma representação utópica e idealizada dos coletivos agrários e industriais na zona republicana:

aspectos da intimidade, processos de tomada de decisões, vida cotidiana, etc. Além disto, permite maior controle sobre as informações e, portanto, uma maior confiabilidade do relato. Conduzindo a conversação, o investigador estimula o entrevistado a lembrar-se, ao passo que, quando recebe uma autobiografia ou qualquer outro documento pessoal, deve aceitar as experiências e eventos descritos como autênticos, a menos que contradigam frontalmente fontes históricas já aceitas”. PEREIRA, Ligia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 119-120, 2000.

³⁹¹ BOURDIEU, 1998, p. 189.

³⁹² Ibid., p. 189-190.

³⁹³ Id., p. 190.

Durante a guerra, vi um quadro humano incrivelmente entusiasmante. Os camponeses espanhóis eram donos de suas terras: com cooperativas, comunidades, produziam, exportavam para o consumo da população, melhoravam suas condições, construíram escolas que não tinham antes, postos de saúde. A dignidade e a esperança estavam estampadas nos olhos da população e via-se isto nos jovens, nas mulheres, nos moços e velhos. [...] Encontrei uma Espanha na qual os operários estavam todos nas fábricas e os patrões fugiram com Franco. Não que os legalistas prendessem, afugassem ou assassinassem os patrões: eles é que abandonaram as empresas por causa da pressão social, que exigia melhores condições de trabalho. Os camponeses tornaram-se donos de suas fazendas e viviam em coletividade, cooperativas prósperas [...] Evidenciava-se, mais uma vez, a reação conservadora e por meio dela as instituições do passado reorganizavam-se para manter a riqueza e a produção do país nas mãos de poucos patrões. Os trabalhadores realmente revolucionaram a atividade do campo e da cidade³⁹⁴.

A sublevação militar tinha provocado um colapso social contra a ordem institucional tradicional e os pilares do Estado, cuja consequência foi uma revolução social incontrollável. O desmoronamento de qualquer autoridade naqueles trágicos momentos foi entendido por Apolônio como o princípio de um período venturoso e próspero, onde as contradições poderiam ser vencidas pela prática revolucionária³⁹⁵. O problema é que a própria destruição do Estado central e o crescimento paralelo da influência sindicalista determinaram os limites da ação coletiva e da própria revolução. O vazio de poder permitiu que as organizações de trabalhadores assumissem o controle, mas sem seguir um plano organizado. Na análise do historiador Francisco Romero Salvadó, os trabalhadores foram incapazes de construir uma fonte de autoridade revolucionária centralizadora, permanecendo extremamente vulneráveis no plano político³⁹⁶.

Se, à primeira vista, as duas versões até então analisadas divergem quanto às possibilidades (ou não) de vitória do governo republicano, o mesmo ocorre com os argumentos colocados em jogo para explicar sua derrota. Apolônio de Carvalho defende a tese de que a divisão das esquerdas “pesou terrivelmente sobre o sentimento de confiança nos resultados daquela luta difícil. As populações viam-se perplexas, porque uma parte das esquerdas estava no poder e a outra nas prisões, como se fossem

³⁹⁴ CARVALHO, 2009, p. 121.

³⁹⁵ SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep. Divergencias internas en el campo republicano y en el sublevado. In: SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep (Ed.). *El pacto de la no intervención: la internacionalización de la guerra civil española*. Tarragona: Publicaciones URV, 2009. p. 92.

³⁹⁶ ROMERO SALVADÓ, 2008, p. 145.

fascistas”³⁹⁷. A afirmação de que “a repressão na Rússia refletia-se diretamente na Espanha” pautava-se nos casos dos assassinatos do secretário-geral do POUM Andreu Nin e do ex-tenente pernambucano Alberto Bomílcar Besouchet – o primeiro brasileiro a chegar à Espanha com o propósito de apoiar o regime republicano –, ambos rotulados como “trotskistas”³⁹⁸.

Numa carta confidencial enviada em 24 de janeiro de 1937 ao departamento de quadros do Comitê Central do PCE, a militante “Maria” (pseudônimo de Tina Modotti³⁹⁹) – agente da polícia secreta soviética que ocupou o cargo de adjunta do responsável de contraespionagem no quartel general das Brigadas Internacionais em Albacete – faz menção ao recebimento de um comunicado do PCB, no qual o partido brasileiro já demonstrava seu interesse em estigmatizar Besouchet como “trotskista”. O documento a seguir comprova a tese de que ao longo dos anos 1930 as margens de divergência no interior dos partidos comunistas haviam se restringido de maneira bastante significativa⁴⁰⁰. De fato, a partir de 1929, quando Stalin extinguiu as lutas internas no PCUS, o monolitismo e o clima de intolerância passaram a ser reinantes na IC⁴⁰¹:

El teniente Alberto Besouchet se encuentra actualmente en España. Después de su salida del Brasil se ha descubierto que Besouchet ha pasado al trotskismo. El ha dejado una prueba que es una verdadera

³⁹⁷ CARVALHO, op. cit., p. 123.

³⁹⁸ Em 16 de junho de 1937, o governo Negrín tornou o POUM ilegal, uma vez que documentos “descobertos” pelos stalinistas apontavam Nin como possível espião a serviço de Franco. As autoridades policiais soviéticas, encabeçadas por Alexander Orlov – chefe da polícia secreta soviética na Espanha (NKVD) – e seus correspondentes espanhóis, pretendiam obter do dirigente uma confissão similar as que se obtinham nos “Processos de Moscou”, onde mediante torturas brutais os acusados reconheciam sua relação com a espionagem nazi. Esta prova foi fundamental para incriminar os demais integrantes da direção do partido. A negativa de Nin a esta farsa investigativa acarretou sua morte. A arbitrariedade e a autonomia da polícia soviética se reforçaram depois do desaparecimento de Nin e da criação, em 9 de agosto de 1937, do Servicio de Investigación Militar (SIM), que também se estruturou com comandantes comunistas. Em 2 de novembro de 1937 se confirmava através da sentença do Tribunal Especial de Espionaje y Alta Traición o processo de dissolução definitiva do POUM e das Juventudes Comunistas Ibéricas por sua suposta cumplicidade com os revoltosos. SÁNCHEZ SERVELLÓ, 2009, p. 106-107.

³⁹⁹ “[...] Locked into the communist apparatus, Tina did not take exception to the Party’s purge of its enemies in Spain. Blinded by tyrannical self-discipline, desperation to win the war, and a belief in the value of current ideology, the woman who braved hails of gunfire to save children’s lives sacrificed Alberto Besouchet (and no doubt others) for what she believed to be the good of the cause”. ALBERS, Patricia. *Shadows, fire, snow: the life of Tina Modotti*. Berkeley: University of Califórnia Press, 2002. p. 304.

⁴⁰⁰ AGOSTI, Aldo. O mundo da Terceira Internacional: os ‘estados maiores’. In: HOBBSAWM, Eric (Coord.). *História do marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares*, Trad. Carlos Nelson Coutinho e Nemesio Salles. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 137.

⁴⁰¹ *Ibid.*, p. 161-162.

provocación contra la revolución de liberación nacional y contra el gobierno español. Si es posible encontrarlo hay que detenerlo y también urge notificar todos los camaradas a fin de que no le permitan utilizar el nombre del Partido Comunista del Brasil⁴⁰².

É provável que a prova acusatória de que Besouchet teria passado ao “trotskismo” não seja propriamente o conteúdo do artigo a seguir, mas sim o fato dele ter sido publicado num jornal dissidente chamado *A Luta de Classe*⁴⁰³:

Após vencer um sem número de dificuldades, oriundas da minha vida ilegal, consigo, finalmente, o prêmio de minha obstinação: dentro de poucos dias pisarei o solo da Espanha dos Trabalhadores!

Desde o início da terrível e emocionante luta em que o proletariado espanhol, em formidável frente única com as massas trabalhadoras e camponesas, vem quebrando sistematicamente, um a um, os dentes podres da burguesia internacional; senti o insopitável desejo de aplicar os conhecimentos adquiridos na minha carreira militar e política na formidável empresa que se levanta no território da futura ESPANHA SOVIÉTICA. Da realização desse desejo existente no espírito de milhões de trabalhadores (pois só na URSS esses milhões se elevam talvez a 170), depende que eu venha colocar mais tarde meu grão de areia, então consideravelmente aumentado pela experiência adquirida, na construção do nosso futuro BRASIL SOVIÉTICO!

Companheiros! A segunda etapa para a Revolução Proletária Mundial que se está agora iniciando na Espanha depende em grande medida do apoio do proletariado de todos os países. Não é necessário que vos lembre que o maior auxílio que poderá prestar o proletariado do Brasil a causa revolucionária da Espanha é a luta contra os feudais e burgueses que dominam, em ostensiva colaboração com os vários imperialismo, a economia e a política brasileiras.

Camaradas! Lembrai-vos dos ex-prisioneiros da Espanha que realizam hoje, com armas na mão, a tarefa revolucionária que lhes correspondia. Breve chegarei a Espanha e direi então aos ex-prisioneiros de Gil Robles que os prisioneiros políticos do Brasil os saúdam e afirmam sua vontade de, mobilizando as massas de nosso país, organizar um regime mais justo e humano⁴⁰⁴.

⁴⁰² AEL, documentos da Internacional Comunista, microfilme n. 10. Carta de “Maria” sobre Alberto Besouchet. Valência, 24/01/1937.

⁴⁰³ “A principal publicação dos alcunhados trotskistas foi o jornal *A Luta de Classe* que circulou, entre os anos 1930 e 1939, com o total de 45 números. Neste período, o jornal foi publicado, respectivamente, pelo Grupo Comunista Lênin (GCL), Liga Comunista do Brasil (LC), Liga Comunista Internacionalista (LCI), Partido Operário Leninista (POL) e Partido Socialista Revolucionário (PSR). Pode-se afirmar que a plataforma e o programa político defendido pelas dissidências comunistas no jornal *A Luta de Classe*, entre os anos 1930 e 1939, fora uma experiência de aproximações e de afastamentos das opções políticas efetivadas pelo PCB e pela IC”. LISBOA, Roberto Borges; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. *A Luta de Classe: o Brasil pelo viés dos trotskistas (1930-1939)*. VII Simpósio Nacional Estado e Poder, Uberlândia-MG, 2012. p. 2.

⁴⁰⁴ “Aos companheiros do PC e da ANL encarcerados nas masmorras getulianas”. *A Luta de Classe. Órgão da Liga Comunista Internacionalista*. Ano VI, novembro de 1936, n. 33, p. 5. Caixa alta no original.

Alberto Besouchet teria sido chamado de “canalha”, “safado”, entre outros adjetivos, pelos “burocratas stalinistas” do PCB. Logo depois de publicar a declaração do ex-combatente, uma nota explicativa afirmava que mesmo “[...] sabendo-o stalinista, o grupo bolchevique-leninista tomou imediatamente posição e auxiliou-o, conseguindo a maior parte da quantia para sua viagem”⁴⁰⁵. Nas palavras dos redatores do jornal, o que motivou esse ódio e ressentimento em relação à postura político-ideológica de Besouchet foi o uso de expressões como “Espanha Soviética”, “Revolução proletária mundial”, “burguesia internacional”, utilizadas somente pelos “trotskistas contrarrevolucionários”. Qualificando a posição política de Alberto como ainda “vacilante e intermediária entre a linha de colaboração de classes da IC e a linha proletária revolucionária dos bolcheviques-leninistas partidários da IV Internacional”, os comunistas dissidentes esperavam que o embarque para a Espanha representasse para Besouchet uma ótima oportunidade para “tirar as últimas vendas dos olhos” e perceber que os stalinistas eram os mais “decididos inimigos da implantação dos soviets”. Depois da publicação citada, o jornal não publicou mais nenhum artigo e/ou matéria sobre os desdobramentos da viagem de Besouchet à Espanha e o seu posterior desaparecimento. Posto isso, como cada militante reagiu diante do caso? Será que organizaram alguma campanha a seu favor? Vejamos, por exemplo, como o ex-combatente aparece no relato de José Homem Correia de Sá:

Resumindo, quem do Brasil foi para a guerra civil espanhola, ou era militar, ou judeu, ou imigrante. Não obrigatoriamente do partido, nem comunista. Eram, isso sim, antifascistas. Antifascistas convictos! Havia trotskistas – o Alberto Bomílcar Besouchet era um deles. O destino de Besouchet é incerto. Sabe-se que ele foi assassinado e é possível que tenha sido liquidado por traição. Mas não se sabe ao certo, porque ele era um tanto isolado. Com certeza era trotskista e isto não poderia ser bem visto pelos militantes do PC. Principalmente depois dos acontecimentos de maio de 1937, a crítica trotskista era muito mal recebida⁴⁰⁶.

⁴⁰⁵ Pela documentação atualmente disponível, não sabemos ao certo que tipo de vínculo político Besouchet estabeleceu com outros grupos de esquerda dissidentes da linha adotada pelo PCB.

⁴⁰⁶ Ver CORREIA DE SÁ, 2009, p. 67-68. Numa carta ao pesquisador Paulo Roberto de Almeida, Augusto Besouchet, irmão de Alberto Bomílcar Besouchet, disse de maneira enfática que seu relacionamento com o PCB era péssimo e que ser trotskista naquela época era pior do que ser “leproso, algo como o diabo”. No início da carta, Augusto Besouchet assume que sempre teve um “complexo de culpabilidade” em relação ao irmão seis anos mais jovem, principalmente por torná-lo um militante

Após constatar que a República havia perdido seu principal trunfo, isto é, a unidade entre as forças de esquerda, Apolônio lamentou que os republicanos tivessem optado, em setembro de 1938, pela retirada de todos os voluntários estrangeiros da Espanha. Em seu depoimento, o ex-combatente ainda recordaria sua passagem (por quase dois anos) pelos campos de concentração de Argelès-sur-Mer e Saint Cipryen (França); fuga do campo de concentração; participação ativa em Marselha num núcleo de solidariedade aos prisioneiros políticos internados em campos ou prisões; participação na Resistência Francesa.

3.3.3. Delcy Silveira: “era ali que estavam sendo jogadas as grandes cartas do futuro da humanidade”.

Após sair da Casa de Detenção no início de 1937, o ex-combatente Delcy Silveira retornou ao Rio Grande do Sul, período considerado por ele como o mais rico de sua vida. Com o golpe do Estado Novo, a polícia passou a persegui-lo, fato que o levou (junto com Nelson de Souza Alves, Dinarco Reis e o irmão Eny) a buscar exílio no Uruguai, quando já era membro do PCB e se considerava marxista. Sobrevivendo com poucos recursos oriundos de sua família, Delcy ainda relembra o episódio em que foi preso e depois solto pela polícia marítima argentina, a caminho de Montevidéu, junto com os companheiros brasileiros José Gay da Cunha, Homero de Castro Jobim, Nelson de Souza Alves e Eny Silveira:

[...] Em Montevidéu, o grupo de militares reunido decidiu dar uma ajuda para os espanhóis na luta contra o fascismo. O mesmo fascismo que fundamentava o integralismo, e que estava tão próximo do governo do Getúlio, seria o nosso inimigo na Espanha. Lá, ao menos, a República se levantava contra a opressão e o povo ia às ruas defender sua liberdade. Era nossa obrigação contribuir para a causa espanhola⁴⁰⁷.

Contrariando a decepção evocada pelo depoimento de José Homem Correia de Sá, Delcy Silveira assinala que para os voluntários brasileiros a participação na guerra

comunista e também pelo fato de ter estimulado Alberto a ir para a Espanha combater o fascismo. BESOUCHET, Augusto. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 30 de maio de 1981, Niterói-RJ.

⁴⁰⁷ SILVEIRA, Delcy. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009, p. 143.

representou uma obrigação com a causa antifascista, aproximando-se do que chamamos de “cânone comunista”. O entrevistado confere detalhes à viagem de 22 dias da Argentina à Europa a bordo do navio polonês *Poulaski* e sua “comidinha horrível”. Na capital francesa, Delcy recorda o apoio financeiro que seu grupo recebeu do Comitê Internacional de Ayuda al Pueblo Español, principal responsável pelo auxílio na viagem, bem como na hospedagem dos voluntários estrangeiros. Ainda em Paris, o ex-combatente chama atenção para a desagradável reunião com o major Alcedo Batista Cavalcanti (ex-professor do Estado-Maior do Exército brasileiro e provisoriamente exilado no Uruguai) e o tenente Paulo Machado Carrión, que defendiam de maneira peremptória que a República havia sido derrotada militarmente.

De Port Bou, primeira parada em território espanhol, Delcy pôde visualizar um país em guerra: bombas aéreas; trens destruídos; crateras enormes; escombros. Da viagem a Figueiras, outra cidade que sediava as Brigadas Internacionais, Delcy Silveira relembra o encontro com o major espanhol que chefiava a base (veterano de guerra que perdeu um braço em combate) e a impossibilidade de servir na aviação pelo número excessivo de pilotos e falta de aviões. Decididos então a integrar o contingente da Brigada *Garibaldi*, os brasileiros Homero de Castro Jobim, Eny Silveira, Nelson de Souza Alves, José Correia de Sá, Davi Capistrano, Dinarco Reis e Delcy Silveira assumiram seus postos na infantaria. Este último fora escolhido instrutor para treinar jovens soldados inexperientes e, simultaneamente, cobrir as baixas nos combates. Servindo posteriormente na cidade de Tortosa, comandando um pelotão de fuzileiros, Delcy recorda da patrulha que fazia durante a noite entre os escombros e do odor constante dos cadáveres em estado de putrefação: “[...] Aquele odor impregnava na gente. Lembro-me de que passava dias e noites sentindo nojo. Tudo era pior quando a gente ia comer alguma coisa e sentia aquele cheiro, era terrível”⁴⁰⁸.

Dos eventos que o marcaram de maneira positiva, Delcy destaca a camaradagem entre os combatentes na trincheira – que utilizavam o mesmo prato nas refeições e o mesmo cobertor durante o inverno – e as demonstrações de apoio, respeito e carinho da população civil daquele país para com o conjunto dos voluntários estrangeiros. Não obstante, diz Delcy, “[...] pode-se garantir que a guerra civil espanhola foi mesmo terrível, sangrenta, uma carnificina como nunca se tinha pensando até então”⁴⁰⁹. Foi

⁴⁰⁸ Ibid., p. 148.

⁴⁰⁹ Id., p. 150.

durante sua participação na Batalha do Ebro, a mais “sangrenta” de que tomou parte, que o entrevistado percebeu que o poderio militar dos nacionalistas – dependente da assistência militar fornecida pelas ditaduras nazifascistas – era por vezes superior. Mesmo tendo permanecido na Espanha até o desfecho do conflito, a retirada dos combatentes estrangeiros foi o aspecto mais frustrante na visão de Delcy Silveira. Para o entrevistado, o principal erro cometido pelo então presidente Negrín foi a desmobilização das Brigadas. Embora o componente principal de todo conflito estivesse presente, isto é, o estímulo para combater, a inferioridade bélica dos republicanos era tremenda: Franco saiu-se vencedor “porque teve o apoio maciço dos governos alemão e italiano. Tinham abundância de armamento. Enquanto, por exemplo, nós dávamos 10 tiros de canhão, eles davam 200, 300, 400. Enquanto nós tínhamos fuzis, eles tinham metralhadoras”⁴¹⁰. Por fim, Delcy ainda salienta as condições difíceis e terríveis no campo de refugiados e sua prisão no retorno ao Brasil.

3.3.4. Homero de Castro Jobim: “lá a gente decidiria, sem maiores dúvidas, o destino da democracia, da liberdade”.

Homero de Castro Jobim foi uma das poucas vezes entre os ex-combatentes brasileiros a criticar a violência como meio de ação política. Para Jobim, havia uma nítida discrepância entre a carreira militar e sua formação intelectual. Vale a pena reproduzir um fragmento em que o entrevistado confere destaque a este aspecto:

[...] É preciso ver que o militar, funcionalmente, só intervém por meio da violência. A instituição é sempre comandada e tem a violência como meio de ação. O militar não aprende a persuadir, a discutir com o inimigo, a convencê-lo. Ele apresenta as razões e, se o inimigo não as aceita, tem de subjugar, e se não puder ser de outra forma, tem de eliminar o adversário⁴¹¹.

Como destacou de maneira precisa o historiador Enrique Moradiellos, a noção de que era moralmente legítimo o uso da violência para impor um modelo de ordem sócio-política não foi privilégio apenas dos extremos do espectro político: “creí justo recurrir a la violencia para transformar el mundo” (Manuel Tagueña, militante

⁴¹⁰ Id., p. 155.

⁴¹¹ JOBIM, Homero de Castro. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 169-170.

comunista e futuro general republicano); “la violencia es consecuencia forzosa de toda creencia firme” (Eugenio Vegas Latapie, político monárquico y conspirador antirrepublicano)⁴¹².

Outra peculiaridade de Jobim é que ele foi o único ex-combatente que se distanciou de dois pontos caros aos militantes comunistas daquele período, quais sejam, o compromisso ideológico e a fidelidade partidária⁴¹³: “[...] É, a meu ver, um equívoco rendermo-nos às fidelidades partidárias que são, na maioria das vezes, descartáveis. Existem problemas que não precisam de ideologia para serem solucionados”⁴¹⁴. O componente que pesou em suas escolhas políticas foi a frustração provocada pela exclusão das fileiras do Exército, encerrando um projeto de vida. Quando houve a intervenção federal no Rio Grande do Sul, em outubro de 1937, Flores da Cunha e um grupo de militantes de esquerda partiram para Montevidéu. Jobim foi para Buenos Aires, onde ficou preso por alguns dias, pois seus companheiros não tinham passaporte. Quando solto, o ex-combatente voltou para Montevidéu e de lá embarcou para a França. Após ter feito um exame no Comitê de Ayuda al Pueblo Español, Homero de Castro Jobim resolveu atravessar a fronteira com a Espanha utilizando passaportes falsos. E qual seria a motivação para se engajar ao lado dos republicanos? “Resolvi lutar na Espanha porque achava que lá a gente decidiria, sem maiores dúvidas, o destino da democracia, da liberdade”. Numa outra passagem de seu depoimento, Jobim descarta qualquer possibilidade de que tenha sido impelido a lutar ao lado dos republicanos por razões de ordem política e ideológica: “Fui mesmo é para a Espanha, onde havia um desafio que me chamava de forma estranha”⁴¹⁵.

O entrevistado recorda que foi enviado a Figueiras para servir num batalhão de recuperação da Brigadas Internacionais, local onde aprendeu a se adaptar aos regulamentos espanhóis e adquiriu a função de instrutor de organização do terreno e construtor de trincheiras. Jobim foi ferido quatro vezes em combate: alvejado por um tiro na perna durante a batalha do Ebro; atingido por estilhaços de granada em várias

⁴¹² MORADIELLOS, Enrique. Ni gesta heroica ni locura trágica: nuevas perspectivas históricas sobre la guerra civil. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 50, p. 31-32, 2003.

⁴¹³ Além disso, “a abnegação, o sacrifício pessoal, a renúncia ao comodismo, a devoção integral à causa são sentimentos que devem nortear a vida de um comunista”. Em síntese, “[...] todos os sacrifícios pessoais são justificados. Os indivíduos só existem em função do coletivo; suas ações visam exclusivamente à realização de um projeto comum”. PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 36-37.

⁴¹⁴ JOBIM, op. cit., p. 175.

⁴¹⁵ *Ibid.*, p. 179.

partes do corpo. No princípio atuou na XII Brigada, Batalhão *Garibaldi*. Posteriormente foi enviado para a XV Brigada, Batalhão *Abraham Lincoln* (formada por norte-americanos e canadenses), onde permaneceu até o término do conflito⁴¹⁶. Saiu com as últimas tropas no dia 8 de fevereiro de 1939, pela fronteira com a França, por Port Bou. Posteriormente foi transferido para o campo de concentração de Argelès-sur-Mer e depois Saint Cyprien. Veio para o Brasil antes do início da Segunda Guerra Mundial. No plano pessoal, Jobim diz que nunca sofreu qualquer tipo de crítica por ter participado da guerra, embora o pai tentasse dissuadi-lo à época.

3.3.5. Nelson de Souza Alves: “foi na Espanha que entendi o sentido da participação política”.

Quando atravessou a fronteira com destino a Montevideú, Nelson esteve com outros voluntários brasileiros como o major Costa Leite (responsável pela decisão de encaminhar os brasileiros), Delcy Silveira e Dinarco Reis. Embarcou com os demais companheiros numa lancha para Buenos Aires, quando receberam voz de prisão da polícia marítima argentina. Em dois dias os ex-combatentes Delcy e Eny Silveira, Dinarco Reis e o próprio Nelson de Souza Alves foram libertados e encaminhados para um modesto hotel, cujos donos eram espanhóis, e em seguida, partiram para a Espanha a bordo de um navio polonês.

Em seu depoimento, Nelson enfatiza que as passagens eram pagas pelo Comité de Ayuda al Pueblo Español. O grupo do qual fazia parte recebia um soldo, correspondente ao posto de tenente na Espanha, pago em moeda francesa (franco). Além dos brasileiros, havia a bordo dos porões daquele navio – com destino ao sul da Inglaterra, depois Bruxelas e, finalmente a França – dezesseis voluntários poloneses que deveriam se apresentar, em Paris, a Jacques de Claude, coordenador do Comitê Central de Ajuda às Brigadas Internacionais: “[...] Quando chegamos lá, tinha gente como o diabo, todos estrangeiros, voluntários. Passamos por um rigoroso exame médico, pois

⁴¹⁶ XV Brigada: Abraham Lincoln. Criada em janeiro de 1937. Língua dominante: inglês. Comandantes sucessivos: Wladimir Copic (iugoslavo), Klaus Becker (alemão), José Antonio Valledor (espanhol), José Gay da Cunha (brasileiro). Batalhões: Radford, Dimitrov (multilingüe), Lincoln (norte-americanos), Seis de febrero, Batallón Español (latinoamericanos), George Washington (norte-americanos), Mackenzie-Papineau (canadenses). Principais combates: Jarama, Brunete, Belchite, Teruel, retirada de Aragón, Ebro. LEFEBVRE; SKOUTELSKY, 2003, p. 17.

quem tivesse qualquer doença que pudesse, de leve, ser transmissível ou prejudicial ao convívio com os demais militantes, era barrado ali”⁴¹⁷.

Nelson de Souza Alves e os demais brasileiros atravessaram a fronteira via Perpignan legalmente utilizando passaportes espanhóis. Chegando a Puigcerdá, uma pequena cidade contínua a Perpignan, os brasileiros se apresentaram ao comandante da base que os autorizou a retomar a identidade original. Foi numa escala a caminho de Figueiras que o ex-combatente esteve pessoalmente, pela primeira vez, com Apolônio de Carvalho. Após dias difíceis de espera, numa conversa com o comandante da Brigada, o grupo optou pelo auxílio ao treinamento do 2º batalhão da XII Brigada Italiana, *Garibaldi*: Nelson de Souza Alves ficou na 2ª Companhia do 2º Batalhão; Delcy e o irmão Eny foram para a companhia de metralhadoras; Dinarco e Jobim passaram para a 3ª Companhia.

No que tange às dificuldades de acesso aos equipamentos militares, Nelson de Souza Alves assinalou que o material de guerra das Brigadas era basicamente soviético. E mais: era comum também a utilização de armamentos tirados do inimigo. Fato único entre os brigadistas que lutaram na Espanha (cuja proporção de comunistas chegava a 80%) foi sua convocação para ingressar na Escola Popular de Guerra, onde fazia um curso de dia e, de noite, ia para a trincheira. Numa outra passagem de seu depoimento, Nelson de Souza Alves refere-se à disciplina intensa a que estavam submetidos os voluntários naquele conflito, no caso um rapaz entorpecido por algumas canecas de vinho e que adormecera em cima de uma metralhadora: “[...] Era espanhol, dos poucos na Brigada, e por isto foi levado para a retaguarda, preso e nunca mais tive notícias dele. Nesses casos, na Brigada, eles fuzilavam”⁴¹⁸. Como veremos mais adiante, Nelson foi um dos poucos voluntários brasileiros que tocou em temas “espinhosos” quanto a atuação dos brigadistas no conflito civil espanhol.

O ex-combatente brasileiro não poupou críticas ao socialista Indalecio Prieto, considerado por ele como “um dos maiores bandidos da Espanha republicana”, pois ao

⁴¹⁷ ALVES, Nelson de Souza. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 200. “[...] Cuando un voluntario no pertenecía al Partido Comunista, un representante de la NKVD investigaba sus antecedentes y era examinado por un médico comunista en la frontera hispano-francesa, aunque muchos se saltaron dichos controles, especialmente quienes se incorporaban a las brigadas en territorio español o sobre la marcha. También se presentaron no pocos aventureros en busca de sensaciones fuertes, como el belga Nick Gillain, quien explicaría que los motivos que le indujeron a alistarse fueron ‘el espíritu de aventura, el tedio y el otoño lluvioso del año 1936’”. THOMAS, Hugh. *La guerra civil española*, Trad. Neri Daurella. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1995. p. 490. Volumen I.

⁴¹⁸ ALVES, 2009, p. 205.

assumir o governo no lugar de Negrín determinou que as Brigadas não pudessem mais ter comissários políticos. Posteriormente, “[...] entrou em conchavo com a Liga das Nações para retirar as Brigadas Internacionais da frente de luta”⁴¹⁹. O final da participação dos brasileiros na guerra da Espanha foi extremamente dramático, notadamente pela gravidade da situação nas frentes de combate e pela impossibilidade de reverter o avanço das tropas de Franco. Nelson de Souza Alves se recorda, por exemplo, de um informe do comandante da Brigada dizendo em duas ou três linhas que quem se retirasse da posição sem aviso prévio seria fuzilado. “No dia 9 de março de 1939 nos rendemos”, assinalou Nelson de Souza Alves, “fomos a última unidade republicana a deixar a Espanha”⁴²⁰.

É inegável que milhares de homens e mulheres que se alistaram nas Brigadas estavam dispostos a sacrificar a própria vida em nome da solidariedade à causa antifascista. Todavia, a história das Brigadas não se resume apenas aos combates heroicos dos brigadistas, levando em conta que no depoimento de Nelson de Souza Alves há casos contundentes de execuções no interior das Brigadas. Numa perspectiva oposta a de Homero de Castro Jobim que repudiou a “ideologia da violência” como forma de solução para os conflitos, Nelson de Souza Alves acusou o comando das Brigadas de promovê-la, baseando-se na afirmação de que na defesa de Madrid a “sabotagem” fora uma prática comum entre militantes anarquistas e trotskistas. O que salta aos olhos é que o ex-combatente assumiu abertamente ter participado de casos de fuzilamento no interior das Brigadas:

[...] Sabe, na Espanha, a ordem nas Brigadas, no final, era de afastar completamente os anarquistas e os trotskistas, que tinham critérios próprios de procedimento. Havia até fuzilamento entre as partes. De nosso lado, fazíamos também fuzilamento porque tinha sido divulgado que eles sabotaram a defesa de Madrid. Quando nós mais precisávamos de material em Madrid, eles estavam escondendo a munição. Os anarquistas, sobretudo no começo, quando identificavam uma unidade comunista em combate, deixavam o camarada se exaurir para depois entrarem em combate. Os comunistas, não: se eles tivessem lutando nós entrávamos e íamos ajudá-los⁴²¹.

⁴¹⁹ Ibid., p. 208.

⁴²⁰ Id., p. 210. De acordo com o seu depoimento, a história da retirada é ainda pouco explicada e há até quem culpe os comunistas pela decisão.

⁴²¹ Id., p. 212.

Apesar da derrota e das condições extremamente adversas, como foi o caso da desmobilização das Brigadas e da marcha para os campos de concentração de Saint Cyprien e Argelès-sur-Mer, Nelson de Souza Alves afirmou que ao longo do conflito foi possível construir entre os voluntários brasileiros laços pessoais e de amizade. Do ponto de vista da experiência pessoal e num contexto histórico em que a solidão e a distância dos familiares fizeram-se presentes, Nelson de Souza Alves ratificou: “[...] Foi uma experiência intensa que combinou habilidade profissional, ideal de luta, convívio com pessoas do mundo inteiro ligadas a uma causa coletiva. Sobretudo, aprendi o que é o respeito pelo coletivo e o espírito de colaboração”⁴²².

Os casos de execuções e fuzilamentos entre as forças políticas que apoiavam a República expõem claramente os limites do compromisso antifascista. Embora a ameaça fascista tenha se caracterizado como um fator aglutinador, ao permitir a coexistência de correntes muito distintas (marxista, cristã, liberal, republicana), o antifascismo também se constituiu como um espaço em que se cruzaram opções políticas inevitavelmente destinadas a entrar em conflito⁴²³.

3.3.6. Dinarco Reis: “Nós lutávamos pela causa da democracia e da República”.

A guerra civil espanhola havia se tornado o principal tema debatido entre os militantes do PCB presos depois dos levantes de novembro de 1935. Tanto é que havia entre eles um acordo: aqueles que fossem libertados e tivessem condições participariam da guerra como forma de prestar solidariedade à República, combatendo o fascismo onde era possível, pois “no Brasil as condições eram muito difíceis”⁴²⁴. Ao sair da prisão, Dinarco Reis garantiu que a decisão de incorporar voluntários brasileiros para apoiar os republicanos partiu da direção do PCB: “[...] Como a nossa permanência na Guanabara tornou-se quase impossível, fomos à Espanha. Eu já era casado com Lígia França e tinha dois filhos pequenos”. Após sair da prisão o ex-combatente deslocou-se para Porto Alegre, onde viveu junto com a família alguns meses na ilegalidade. Depois da intervenção das Forças Armadas no Rio Grande do Sul, Dinarco se exilou no

⁴²² Id., p. 212-213. Na página seguinte, Nelson de Souza Alves destacou que se a ida a Espanha dividiu sua vida em um antes e depois, isso se deve a entrada no PCB.

⁴²³ TRAVERSO, ENZO. Las antinomias del antifascismo. In: *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 254.

⁴²⁴ REIS, Dinarco. Entrevista concedida a José Carlos Sebe Bom Meihy. Mimeo, Rio de Janeiro, 21 de março de 1989.

Uruguai com os irmãos Delcy e Eny Silveira, José Gay da Cunha e Nelson de Souza Alves. Embarcou no transatlântico inglês *Mala Real* com destino a Cherburgo, na França, com passaporte falso. No porto de Cherburgo encontrou com o companheiro Ricardo – encarregado em Montevidéu do envio de voluntários à Espanha – que atuava no Comité de Ayuda al Pueblo Español – e um camarada espanhol. Em Paris esteve com os brasileiros Homero Jobim, Delcy, Eny e Nelson de Souza Alves, embarcando todos juntos num trem a caminho de Port Bou: “[...] Dalí fomos para Figueiras e de Figueiras para o Ebro lutar nas Brigadas Internacionais”. Em seguida, foram deslocados em direção à frente do Ebro.

Dinarco assinalou que no princípio da guerra as tropas republicanas eram formadas por civis recrutados entre operários e camponeses. O ex-combatente refere-se aqui às milícias, que sob sua ótica não tinham uma “formação militar profunda”. Um dos aspectos mais relevantes em seu depoimento refere-se à existência de divergências entre as várias correntes políticas de esquerda, “principalmente os anarquistas, que não gostavam muito de organização”. A organização voluntarista das milícias foi duramente criticada por Dinarco Reis, pois sua disciplina não era muito rígida e nem correspondia a uma guerra daquela natureza. Já os comunistas, apoiados pelos socialistas, que dirigiam os comandos militares no recém-criado Exército Popular, “impunham uma disciplina militar mais autêntica”⁴²⁵.

A respeito das demais forças políticas de esquerda, o voluntário brasileiro foi duro com o POUM, sobretudo por esta agremiação ter discordado da orientação da Frente Popular e promover “[...] uma insurreição em Barcelona, uma luta armada para se apoderar do governo”. Sobre os desdobramentos das “jornadas de maio” em Barcelona e a repercussão em torno do desaparecimento de Besouchet, Dinarco Reis disse o seguinte: “[...] Eu o conheci, um ótimo rapaz, participou do movimento de 1935. Ele era de uma família de trotskistas. Na Espanha, foi muito bem recebido, esteve na frente de combate, mas foi para Barcelona e se integrou no POUM justamente na semana do levante. Aí morreu não se sabe como”.

A forte presença dos anarquistas e suas tendências diversas (os da chamada ação direta e os que seguiam o comunismo libertário) foi outro aspecto que chamou atenção

⁴²⁵ Numa perspectiva crítica, Fernando Claudín sustentou que o Exército Popular Republicano foi o principal instrumento utilizado pelos socialistas reformistas e os comunistas do PCE no processo de reconduzir a revolução ao “leito democrático-burguês” e restaurar o Estado republicano. CLAUDÍN, 2013, p. 264-265.

de Dinarco: “[...] Entre os anarquistas, havia grupos que não aceitavam bem a condição de guerra e se rebelavam. Os anarquistas eram a força popular predominante, eles tinham mais filiados do que qualquer outro partido”. Dinarco procurou minimizar as disputas e divergências no campo da esquerda, dizendo que havia muito respeito dos comunistas pelos anarquistas. Tal observação contradiz Fernando Claudín, que acusou o partido comunista de ser implacavelmente hostil em relação à influência do anarcossindicalismo nos principais núcleos proletários da região da Catalunha⁴²⁶.

O ex-combatente brasileiro considerou a ofensiva do Ebro um erro estratégico, na medida em que teria precipitado o desfecho da guerra. Se o objetivo das forças militares republicanas era prolongar o conflito ao máximo até que se desenvolvesse um apoio político mais efetivo por parte das potências capitalistas ocidentais, “[...] não havia mais condições de resistir ao potencial de fogo dos inimigos”. Por outro lado, Dinarco reconheceu que os combates nas trincheiras eram extremamente violentos, mas os justificou nos seguintes termos:

[...] Tratava-se de destruir ou ser destruído pelo inimigo. A batalha do Ebro foi essencialmente violenta. Nas tropas franquistas, as principais forças de combate eram os mouros, homens sem nenhum princípio moral bem definido. Eram fanáticos, mercenários, bárbaros. E as forças republicanas eram constituídas basicamente de trabalhadores ou de quadros políticos democráticos.

Há nesta citação uma clara visão maniqueísta do conflito, reduzindo-o a uma guerra do “povo” (trabalhadores) contra o “invasor” (os mouros, concebidos como “fanáticos, mercenários, bárbaros”). Nas regiões leais à República, a estratégia prioritária de ganhar a guerra (ao invés de fazer a revolução) resultou na elaboração de um discurso em que o “povo” contra o “invasor” ocupou um lugar central⁴²⁷.

Dinarco não poupou críticas à deficiência de armamentos e à precariedade da alimentação: “uma sopa de ervilhas, de grão de bico, arroz, um molho de trigo e óleo, um copo de vinho e meia broa”. A retirada dos brigadistas foi vista de maneira positiva pelo voluntário brasileiro. Embora a decisão do Comitê de Não-Intervenção sequer tenha tido o efeito de forçar os alemães e italianos a interromper seu apoio às tropas de

⁴²⁶ Ibid., p. 262-263.

⁴²⁷ JULIA, Santos. Discursos de la guerra civil española. In: REQUENA GALLEGU, Manuel. (Coord.). *La guerra civil española y las Brigadas Internacionales*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1998. p. 30.

Franco, a República foi elogiada por ter sido sempre fiel aos seus compromissos diplomáticos. Depois da derrota no Ebro, vários brigadistas foram para os campos de concentração na França: “Nós ficamos ali quase uma semana enterrados na areia. Fazíamos buracos na areia e dormíamos dentro”.

O retorno ao Brasil foi marcado pela visita do embaixador brasileiro Silveira Martins, que ofereceu repatriamento àqueles que não haviam sido condenados (Eny e Delcy Silveira, Homero de Castro Jobim, Nelson de Souza Alves, Nemo Canabarro Lucas). Os que não puderam retornar ficaram na França, como foi o caso dos ex-combatentes Costa Leite, Dinarco Reis, Joaquim Silveira dos Santos, Apolônio de Carvalho, Hermenegildo de Assis Brasil e José Homem Correia de Sá. No início dos anos 1940, quando os alemães avançaram sobre Paris, Dinarco e os demais brasileiros viviam com documentos falsos entre a população parisiense. Em 1942, Dinarco passou quatro meses no exílio em Portugal, sob o governo de Salazar. Mesmo na ilegalidade, o ex-combatente conseguiu restabelecer os laços com o partido comunista. Por fim, numa tentativa de justificar que o conflito também representou para ele uma ofensiva contra o capitalismo, o ex-combatente afirmou: “Lenin nunca propôs acabar com o capitalismo de uma maneira radical. Isso não se acaba de um dia para o outro. A cabeça do homem é a coisa mais difícil de mudar”.

CAPÍTULO IV

HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA

O primeiro romance ficcional sobre a guerra civil espanhola publicado no Brasil surgiu em 1940, apesar do próprio autor, Erico Verissimo (1905-1975) se referir a *Saga* como seu “pior livro”⁴²⁸. Baseado no diário do ex-combatente gaúcho Homero de Castro Jobim, o romance contou também com as sugestões de Jesus Corona, um espanhol que à época vivia no Rio Grande do Sul, fornecendo ao escritor detalhes sobre o campo de concentração de Argelès-sur-Mer. A crítica brasileira infelizmente considera esta obra de Verissimo mais pelas suas debilidades estéticas que pelo valor histórico que possui⁴²⁹. O livro compõe-se de três partes distintas. Na primeira parte a narrativa transcorre em primeira pessoa, sendo a voz de Vasco Bruno a que conta sua participação no conflito civil espanhol entre os brigadistas que defenderam a República.

Quando Erico Verissimo deu início à escrita da obra, Franco já ocupava o poder, e o nazismo, que conferiu respaldo diplomático e militar ao então ditador, expandia-se pela Europa, após anexar a Áustria, Tchecoslováquia e conquistar a Polônia. O pacto germânico-soviético que Hitler e Stalin assinaram poucos dias antes da invasão da Polônia em 1939 comprometeu substancialmente o posicionamento dos comunistas brasileiros. Se, por um lado, o escritor nunca simpatizou com o ideário comunista, de outro, manifestou profunda aversão aos regimes nazifascistas desde os primeiros anos da década de 1930. Certamente, sua postura intelectual independente quanto às tendências ideológico-políticas que dividiam a arena política incomodava. Em outras palavras, seu pensamento se situava “fora do esquadro das ideologias da moda”. Desde o início dos anos 1930, quando sua obra se consagrava, Erico Verissimo foi acusado tanto pela esquerda de se omitir frente ao imperialismo norte-americano e de defender uma concepção “pequeno burguesa de mundo”, como também pelas forças políticas mais conservadoras de defender comunistas perseguidos. Defensor do ideal democrático, o escritor gaúcho jamais acreditou “em ideias que, para serem postas em

⁴²⁸ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1974. p. 231. v. 1. No mesmo ano em que *Saga* foi publicado, foi lançado outro importante romance sobre a guerra civil: *Por quem os sinos dobram*, de Ernest Hemingway.

⁴²⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A guerra civil espanhola e a crítica intelectual brasileira. In: *Guerra civil espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 134-135.

prática, implicassem em morte ou sofrimento aos que não as aceitassem”⁴³⁰. Homem de seu tempo, Erico Verissimo defendia também a liberdade de pensar e de escrever, sintonizando-se de maneira autônoma com as questões que afligiam a sociedade como um todo.

Publicada em 1954, a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade* coloca em destaque personagens oriundos das camadas populares que pensam, discutem, procuram entender o processo histórico em que estão envolvidos e a buscar caminhos para superar o modo de exploração capitalista e a visão de mundo que o sustenta. Os romances que compõem a trilogia – *Os ásperos tempos*, *Agonia da noite* e *A luz no túnel* – narram as trajetórias de militantes comunistas no Brasil e no caso de Apolinário Rodrigues (inspirado em Apolônio de Carvalho) sua participação como voluntário no conflito civil espanhol. Uma das características marcantes da obra de Jorge Amado (1912-2001) é justamente a de produzir uma representação positiva do oprimido, utilizando a literatura como instrumento de militância política. Influenciado pelo marxismo e pela onda revolucionária que invade a literatura, o escritor traz ao primeiro plano de sua produção ficcional a idealização do herói, visto como o símbolo máximo da luta dos oprimidos⁴³¹.

A partir do romance *Jubiabá*, publicado em 1935, o escritor passa a combinar denúncia social e projeto militante com uma série de elementos narrativos que sinalizam sua meta primordial de “escrever para o povo”: o heroísmo idealizado dos personagens; o clima de aventura que emoldura as façanhas dos heróis; a construção maniqueísta de figuras e situações conflitivas, levando a produção de estereótipos dos vilões. Como bem observou Eduardo de Assis Duarte, “[...] os heróis de Jorge Amado buscam sempre ir adiante, disseminando entre os leitores a esperança característica de toda a literatura comprometida com a revolução”⁴³². E é sob este aspecto que seus personagens diferem daqueles elaborados por Erico Verissimo. “Os olhos de Erico”, diz Sandra Pesavento, “enxergavam misérias, fraquezas de caráter e degenerescência de valores nos protagonistas centrais da trama”⁴³³.

⁴³⁰ BORDINI, Maria da Glória. Erico Verissimo, um intelectual independente. *Ciênc. Let.*, Porto Alegre, n. 38, p. 12, jul-dez. 2005.

⁴³¹ BEZERRA, Paulo. Jorge Amado resgatado. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996. p. 13-14.

⁴³² DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996. p. 34.

⁴³³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Erico Verissimo: encontros e desencontros da ficção com a história. *Revista USP*, v. 68, p. 273, 2006.

Um dos campos abertos à pesquisa histórica diz respeito aos vínculos possíveis entre as representações do conflito presentes no universo poético-literário e nas memórias dos ex-combatentes brasileiros. A ausência notável de textos explícitos elaborados à época vincula-se a censura instalada desde 1935 (após os levantes armados de novembro de 1935) e que foi agravada pelo autoritarismo do Estado Novo, instaurado a partir de novembro de 1937. Através do discurso oficial o contexto internacional era descrito pelo prisma do “apocalipse político”; “pela oposição o que se via era a mais pura mescla de heroísmo, resistência e consciência política”. “Tudo, porém, tinha um denominador comum: ameaça. A incerteza do momento convocava militância dos dois lados”⁴³⁴.

Minha intenção neste capítulo é demonstrar como *Saga* de Erico Verissimo⁴³⁵ e *Os ásperos tempos* de Jorge Amado⁴³⁶ dialogam com o contexto político-ideológico do período entreguerras, explorando a literatura como fonte e forma específica de conhecimento do mundo social. Se o historiador ocupa-se tradicionalmente da análise de casos e situações específicas em busca de suas causas, o escritor é atraído pela possibilidade de explorar suas contradições. E aí reside uma diferença crucial que deve ser devidamente considerada pelo historiador que se debruça sobre o material literário. Ao ressaltar sua peculiaridade, Nicolau Sevcenko assinala que a literatura “[...] fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”⁴³⁷. Além disso, poderíamos assinalar que toda narrativa ficcional se alimenta do antagônico, da crise e da falta de solução⁴³⁸.

Utilizando como chave de leitura uma carta datilografada pelo ex-combatente brasileiro Delcy Silveira endereçada ao escritor Erico Veríssimo, datada de 29 de julho de 1940, um dos pontos centrais deste capítulo consiste em discutir e analisar as representações da guerra civil espanhola (1936-1939) no romance *Saga* e o seu impacto entre os voluntários brasileiros no contexto pós-guerra. Em síntese, nos interessa compreender as formas de apropriação do romance e explicar de que maneira tal

⁴³⁴ MEIHY, 2011, p. 120-123.

⁴³⁵ VERÍSSIMO, Erico. *Saga*. 20 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁴³⁶ AMADO, Jorge. *Os ásperos tempos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴³⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 21.

⁴³⁸ SANTOS, Pedro Brum. Aspectos do romance histórico em Erico Verissimo. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, v. 11, p. 53, 2005.

releitura da obra reverberou na carta de Delcy Silveira, nos depoimentos de Homero de Castro Jobim e no livro de memórias de Erico Verissimo, intitulado *Solo de clarineta*.

Lembrando a advertência perspicaz da historiadora Angela de Castro Gomes: “[...] cartas, como diários, memórias e outras formas de escrita de si se aproximam, sendo discursos que mobilizam a sinceridade como valor de verdade, mas não podem, por isso, ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas”⁴³⁹. Depreende-se, de saída, que houve um embate no contexto pós-guerra civil no que tange à construção da identidade dos voluntários de esquerda devotados à causa republicana. Num outro plano da análise, este estudo permitirá examinar tanto a relação do leitor com o texto como a própria identidade deste leitor. Como bem observou Robert Darnton, o significado de um livro não se encontra imobilizado em suas páginas, mas é construído por seus leitores⁴⁴⁰.

4.1. Reflexões sobre a escrita da história

No que diz respeito às relações entre literatura e história, Roger Chartier chamou atenção para a necessidade de se afastar a noção de que a história – como um saber crítico – não seria mais que uma produção fictícia dentre outras modalidades discursivas. Não obstante, é preciso que o historiador reconheça certos limites na produção de seu próprio conhecimento, na medida em que alguns aspectos da realidade social (como por exemplo, o caráter múltiplo das práticas de cada um dos homens e mulheres do passado) encontram-se fora do alcance de sua análise. No limite, haveria uma antinomia insuperável entre, de um lado, o universo das práticas, e de outro, o universo da escrita. De acordo com o autor,

Há, aqui, um mundo de práticas que podemos unicamente ver de uma maneira particularmente parcial, limitada, obscura, e que este mundo de experiências, de crenças, de representações, de emoções, para nós, qualquer que seja a maneira de nos aproximarmos dele, é um mundo de opacidade, um mundo de distanciamento e, desta maneira, nos sugere uma prudência⁴⁴¹.

⁴³⁹ GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 22.

⁴⁴⁰ DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história da leitura. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*, Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 168-201.

⁴⁴¹ CHARTIER, Roger. *Literatura e História. Topoi*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 213, 2000.

Trocando em miúdos, “[...] as práticas não se fazem para serem escritas, não se engendram, não se desenrolam através de uma lógica, que é a lógica da escrita. Daí, um desafio, como compreender as práticas, mas compreendê-las para fazer compreender e, dessa forma, escrevê-las?”⁴⁴². Diante de tais problemas, o ponto de tensão reside no fato de que a escrita jamais esgota as práticas dos atores do passado. Sobre essa questão, Carlo Ginzburg faz uma advertência importante, ao assinalar que a relação direta com a experiência vivida só pode se dar no âmbito da ficção, uma vez que a possibilidade de superar o obstáculo inevitável entre as pistas fragmentárias e distorcidas de um determinado acontecimento e o próprio acontecimento é vedada ao historiador, que apenas dispõe de “rastros”, isto é, documentos⁴⁴³.

Na esteira das observações de Luiz Costa Lima, toda aporia tenciona tomar sua afirmação inicial como indemonstrável, transformando-a num dogma blindado frente a possíveis questionamentos. Caminhando na contramão de tal postulado, o discurso ficcional não postula uma verdade, mas a coloca entre parênteses. O que o autor procura demonstrar é que a historiografia possui um trajeto peculiar desde Heródoto e, principalmente, Tucídides, qual seja, a de que a escrita da história tem por aporia a verdade do que houve⁴⁴⁴. Ou seja, a aporia de base sobre a qual se alicerça a escrita da história é “a procura de dar conta do que houve e por que assim foi”. É esta preocupação primeira com a verdade que se generalizará a partir do século XIX.

Todavia, a escrita da história – concebida como disciplina autônoma e que procura explicar a razão do que houve – não deve ser confundida com a história, vista como um fenômeno natural, espontâneo, pois “[...] ela é a face concreta, múltipla e contraditória da existência humana”⁴⁴⁵. Importante sublinhar que o autor está longe de endossar o coro das posições relativistas, dentre elas a que reduz a historiografia a uma dimensão apenas textual. Destarte, mesmo que a “história crua” seja a fonte comum a ser tratada pelo historiográfico e, igualmente, pelo ficcional, seria “a radical diferença de seus resultados, e a falta comum de teorização suficiente de ambas, que dão lugar aos equívocos que têm acompanhado a escrita da história e a literatura”⁴⁴⁶. Por outro lado,

⁴⁴² Idem.

⁴⁴³ GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, Trad. Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 271.

⁴⁴⁴ LIMA, Luiz Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 21.

⁴⁴⁵ Ibid., p. 116.

⁴⁴⁶ Id., p. 117.

se a modernidade trouxe à tona a distinção entre ambas, o mesmo fato “[...] não provocou a compreensão de serem duas modalidades discursivas que não teriam por que colidir, estar em conflito ou serem hierarquizadas”⁴⁴⁷.

Em resumo, a escrita da história a) supõe a intervenção de uma atividade interpretativa; b) sujeita o fato a perguntas; c) propõe significações e valores que passam a integrar o passado. É pela intervenção do historiador que o passado se amolda às conexões estabelecidas entre uma série de fatos. Dito de outro modo, “[...] a escrita da história converte uma heterogeneidade de fatos em um conjunto temporal explicado”⁴⁴⁸.

Um dos argumentos centrais defendidos pelo autor refere-se à principal desvantagem do conhecimento histórico, a saber, “[...] a tentação de converter sua aporia da verdade em algo, literalmente, sem poros, isto é, impermeável à indagação teórica”⁴⁴⁹. Ora, mas qual seria o objeto de investigação da escrita da história? Mesmo que seu objeto de análise seja algo do mundo, diz Costa Lima, sabemos que “[...] seu objeto não é propriamente o tempo, mas a experiência humana que nele se deu”⁴⁵⁰. Nesses termos, o historiador trata de uma experiência humana localizada num contexto espaço-temporal. Além de afirmar a verdade do que investiga – máxima que deve ser entendida com extrema cautela –, a história – enquanto “ciência do contexto” – não possui um objeto que lhe seja específico. A despeito da dificuldade do historiador em projetar conceitos e das diferenças que se acentuaram ao longo do século XX entre construção historiográfica *versus* “história crua” (espontaneamente processada), “[...] sua pretensão é dizer como em um tempo preciso, segundo a ótica do lugar que o historiador ocupa, instituições e ações se motivaram”⁴⁵¹.

4.2. Redefinindo o diálogo entre história e literatura

Com o intuito de aprofundar o debate envolvendo a construção das memórias e das leituras possíveis sobre a guerra civil espanhola, gostaríamos de retomar o debate nesta seção sobre o “cruzamento dos olhares” entre a literatura e a história. De início, uma pergunta deve ser colocada: “Ler a história como literatura, ver na literatura a

⁴⁴⁷ Idem.

⁴⁴⁸ Id., p. 128.

⁴⁴⁹ Id., p. 143.

⁴⁵⁰ Id., p. 146.

⁴⁵¹ Id., p. 155-156.

história se escrevendo, isto é possível?”⁴⁵². Frente à crise dos modelos explicativos totalizantes da realidade (estruturalista, marxista, demográfico, etc.), “[...] reabre-se o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária [...] questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginária do real”⁴⁵³.

Nesse sentido, há que se ressaltar a presença de tensões e conflitos entre a irreduzibilidade do fato e a atribuição de sentido que lhe confere o historiador. No entanto, como diria Ginzburg, é preciso rechaçar as teorias que tendem a relativizar os limites entre história e ficção. Por conseguinte, mesmo que o historiador e o romancista comunguem um mesmo princípio cognitivo, o primeiro depende dos arquivos, da pesquisa documental, dos métodos de análise e dos critérios de cientificidade, seja para compor um determinado contexto quanto para se “chegar” ao acontecimento. Já a narrativa literária “[...] se permite trilhar outros caminhos referenciais, que passam pela estética, pela poesia, e a sua relação com os ‘traços da passeidade’ [os fatos históricos resgatáveis por intermédio das fontes, ou seja, documentos e imagens] é mais liberada”⁴⁵⁴.

O enfoque proposto por Sandra Pesavento e Jacques Leenhardt – em termos de aproximações e leituras cruzadas entre as narrativas literária e histórica – revelou-se extremamente fecundo para o tema deste trabalho. Assim, convém pontuar alguns aspectos centrais do quadro exposto pelos autores: *Aproximações*: (a) “tal como a literatura, a história, enquanto representação do real, constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário”; (b) “tanto a história como a literatura reconfiguram um tempo passado na composição narrativa”; (c) “há um processo seletivo de discursos e imagens”; (d) “embora menos enfática ou didática na sua formulação, a literatura, tal como a história, também constitui uma socialização das memórias, das narrativas e dos discursos”⁴⁵⁵. *Distanciamento*: (a’) “o texto histórico inclui alguma distância entre o leitor e o discurso do historiador”; (b’) “o historiador, de certa forma, aprisiona e tutela o tempo”; (c’) “na medida em que a história preserva seu estatuto de ciência, ela funda

⁴⁵² LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 9.

⁴⁵³ *Ibid.*, p. 10.

⁴⁵⁴ *Id.*, p. 11.

⁴⁵⁵ *Id.*, p. 12-13.

sua legitimidade como narrativa”; (d’) “entre a distância do fato e o mundo do leitor, interpõe-se a fala do historiador, que ‘salva’ o passado para o presente”⁴⁵⁶.

Por sua vez, ao traduzir uma sensibilidade na apreensão do real, “literatura e história contribuem para a atribuição de uma identidade, social e individual, provocando modelos de comportamento”⁴⁵⁷. Não só: ambas ensinam formas de percepção e leitura do real. Entretanto, a narrativa histórica “não se desfez totalmente do seu empenho em fazer da versão do passado do historiador (o que poderia ter sido) a versão daquilo que realmente foi”. Residiria aí o contraponto exemplar entre os discursos histórico e literário: se no primeiro é possível constatar certo fechamento à livre interpretação, no segundo a possibilidade de leitura é mais aberta, no sentido de permitir um leque mais amplo de interpretações.

E quais seriam os benefícios desse diálogo entre história e literatura? Para o escritor espanhol Ignacio Martínez de Pisón, o papel do romancista é explorar a complexidade da existência humana e não simplesmente produzir slogans. Afastando-se de narrativas épicas e romantizadas, toda criação literária – destituída de uma abordagem maniqueísta – deve mostrar aos leitores como a história coletiva afeta e se relaciona com as trajetórias dos personagens⁴⁵⁸.

4.3. Um anti-herói nas Brigadas Internacionais?

Passo agora a analisar a figura do narrador-personagem Vasco Bruno e suas memórias sobre a guerra civil espanhola, particularmente no capítulo “O círculo de giz”, em que o personagem central da obra narra sua expectativa angustiante em atravessar a fronteira francesa (Pirineus Orientais) com a Espanha para desfrutar de novas sensações e, é claro, encontrar a guerra: “[...] Quero me atordoar na ação. Preciso apagar as doces e amolentadoras visões da saudade, espantar os fantasmas familiares, esquecer os mornos hábitos do conforto – tudo quanto ficou para trás. Estou tentando passar na memória uma esponja embebida em vinagre”⁴⁵⁹.

⁴⁵⁶ Id., p. 13.

⁴⁵⁷ Id., p. 14.

⁴⁵⁸ Ver a conferência proferida por Ignacio Martínez de Pisón no evento “Conversaciones de escritores”, realizado em Madrid e promovido pela fundação Mapfre em 31 de janeiro de 2012. Disponível em: <http://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/cultura-historia/multimedia/videos-conferencias-conversaciones-escritores/ignacio-martinez-pison.jsp>, acesso em 12 de março de 2015.

⁴⁵⁹ VERISSIMO, 2006, p. 17.

Após ter passado incólume pela revista dos guardas franceses na estação de trem que o levaria de Perpignan a Port Bou, Vasco, já em território espanhol, recorda a presença de uma velha senhora refugiada que tentou dissuadi-lo da missão, dizendo-lhe: “Ustedes están locos, locos, locos!”. Nesse momento, o personagem faz uma primeira pausa que lhe é cara, indagando-se acerca dos motivos que o levaram a lutar ao lado dos republicanos espanhóis:

Lembro-me dos meus velhos sonhos pacifistas e há um confuso momento em que me é custoso convencer de que estou prestes a pegar em armas para matar. E matar quem? Homens que nem sequer conheço. Por que motivo? Por uma nevoenta razão que nem a mim mesmo agora consigo explicar. Já disse que tenho de esquecer tudo quanto deixei para trás: confortos familiares, amigos e ilusões. Repito interiormente: vou lutar do lado de um povo barbaramente agredido. Eis a fórmula que eu procurava. Sou um idealista. Estranha palavra esta... branca e remota como a neve que coroa aqueles cimos. Seja como for, o principal é não pensar⁴⁶⁰.

Não há como negar que na passagem citada encontram-se dois componentes ideológicos caros à postura política de Erico Verissimo: “[...] o pacifismo ardente e militante e o ódio veemente à violência como solução para os conflitos”⁴⁶¹. No livro *Solo de clarineta*, o escritor gaúcho destacou que Vasco “[...] não é, como suspeitaram muitos leitores e críticos, um retrato do romancista quando jovem. Há entre nós diferenças muito nítidas de temperamento e caráter”⁴⁶². Enquanto Erico Verissimo inclinava-se para o “quietismo e a contemplação”, Vasco era “impulsivo, inquieto, animado pelo espírito de aventura”. O único ponto em comum entre escritor e personagem seria “uma visão plástica da vida”. É neste sentido que a obra literária nos permite estabelecer um paralelo entre o personagem ficcional, o autor que o elaborou e o personagem real, o ex-combatente Homero de Castro Jobim: pela presença do espírito antidogmático e da mensagem antibelicista que marcaram profundamente a maneira com que o tema da guerra civil foi trabalhado no romance e, igualmente, no depoimento de Homero Jobim. Se Vasco Bruno não conseguia se convencer de era realmente necessário pegar em armas, o personagem ficcional representa a antítese do que

⁴⁶⁰ Ibid., p. 20.

⁴⁶¹ AGUIAR, Flávio. Romance entre dois mundos. In: VERÍSSIMO, Erico. *Saga*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 13.

⁴⁶² VERISSIMO, 1974, p. 81.

chamamos de “brigadistas politizados” e/ou “voluntários ideológicos”⁴⁶³. Daí a necessidade de apresentar o idealismo (a fórmula que Vasco procurava) como oposto ao pensamento.

O que havia de mais espetacular, diz Vasco, era a composição dos diversos idiomas que se cruzavam e se misturavam entre os combatentes estrangeiros das Brigadas Internacionais. Contudo, volta e meia um doce fantasma chamado Clarissa assombrava-lhe os pensamentos. A lembrança de Clarissa vem à tona quando Vasco conjectura a respeito de sua permanência no Brasil: “[...] Que teria sido de mim se ficasse? O casamento, uma vida medíocre, a luta sem glória de todos os dias à sombra ameaçadora dos cadernos do armazém. Depois, o envelhecimento precoce, a amargura, o tédio. [...] Para essas doces feridas, uma esponja embebida em vinagre. Está acabado”⁴⁶⁴. Em seguida, o personagem atribui aspectos instintivos e impulsivos ao seu próprio caráter, elementos que, aliados ao espírito aventureiro do pai, o levaram a atravessar o oceano em direção à Espanha.

Num antigo mosteiro da Catalunha, então sede provisória do quartel da Brigada *Garibaldi*, Vasco nota certo pessimismo entre os oficiais, especialmente a partir das primeiras notícias dando conta da escassez de armas. Contrariado pela falta de armamentos no lado republicano, somados as chuvas intermitentes e ao frio, o personagem se queixa: “Não sei por que me meti nisto – confesso a mim mesmo. Espírito de aventura, talvez. A fascinação do perigo. Simples curiosidade. Mas o pior é que essas palavras não querem dizer nada. Tenho o corpo quebrantado e a alma vazia. Derrotado antes de entrar em combate”⁴⁶⁵.

Seguindo a máxima de que “deve ser mais decente morrer lutando”, Vasco dizia que o envio de armas aos *internacionales* e o fim das chuvas poderiam minimizar o abatimento dos soldados antes da partida para as trincheiras. Outro aspecto relevante na narrativa refere-se aos aspectos da vida cotidiana em tempos de guerra. A esse respeito, Vasco destaca que em Besalú, antiga vila da província de Gerona (local por onde os caminhões trafegavam carregando novos voluntários) era possível notar expressões de

⁴⁶³ Como o personagem Robert Jordan da obra de Hemingway, que pouco antes de morrer disse: “He estado combatiendo desde hace un año por cosas en las que creo, se decía. Si vencemos aquí, venceremos en todas partes. El mundo es hermoso y vale la pena luchar por él, y siento mucho tener que dejarlo. Has tenido mucha suerte, se dijo, por haber llevado una vida tan buena”. HEMINGWAY, Ernest. *Por quién doblan las campanas*, Trad. Lola de Aguado. 6. ed. Barcelona: Random House Mondadori, 2013. p. 613-614.

⁴⁶⁴ VERISSIMO, 2006, p. 22.

⁴⁶⁵ Id., p. 43.

desconfiança, tristeza e, principalmente incerteza diante da vitória das forças republicanas sobre as tropas de Franco, notadamente entre mulheres, velhos e crianças daquela pequena comunidade. Em seguida, o narrador-personagem descreve a dura realidade dos seis primeiros dias no batalhão *Garibaldi*: “Sob as ordens de um ex-oficial alemão rígido e glacial e de dois austríacos, um deles mutilado na Grande Guerra, passamos os dias a fazer exercícios militares, a aprender a nomenclatura e o manejo de fuzis e metralhadoras”⁴⁶⁶. O olhar minucioso do personagem, ao descrever o conjunto dos voluntários estrangeiros que integravam o seu batalhão, indica que os brigadistas dotados de uma rígida consciência partidária estavam mais inclinados a não se entregar ao sentimentalismo, a não temer a morte, a praticar a “ideologia da violência” (com base no ódio) e a possuir uma “boa dose de espírito messiânico”:

Há neste batalhão gente de todas as espécies e procedências. São em sua grande maioria homens decididos e fortes, tipos másculos curtidos pelo sol e por todos os ventos da vida. Têm uma consciência partidária e sabem o que querem. Fugitivos de países onde o fascismo impera, vieram para derrubar um regime capitalista. Há entre eles uma espécie de compromisso tácito de não se meterem uns na vida privada dos outros. Conversam, fumam, bebem e cantam juntos como bons camaradas que se encontram agora aqui para se separarem amanhã mais adiante sem aviso prévio nem manifestações de sentimentalismo. Não temem a morte e a sua única lei é a lei da Brigada Internacional. Parecem achar como Lenin que esta não é a hora de afagar cabeças, mas sim de rachar crânios. Não creio que sejam homens visceralmente cruéis, mas estou certo que são capazes de crueldade, pois sabem que à violência só se pode opor uma violência maior. Seu ódio, pois, se alimenta do ódio dos inimigos. E é curioso observar como em sua quase totalidade esses ‘internacionais’ têm o que se pode chamar de ‘ódio dirigido’. Odeiam metodicamente determinadas pessoas e coisas com um ódio forrado de argumentos mais ou menos lógicos. Sinto em muitos deles uma boa dose de espírito messiânico e em quase todos uma indisfarçável sede de aventura⁴⁶⁷.

O excerto é longo, mas serve como indicativo de um profundo desconforto que Vasco Bruno sentiu ao se aproximar de muitos desses voluntários. Tal desconforto está vinculado a dois quesitos centrais: a ausência do senso de humor e a rigidez doutrinária proveniente da ortodoxia marxista. Embora o respeito tenha sido a tônica das relações de Vasco com estes indivíduos, o narrador-personagem passou a encará-los como “tipos fabricados em série”, fato que o impulsionou a buscar uma maior proximidade com

⁴⁶⁶ Id., p. 47.

⁴⁶⁷ Id., p. 48-49.

aqueles que foram para a Espanha não apenas por motivos de cunho político – “os raros, os estranhos, os misteriosos, os que não vivem de acordo com uma rígida fórmula doutrinária”⁴⁶⁸. De todo modo, Vasco assinalou que havia um número bastante significativo de refugiados judeus oriundos da Alemanha e da Áustria, bem como outros que se alistaram nas BI com a finalidade de fugir de um drama íntimo. Entre os mais jovens, o narrador-personagem notou a presença dos “idealistas puros”, aqueles cujo anseio consistia em morrer por um ideal:

[...] Uns falam em comunismo, outros em democracia, e a palavra *humanidade* anda em muitas bocas. Eu quisera ser um desses. Às vezes tento iludir-me com palavras. Não adianta. Já procurei dançar a todas essas músicas. Não me adapto a seu ritmo. No entanto, é curioso, não sou um céptico, nem um suicida e muito menos um apaixonado da guerra. Anima-me uma esperança nem eu mesmo sei em quê⁴⁶⁹.

A seguir, Vasco confere destaque à recepção das palavras e do discurso do comissário romano Gino Cantalupo – “sereno e profético, a pintar no quadro do futuro o mais justo e belos dos mundos” – momentos antes dos soldados deixarem Besalú, dizendo: “[...] Houve tempo em que essas palavras exerceram algum fascínio sobre o meu espírito de adolescente. Aos dezoito anos a gente tem desejos messiânicos de reformar o mundo, demolir os velhos edifícios, matar a tradição. [...] Mas o próprio tempo acaba por nos convencer de que a vida é absolutamente ‘outra coisa’. Não cabe num programa de partido. Não se pode resumir numa fórmula”⁴⁷⁰. De acordo com suas impressões, mais um elemento seria responsável por afastá-lo dos demais voluntários, qual seja, a introdução de determinadas expressões-chave no discurso de Cantalupo, tais como: “heroísmo”, “sacrifício”, “ideal” e “vitória”.

Cabe aqui um breve parêntese: o narrador-personagem já havia experimentado dois eventos traumáticos mesmo antes de partir para as trincheiras. Ao responder rispidamente algumas questões concernentes a sua ida à Espanha e, simultaneamente, por ter tergiversado sobre algumas informações referentes ao Brasil, Vasco recebeu ameaças de ser delatado como insubordinado pelo comissário Cantalupo. Sua provável sentença: fuzilamento. Por outro lado, presenciou junto aos demais integrantes do

⁴⁶⁸ Id., p. 49.

⁴⁶⁹ Id., p. 52. Grifos do autor.

⁴⁷⁰ Id., p. 66.

batalhão, como forma de advertência, o fuzilamento do companheiro e amigo Pepino Verga, acusado de ter violado uma jovem adolescente de apenas 15 anos.

Já em Cambrills, uma pequena vila da província de Tarragona, onde se localizava o comando da 45ª Divisão (que incluía três Brigadas Internacionais), Vasco lamentou a presença de vários casos de sarna entre os soldados⁴⁷¹:

[...] É esquisito como, ao pensar na guerra, a gente nunca se lembra desses pormenores sórdidos ou então simplesmente triviais. Tem-se em vista a ação, a luta, o ímpeto, as arremetidas corajosas ou então a silenciosa e subterrânea luta contra o medo. Poetas e jornalistas, romancistas e historiadores, antes de fixar a guerra em livros, revistas e jornais, passam-na por uma peneira cuja trama é feita de idealismo, romance e clarinadas gloriosas⁴⁷².

Quando um trem chegara de Tarragona trazendo armas e munições, o entusiasmo havia contagiado todos os soldados do batalhão. No entanto, Vasco recorda com pesar os bombardeios ao acampamento em Cambrills, cujo saldo resultou na morte de quatro companheiros e oito feridos e, por conseguinte, na difícil tarefa de retirar os pedaços dos corpos presos aos ramos das árvores. Desde então, a ideia da morte não o abandonou mais. Concomitante ao tom extremamente pessimista do discurso do comissário Cantalupo, ao declarar que para cada homem que se embrenhava na linha de frente havia nove probabilidades de morrer contra uma de voltar vivo, Vasco desabafou: “Sinto-me um condenado à morte que espera a madrugada de sua execução”⁴⁷³.

Foi nas trincheiras às margens do rio Ebro que pela primeira vez o narrador-personagem ouviu o som assustador e pavoroso dos projéteis alvejando o corpo de um homem. Vasco faz menção, em tom de choque e revolta, a um tiro à queima-roupa disparado pelo soldado chileno García no crânio de um soldado mouro desertor: “Acordo com a sensação de que de ontem para cá envelheci dez anos”. Dalí em diante, seus pensamentos serão marcados pela ambiguidade, ora ele é tomado pela vontade de desertar, vez ou outra pelo desejo de luta e ímpeto de destruição.

⁴⁷¹ Assim como *Lutando na Espanha* de George Orwell, *Saga* busca acentuar o “detalhe”, ou seja, aspectos da guerra que raramente entram na narrativa histórica: o constante cheiro de excremento e a comida podre; a falta de higiene pessoal; os corpos comidos por piolhos; o barro frio e penetrante das trincheiras; a ausência quase absoluta de combates. Ver LOUREIRO, Ángel. Los afectos de la historia. In: MONEGAL, Antonio (Ed.). *Política y (po) ética de las imágenes de guerra*. Barcelona: Paidós, 2007. p. 140-141.

⁴⁷² VERISSIMO, op. cit., p. 76.

⁴⁷³ Ibid., p. 81.

Mas o quadro ficaria incompleto se disséssemos que a guerra civil no romance *Saga* resumia-se à “destruição, sangueira e morte”. No transcorrer dos dias e enfrentamentos, Vasco percebia que o perigo eminente forjava uma aproximação entre os voluntários, era o “espírito de camaradagem”. Em outra passagem, o soldado italiano De Nicola recomenda que Vasco encare a guerra como uma “reeducação sentimental” e acrescenta: “E se ao sair deste inferno você não souber tirar proveito do que viu, sentiu e descobriu, então é melhor amarrar uma pedra ao pescoço e atirar-se no Mediterrâneo”⁴⁷⁴.

O trecho a seguir representa uma mudança momentânea, embora significativa, no comportamento pessimista de Vasco. Pela primeira vez o personagem abandona o sentimento de vazio e impotência que persistia em acompanhá-lo, mostrando-se desta vez inclinado a encarar a guerra civil espanhola como uma obrigação moral e um dever de solidariedade com os camaradas:

Olho para os rostos dos companheiros. Estão serenos e resignados. Quando entraram nisto estavam resolvidos a não voltar. Para eles a vida pouco vale e a morte tanto pode chegar-lhes hoje como daqui a vinte anos, é-lhes completamente indiferente. São bravos e fortes e ao vê-los sinto obrigações de solidariedade para com eles. Venha o que vier, é preciso ter coragem e lutar. E é por isso que às vezes chego a ter pudor do simples desejo de ir embora⁴⁷⁵.

Ao presenciar a dura derrota do governo republicano e a evacuação das multidões que começavam a deixar Barcelona em direção à fronteira com a França, Vasco revela que o que viu naquele momento era no mínimo cem vezes mais trágico do que a guerra nas trincheiras: “Nunca vi tantas caras apavoradas nem ouvi tantos choros e lamentações. É um quadro de miséria e desolação. [...] São marcos sinistros da estrada mais sombria que trilhei em toda a minha vida”⁴⁷⁶. Sentindo-se cansado, triste e desolado diante de tantas lembranças terríveis – como da passagem pelo campo de

⁴⁷⁴ Id., p. 100.

⁴⁷⁵ Id., p. 133-134. Para Rémi Skoutelsky, se for possível traçar uma visão geral das motivações de alistamento é preciso recorrer à noção de solidariedade. Outro elemento que deve ser levado em conta diz respeito ao fato de que para muitos voluntários o conflito representava uma ofensiva contra o capitalismo. Em suma, a solidariedade era entendida como uma obrigação do ponto de vista moral: presente na relação com os camaradas que já haviam partido para o *front*; em relação aos pais militantes; e também como reação a uma política de não intervenção vista como algo humilhante. SKOUTELSKY, Rémi. *Novedad en El frente: las Brigadas Internacionales en la guerra civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 2006a. p. 214-215.

⁴⁷⁶ VERISSIMO, 2006, p. 151.

concentração de Argelès-sur-Mer, dos cartões de racionamento distribuídos entre a população catalã e das “raparigas que vendiam sua virgindade por um prato de lentilhas” –, Vasco Bruno reencontra seu “círculo de giz”⁴⁷⁷ ao voltar para o Brasil e para os braços de Clarissa: “[...] Para essas memórias amargas, uma esponja embebida em esquecimento! Sou um fugitivo do inferno... creio que sou um homem novo”⁴⁷⁸.

Torna-se relevante destacar que o personagem Vasco Bruno difere da memória e da identidade que os voluntários brasileiros construíram nos depoimentos analisados. Nesse sentido, o personagem é visto de forma negativa pelo fato de comprometer a própria identidade que o grupo construiu de si próprio. Em consequência, o que reforça ainda mais a identidade e os valores do grupo é a consciência de que lutar contra o fascismo, independente da vitória, estava em primeiro plano. Não obstante, essa convicção jamais acompanhou Vasco, personagem marcado por dilemas, dúvidas e incertezas quanto as suas próprias escolhas pessoais, políticas e ideológicas. Na carta de Delcy Silveira ao escritor Erico Veríssimo, transcrita logo a seguir, o ex-combatente empenha-se não só em proteger a identidade do referido grupo, refutando certas passagens do livro, como também em defender a memória dos cinco mil voluntários estrangeiros mortos no conflito⁴⁷⁹. Para tanto, atribui ao romance *Saga* a tentativa de “ofender o passado glorioso dessas unidades voluntárias e seus combatentes”. De fato, Delcy Silveira demonstra certa inclinação ao “entesouramento das memórias”⁴⁸⁰ dos tipos descritos pelo romancista, sobretudo por não admitir a existência de identidades fracionadas e parciais, como a de Vasco. Em sua resposta a Delcy Silveira, Erico Verissimo destaca a pluralidade dos brigadistas, feitos não apenas de heróis, mas de indivíduos comuns e aventureiros, distanciando-se de uma visão sacralizada e gloriosa do conjunto dos voluntários estrangeiros no contexto da guerra civil espanhola.

Talvez o que torne a leitura dessa obra de Erico Verissimo tão imprescindível seja o benefício crítico trazido pela noção de “estranhamento” elaborada entre os

⁴⁷⁷ Expressão metafórica utilizada pelo autor para comparar a condição humana a um peru, irremediavelmente preso a um círculo traçado a giz no chão.

⁴⁷⁸ VERISSIMO, op. cit., p. 164. O personagem Vasco Bruno contrasta radicalmente com o conjunto dos brigadistas do batalhão *Lincoln*. Para eles, Espanha – a palavra, o país, a causa – encarnava ideologia e paixão política, angústia e esperança; tal experiência se converteu no grande estímulo de suas vidas. CARROLL, Peter. *La odisea de la Brigada Abraham Lincoln: los norteamericanos en la Guerra Civil Española*. Sevilla: Espuela de Plata, 2005. p. 25-26.

⁴⁷⁹ Agradeço ao historiador José Carlos Sebe Bom Meihy pela gentileza de ter disponibilizado as cartas trocadas entre o brigadista Delcy Silveira e o escritor Erico Verissimo.

⁴⁸⁰ O filósofo Renato Janine utiliza o termo para designar aquele indivíduo fascinado em “entesourar” e/ou guardar a melhor recordação de si próprio e assim construir a própria identidade. Ver RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 21, p. 35-42, 1998.

teóricos da literatura: entendida como um antídoto contra os riscos de se banalizar a realidade e, simultaneamente, como “[...] um meio para superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade”⁴⁸¹. Dito de outro modo, *Saga* consegue transpor para o romance algo que está ausente nas memórias dos voluntários brasileiros: o vazio e o impacto que a derrota dos republicanos deixou no pós-guerra, sobretudo nas trajetórias dos ex-combatentes, bem como no imaginário das esquerdas⁴⁸².

Convém lembrar que Vasco sai duplamente derrotado da guerra. A primeira derrota é coletiva, na medida em que divididos e enfraquecidos pelas disputas internas os republicanos são abandonados à própria sorte pelos países do Ocidente e, por conseguinte, derrotados pelas tropas de Franco. Já a sua segunda derrota ocorre no plano pessoal, por dois motivos: ao voltar para Porto Alegre, tornando-se um pintor de retratos para a burguesia local; e porque na Espanha tivera um envolvimento com uma mulher chamada Juana que jamais reencontrará e a quem suspeita tê-la deixado grávida⁴⁸³. Dessa maneira, podemos sustentar que Erico Veríssimo trabalha com perspicácia tanto personagens que lutam pela causa antifascista como aqueles “soldados do destino”, simples aventureiros de uma guerra perdida, que acaba sem vencedores reais⁴⁸⁴.

4.4. “Batalhas pela memória”

Porto Alegre, 29 de julho de 1940.

Digno Escritor e Patrício Erico Veríssimo

Saudações

Li seu recente livro *Saga*. Contemplei, senti na própria carne e vivi a tragédia da heroica Espanha republicana, como combatente na denominada Brigada Internacional do Exército Espanhol.

⁴⁸¹ GINZBURG, Carlo. Estranhamento. Pré-história de um procedimento literário. In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*, Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 36.

⁴⁸² Essa análise foi inspirada nas reflexões de Ángel Loureiro sobre a relação ambígua e oculta existente entre historiografia e afetividade, uma vez que esse território da memória do que não passou, do que não pôde se concretizar pela derrota na guerra, não pode entrar com comodidade na historiografia, mas sim no cinema e na literatura. LOUREIRO, 2007, p. 136-137.

⁴⁸³ AGUIAR, 2006, p. 12.

⁴⁸⁴ *Ibid.*, p. 13-14.

Pelo respeito que me merece a memória dos cinco mil voluntários estrangeiros mortos nos campos de batalha de Espanha, é que vos escrevo para refutar passagens de vosso livro, que além de irreais são ofensivas ao passado glorioso dessas unidades voluntárias e seus combatentes, cognominados pelo setor livre da imprensa do mundo, de Voluntários da Liberdade.

*A leitura de vosso livro não me transportou, apesar de ser por mim conhecido o roteiro de vossos personagens, para aqueles dias passados, pois o ambiente e os tipos descritos pelo ilustre escritor antifascista não correspondem em absoluto à realidade*⁴⁸⁵.

Vasco, Green, García, Pepino, etc... não correspondem de nenhuma forma, ao ‘standard’ psicológico das Brigadas Internacionais. Com tais tipos a República Espanhola não resistiria nem um mês, contra a esmagadora superioridade material da Intervenção Ítalo-Germânica.

A resistência de Madrid, a vitória de Guadalajara, Jarama, Teruel, e a ofensiva do Ebro, da qual o Snr. fala em seu livro, só poderiam ser executadas com grande disposição de ânimo combativo, desprendimento e abnegação.

A moral era tal, naqueles trágicos dias, que apesar de antever que a vitória não sorria, devido a interesses econômicos de uns, covardias de outros, e a política de avestruz de não intervenção anglo-francesa (isto é, o direito de intervir por parte da Itália e da Alemanha), continuamos com o mesmo élan de resistência, na certeza que lutávamos pela democracia e pela liberdade do mundo. A presente situação mundial confirma a justeza deste conceito. Era esse bando de aventureiros compostos de todas as correntes ideológicas, antifascista, e credos religiosos, representando cinquenta e quatro nacionalidades, que desfaziavam-se tão voluntariamente [...] de uma parte de suas rações e de seus soldos em benefício da população civil e de creches infantis.

[...]

Somente esse espírito de moral combativa, do povo e de seu Exército desde o alto comando até o último soldado, poderão explicar o “milagre” dos três anos de resistência da República espanhola.

Meu caro escritor Sr. Erico, nas Brigadas Internacionais não havia lugar para Vasco, Green, García e demais comparsas, que foram para a Espanha sem saber e nem compreender porque estavam lutando, que só sentiam que comiam “grão de bico” e

⁴⁸⁵ Grifo meu.

bebiam um ou outro copo de vinho. Quando em qualquer povoado ou cidade, só pensavam em cabarés, mulheres e vinhos. Que não sentiam e nem compreendiam a abnegação, o apoio e o carinho com que eram cercados pela população civil, que só viam naquela gigantesca luta, desolação, miséria e prostituição, que viam nos chefes não companheiros mais capazes, que se haviam salientado na luta, como o eram em realidade, e sim chefes de gângsters que [...] só sabiam mandar fuzilar.

[...]

Apesar de *Saga* não corresponder à realidade dos fatos [...] não deixa de ser positivo e demonstra o interesse do nobre escritor antifascista, na divulgação daquela luta de libertação nacional.

Creia-me vosso sincero admirador

Delcy Silveira.

*

* *

Sr. Delcy Silveira

Prezado Senhor

Recebi sua carta, que li com toda atenção. Lamento que na primeira parte de *Saga* eu não tenha conseguido dar uma imagem exata da BI. Está claro que você conhece o assunto melhor que eu. Acredito mesmo que se todos os voluntários internacionais fossem como aqueles que você aponta, o governo não teria aguentado três meses. Mas seja-me permitido dizer que Vasco, Green, Brown e os outros não representavam a nota tônica da Brigada nem sequer eram figuras importantes nela. Aparecem na história como sendo as criaturas que mais perto andavam de Vasco. Este mesmo teve o cuidado de pôr em realce a bravura dos internacionais e exaltam em mais de uma passagem os seus ideais.

Esclareceu aí a que ia tratar principalmente dos poucos que lá estavam por motivos particulares e não de caráter ideológico. Outra coisa: você na Brigada conheceu seu setor. Como poderá responder por toda a Brigada? Sim, eu creio que a maioria dessa gente despreendida e corajosa merece nossa admiração, mas, da minha experiência da

vida, sei também que em todas as sociedades, tanto em tempo de paz como no de guerra, uma seleção rigorosa não é possível. E depois, meu caro amigo, o homem é sempre o homem. Creia que compreendi o seu protesto e que de certo modo o aceito. Seja como for, continuo a admirá-lo. Muito cordialmente.

Ass. Erico Verissimo.

Após a transcrição da resposta de Erico Verissimo, podemos analisar algumas das principais passagens da carta de Delcy Silveira, para em seguida confrontá-las com o conceito de “memória” utilizado neste trabalho. Tal noção deve ser empregada no plural, na medida em que remete, muitas vezes, a diferentes interpretações do passado. Levando em conta a sua dimensão coletiva, devemos caracterizá-la como “um elemento estruturante da representação do mundo nas sociedades humanas, da relação dos homens com o mundo”⁴⁸⁶. Participando ativamente da tragédia da heroica Espanha republicana, Delcy Silveira, ancorado na experiência do vivido, comprovaria empiricamente uma das principais funções atribuídas (no plano teórico) à “memória”: a necessidade de exprimir certezas e ser depositária de uma verdade. Suas palavras trazem para o primeiro plano também a dimensão identitária que acompanha a construção de uma determinada memória coletiva empenhada em conferir sentido ao passado. Em resumo, tornava-se imperativo para o ex-combatente brasileiro a tarefa de reconstruir o passado (no caso, a participação dos voluntários estrangeiros na guerra civil espanhola) para servir aos fins do presente (consolidar e proteger a imagem de sacrifício, desprendimento e abnegação atribuída a eles).

A meu ver, a pergunta central colocada por Sandra Pesavento e Jacques Leenhardt, a saber, “Ler a história como literatura, ver na literatura a história se escrevendo, isto é possível?”, foi respondida de maneira afirmativa tanto pelo ex-combatente brasileiro Delcy Silveira como pelo romancista Erico Verissimo. No entanto, como era de se esperar, o conteúdo das respostas foi bem diferente. O primeiro jamais daria abertura para se colocasse a questão de que haveria sim naquele período contradições, dúvidas e incertezas (antes, durante e depois do conflito) entre os brigadistas. Sob a ótica de Delcy, os “voluntários da liberdade” seguiriam um modelo de racionalidade absoluta, cujo alicerce seria a luta pela “democracia” e pela “liberdade

⁴⁸⁶ Ver LABORIE, Pierre. Memória e opinião. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

do mundo”. Já Erico Verissimo prefere colocar em suspenso essa tentativa de “sacralização da memória”, propondo observá-la com “olhos distantes, estranhados, críticos”. Para tanto, o romancista dá vazão ao caráter fragmentário e dinâmico da identidade, bem como dos momentos contraditórios de sua constituição.

Como assinalou Flávio Aguiar no prefácio à edição mais recente do livro *Saga*, as páginas dedicadas ao conflito denunciam as atrocidades que toda guerra possui, de ambos os lados das trincheiras. Talvez seja esse também um dos pontos que mais desagradou o voluntário brasileiro Delcy Silveira. Em seus escritos posteriores, Erico fez questão de recordar que o romance desagradou tanto a esquerda como a direita: “aquela por não ser um canto de louvor à luta dos republicanos, esta por não fazer o elogio de Franco e sua Falange”⁴⁸⁷. Embora seja um livro visivelmente antifascista, o escritor gaúcho (assim como muitos liberais e socialistas) estava aturdido no início dos anos 1940 com os acontecimentos e as notícias sombrias vindas da Europa: “os nazistas arrasavam a França; Hitler celebrara um pacto de não agressão com Stalin; [...] no Brasil [...] muita gente não escondia suas simpatias pelo Reich e pelo fascismo de Mussolini, e o Estado Novo cerceava as liberdades, censurava a imprensa e perseguia os opositores [...]”⁴⁸⁸. Em *Solo de clarineta*, Erico Verissimo reforça o impacto que o tratado de não agressão firmado entre a Alemanha nazista e a Rússia soviética provocou entre os militantes de esquerda: “[...] muitos intelectuais comunistas abandonaram, desiludidos, o Partido, e tanto eles como centenas de escritores e artistas de tendências esquerdistas afastaram-se da URSS, permanecendo como almas penadas, numa espécie de limbo político”⁴⁸⁹.

Está claro que o livro *Saga* suscitou críticas a partir de seu possível valor como representação de um determinado momento histórico. Algumas décadas depois, Erico assimilou integralmente as críticas ferrenhas que recebeu, tanto é que o escritor afirmou em seu livro de memórias que não só o desfecho de Vasco era falso como também todo o restante do livro! Como veremos na passagem a seguir, há uma profunda ambiguidade nesse processo de conferir um novo sentido às razões que levaram o personagem a lutar

⁴⁸⁷ AGUIAR, 2006, p. 11.

⁴⁸⁸ Idem.

⁴⁸⁹ VERISSIMO, 1974, p. 230. Após a denúncia dos crimes de Stalin feita por Krushev no XX Congresso do PCUS realizado em 1956, Jorge Amado rompeu com o PCB. Os relatos de amigos, dando conta dos *Gulags*, das torturas e perseguições sofridas por escritores e intelectuais comunistas o abalaram de maneira implacável. DUARTE, Eduardo de Assis. Amado e Neruda, companheiros de viagem. In: *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. p. 18

ao lado dos republicanos – muito próxima à versão canônica do partido comunista e dos soldados fiéis à República. O clima de desilusão, impotência e derrota que marcaram o romance como um todo permitem agora dar lugar à utopia (promessa de luta por um mundo melhor e mais justo). Dessa maneira, Erico Verissimo transforma o personagem, caracterizado inicialmente como “impulsivo, inquieto, animado pelo espírito de aventura”, num herói⁴⁹⁰:

[...] Um homem do temperamento de Vasco Bruno, tão vivamente consciente de sua responsabilidade social, que se julgou no dever de atravessar o oceano para ir ajudar e defender a República espanhola agredida pelo fascismo, jamais poderia resignar-se àquele tipo de vida pastoral, apesar das oportunidades que ela lhe dava para pintar, ler e comungar com a natureza. Isso quanto ao aspecto psicológico do problema. No que diz respeito ao sentido político e social do gesto, a aposentadoria, a renúncia, a ‘demissão’ do herói ou, melhor, do anti-herói, é uma solução perigosa, além de ilusória. Se os homens decentes e de boa vontade se acovardam e ausentam da arena, os patifes, os gananciosos, os exploradores do povo se apoderam do governo e mantêm o status quo político e econômico que o infelicitam... Estou, porém, certo de que Vasco Bruno abandonou a vida do campo e voltou à luta, na cidade, em prol de um mundo melhor e mais justo⁴⁹¹.

Modificando as características do personagem principal e o final do romance, Erico Verissimo comprova a tese de Ángel Loureiro no sentido de que são as derrotas que oferecem mais possibilidades estético-afetivas que as vitórias, sobretudo porque contribuem para a construção de heróis românticos que lutam contra as imposições coletivas e as adversidades da vida social. Ou seja, são as derrotas que constroem o espaço da utopia, deixando um traço messiânico que torna possível o futuro⁴⁹². Apesar disso, não podemos ignorar o valor da obra em si mesma. Com o romance *Saga* Erico Verissimo deixa para a posteridade “o momento capital da ficção daquele momento”,

⁴⁹⁰ Em sua concepção tradicional – presente nas civilizações da antiguidade (babilônica, egípcia, hebraica, hindu, persa, grega, romana, germânica, escandinava, etc) –, o herói deve ser visto como um personagem virtuoso que realiza façanhas admiráveis. O herói das lendas e relatos poéticos é também aquele que encarna o “[...] símbolo destinado a perpetuar los sentimientos de un pueblo y transmisor de los valores del pasado”. CASARIEGO, Nicolás. *Héroes y antihéroes en la literatura*. Madrid: Anaya, 2000. p. 8.

⁴⁹¹ VERISSIMO, op. cit., p. 231.

⁴⁹² LOUREIRO, 2007, p. 148-149. Ángel Loureiro refere-se aqui à cena do enterro da personagem Blanca no filme do diretor Ken Loach, *Land and Freedom* (1995), quando diversos camaradas pronunciam a frase “El mañana es nuestro, compañeros”. Essa promessa de futuro também encontra eco na voz do miliciano David durante o cortejo que transportava o corpo de Blanca: “No me arrepiento de nada, las revoluciones son contagiosas, y si hubiéramos triunfado aquí, y podríamos haberlo hecho, habríamos cambiado el mundo. Pero no importa, nuestro día llegará”.

pois quase todos os grandes poetas do Brasil e do mundo escreveram sobre a guerra civil na Espanha e a trágica morte do poeta e dramaturgo Federico García Lorca, assassinado pelos falangistas.

O período entreguerras foi capaz de produzir tanto a polarização da cultura (fascismo *x* antifascismo) como a “militarização da política”. Nos anos 1930, houve uma redefinição da noção de intelectual, pois os atributos que antes definiam sua condição já não podiam ser apenas a caneta e a voz, mas sim (e não mais simbolicamente), as armas. Justificar a escolha pelas armas, tomando-as para si, significou para milhares de intelectuais antifascistas “[...] defender una causa política supranacional cuyo objetivo esencial, mucho más allá que el porvenir de España, era el porvenir de Europa”⁴⁹³. Nesse aspecto, é preciso reconhecer que nas últimas linhas do depoimento a seguir Homero Jobim conseguiu expressar de maneira peremptória a força do antifascismo como “ethos coletivo”:

A distância no tempo anula muitos significados e garante outros sentidos aos mesmos fatos do passado. Mas, é importante lembrar que, além do sentido social e coletivo que nos envolvia, houve certo índice de convocação do ideal individual. Os que foram para a Espanha, não o fizeram por mera exclusão da vivência política nacional. Não foi isto só. O que de fato aconteceu foi a intensificação da luta antifascista e a universalização do combate⁴⁹⁴.

4.5. “Nenhum comunista está sozinho em meio à batalha!”

Mesmo não sendo o protagonista do primeiro volume da trilogia *Subterrâneos da Liberdade*, intitulado *Os ásperos tempos*, a trajetória do ex-combatente Apolônio de Carvalho certamente inspirou Jorge Amado a construir um painel dos militantes de esquerda que atuavam na clandestinidade num período conturbado da história política brasileira, qual seja, os meses que antecederam o início do Estado Novo. Apolônio de Carvalho tornou-se ao longo dos anos o mais famoso dos voluntários brasileiros. Depois da guerra civil espanhola, o “herói de três pátrias” (cuja alcunha lhe foi dada pelo próprio escritor Jorge Amado) participou como oficial da Resistência Francesa contra o nazismo. A partir dos diálogos entre os personagens Mariana e Apolinário Rodrigues,

⁴⁹³ TRAVERSO, Enzo. Las antinomias del antifascismo. In: *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 247.

⁴⁹⁴ JOBIM, Homero de Castro. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 182.

nota-se que o romancista baiano contribuiu para elaborar uma imagem heroica dos voluntários estrangeiros comprometidos com a causa antifascista.

Mariana é uma das personagens centrais do livro *Os ásperos tempos*. Recém-desempregada por ter sido despedida de uma fábrica de tecidos, a personagem resolve entregar-se por completo à atividade partidária. Seu pai tinha sido um dos mais antigos militantes do PCB. Depois da morte do pai, Mariana foi designada como elemento de ligação entre os membros da direção regional do Comitê de São Paulo⁴⁹⁵. Depois de sua festa de aniversário, cuja celebração acabou resultando numa discussão sobre a guerra de Espanha, Mariana recebeu do camarada João a tarefa de entregar um envelope ao tenente Apolinário, que fora posto em liberdade provisória⁴⁹⁶:

Aquele nome para Mariana significava, como o do camarada João, um mundo de coisas. A atuação do tenente Apolinário no levante do quartel do 3º Regimento era conhecido de todos os comunistas e simpatizantes. Depois, o seu comportamento na prisão, as magníficas respostas nos interrogatórios, o discurso ante o juiz na fase da instrução do processo, sua juventude, eram coisas que andavam de boca em boca. Parecia a Mariana serem aqueles conhecimentos os melhores presentes desse seu aniversário⁴⁹⁷.

Para Mariana, havia em Apolinário – “de face infantil e claros pensamentos” – “algo capaz de fascinar, uma daquelas pessoas às quais se estima imediatamente”. Depois de passar quase dois anos na prisão, Apolinário obtivera liberdade provisória juntamente com outros oficiais que haviam participado dos levantes armados de novembro de 1935. Nesse período, enquanto aguardava o julgamento, o PCB decidiu enviá-lo para a Espanha, “onde já outros, [oficiais] soltos anteriormente ou escapados para o estrangeiro logo após a insurreição de 35, lutavam nas Brigadas Internacionais”⁴⁹⁸. Em seguida, Apolinário ressaltou a tradição militar presente em seu núcleo familiar: “Sabe, sou de uma família de militares: meu avô entrou no Exército como soldado, morreu coronel na guerra contra Rosas, meu pai também foi oficial, morreu servindo na fronteira, em Mato Grosso, onde eu nasci”⁴⁹⁹.

Quando abriu o envelope entregue por Mariana, Apolinário não sabia se sua ida a Espanha deveria ser mantida em segredo. Mariana sorriu e lhe contou que todos os

⁴⁹⁵ AMADO, 2011, p. 62-63.

⁴⁹⁶ Ibid., p. 71-72.

⁴⁹⁷ Id., p. 72.

⁴⁹⁸ Id., p. 74.

⁴⁹⁹ Id., p. 75.

militantes do partido sabiam para onde os oficiais libertados seriam enviados. Apolinário resolveu então “abrir o jogo”. Antes disso uma pausa: o fragmento que destacamos a seguir talvez seja o mais emblemático do livro quanto ao processo que marcou o envolvimento de Jorge Amado com a ideia de uma sociedade generosa, livre e igualitária⁵⁰⁰. A fala do narrador e das personagens evidencia o voluntarismo romântico do escritor, especialmente ao trazer à tona uma visão utópica do comunismo, pela qual “um dia” tudo iria mudar e a terra seria dos trabalhadores. Essa esperança otimista em relação ao futuro vai se desdobrando ao longo da obra, assumindo certa “coloração messiânica”:

[...] – Sim, é lá que está continuando a grande batalha entre o proletariado e o capitalismo. Estou contente de ir. Depois desses dois anos de prisão, entre grades, vendo tiras e guardas, é bom encontrar-se no fogo, no meio do combate... É curioso que em menino eu sonhava com essas terras, sonhos derivados de leituras e coisas no cinema: ciganos, laranjais em flor, guitarras e castanholas... – Agora são tiros e canhões... – Os miseráveis... Mas nós lhes ensinaremos... – Ele ria, nenhum dos dois havia pronunciado a palavra Espanha, mas estava não apenas nos seus lábios, estava também nos seus corações. – Internacionalismo proletário... – disse ele – é uma grande e nobre expressão. Não há nada que a reação odeie tanto, como essa solidariedade entre os trabalhadores de todas as partes. Por isso torturaram Berger e sua mulher de tal forma na Polícia Especial. Porque em definitivo eles sabem que essa solidariedade internacional os enterrará... Agora eu sinto isso pessoalmente. Como se minha presença ali dissesse aos espanhóis: os trabalhadores do Brasil estão aqui, ao lado de vocês. Os tempos são ruins por lá, há milhares de presos, nosso Prestes está numa cela imunda, separado até de seus companheiros, sua esposa foi mandada para a Alemanha. Mas, em meio às nossas dificuldades, nós pensamos em vocês e na importância dessa luta daqui e lhes mandamos o que temos... Tu sabes que lá, em cada cidade, cada aldeia, há uma rua com o nome de Prestes? Quando eu penso que nós somos milhões pelo mundo afora e que existe a União Soviética, sinto-me feliz. Era meu remédio na cadeia contra o ‘abafamento’⁵⁰¹.

Num quarto de hotel na capital paulista, Apolinário retirou do envelope seu novo documento de identidade. Passaria a se chamar Arlindo da Silveira, cuja profissão era jornalista. O disfarce deveria durar apenas alguns dias, até o momento de cruzar a fronteira com o Uruguai. Depois seus pensamentos seriam tomados pela seguinte

⁵⁰⁰ DUARTE, Eduardo de Assis. Amado e Neruda, companheiros de viagem. In: *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. p. 19.

⁵⁰¹ AMADO, 2011, p. 75-76.

indagação (nos conta o narrador): que caminhos haveria de percorrer até chegar à Espanha? “[...] Seu desejo era chegar o quanto antes à Espanha, receber as ordens em Madrid, um posto de combate, soldados para comandar, atirar-se contra os fascistas à frente de seus homens, vingar-se neles também da derrota da insurreição brasileira de 1935, pois a luta era uma só no mundo inteiro”⁵⁰². Otimista em relação à missão que o PCB lhe confiou, Apolinário foi tomado pela saudade, não apenas dos seus familiares e amigos, mas de todo o Brasil: “[...] Dentro de poucos dias estaria já em outras terras, quando poderia voltar? Chegaria a ver outra vez esse céu de estrelas, esse povo de raças misturadas, a ouvir essa música mulata cheia de ritmo e de calor? Quem sabe não ficaria por terras de Espanha, sob a bala assassina de um fascista?”. O que lhe trazia conforto ao imaginar como seria lutar na Espanha era a solidariedade de classe entre os trabalhadores brasileiros e espanhóis:

[...] Não estaria longe do Brasil quando se encontrasse nas trincheiras de Teruel. Ao contrário, todo esse mundo brasileiro, [...] de homens oprimidos lutando para libertar-se, [...] todo o Brasil estaria com ele, [...] a sustentar o seu braço de fuzil levantado contra os falangistas de Franco, os fascistas de Mussolini e os nazistas de Hitler⁵⁰³.

A notícia do golpe do Estado Novo chegou até Apolinário quando ele acabava de atravessar a fronteira. Para ele, o partido comunista saberia marchar em meio aos obstáculos, transmitindo aos militantes de esquerda uma voz de esperança e certeza⁵⁰⁴. Por outro lado, generais e políticos, fazendeiros e industriais, um cardeal e o chefe de polícia do Rio de Janeiro exaltavam o novo regime como o fim definitivo dos comunistas no Brasil. Para o chefe de polícia a palavra de ordem era a seguinte: “Não deixarei um só comunista em liberdade. O Estado Novo limpará o Brasil para sempre da peste vermelha”⁵⁰⁵.

Mariana sentia orgulho de ser membro do PCB, de ser companheira de luta de homens como Apolinário, que se debruçava em Montevideu sobre o golpe de Estado no Brasil e sobre as notícias da guerra de Espanha. Lia nos jornais locais matérias sobre batalhas, movimentos de tropas, a defesa de Madrid e o avanço de Franco. Em sua primeira noite na cidade, Apolinário sentia-se solitário e inquieto. Já não estava no

⁵⁰² Ibid., p. 77.

⁵⁰³ Id., p. 79.

⁵⁰⁴ Id., p. 112-113.

⁵⁰⁵ Id., p. 142-143.

Brasil e ainda não havia chegado à Espanha. Seu desejo era chegar o quanto antes às frentes de combate, “[...] sentir-se em meio à áspera batalha, envolvido pelo cheiro da pólvora, cercado de soldados”. Mesmo acreditando que um comunista podia cumprir seu dever de revolucionário em qualquer parte do mundo, Apolinário percebia que a situação política era tensa no Brasil e na Espanha. A espera em Montevideu lhe dava a impressão de um tempo perdido: “[...] Tinha pressa de combater, a imobilidade bulia-lhe com os nervos. Como ficar entre as notícias, quando os camaradas eram presos no Brasil, quando os camaradas morriam na Espanha sob balas nazistas?”⁵⁰⁶.

Na ausência de um companheiro com o qual pudesse conversar pela cidade trocando impressões sobre a situação no Brasil e sobre as perspectivas do conflito civil espanhol, Apolinário acabou encontrando milhares de pessoas solidárias aos antifascistas brasileiros que naquela ocasião ocupavam uma praça em frente ao Ateneu de Montevideu. Representantes dos partidos de esquerda e de organizações de massa, operários e intelectuais se revezavam como oradores enfatizando o significado do golpe getulista para todas as forças democráticas do continente latino-americano⁵⁰⁷. A partir daquela manifestação calorosa de apoio das forças políticas de esquerda, o personagem “[...] não possuía o direito de jamais se julgar em solidão: em torno dele [...] estariam centenas e milhares, haveria sempre a mão de um companheiro para apertar a sua mão. E repetia, sem o sentir, com a solidária multidão: Prestes, Sí...Vargas, No...”⁵⁰⁸.

“Nenhum comunista estava sozinho em meio à batalha”, pensava Apolinário, “mesmo quando de passagem numa cidade estrangeira, indo de um campo de luta a outro campo de luta”. Dentro de alguns dias estaria na Espanha, do outro lado do mar, e tinha a consciência de que lá defenderia também o “povo brasileiro”, os companheiros presos, o seu partido comunista. Em qualquer trincheira que estivesse, “sustentando um combate contra o fascismo, estaria cumprindo o seu dever de comunista e também seu dever de patriota”⁵⁰⁹. Não estava mais sozinho, era um entre milhões “de companheiros de coração batendo pela mesma causa da liberdade do homem”⁵¹⁰.

⁵⁰⁶ Id., p. 161.

⁵⁰⁷ Id., p. 163.

⁵⁰⁸ Id., p. 163-164.

⁵⁰⁹ Id., p. 164.

⁵¹⁰ Se, por um lado, a obra de Jorge Amado em sua fase engajada (1933-1954) expressa o projeto de narrar a história do oprimido, por outro, seus heróis populares são tingidos com tonalidades épicas e romanescas que muitas vezes “[...] assumem uma consciência idealizada, imposta de cima para baixo pela fala do narrador” DUARTE, 2005, p. 19-20.

Numa outra passagem da obra, Mariana compara o PCB – “aquele partido pelo qual seu pai dera a vida, pelo qual tantos homens abandonam a segurança e o conforto, a claridade do dia e o direito de andar nas ruas livremente” – com o mar azul que ela viu em Santos, quando foi embarcar Apolinário: “[...] Como o mar-oceano, ele não tem limites nem fronteiras, se estende pela vastidão do mundo, vitorioso na União Soviética, em armas na Espanha [...], um mar subterrâneo que se levantará um dia em ondas colossais, lavando da superfície do mundo a podridão e a injustiça”⁵¹¹. Todos os personagens vinculados ao PCB representados na obra acreditavam que o partido seria mesmo capaz de construir um homem novo. Os personagens elaborados pelo autor, particularmente os trabalhadores e militantes do partido comunista, eram portadores de valores como coragem, lealdade, bondade e generosidade.

Para celebrar o casamento entre Mariana e o camarada João na cidade de Jundiaí, o personagem Orestes (ex-anarquista italiano) fez um brinde aos camaradas espanhóis que lutavam contra o fascismo e “àqueles, vindos de todo o mundo, para ajudá-los, especialmente os brasileiros”. “Simbolizava-os no camarada Apolinário, o capitão das Brigadas Internacionais, cuja fama de heroísmo começava a atravessar as fronteiras”⁵¹². Em seguida João saudou a memória de todos aqueles que haviam tombado pela causa dos trabalhadores, pela vitória do proletariado, pelo estabelecimento do socialismo no mundo, aqueles que como Azevedo, o pai de Mariana, eram considerados os “mártires sagrados da revolução”. Por fim, a mensagem final da obra versa sobre a necessidade de “ganhar as massas”, despertando-lhes a consciência política e construindo uma aliança com o proletariado: “Sem isso todo o esforço era inútil, toda luta era vã...”⁵¹³. Somente com a voz esclarecedora do PCB seria possível formar novos “soldados da revolução”, conscientes da miséria e exploração de camponeses e operários, cuja missão histórica consistia em abrir “as portas de um futuro próximo e vitorioso”.

Se em seus livros anteriores o núcleo do enredo é o drama do oprimido, em *Subterrâneos* as prisões, torturas e assassinatos fazem do oprimido o próprio partido, de maneira que o PCB ocupa o centro da representação literária. Por outro lado, há um deslocamento nas representações dos personagens comunistas, que passam de líderes da

⁵¹¹ AMADO, op. cit., p. 224-225.

⁵¹² Id., p. 266-267.

⁵¹³ Id., p. 288.

resistência a mártires do proletariado⁵¹⁴. Na perspectiva otimista e pedagógica de toda “ficção militante”, marcada pela certeza revolucionária e pela ação muitas vezes espetacular, Jorge Amado busca o mundo em conflito, ao narrar o passado com os olhos voltados para o futuro, isto é, para a “aurora socialista”. No conjunto da obra, o PCB é “alçado ao panteão duplo de herói e mártir desse tempo obscuro, enquanto Vargas e a burguesia são reduzidos a mais baixa vilania”⁵¹⁵. Em síntese, Amado se compromete a fazer da narrativa um meio de intervenção política, pois é o escritor quem deve apontar o caminho e seguir à frente das massas, “captando a realidade em seu ‘desenvolvimento revolucionário’ e guiando seu texto pelas ‘perspectivas otimistas’”⁵¹⁶.

Estabelecendo um paralelo entre *Saga* e *Subterrâneos da liberdade*, percebe-se que enquanto o personagem Vasco Bruno é marcadamente antibelicista/antidogmático, no sentido da falta de entusiasmo pela causa e ausência de convicção política, Apolinário Rodrigues representa o que Eduardo de Assis Duarte chamou de “postura eufórica” com relação ao comunismo. No que diz respeito à guerra civil, é preciso ressaltar a visão heroica do conflito presente em *Subterrâneos*, similar a que prevalecia entre os membros do PCB, em que os grandes objetivos ideológicos e coletivos prevaleciam sobre o indivíduo e seus interesses pessoais⁵¹⁷. A guerra concebida como o esforço internacional para derrotar o nazifascismo constituía um desses grandes objetivos. Portanto, é plausível afirmar que Jorge Amado interpretou a guerra como um conflito de ideologias. Já na obra de Erico Verissimo é sintomático que o escritor gaúcho levou em conta o custo humano que teve a guerra, colocando em segundo plano explicações e justificativas de caráter político-ideológico.

Jorge Amado acreditava que as dificuldades políticas daquele contexto histórico específico poderiam ser sobrepujadas, não sem sacrifícios, pela força da consciência de classe. Nesse sentido, a trilogia se constituiu em “literatura de partido” típica da era stalinista, fundada no trinômio “proselitismo, otimismo e utopia”. A idealização com que são construídos os personagens militantes revela, por outro lado, “o extremo a que

⁵¹⁴ DUARTE, Eduardo de Assis. O crepúsculo do partidarismo romanesco. In: *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996. p. 215.

⁵¹⁵ *Ibid.*, p. 219.

⁵¹⁶ *Id.*, p. 219-220.

⁵¹⁷ “Perseguido no Brasil, o escritor é aclamado no Leste europeu, instala-se no ‘Castelo dos Escritores’ da Tchecoslováquia, antiga residência de aristocratas que o governo comunista transforma em hospedaria para os novos ‘engenheiros da alma humana’. É aí que escreve os três volumes do romance, entre novas viagens, palestras e congressos. Desse contato – intelectual e político – com a realidade do comunismo, nasce o inegável perfil apologético dos *Subterrâneos*”. *Id.*, p. 220.

pode chegar o partidarismo na ficção”. Em *Subterrâneos*, salta aos olhos a têmpera sobre-humana dos personagens que compõem a vanguarda do proletariado. O maniqueísmo e o esquematismo, traços marcantes no processo de elaboração dos personagens, conduzem os leitores a vê-los de maneira chapada, formando basicamente dois grupos: os opressores e os oprimidos⁵¹⁸.

Os personagens oriundos do universo proletário são representados e construídos comumente como figuras grandiosas, sem as incertezas e ambiguidades do homem comum: “O líder surge como herói inteiro e, como tal, insondável em seu mundo interior, daí emergindo apenas a fé iluminada dos que estão dispostos a mudar o curso dos acontecimentos”⁵¹⁹. As motivações épicas dos dirigentes e agitadores do PCB denotam de maneira clara o empenho do autor em “falar às massas” e “despertar consciências”. Daí o perfil monolítico dos personagens e a simplificação máxima da trama em que se desenvolvem suas ações. Percebe-se, portanto, na narrativa do autor a preponderância e a onipresença da luta de classes e da ação do partido: “[...] este está ao mesmo tempo na Bahia e em Mato Grosso, em Santos e na guerra civil espanhola, nas reuniões clandestinas e nos espaços burgueses onde se comenta o renascer da ‘erva daninha’ do comunismo, apesar das prisões e torturas”⁵²⁰.

A maneira como Jorge Amado constrói o personagem Apolinário Rodrigues guarda uma profunda relação como o militar e ex-dirigente do PCB Agildo Barata narra a trajetória do ex-combatente brasileiro Hermenegildo de Assis Brasil, ao descrevê-lo como um indivíduo dotado de um “espírito retilíneo e indomável”⁵²¹. Antes de elaborar uma narrativa épico-heroica acerca da experiência de guerra de Assis Brasil, Agildo Barata descreve o conflito civil espanhol à luz do que chamamos de “cânone comunista”, ou seja, como um enfrentamento patriótico entre “a velha Espanha republicana que sangrava” e “as hordas invasoras do fascismo”. Todavia, o cenário era muito pior do que o ex-combatente brasileiro poderia imaginar: “Traidores trotskistas tinham se infiltrado no Comitê de Ajuda e, mancomunados com o bandido Franco, denunciavam os navios que levavam voluntários para a Espanha republicana. Os navios eram detidos nas Canárias – já em poder de Franco – e os voluntários retirados de bordo

⁵¹⁸ Id., p. 225.

⁵¹⁹ Id., p. 226.

⁵²⁰ Id., p. 227.

⁵²¹ BARATA, Agildo. Figuras do movimento operário: Hermenegildo de Assis Brasil. *Problemas*. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro, n. 26, p. 122, 1950.

eram fuzilados”⁵²². Para a sorte de Assis e de José Gay da Cunha que viajavam no *Belle Isle*, a embarcação que os levava passava longe das Ilhas Canárias. Mesmo sabendo pelos jornais que a resistência republicana enfrentava sérios problemas na frente de Aragão, sua convicção de que a luta revolucionária deveria prosseguir em qualquer lugar não o abandonou: “A gente precisa chegar o quanto antes”. Tido como “herói da Espanha republicana”, Assis não se importava em qual arma iria servir, graças ao seu “timbre resoluto e heroico do militante comunista”: “Qualquer lugar me serve. Eu vim para combater o fascismo, qualquer lugar onde eu possa fazer isso, para mim está bem. Foi assim que Hermenegildo de Assis Brasil tornou-se soldado da gloriosa Espanha antifranquista”.

Retomando o fio condutor da análise, torna-se relevante assinalar que em personagens como Mariana e Apolinário, por exemplo, brilha a chama do ideal e, junto com ela, a estrela do partido. São, portanto, personagens que representam a utopia revolucionária. Nesse mundo de luz e sombra, o partido é o grande herói e se materializa em todos os que lutam em seu nome⁵²³. Porém, não podemos deixar de reconhecer a especificidade de sua obra, ao elevar as camadas subalternas à condição de sujeitos de seu próprio destino: “[...] Nela os oprimidos, sejam pobres, negros ou mulheres possuem essa chama interior que os faz lutadores inconformados com a injustiça”⁵²⁴.

⁵²² Ibid., p. 124.

⁵²³ DUARTE, 1996, p. 228.

⁵²⁴ DUARTE, 2005, p. 21.

CAPÍTULO V

“SOLDADOS ESCRITORES”: MEMÓRIAS E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

A proposta deste capítulo consiste em identificar os temas centrais trabalhados por José Gay da Cunha e Apolônio de Carvalho nos livros *Um brasileiro na guerra civil espanhola*⁵²⁵ e *Vale a pena sonhar*⁵²⁶: visão das batalhas de que participaram; a atitude ante o PCE; a retirada dos brigadistas; a atitude ante a guerra (se a justificam ou se levam em conta o sofrimento humano); aspectos da vida cotidiana (a relação dos brasileiros com a população civil); a relação entre os brigadistas e demais voluntários estrangeiros; a opinião que tinham sobre outros grupos de esquerda; a visão social da Espanha que conheceram. Narrar significou para um bom número de “escritores-soldados-testemunhos” afirmar que seus relatos baseavam-se numa transcrição fiel do que presenciaram, ouviram e fizeram durante a guerra⁵²⁷. Desse modo, se a memória deve ser entendida como um caminho possível para que sujeitos percorram os tempos de sua vida, consideramos também a escrita de si como uma base construtora de identidades. Sem perder de vista os contrastes e as peculiaridades presentes nas narrativas dos ex-combatentes brasileiros, pretendemos explorar em que medida “[...] memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”⁵²⁸.

Logo nas primeiras linhas de *Um brasileiro na guerra civil espanhola*, José Gay da Cunha destaca o medo como a primeira sensação que sentiu ao chegar à Espanha. O clima de apreensão logo na chegada relacionava-se também com a tentativa de fuga dos soldados na frente de Huesca. Em seguida, o que o acalmou vinculava-se à noção e a consciência de que seu dever era sacrificar tudo, inclusive a própria vida se fosse necessário. Tratava-se de algo que pertencia à ideologia comunista, como salientou Eric Hobsbawm em sua autobiografia *Tempos interessantes*: “[...] Nossas vidas eram para o

⁵²⁵ CUNHA, José Gay da. *Um brasileiro na guerra civil espanhola*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

⁵²⁶ CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

⁵²⁷ LÓPEZ-QUIÑONES, Antonio Gómez. *La guerra persistente: memoria, violencia y utopía: representaciones contemporáneas de la guerra civil española*. Frankfurt: Vervuert/Iberoamericana, 2006. p. 34.

⁵²⁸ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 204-205, 1992.

Partido. Dávamos tudo o que tínhamos e recebíamos de volta a certeza de nossa vitória e a experiência da fraternidade”⁵²⁹.

Dos temas que ocuparam um espaço significativo no ensaio autobiográfico de Gay da Cunha poderíamos destacar: a escassez de cigarros e alimentos; críticas às missões mal preparadas; o valor moral dos soldados; os obstáculos que pesavam contra o Exército Republicano (falta de organização, disciplina, desavenças e conflitos políticos); críticas contundentes a política de não intervenção e a “neutralidade” dos países democráticos; a inferioridade dos republicanos em termos de armamentos; o clima de miséria e desolação em Barcelona durante a desmobilização das Brigadas; o rompimento da unidade no campo da esquerda; a maneira como os anarquistas passaram de membros da mesma família a “covardes e péssimos soldados”; e, finalmente, o rechaço que o autor sentiu em relação aos desertores.

Em linhas gerais, podemos afirmar que os dois ensaios autobiográficos guardam diferenças bastante significativas. Em primeiro lugar, cabe observar que o eixo central de *Vale a pena sonhar* diz respeito ao papel do comunismo na guerra civil espanhola e, igualmente, sobre as relações do autor com o partido comunista⁵³⁰. Comparando as trajetórias políticas, outro contraste deve ser ressaltado: no momento da escrita, em 1946, Gay da Cunha tinha acabado de se tornar oficialmente membro do PCB⁵³¹. Em 1997, Apolônio já havia deixado o PCB há quase três décadas, quando, junto com outros antigos dirigentes do Comitê Central da agremiação (como Mario Alves e Jacob Gorender), fundou em 1968 o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e ingressou na luta armada contra a ditadura militar brasileira; em fevereiro de 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), tornando-se o primeiro filiado e, posteriormente, assumindo o cargo de vice-presidente. No entanto, ambos ocuparam um papel de destaque no conflito civil espanhol, embora em armas distintas. Gay da Cunha combateu primeiro em unidades espanholas e em seguida nas Brigadas

⁵²⁹ HOBBSAWM, Eric J. Ser comunista. In: *Tempos interessantes: uma vida no século XX*, Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 155-156.

⁵³⁰ A partir desse livro, os diretores cinematográficos Stella Grisotti e Rudi Böhn realizaram no ano de 2003 um longa metragem, com o mesmo título, coproduzido pela Superfilms e pela rede pública brasileira TV Cultura.

⁵³¹ “[...] Em 1945, quando retornou ao Brasil, José Gay da Cunha tornou-se oficialmente membro do PCB – que foi então legalizado – e participou de diversos comícios eleitorais no Rio Grande do Sul. Militava em Santana do Livramento/RS no momento em que o PCB foi posto na ilegalidade, em maio de 1947. Exilando-se no Uruguai, em 1949 foi expulso do partido, segundo declarações que faria à imprensa mais tarde, ‘por recusar-se a viver como um funcionário assalariado da organização’”. BELOCH, Israel. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense, 1983. p. 1028. v. 3.

Internacionais, convertendo-se num dos principais quadros de direção durante os últimos dias da retirada dos voluntários estrangeiros do território espanhol. Apolônio foi incorporado ao Exército Popular Republicano, onde comandou um agrupamento de artilharia e, posteriormente, participou da batalha de Teruel (entre dezembro de 1937 e fevereiro de 1938) e da última ofensiva republicana às margens do rio Ebro.

5.1. Narrativas autobiográficas e identidade

Antes de darmos sequência à análise das obras autobiográficas dos voluntários brasileiros que participaram do conflito civil espanhol, vale a pena tecer alguns comentários sobre as relações envolvendo a escrita da história e as narrativas autobiográficas. Torna-se relevante sublinhar que os historiadores não são os únicos a se engajar no que poderíamos chamar de *life writing* e/ou histórias de vida. Por outro lado, convém recordar que nem Heródoto e muito menos Tucídides encaravam seu envolvimento pessoal nos eventos históricos narrados como algo problemático⁵³². Como bem observou o historiador Jeremy Popkin, o muro entre a escrita da história e a autobiografia foi construído em grande medida pelos próprios historiadores, ensinados a tratar de maneira sempre suspeita a escrita em primeira pessoa. Todavia, ao longo de várias décadas os críticos literários fizeram dos estudos sobre as narrativas autobiográficas seu grande tema de interesse, definindo-as como uma forma de “recriação imaginária do passado”, dotadas de elementos subjetivos e artísticos que não se reduzem a simples crônicas factuais. Em resumo, os textos de caráter autobiográfico devem ser vistos como obras de arte e, portanto, passíveis de análise, na medida em que incorporam certas estratégias do autor, como é o caso dos romances⁵³³.

Para o filósofo francês Georges Gusdorf, o gênero autobiográfico – que surgiu na Europa no final do século XVIII – cumpre uma função existencial, bem como um trabalho de legitimação pessoal, ao buscar recompor e interpretar uma vida em sua totalidade. Dito de outro modo, a autobiografia é o principal meio através do qual o indivíduo define-se a si mesmo e, por conseguinte, compreende a sua própria experiência, de modo que uma de suas funções centrais consiste em revelar um “eu

⁵³² POPKIN, Jeremy D. *History, historians, and autobiography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005. p. 14.

⁵³³ *Ibid.*, p. 25.

coerente”. Portanto, tal ênfase no indivíduo constitui a sua precondição necessária⁵³⁴. Dialogando com o artigo “Condições e limites da autobiografia”, escrito por Gusdorf na década de 1950, Jeremy Popkin salienta que tanto a escrita autobiográfica como biográfica têm sido um dos veículos por meio dos quais as hierarquias de dominação podem ser questionadas e até mesmo modificadas. Atualmente os historiadores tem se debruçado sobre os “impulsos autobiográficos” na produção de diários, cartas, artigos de jornal, desenhos e fotografias.

A narrativa autobiográfica dificilmente pode ser um veículo para a representação da realidade, diz Popkin, pelo menos não no sentido que os historiadores atribuem a esse termo. Críticos pós-estruturalistas e pós-modernos conferem ao gênero autobiográfico um status de ficção. Mesmo que a crítica literária dos anos 1970 e 1980 tenha chamado a atenção para o fato da aproximação entre autobiografia e ficção, muitos ainda são relutantes em abandonar completamente o esforço na distinção entre essas duas formas de narrativa. Contribuindo para o debate em questão, o historiador advoga que o gênero autobiográfico “[...] produz informações verdadeiras, não sobre o passado do autor, mas sobre a forma como ele ou ela escolheu para representar o passado”⁵³⁵. Outro autor que se empenhou nesta querela é Philippe Lejeune, ao sustentar que a autobiografia “se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística”⁵³⁶.

Ao ter que enfrentar sérias objeções no que tange a sua capacidade de representar o passado de uma vida, a crítica do gênero efetua muitas vezes, desde o artigo pioneiro de Georges Gusdorf, um deslocamento de um modelo epistemológico (a autobiografia como reprodução de uma vida) a um modelo performativo (a autobiografia como ato de autocriação no momento da escrita). Para Ángel Loureiro, os obstáculos podem ser superados se consideramos a autobiografia não como reprodução de uma vida, mas como um ato que é por sua vez discursivo, intertextual, retórico e, fundamentalmente, ético⁵³⁷.

⁵³⁴ Id., p. 26.

⁵³⁵ Id., p. 29.

⁵³⁶ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008. p. 104.

⁵³⁷ LOUREIRO, Ángel G. Autobiografía: el rehén singular y la oreja invisible. *Anales de Literatura Española*, n. 14, p. 135, 2000-2001.

É preciso estar atento às dimensões político-discursivas e retóricas de toda autobiografia, na medida em que esta recorre necessariamente à mediação de discursos científicos, filosóficos, psicológicos, históricos, políticos, morais, religiosos, sexuais e literários (entre outros) que prevalecem numa época determinada. Ainda que muitos autobiógrafos acreditem na possibilidade de encontrar seu “eu verdadeiro”, essa crença não deve ser considerada uma ficção. De fato, é bastante comum que um autobiógrafo veja sua vida como um processo de separação de autoimagens falsas ou impostas à força, ou como um processo de reencontro com o que ele (ou ela) considera ser sua verdadeira identidade. Por conseguinte, a verdade da autobiografia não reside na verdade intrínseca do que se narra, mas sim em sua capacidade de dar forma a uma vida, de produzir “autocompreensão”⁵³⁸.

Portanto, é preciso considerar a autobiografia como um “dizer”, como “ato ético”, como resposta e legado ao outro. É através da presença de destinatários textuais – os quais estão necessariamente presentes neste tipo de escrita (mais que nenhum outro gênero) às vezes de maneira implícita, porém muitas vezes de modo explícito – que a autobiografia irá mostrar sua natureza de orientação em relação ao outro e em direção ao futuro. Dessa maneira, não deve surpreender o pesquisador o fato de que os destinatários muitas vezes jogam um papel estrutural indispensável⁵³⁹, como no caso da obra *Vale a pena sonhar*, onde Apolônio escreve: “Aos companheiros e companheiras que, em nossos caminhos comuns, deixaram todos – os melhores momentos de sua juventude; quase todos – um pouco de seu sangue; muitos – e quantos! A própria vida”. A frase que nos remete às reflexões de Ángel Loureiro, ao sustentar que a “verdade autobiográfica” está sempre atravessada pela dívida e/ou pela culpa.

Stuart Hall defende a tese de que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade volta a aparecer⁵⁴⁰. É nesse sentido que o sociólogo propõe o uso do conceito de “identificação”, elaborado a partir do reconhecimento de uma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de uma mesmo ideal. Isto posto, são esses elementos que formam a base da solidariedade e da fidelidade de qualquer grupo social. Todo processo de identificação, assinala o autor, pressupõe um processo de

⁵³⁸ Ibid., p. 139.

⁵³⁹ Id., p. 143-144.

⁵⁴⁰ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 105.

articulação, envolvendo um trabalho discursivo e a marcação daquilo que o autor chamou de “fronteiras simbólicas”⁵⁴¹. Tal concepção de identidade questiona a existência de um núcleo estável do “eu” que passaria, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as “vicissitudes da história”. Partimos aqui da premissa de que as identidades não são nunca unificadas, pois elas são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, sobretudo no período que Stuart Hall denominou de “modernidade tardia”. Muitas vezes as identidades “parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência”. Entretanto, elas estão vinculadas “[...] com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”. Em última análise, as identidades estão sempre em processo de mudança e transformação. De todo modo, as identidades são construídas dentro e não fora do discurso; são construídas por meio da diferença, e não fora dela⁵⁴².

5.2. A vida nas trincheiras

Seis anos depois do lançamento do romance *Saga* de Erico Verissimo, José Gay da Cunha lançou o primeiro relato autobiográfico sobre a participação de um voluntário brasileiro que lutou ao lado das forças militares republicanas. A bordo do navio *Belle Isle*, que transportava café e carnes congeladas, José Gay da Cunha e Hermenegildo de Assis Brasil partem com destino à França. Em Paris, os brasileiros hospedam-se no Hotel Aviador, então sede de uma organização norte-americana de ajuda à Espanha republicana. No saguão do hotel, José Gay da Cunha conversa com um jovem voluntário norte-americano da Brigada *Abraham Lincoln* a respeito do avanço assustador das tropas de Franco. Em seguida, o jovem combatente apresenta-os ao encarregado dos Amigos da Abraham Lincoln, que combina os detalhes da viagem à Espanha em virtude da ausência do camarada “Jack”, responsável pelo encaminhamento dos militares brasileiros. Antes da despedida, Gay e Assis Brasil tiveram a oportunidade de conhecer alguns ex-combatentes cubanos e norte-americanos, na sua maioria estudantes, que voltavam para casa após alguns meses lutando na frente de Madrid. No dia seguinte, Gay e Assis Brasil se juntam ao major Costa Leite num trem a caminho de

⁵⁴¹ Ibid., p. 106.

⁵⁴² Id., p. 108-110.

Perpignan. Gay recorda as dificuldades de conter a saudade da família e da noiva que deixara no Brasil. Contudo, não era a saudade que o aturdiava, mas sim o medo provocado pela proximidade da “realidade bárbara de uma guerra”:

Felizmente, deste primeiro combate saiu vencedor o meu amor-próprio e a certeza de que o meu dever era sacrificar tudo, mesmo esta pobre vida, se fosse necessário. De que valia viver, se eu não tinha a coragem de defender aquilo que eu julgava justo? Olhei para a minha infância e senti que se eu recuasse falharia diante de mim mesmo. [...] Mais do que nunca, senti que, na Espanha, se lutava para defender as mães e as crianças de todo o mundo. Na Espanha se defendia a tranquilidade da juventude, desta pobre geração que nasceu numa guerra e que é obrigada a matar-se em outra⁵⁴³.

Na companhia de três italianos, quatro cubanos e dois iugoslavos, os três brasileiros atravessaram os Pirineus. Já em Port Bou os voluntários foram recebidos pelo capitão Diaz, chefe militar que os atendeu cordialmente, poucas horas depois de um bombardeio. Hospedados temporariamente num hotel subterrâneo, onde vivia boa parte da população de Port Bou, os combatentes partiram para a estação com o intuito de tomar um trem para Barcelona. A primeira parada seria em Figueras, no posto de treinamento das Brigadas Internacionais. Chegando lá, Gay notou certo nervosismo entre a população da cidade, especialmente devido à retirada do Exército Republicano. De fato, houve certa apreensão entre os brasileiros, uma vez que, logo na chegada ao posto de recrutamento das Brigadas, quinze voluntários foram surpreendidos e presos tentando atravessar a fronteira com a França, numa tentativa de fuga face à ofensiva fascista em Huesca. Dirigindo-se ao posto de comando, num antigo convento na cidade de Fortiá, Gay, Assis e Costa Leite preencheram fichas de filiação que deveriam ser remetidas ao quartel-general das Brigadas Internacionais.

Após uma viagem desgastante de quase dez horas, os brasileiros finalmente chegam a Barcelona, apresentando-se a sede do Ministério da Defesa “para serem examinados e receberem os destinos competentes”⁵⁴⁴. Por decreto do chefe do governo, Costa Leite recebeu a patente de major do Exército Republicano. Foi na sala do capitão Segura que houve um reencontro com outro voluntário brasileiro, o gaúcho e tenente de cavalaria Nemo Canabarro Lucas. Nemo, Assis e Gay foram designados para servir na Agrupação Norte do Exército do Leste, já Costa Leite aguardava ser chamado pelo

⁵⁴³ CUNHA, 1986, p. 41.

⁵⁴⁴ Ibid., p. 56.

Comando de Artilharia. Após receberem um salvo-conduto de 10 dias, para permanecer em Barcelona, Gay percebeu que a escassez de cigarros e de alimentos assolava a população catalã, já tão castigada pelos bombardeios em massa, como foi o caso de um edifício de oito andares que foi completamente destruído por uma bomba de ar líquido lançada pelos aviões nacionalistas, ceifando a vida de mais de 200 crianças bascas refugiadas.

Combalidos pela fome e pelos bombardeios, Nemo, Assis e Gay despedem-se do “velho Costa” e marcham para o *front*. Antes deveriam apresentar-se à sede da Agrupação do Norte, na cidade de Artesa do Segre. No quartel-general recebem ordens para serem incorporados ao X Corpo do Exército, cuja maioria era formada por madrilenhos, “[...] que fazem questão de demonstrar o quanto nos admiram por haverem vindo de tão longe para ajudar e defender o solo de sua pátria”⁵⁴⁵. Convém sublinhar que a organização espanhola do Exército Republicano não tinha regimentos. Por outro lado, “[...] as Brigadas Mistas eram formadas por quatro batalhões de infantaria e os diversos serviços de transmissões, ligações, organização do terreno, intendência e saúde”⁵⁴⁶. Posteriormente, os combatentes foram separados em grupos de cerca de vinte oficiais para cada divisão. Já os brasileiros iriam para as três unidades que atuavam no setor dos Pirineus: Nemo para a 34ª; Assis para a 31ª; Gay da Cunha para a 24ª, onde comandou soldados, sargentos e oficiais do 1º Batalhão.

A primeira missão de guerra, seguindo ordens do comandante Rocca, ocorreu à frente de um pelotão formado por trinta homens, cuja missão era verificar a posição das tropas inimigas no povoado de Ginesterri. No entanto, foi numa vila em Ribera que houve o primeiro contato direto com o poder de fogo das “balas fascistas”. Resultado: dois companheiros feridos. Gay da Cunha se indignou com o trecho de 40 quilômetros percorrido pelo grupo, subindo e descendo montanhas: “[...] Eu não compreendia como o comando de uma unidade superior ordenava missões tão mal preparadas”⁵⁴⁷. A alimentação básica, realizada uma vez ao dia, se resumia a um prato de feijão branco feito com água de neve derretida: “[...] Todos emagrecemos consideravelmente e suportamos temperaturas que variaram desde os 10 até os 27 graus abaixo de zero”⁵⁴⁸.

⁵⁴⁵ Id., p. 69.

⁵⁴⁶ Id., p. 70.

⁵⁴⁷ Id., p. 92.

⁵⁴⁸ Id., p. 95.

Ao invés de festejar no dia 19 de julho de 1938, no povoado de Areo, o segundo aniversário da guerra civil, a companhia do ex-combatente havia recebido ordens de fazer uma ofensiva no setor de Tirvia. Para tanto, os membros daquela “grande família” deveriam marchar cerca de trinta quilômetros em apenas um dia. Ao final, diz Gay da Cunha, “[...] pude observar o valor moral daquela gente, que sabia defender alguma coisa que estava no seu próprio ser. De nenhuma daquelas bocas, mal alimentadas e abertas pelo cansaço, jamais se escutou uma palavra de desânimo”⁵⁴⁹.

Antes do chefe do Estado-Maior do Exército Republicano general Vicente Rojo passar as últimas instruções ao X Corpo de Exército, José Gay da Cunha pediu ao comandante do batalhão, major Rocés, permissão para encontrar aquele que já era considerado o melhor oficial da 146ª. Brigada Mista, em Piedras de Aôlo, o tenente Assis Brasil. Na manhã em que partiria junto com os cem homens da 1ª Companhia do 569º Batalhão, com o propósito de ocupar um povoado encravado nos Pirineus, seus pensamentos atravessaram o Atlântico: “[...] Lá estavam os meus companheiros de 35: Agildo, Agliberto, Ivan, Rodolfo Ghioldi e tantos outros. [...] Sabiam que estávamos lutando ao lado do povo espanhol para defendê-lo dos mesmos inimigos que nos haviam derrotado no Brasil”⁵⁵⁰. Afinal, questionava o ex-combatente, “de que valia viver, se teríamos de levar uma existência miserável”?

Durante os últimos preparativos para a ofensiva de Baladredo, o ex-combatente conheceu o comandante Rocés, poeta e escritor anarquista, também conhecido como velho dirigente da Federação Anarquista Ibérica (grupo criado em 1927). De acordo com o ex-combatente, dois obstáculos de natureza política e militar pesavam contra o Exército Republicano, a saber, as desavenças e conflitos entre anarquistas e comunistas e, igualmente, a falta de organização e disciplina: “[...] Para um anarquista espanhol, o maior inimigo era um comunista. Mesmo durante a guerra, nos momentos mais difíceis, os anarquistas não esqueciam o seu ódio a qualquer espécie de organização, principalmente a militar. Para eles, a hierarquia era uma afronta e a disciplina um absurdo”⁵⁵¹. Mesmo comovido com as palavras de Rocés, que agradeceu sua colaboração e espírito de sacrifício, Gay da Cunha assinalou que naquela guerra as emoções duravam pouco:

⁵⁴⁹ Id., p. 97.

⁵⁵⁰ Id., p. 103.

⁵⁵¹ Id., p. 105.

[...] Não havia tempo para entregar-nos aos sentimentalismos individuais. A realidade era tão fria e dura que o indivíduo desaparecia com a escuridão da noite. Ao amanhecer prevalecia sempre a guerra, com todos os seus problemas a resolver e mais a circunstância de que estávamos lutando ao lado de um povo esquecido pelo mundo e de um governo que não contava com os recursos técnicos para prover as necessidades dessa guerra⁵⁵².

Se o que tornava a crise política perene era a tentativa do governo republicano de conciliar partidos tão antagônicos e até mesmo inimigos, no plano externo os países que dominavam a Liga das Nações eram cúmplices pela neutralidade, beneficiando-se do conflito para satisfazer seus “apetites comerciais e capitalistas”. Depois da derrota na ofensiva de Baladredo, José Gay da Cunha lamentou as baixas no confronto com os militares fascistas, reduzindo seu efetivo a quarenta e dois homens. Além disto, ficou claro para Gay da Cunha que mesmo entre os anarquistas havia sérias divergências e conflitos ideológicos. A seguir, o mensageiro cenetista Teodoro Rodriguez forneceu ao ex-combatente um relato detalhado sobre as instruções dos dirigentes da FAI que pretendiam assassiná-lo junto com os demais oficiais comunistas:

[...] Nós, os da Confederação de Trabalho, somos anarcossindicalistas e aceitamos a organização sindical, como útil e necessária para a administração coletiva. Os anarquistas da FAI não aceitam o sindicalismo e lutam contra toda e qualquer organização de Estado. Nos últimos dias, antes da ofensiva de hoje, recebemos instruções da direção da FAI de liquidar todos os oficiais comunistas e os anarquistas que continuassem aceitando as consignas da Frente Popular de organizar um verdadeiro exército, para lutar contra Franco. Devíamos continuar com a organização das milícias independentes. Houve uma grande discussão e nós, os da CNT, fomos vencidos. Reunimo-nos de novo, desta vez somente os sindicalistas, e resolvemos defender por todos os meios possíveis os oficiais e sargentos, durante o combate de hoje. Aqueles homens que estavam sempre ao seu lado, formavam uma autodefesa, que nós organizamos para que os homens da FAI não o matassem pelas costas, durante a ofensiva⁵⁵³.

Apesar da amargura da derrota, a amizade pessoal entre Teodoro Rodriguez e José Gay da Cunha representava a chance de deixar de lado certos “ódios partidários”. Mas na Espanha, dizia o voluntário brasileiro, não havia espaço nem para o “esquecimento” e muito menos para o “perdão”, tendo em vista que na perspectiva dos

⁵⁵² Id., p. 106.

⁵⁵³ Id., p. 128.

anarquistas os católicos representavam a Espanha da Inquisição e os comunistas “uma infâmia contra a dignidade do indivíduo”.

A postura adotada por Gay da Cunha de dormir e fazer as refeições junto aos demais soldados da companhia causou certo estranhamento ao comissariado do batalhão. Na ocasião, Valverdú, o novo comissário de guerra daquela companhia, disse o seguinte: “O senhor precisa compreender o nosso dever de confraternizar com as populações. Também devemos dar a impressão de que somos um verdadeiro exército regular, onde a hierarquia é uma realidade, e onde os oficiais não podem viver em promiscuidade com os soldados e inferiores”⁵⁵⁴. Como resposta, Gay da Cunha sublinhou que discordava da tentativa de estabelecer um regime de castas no interior do Exército Popular, e ainda lamentou que aquela preocupação entre os oficiais estivesse em primeiro plano. Para ele, investir na educação política dos soldados, com o intuito de evitar que “estes não matem seus oficiais durante o combate”, consistiria num dever premente do comissário de guerra. Em suma, competiria às organizações militares como um todo rechaçar qualquer tipo de prática sectária.

Além das restrições aos passeios, os soldados também receberam ordens expressas – entendidas como absurdas, injustas e reacionárias – para não invadir qualquer propriedade com o intuito de apanhar frutas dos pomares da região. Numa conversa mais reservada com Gay da Cunha a respeito daquelas medidas e, igualmente, da tentativa de separar os oficiais dos soldados da Brigada, o cozinheiro e anarquista da 1ª Companhia Gregorio Trepiana, desabafou: “[...] Pobre Espanha, é por isso que estamos perdendo a guerra”⁵⁵⁵.

Mesmo que as marchas, a fome, o frio e a morte dos companheiros tenham acompanhado boa parte da trajetória de seu grupo, Gay da Cunha assinalou que mesmo naquele contexto repleto de adversidades, era possível estabelecer algum tipo de intimidade:

[...] Na guerra é assim. Faz-se intimidade em poucos minutos. As nossas vidas saem aos borbotões com as primeiras palavras, ao encontrarmos uma pessoa desconhecida. Depois vêm as conversas sobre a guerra e os episódios que cada um considera os mais salientes e importantes. Naturalmente que cada um desses episódios têm como personagem principal o autor da narrativa. Mas geralmente não há exageros, porque a realidade da guerra dificilmente poderá ser

⁵⁵⁴ Id., p. 132-133.

⁵⁵⁵ Id., p. 137.

descrita, por maior poder de imaginação e de reprodução que tenha um mortal⁵⁵⁶.

José Gay da Cunha havia acumulado as funções de comandante e chefe de um pelotão. Dois de seus pelotões, comandados por Sanz Ambell e Garcez, deveriam proteger o povoado de Les Lagunes, já o terceiro ocuparia a chamada “cota 1515” – perigosamente localizada dentro das posições franquistas. Seguindo as ordens do comando do batalhão, o ex-combatente escolheu para o seu pelotão a defesa da cota 1515, instalando-se nos refúgios e nos ninhos de metralhadoras. As únicas armas disponíveis eram as granadas de mão, em decorrência da curta distância que os separavam das linhas inimigas. Reconhecendo a inferioridade dos republicanos em termos de armamentos, José Gay da Cunha fez um rápido e contundente comentário sobre a ausência de combates, a postura defensiva das forças militares republicanas e a ausência de armas:

[...] Que guerra gozada. Nós sempre devíamos ficar na expectativa e na defensiva. Não tínhamos armas. O governo queria comprar armamentos para defender-se e os outros governos não lhe vendiam nada devido a tal política de ‘não intervenção’ da Liga das Nações. Os nossos fuzis eram russos, as nossas metralhadoras também. Por que seria que o único governo que vendia armamentos para a Espanha era o russo?⁵⁵⁷

Numa de suas investidas utilizando granadas, Gay da Cunha conseguiu capturar um prisioneiro: tratava-se do jovem tenente de infantaria D. Vicente Sanchez Uriondo, natural de Navarra. “Por que não me mata?”, vociferou o jovem oficial de 24 anos. Em seguida, prosseguiu: “Vocês os comunistas são uns miseráveis. Não adianta nada torturar-me, não falarei nada”⁵⁵⁸. Garantindo que a República não tinha o costume de matar prisioneiros, o tenente-comandante assinalou que D. Vicente Uriondo e os seis prisioneiros fascistas seriam transportados para a retaguarda em Barcelona. Depois de 20 dias de intenso bombardeio, tiros, explosões e piolhos (apelidados de “trimotores”), o comando do batalhão concedeu ao grupo uma semana de descanso (desta vez, sem restrições) na cidade de Juncosa. No reencontro com o comandante Rocés, Gay da Cunha recebeu a notícia de que todos deveriam seguir em direção à frente do Ebro.

⁵⁵⁶ Id., p. 142.

⁵⁵⁷ Id., p. 153.

⁵⁵⁸ Id., p. 156.

Durante a conversa foi-lhe oferecido também o cargo de instrutor da escola de sargentos que se organizava naquela Brigada.

Mesmo convivendo de perto com os anarquistas, majoritários no X Corpo de Exército, que o olhavam com certa desconfiança nos primeiros dias a caminho do *front* nos Pirineus, Gay da Cunha passou a encará-los como membros de uma grande família, pois àquela altura já não importava mais o fato de ser comunista: “[...] As trincheiras e as vicissitudes da guerra faziam uma verdadeira união nacional, muito mais eficiente do que qualquer propaganda política. As balas dos fascistas não escolhiam as cores dos partidos para matar-nos. Nas linhas da frente nós sabíamos que o maior inimigo estava do outro lado da terra de ninguém”⁵⁵⁹.

A chegada em Barcelona tinha ares de “miséria e desolação”, notadamente pela quantidade de refugiados que se deslocavam até a capital diariamente. Sem ter notícias dos demais companheiros brasileiros desde a separação em Buenos Aires, Montevideú, ou mesmo no Brasil, Gay da Cunha se dirigiu a sede do PCE. O antigo voluntário da XIV Brigada, *La Marselhesa*, encarregado dos voluntários internacionais, o francês Edouard, lhe forneceu a localização precisa do grupo de militares brasileiros:

[...] Apolônio de Carvalho, oficial de Infantaria no setor do Centro, Major Carlos da Costa Leite, comandante da Artilharia do Exército do Ebro, Tenente Joaquim Silveira, frente do Centro, David Capistrano, José Correia de Sá e Dinarco Reis, na XII Brigada *Garibaldi*, Homero Jobim, Eny Silveira, Delcy Silveira e Nelson de Souza Alves, hospitalizados por ferimentos, Ramon Prieto, espanhol vindo do Brasil, hospitalizado, comissário de guerra ferido três vezes no mesmo combate, Tenente Nemo Canabarro Lucas, chefe de operações da 218.^a Brigada Mista, na frente dos Pirineus, Tenente Hermenegildo de Assis Brasil, frente dos Pirineus, setor de Piedras de Aôlo, citado na ordem do dia do 11.^o Corpo, Enéas Jorge de Andrade, sargento aviador, metralhador, morto em combate, Tenente José Gay...⁵⁶⁰

Edouard informou ainda que, no dia 22 de setembro de 1938, o Ministro das Relações Exteriores faria um pronunciamento na Liga das Nações anunciando medidas visando à desmobilização e, posteriormente, repatriação dos cerca de seis mil e seiscentos voluntários internacionais. Tal notícia foi recebida de maneira positiva por José Gay da Cunha, que se deu por satisfeito ao notar o nível de organização do partido comunista no que se referia ao controle da vida dos voluntários estrangeiros.

⁵⁵⁹ Id., p. 168.

⁵⁶⁰ Id., p. 174.

Mesmo longe da frente de combate, os militares brasileiros engajaram-se no apoio a população de Ripoll, organizando cursos de defesa antiaérea e construindo refúgios. Em troca, o grupo passou a residir nas casas de algumas famílias, levando suas rações de comida para que todos pudessem se alimentar. No entanto, há outro episódio narrado pelo combatente brasileiro que evidencia o quanto o apoio dos franceses era tímido e até mesmo hesitante. Desconsiderando a grave situação do governo republicano, o Primeiro Ministro Daladier impediu que os voluntários internacionais atravessassem a fronteira com a França com destino ao México, mesmo seguindo todos os trâmites legais.

Depois de ter sido ferido gravemente na ofensiva do Ebro, Gay da Cunha tornou-se chefe de Estado-Maior da XV Brigada Internacional, sendo responsável pelo centro de desmobilização em Cassá de la Selva, outra cidade da Catalunha onde estavam agrupados os antigos voluntários do Batalhão *Abraham Lincoln* e os sul-americanos da Brigada *Garibaldi*. Além da queda de Barcelona, uma das notícias mais desoladoras que recebeu dava conta de que os anarquistas estavam abandonando a frente, seguindo ordens expressas dos dirigentes da FAI. O conflito com uma coluna anarquista que pretendia marchar para a fronteira foi descrito da seguinte maneira: “[...] quando Barcelona caía nas mãos dos fascistas, os anarquistas abandonavam a frente, porque os dirigentes da FAI julgavam que tinha chegado o momento propício para romper a frente popular. Para mim, aquilo representava uma traição das mais infames”⁵⁶¹.

Contando com o apoio armado de quatro cubanos e um iugoslavo, José Gay da Cunha chegou a dar voz de prisão àquele grupo de anarquistas, pois estes não reconheciam as ordens do comando militar. Cerca de duzentos automóveis transportando mulheres e crianças e vinte caminhões repletos de soldados desertores formavam “a mais extravagante coluna que conheceu na Espanha”. Questionando o chefe da coluna sobre aquela ação, o ex-combatente permitiu apenas a passagem de mulheres e crianças e, em seguida, disparou: “Se seus homens são tão valentes, por que não ficaram na frente, onde fazem tanta falta?” Mais uma vez Gay da Cunha faz menção a sua convivência com os anarquistas, só que desta vez sublinhando aspectos extremamente negativos, acusando-os de traidores da causa antifascista:

⁵⁶¹ Id., p. 207.

[...] Durante os meses em que convivera com os anarquistas nos Pirineus, pude constatar que eles se revelaram péssimos soldados e que a sua valentia era bastante discutível. Um dos motivos porque encerrara a discussão tão abruptamente era o nojo que me inspiravam os desertores na nossa pobre Espanha. A grande maioria do povo suportava a guerra com heroísmo e resignação e aqueles libertários da FAI abandonavam a frente nos momentos mais difíceis⁵⁶².

Quando recebeu a visita de uma delegação da Frente Popular a fim de chamar atenção para a necessidade do respeito mútuo entre os partidos de esquerda, Gay da Cunha afirmou que tal retórica não passava de um “canto da sereia”. Como saída para o embate, que agora envolvia também a comissão da Frente Popular, o ex-combatente teve que negociar pessoalmente com o chefe da coluna, pedindo-lhe que entregassem as armas em troca da liberdade dos emissários presos: “[...] A minha vontade era mandar fuzilá-lo junto aos seus companheiros, mas não dispunha de meios para enfrentá-los e a situação era demasiado confusa, para que me preocupasse com aqueles miseráveis”⁵⁶³. Em linhas gerais, o pomo da discórdia com os anarquistas da FAI consistia no seguinte: “A guerra para eles nunca tinha sido uma obrigação moral. Lutavam antes para conseguir o domínio do país, pelas suas organizações”⁵⁶⁴. Gay da Cunha acusou-os de formar a chamada “vanguarda do inimigo”, na medida em que orientavam seus adeptos para que deixassem o Exército Popular, além de promover ações como assalto, roubo e sabotagem.

A fuga de um grupo de cerca de vinte voluntários cubanos de Cassá de la Selva em direção à fronteira com a França abateu ainda mais os ânimos dos brigadistas, pois o número de deserções aumentara substancialmente. Sem esperar qualquer medida por parte do comando das Brigadas, José Gay da Cunha, o comissário Carlos e o coronel Morandi (comandante da XII Brigada) deram ordens aos comandantes dos batalhões para que retirassem os soldados das frentes de combate. Logo quando instalaram o Estado-Maior das Brigadas Internacionais numa das casas da cidade de São Pedro Pescador, no litoral do Mediterrâneo, o comandante-em-chefe das Brigadas André Marty convocou uma reunião com o efetivo dos voluntários estrangeiros no pátio de uma escola, ocasião em que aproveitou para criticar de forma veemente a perda do espírito de luta: “Covardes, sois como coelhos, correndo diante do caçador. Onde está a

⁵⁶² Id., p. 209.

⁵⁶³ Id., p. 211.

⁵⁶⁴ Idem.

bravura dos voluntários internacionais da liberdade? Haveis esquecido o valor dos nossos companheiros que morreram lutando?”⁵⁶⁵.

Para a surpresa do militar brasileiro, Marty ordenou que o então capitão se tornasse o comandante da XV Brigada. Num encontro mais reservado com os oficiais do Estado-Maior das Brigadas, André Marty ouviu dos voluntários brasileiros que um dos problemas mais graves relacionados ao conflito civil espanhol relacionava-se à questão de como os soldados tinham sido abandonados durante o período da desmobilização. Dirigindo-se a todos os oficiais presentes, o comandante-em-chefe das Brigadas disse o seguinte:

Nemo Canabarro Lucas, Dinarco Reis, Homero Jobim, Delcy Silveira, Eny Silveira, José Homem Correia de Sá. Aqui estão os únicos voluntários internacionais que tiveram a coragem de dizer a verdade. Quero dizer-lhes que, para mim, esses homens possuem valor, porque não se intimidam diante do comandante das Brigadas, nem dos seus títulos de deputado francês e herói do Mar Negro. O que eles viram foi a situação da Espanha neste momento crítico. Eu os felicito. Pouco mais tenho a dizer. Os senhores deverão cumprir as ordens recebidas e em caso de outra retirada sem determinação superior serão submetidos a conselho de guerra⁵⁶⁶.

Seguindo recomendações do próprio André Marty, face à derrota iminente, o Corpo de Exército tornou possível a retirada dos refugiados civis que se dirigiam para a França. No dia 9 de fevereiro de 1939, perante o presidente Negrín, o Ministro da Guerra e o comandante das Brigadas Internacionais, à frente dos duzentos e sessenta e seis combatentes latino-americanos da XV Brigada, José Gay da Cunha comandou sua última ação em território espanhol.

Tendo em vista que “[...] as identidades são constituídas por um mecanismo contrastante das diferenças e de reconhecimento das similitudes”⁵⁶⁷, certas passagens da narrativa autobiográfica de José Gay da Cunha são capazes de fornecer indícios de que os conflitos e as divergências ideológicas foram responsáveis por traçar novas fronteiras e identidades políticas entre os grupos de esquerda.

⁵⁶⁵ Id., p. 218.

⁵⁶⁶ Id., p. 220-221.

⁵⁶⁷ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 71.

5.3. Memórias e ajustes de contas: Apolônio de Carvalho e a guerra civil

No prefácio ao livro *Vale a pena sonhar*, o crítico literário Antonio Candido refere-se a Apolônio de Carvalho como “[...] um homem que pode olhar o passado certo de que deu conta da sua tarefa muito além do que requeria o dever. E é o livro de alguém dotado da rara capacidade de viver rigorosamente conforme suas convicções”⁵⁶⁸. O cerne do livro, nas palavras do próprio prefaciador, são os “sinais” que marcaram a vida do autor, a saber, a guerra civil espanhola, a participação na resistência francesa e a luta contra a ditadura militar brasileira. Este “militante convicto”, dotado de profundo humanismo e “fé” na busca de soluções coletivas visando à transformação da sociedade, foi “[...] capaz de sentir o tempo todo as desarmonias, por vezes terríveis dentro da esquerda, as deformações do sectarismo e a falta de fraternidade revolucionária que tanto atrapalharam a luta dos republicanos espanhóis”⁵⁶⁹.

Quanto à boa qualidade da escrita e a franqueza com que os eventos são narrados, Antonio Candido destaca que tais elementos vinculam-se ao espírito inquieto do autor, “[...] capaz de perceber as contradições, sujeito às dúvidas que permitem o progresso ideológico e preparam soluções mais humanas”⁵⁷⁰. O “militante incansável” soube renovar, sob a ótica do crítico literário, as fórmulas do compromisso com a transformação social mantendo firmes suas convicções socialistas, cujo movimento vivo, sujeito a reajustes, representaria o “o que há de mais alto na luta do homem para humanizar a vida”. Um ano após a sua morte, o historiador Jacob Gorender o homenageou num breve artigo publicado na revista *Margem Esquerda*, assinalando que Apolônio compõe “a galeria dos heróis da história nacional”:

Faz honrosa companhia aos lutadores pela Independência em Minas Gerais (que a historiografia de inspiração lusitana chamou de ‘inconfidentes’) e aos participantes da Revolução Pernambucana de 1817, das lutas pela Independência em 1822, da proclamação da República, das lutas das décadas de 1920 e 1930, da resistência à ditadura militar dos anos 1960 e 1970, ainda recentes na memória nacional e nas suas sequelas negativas⁵⁷¹.

⁵⁶⁸ CARVALHO, 1997, p. 13.

⁵⁶⁹ Ibid., p. 15.

⁵⁷⁰ Id., p. 15-16.

⁵⁷¹ GORENDER, Jacob. Apolônio e a guerra civil na Espanha. *Margem Esquerda*: ensaios marxistas. Boitempo Editorial, n. 7, p. 191, maio de 2006.

Apolônio elegeu o conflito e seu impacto no contexto internacional como um dos temas políticos essenciais para compreender alguns dos principais dilemas que marcaram os anos 1930 e o período entreguerras, como, por exemplo, os conflitos entre regimes democráticos e os Estados autoritários⁵⁷² (fascismos e ditaduras). Nos anos 1930, o antifascismo caracterizou-se como um dos elementos constitutivos da unidade comunista, melhor dizendo, um dos principais componentes de sua cultura política. Fenômeno extremamente complexo, mas que sem dúvida ocupou um lugar relevante na história do movimento comunista, o antifascismo deve ser visto como uma sensibilidade política compartilhada por todos aqueles que se preocuparam com a ascensão ao poder do nazismo e de outros movimentos fascistas. Mesmo que a oposição ao fascismo tenha sido o denominador comum de correntes políticas e culturais diversas, cada uma teve seu próprio projeto político e sua própria visão de sociedade. Por outro lado, o antifascismo também foi um dos principais vetores responsáveis pela expressão de uma profunda vontade de transformação política e social. Em linhas gerais, “para las generaciones de militantes comunistas que se formaron durante los años treinta, en particular para los del Frente Popular y de la guerra de España, el antifascismo ha sido certamente una experiencia política central y el fundamento de su identidad política”⁵⁷³.

Sessenta anos após sua participação na guerra, Apolônio revisitou sua própria militância dentro do PCB através de uma relação seletiva com o passado, algo que é recorrente na literatura de memórias⁵⁷⁴. Em diversas passagens de sua obra, como veremos mais adiante, o ex-combatente demonstra uma intencionalidade clara: distanciar-se das ideias/práticas que marcaram uma fase importante de sua trajetória política, dedicada à causa comunista. Um dos temas mais destacados do capítulo “¡No

⁵⁷² “En la guerra civil española cristalizaron, en suma, batallas universales entre propietarios y trabajadores, Iglesia y Estado, entre obscurantismo y modernización, dirimidas en un marco internacional desequilibrado por la crisis de las democracias y la irrupción del comunismo y del fascismo”. CASANOVA RUIZ, Julián. Europa en guerra: 1914-1945. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 55, p. 119, 2004.

⁵⁷³ GROppo, Bruno. El antifascismo en la cultura política comunista. In: CONCHEIRO, Elvira; MODONESI, Massimo; CRESPO, Horacio (Coords.). *El comunismo: otras miradas desde América Latina*. México: UNAM-CEIICH, 2007. p. 113.

⁵⁷⁴ “[...] quando se pensa em memória costuma-se pensar em aspectos de retenção, de registro, de depósito de informações, conhecimento ou experiências. No entanto, a memória é, também, um mecanismo de seleção, de descarte, de eliminação”. MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: SESC, 2007. p. 23.

pasarán!” certamente diz respeito ao papel desempenhado pelo PCE durante a guerra civil. E é a partir desta temática que Apolônio irá compor sua narrativa sobre o conflito e, igualmente, redefinir sua própria identidade.

O dramático desfecho da guerra civil espanhola, com os enfrentamentos entre as próprias forças republicanas, marcou durante décadas as relações entre as forças antifranquistas no exílio. O papel que as forças políticas de esquerda desempenharam no conflito foi utilizado como arma nas incessantes controvérsias entre socialistas, republicanos, libertários e comunistas⁵⁷⁵. Nos anos subsequentes, as avaliações sobre os acertos e erros cometidos durante a guerra determinaram o surgimento de linhas de fratura entre os comunistas. Velhos militantes socialistas, como o espanhol Justo Martínez Amutio, também projetaram a ideia-força da chantagem exercida por parte de uma potência estrangeira sobre a vontade soberana da República espanhola. Por outro lado, em virtude da concorrência com o comunismo ao longo de toda guerra e a partir de episódios de enfrentamentos violentos, como as chamadas “jornadas de maio de 1937” em Barcelona, não é de se estranhar que o anarquismo seja um dos setores ideológicos que mais contribuiu para a percepção negativa dos comunistas espanhóis daquele período⁵⁷⁶. Entre as memórias que foram decisivas para fixar uma imagem negativa do PCE durante a guerra civil se encontram também, sem dúvida, as de ex-membros do partido, expulsos ou afastados da agremiação durante os anos transcorridos entre a imediata saída ao exílio e a ruptura de Tito com a Cominform (sucessora da antiga Comintern) em 1948⁵⁷⁷. Um número significativo de antigos revolucionários e funcionários da Internacional Comunista publicaram suas reflexões críticas sobre o regime stalinista, ao mesmo tempo em que revalorizaram as contribuições de militantes e escritores vinculados à esquerda heterodoxa. Entre os expoentes se sobressaiu George Orwell, cujo testemunho autobiográfico adquiriu o valor de um vaticínio sobre a dinâmica do totalitarismo comunista em ação no contexto da Espanha em guerra⁵⁷⁸.

⁵⁷⁵ HÉRNANDEZ SÁNCHEZ, Fernando. *Guerra o revolución: el Partido Comunista de España en la guerra civil*. Barcelona: Crítica, 2010. p. 15.

⁵⁷⁶ *Ibid.*, p. 19-20.

⁵⁷⁷ *Id.*, p. 20.

⁵⁷⁸ *Id.*, p. 24. Segundo Eric Hobsbawm, “[...] el público no mostró el menor interés en el libro. Se publicó en 1938, con una tirada de 1.500 ejemplares, y se vendió tan poco, que cuando, 13 años después, fue reeditado la primera edición aún no estaba agotada. Sólo en la era de la Guerra Fría dejó Orwell de ser una figura embarazosa y marginal”. HOBBSAWM, Eric J. *Memoria de la guerra civil española*. Tradução de Antoni Domènech. Disponível em: <<http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=1055>>, acesso em 20 de março de 2015.

A partir dos anos 1980, Apolônio de Carvalho passou a dialogar com alguns historiadores como Raymond Carr e Burnett Bolloten com o intuito de problematizar a luta do Partido Comunista Espanhol pela hegemonia no governo da Frente Popular. Sob a ótica do ex-combatente, esse bloco plural de forças populares (anarquistas, comunistas, socialistas, republicanos, nacionalistas bascos e catalães) simbolizava o caminho para a construção de uma alternativa política revolucionária. Com efeito, a desagregação desse sistema de forças coincidiu com a derrota da República espanhola. E quais seriam suas razões explicativas determinantes? Para Apolônio a chave-explicativa concentra-se numa combinação entre aspectos internos, como a tentativa do PCE em exercer sua hegemonia controlando as forças militares republicanas e o poder estatal (o que resultou na repressão aos militantes anarquistas e às organizações trotskistas⁵⁷⁹), bem como a dependência à política externa da URSS aos ditames de seus interesses de Estado. Sem falar, é claro, na posição dúbia das democracias ocidentais.

Nesta seção pretendemos nos debruçar sobre uma possível correlação entre a matriz de interpretação historiográfica defendida pelo hispanista britânico Burnett Bolloten e as narrativas autobiográficas de Apolônio de Carvalho. Ao revisitar sua militância nos anos 1930 em depoimentos, artigos e entrevistas, o ex-combatente contribuiu para difundir a imagem do controle comunista dos aparatos de poder da República durante a guerra civil. Para compor seu relato autobiográfico, Apolônio dialogou com um dos pontos centrais do modelo interpretativo proposto por Burnett Bolloten: para dominar o campo republicano, os comunistas espanhóis levaram a cabo sua estratégia de “grande camuflagem”, conseguindo mascarar seus verdadeiros objetivos totalitários. Nessa perspectiva, o início da guerra e as condições externas, pouco inclinadas a uma radicalização da República, teriam ditado o giro em direção à “camuflagem” dos objetivos revolucionários sob o pretexto da defesa da legalidade republicana. Este cânone interpretativo, como bem observou Fernando Hernández

⁵⁷⁹ O termo “trotskista” abarcava três definições completamente distintas: (1) Aquele que, como Trotski, prega a “revolução mundial”, contra “o socialismo num só país”. De modo pejorativo, designa o extremista revolucionário; (2) O membro da organização real da qual Trotski é o chefe; (3) Um fascista disfarçado, que se apresenta como revolucionário e que age principalmente pela sabotagem na URSS, mas que, de um modo geral, divide e solapa as forças de esquerda. ORWELL, George. *Lutando na Espanha e o ensaio recordando a guerra civil*, Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 184-185.

Sánchez, imobilizou por décadas a análise sobre a atuação do PCE durante a guerra civil⁵⁸⁰.

Bolloten foi acusado de possuir vínculos com organizações e instituições não necessariamente acadêmicas. Neste caso, a acusação mais grave feita a partir de depoimentos fiáveis é de que em algum momento o pesquisador tenha trabalhado para o Departamento de Estado dos Estados Unidos⁵⁸¹. De toda forma, como assinalou Julio Aróstegui, as questões essenciais trazidas pela investigação de Bolloten serviram como base para legitimar uma das afirmações mais caras ao franquismo, qual seja, a de que a sublevação foi feita para impedir um processo revolucionário em marcha⁵⁸².

As críticas ao trabalho de Bolloten tocam numa aspecto extremamente relevante quanto à utilização de fontes orais, na medida em que todo o aparato acusatório do papel do comunismo na guerra esboçado pelo autor pauta-se no testemunho de comunistas dissidentes, daqueles que é difícil esperar uma análise objetiva⁵⁸³. Trata-se, na verdade, de memorialistas que possuíam uma reconhecida inimizade com o comunismo e que insistem na maldade intrínseca da experiência comunista na guerra civil. De fato, para efeito de revalidação, todo testemunho necessita de uma análise crítica, comparativa e sistemática⁵⁸⁴. Além da superficialidade e a inconsistência das fontes utilizadas, outra característica marcante da obra de Bolloten é o uso abundante de todo tipo de qualificações adjetivadas para personagens históricos e situações caracterizadas política e/ou socialmente sem qualquer base demonstrativa sólida⁵⁸⁵. Com o propósito de matizar a tese global de Bolloten, Aróstegui salienta que na Espanha não houve tentativa de “camuflar” revolução alguma. O que diversos atores sociais e vários grupos políticos fizeram foi detê-la. E, no entanto, deter uma revolução não equivale necessariamente a fazer a contrarrevolução. Nesse sentido, o problema das relações internacionais da República foi crucial para que os governantes estabelecessem como

⁵⁸⁰ “[...] Su matriz interpretativa ha sobrevivido inexplicablemente (o quizás precisamente por la lógica de su versatilidad en la lucha política, tanto desde posiciones neoconservadoras como izquierdistas) al contexto histórico en que se forjó”. HERNÁNDEZ SÁNCHEZ, 2010, p. 25-26.

⁵⁸¹ ARÓSTEGUI, Julio. Burnett Bolloten y la guerra civil española: la persistencia del “gran engaño”. *Historia Contemporánea*, n. 3, p. 166, 1990.

⁵⁸² *Ibid.*, p. 169.

⁵⁸³ *Id.*, p. 171.

⁵⁸⁴ *Id.*, p. 172.

⁵⁸⁵ *Id.*, p. 173.

prioridade um esforço para recuperar o Estado republicano, adiando assim a revolução coletivista encabeçada pelos anarquistas⁵⁸⁶.

A obra autobiográfica de Apolônio é um bom exemplo de dois aspectos que gostaríamos de sublinhar: da necessidade de submeter à crítica os testemunhos memorialísticos de antigos militantes do partido comunista; que os atores sociais não se submetem ao projeto comunista sem resistências, contornos, reinterpretações⁵⁸⁷. De início, uma questão central deve ser colocada: que elementos e/ou matrizes interpretativas o autor utilizou em seu relato autobiográfico para conferir sentido a uma determinada representação do passado?

5.4. Revisitando o conflito e a militância política

Cinquenta anos após o início da guerra civil espanhola, Apolônio defendeu a tese de que os embates envolvendo militantes do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), de orientação anti-stalinista, e anarquistas contra comunistas foi uma das causas principais da vitória do general Francisco Franco: “[...] Houve muita intransigência e o que decidi no final foi a prática autoritária do governo central. [...] Saímos de lá com a visão do que representava a unidade de ação e o que representava a quebra dessa unidade. [...] São lições que a gente bebeu ali”⁵⁸⁸. Através de expressões de insatisfação e protesto, o ex-combatente do Exército Popular Republicano pontua algumas características que marcaram a militância dos anos 1930:

Os comunistas da época eram imbuídos de um sentimento quase religioso de integração e devotamento à entidade partidária, o que se traduzia na submissão integral dos problemas sociais às exigências da revolução. Sob esse cunho de religiosidade, o monolitismo e a disciplina abafavam qualquer reserva crítica ou sentimento de rebeldia ao que chamávamos ‘o espírito do partido’. Como agravante, a vida que levávamos – afastada do debate de ideias junto à militância e a população – ampliava essas deformações⁵⁸⁹.

⁵⁸⁶ Id., p. 176-177.

⁵⁸⁷ PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard. Uma Internacional, partidos e homens. In: DREYFUS, Michel et. al. *O século dos comunismos: depois da ideologia e da propaganda uma visão serena e rigorosa*. Lisboa: Notícias, 2004. p. 381.

⁵⁸⁸ ARBEX, José. O aniversário da guerra civil espanhola. Voluntários brasileiros lutaram ao lado dos republicanos. *Folha de São Paulo*, 2. Caderno – Exterior – domingo, 13 de julho de 1986.

⁵⁸⁹ CARVALHO, 1997, p. 179.

Em seguida, Apolônio de Carvalho assinala que percebia desde o início de sua militância no Partido traços de insensibilidade e, por conseguinte, de intolerância. No primeiro caso, o ex-combatente destaca a impossibilidade de despedir-se da própria família ao deixar o Brasil em meados de 1937⁵⁹⁰. Já no plano político, se refere aos “primeiros estigmas de intolerância, como o inconcebível fratricídio comunista, em Barcelona, em maio de 1937. Julgara-os, porém, episódicos, conjunturais. Romântico, preferia cingir-me ao lado generoso do partido”. Essa exposição preliminar visa apenas situar a maneira como o ex-combatente reconstruiu, por um lado, sua própria experiência de guerra e, de outro, sua relação com a militância comunista. A meu ver, a obra em questão evidencia que tanto a memória como a identidade não são fenômenos estáticos⁵⁹¹.

Logo na abertura do capítulo sobre suas experiências de guerra no conflito civil espanhol, intitulado “¡No pasarán!”, Apolônio assinala de forma bastante pessimista que quando chegou à cidade francesa de Le Havre em setembro de 1937 a sorte da República espanhola já estava decidida. Mas então por que motivo já na abertura de sua narrativa sobre a guerra o autor demonstrou certo ceticismo quanto ao destino da República (perguntará o leitor)? E mais uma vez é preciso sublinhar uma das teses centrais que perpassam todos os seus depoimentos: a divisão no campo da esquerda a partir de maio de 1937 e o seu posterior “confronto antropofágico”, em decorrência do novo governo do socialista de centro Negrín que “[...] reprimiu duramente o POUM, isolou os socialistas de esquerda e pôs fora da lei a grande massa de anarquistas”⁵⁹².

Mesmo ciente das cisões entre os partidos de esquerda, Apolônio retoma o otimismo quanto ao desfecho da guerra no desembarque em Le Havre. Em Paris dirige-se ao Comité Internacional de Ayuda al Pueblo Español a procura do comunista

⁵⁹⁰ “Na realidade, a subsociedade comunista se apresenta como uma ‘grande família’ e, neste sentido, os limites entre a vida privada e a vida pública são tênues. As relações familiares são inteiramente subordinadas às exigências da militância. A dedicação ao partido exige tempo integral”. PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 38.

⁵⁹¹ “[...] El trabajo ininterrumpido de la memoria modifica continuamente la identidad: ‘ninguna forma de identidad se conserva indefinidamente en el tiempo sin transformarse’. En tanto construcción cultural, presenta aspectos estables – un núcleo central que persiste en el tiempo – y aspectos mutables: ‘ella se presta a ser reconstruida continuamente, al menos en cierta medida, según el contexto y las oportunidades’. Cuando hablamos de memoria, también hablamos de identidad”. GROPPPO, Bruno. Las políticas de la memoria. *Sociohistórica*, n. 11-12, p. 190, 2002.

⁵⁹² CARVALHO, 1997, p. 93. O papel de Negrín como “vilão da história” representa de maneira exemplar como Apolônio se apropriou da matriz bolloteniana. “[...] Negrín, según Bolloten, habría estado siempre rodeado de un ‘entorno comunista’”. Ver AROSTEGUI, 1990, p. 174-175.

brasileiro Celso Tovar Bicudo de Castro, encarregado dos preparativos de sua viagem. No encontro com D. Leocádia e Lígia Prestes (mãe e irmã de Luiz Carlos Prestes), exiladas em Paris, Apolônio lamentou a ausência de informações mais precisas a respeito do dirigente comunista, que seguia preso nas dependências da Polícia Especial no Rio de Janeiro⁵⁹³.

Na chegada a Valência, nova capital da República, Apolônio traz em sua bagagem “uma explosiva carga de otimismo”⁵⁹⁴, na medida em que as forças populares já haviam superado sua crise mais aguda, contrariando a premissa de que a cisão das esquerdas era algo irreversível: “[...] Em boa parte, contudo, o que a princípio vejo na Espanha confirma-me a expectativa. Já encontro um novo exército, aguerrido e nacionalmente estruturado; as diversas frentes de batalha estão guarnecidas”⁵⁹⁵. O que de fato o impressionou, num primeiro momento, fora a intensa participação civil, com especial destaque para as mulheres ocupando todos os postos da retaguarda. Não só: em várias regiões como Aragão, Catalunha, Valência e Málaga as propriedades agrícolas foram coletivizadas, já nos centros urbanos boa parte dos setores vinculados à indústria e serviços eram dirigidos pelos sindicatos anarcossindicalistas.

O que alimentava seu otimismo na chegada a Valência era a participação popular na vida política republicana, sem falar na emoção dos brasileiros aos ouvir pela primeira vez em solo espanhol o hino da Internacional. Mas Valência mostrou a Apolônio a outra face da guerra, como por exemplo, as debilidades da defesa antiaérea republicana. Já nas frentes de batalha o cenário era preocupante: fissuras na unidade da tropa; a difícil coordenação das diversas armas; a intolerância política em todos os

⁵⁹³ A mãe de Prestes liderou na Espanha, entre abril e maio de 1936, uma intensa campanha pedindo apoio pela libertação do filho. Alguns dos mais importantes políticos ligados à República se sensibilizaram com a causa, como o presidente do Parlamento catalão Juan Casanovas e da deputada comunista Dolores Ibárruri. SOUZA, Ismara Izepe de. A diplomacia brasileira e a guerra civil espanhola. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra civil espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 142. A carta de apelo de d. Leocádia para salvar a vida de Prestes foi publicada em janeiro de 1937 pelo jornal *A Classe Operária*: “[...] Filho e irmão exemplar, arrimo de sua família, ele preferiu a amargura da separação a renunciar seu ideal. Por sua vida de desprendimento e sacrifício, meu filho conquistou o amor e o respeito de todo o povo brasileiro que vê nele seu herói nacional e o único homem capaz de fazer a felicidade do Brasil. Seu nome é pronunciado com admiração, não somente no Brasil, mas também por todos os povos da América Latina que o consideram como o maior representante de todas as aspirações democráticas americanas. É este o homem que está ameaçado de ser condenado à pena capital. O povo brasileiro sofre atualmente na mais cruel incerteza vendo-se ameaçado de perder o maior e mais querido de seus filhos”. “Apelo da mãe de Prestes ao povo espanhol”. *A Classe Operária. Órgão Central do PCB*. São Paulo, 10 de janeiro de 1937, n. 207.

⁵⁹⁴ Para Jacob Gorender, o otimismo era a principal característica de sua personalidade.

⁵⁹⁵ CARVALHO, 1997, p. 96.

grupos e organizações; e, por fim, as discriminações ideológicas⁵⁹⁶. Em linhas gerais, diz o ex-combatente, reproduziam-se nas frentes de batalha os agudos confrontos na retaguarda pela hegemonia nos setores-chave do aparato estatal republicano.

Em seguida, Apolônio tomou um trem com destino à província de Albacete, onde se organizavam as unidades destinadas ao *front*. O militar integrou-se como oficial auxiliar na bateria Euskádi, cujo comandante era Juan Palomares, antigo sargento de artilharia. Junto com Prieto e Palomares, Apolônio preocupava-se com formação militar de novos recrutas. O curioso é que a maioria dos oficiais que conheceu nas frentes não pertencia a nenhuma corrente política. Outro aspecto que chamou sua atenção consistia no trato sempre distante com os soldados: “Tal particularidade não impediu, contudo, que no conjunto da bateria se fossem estreitando os laços de confiança e amizade – afinal, éramos uma só recusa ao fascismo, à intervenção estrangeira, aos odiosos privilégios dos *terratenientes* e à intolerância da Igreja”⁵⁹⁷.

Mais adiante, Apolônio assinalou que não conseguiu encontrar militantes do PCE entre praças e soldados. Com o tempo, percebeu que havia comunistas em proporção nada desprezível, filiados em sua grande maioria às Juventudes Socialistas Unificadas, dedicados à leitura coletiva dos jornais, intervenção ativa nos debates e empenho na coordenação das tarefas. Palomares e Prieto depositaram tanta confiança em Apolônio que este os convenceu a filiar-se ao PCE. Três meses após integrar-se a Euskádi o ex-combatente despede-se em meio às lágrimas de seus duzentos e cinquenta companheiros, sendo então transferido para uma frente distante, no limite entre as províncias de Córdoba e Extremadura, onde adquiriu as funções de capitão, comandante e coronel.

Apolônio comandou um agrupamento de artilharia e posteriormente participou da batalha de Teruel, entre dezembro de 1937 e fevereiro de 1938 e, finalmente, da última ofensiva republicana no Ebro. Como muitos outros voluntários estrangeiros, o ex-combatente foi levado a Barcelona nas vésperas do Natal de 1938 para a retirada dos *internacionales* da guerra de Espanha devido às pressões do Comitê de Não-Intervenção – formado pela chancelaria dos países ocidentais. No dia 22 de setembro de 1938 o então Ministro das Relações Exteriores, Álvarez del Vayo, anunciou na Liga das Nações a retirada dos quarenta e cinco mil brigadistas internacionais e dos milhares de

⁵⁹⁶ Ibid., p. 97.

⁵⁹⁷ Id., p. 99.

estrangeiros integrados ao Exército Popular. Surpreso pela “quixotesca” decisão, como tantos outros voluntários, Apolônio de Carvalho pressentiu que “a derrota avultava no horizonte da República”.

Em meio a homenagens e a uma intensa atividade cultural, a primeira escala da retirada ocorreu nos arredores de Valência, onde os combatentes permaneceram até novembro de 1938. Depois da ordem de recuo, já às vésperas do Natal e em plena ofensiva franquista, “[...] tomamos o caminho da França – não apenas os milhares de voluntários estrangeiros como duzentos e cinquenta mil homens do exército espanhol e trezentos mil catalães”⁵⁹⁸. Ao cruzar os Pirineus, junto com seu compatriota Joaquim Silveira dos Santos, Apolônio ainda nutria esperanças quanto à capacidade de resistência das forças republicanas, mesmo percebendo que o conflito poderia se difundir pela Europa:

Eu padecia de um otimismo quase obsessivo, e preservava, nas malhas quentes da primeira militância – já plena de certezas definitivas, conquanto imune ainda à rigidez, à intransigência e ao fanatismo típicos da época –, boa parte de minhas ilusões e características: alta dose de boa-fé, tangente à ingenuidade; tendência a buscar elementos positivos em circunstâncias as mais difíceis; pendor à tolerância. Herança da família, talvez; pelo sim, pelo não, escudo íntimo frente à dureza dos episódios recentes⁵⁹⁹.

O autor viu romperem-se as frentes republicanas. Experimentou a derrota, a rápida retirada em direção à fronteira francesa, a rendição humilhante, e o internamento num campo de concentração em fevereiro de 1939, primeiro em Argelès-Sur-Mer e depois em Gurs, nos Baixos Pirineus, ao sul da França. E desde ali presenciou o início da Segunda Guerra, percebendo-a como um desdobramento lógico da batalha perdida na Espanha. Aproveitando o desconcerto derivado da invasão alemã ao território francês em junho de 1940, Apolônio conseguiu fugir do campo de Gurs em dezembro desse ano junto com outros dois voluntários brasileiros (Dinarco Reis e David Capistrano). Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, se engajou nas fileiras da Resistência Francesa contra a ocupação alemã. Chegou ao final da guerra, em 1944, ao posto de tenente-coronel das Forças Francesas do Interior, depois de comandar todas as forças de franco-atiradores e partisans formados por imigrantes na costa sul. Por conseguinte, foi

⁵⁹⁸ Id., p. 115.

⁵⁹⁹ Id., p. 116.

condecorado pelo governo francês com a Cruz de Guerra e o grau de cavaleiro da Legião de Honra. Foi em Marselha, no sul da França, que o ex-combatente conheceu Renée, com quem foi casado e teve dois filhos.

Nos vinte meses em que permaneceu na Espanha, Apolônio destacou que nunca teve um convívio íntimo com o PCE, a não ser pela visita esporádica do grupo teatral de Rafael Alberti e sua mulher María Teresa León. Contudo, as reflexões sobre os problemas centrais da guerra civil surgiram apenas nos anos posteriores: “[...] Aprenderia muito tempo depois que na origem da derrota estavam, antes de tudo, a ruptura da unidade de ação das esquerdas e a dependência quase absoluta da Frente Popular espanhola à política externa do governo de Stalin [...]”⁶⁰⁰. Para agravar o quadro mais geral, o ex-combatente acrescenta “as vacilações da Frente Popular de Léon Blum”, a presença bélica das potências do Eixo e o veto à Espanha republicana por parte das potências ocidentais, encabeçado pela Grã-Bretanha. Concomitante às pressões dos governos europeus, a URSS interrompeu, em abril de 1938, o fornecimento de armas e especialistas, além de retirar seu apoio político e diplomático.

Numa avaliação das principais correntes políticas hispânicas de esquerda, Apolônio foi taxativo ao dizer que sentia uma profunda admiração pelo POUM, especialmente “por sua equidistância da rigidez do PC e do romantismo sem peias dos anarquistas”⁶⁰¹. No entanto, diz o ex-combatente, ambos demonstraram-se incapazes de elaborar uma alternativa à altura das incertezas e desafios da época. O que admirava nos anarquistas espanhóis era a trajetória original e criativa, responsável por criar um modelo espanhol de revolução social, pregando a participação direta do povo, muito próxima da experiência pioneira da Comuna de Paris.

Por fim, sobraram críticas duras e contundentes ao PCE, em virtude de três fatores centrais: a) o “autoritarismo elitista”, determinado pelo seu modelo de organização; b) a intolerância; c) e o “messianismo”, ao considerar-se dono absoluto da verdade e “condutor insubstituível das massas”⁶⁰². Outra tese defendida por Apolônio é

⁶⁰⁰ Id., p. 117. Neste aspecto, a afirmação de Apolônio se aproxima das críticas encabeçadas por Fernando Claudín, levando em conta que a República da Frente Popular além de ser “prisoneira de sua própria essência pequeno-burguesa”, “estava enfeudada à política de Stalin”. Mas o ex-dirigente do PCE foi além, pois para ele o programa da Frente Popular na Espanha realizou um “giro moderador” desde o seu programa eleitoral de fevereiro de 1936 ao não incluir “nem a ocupação de terras, nem a de fábricas, e muito menos a liquidação do capitalismo”. CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista*, Trad. José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 276.

⁶⁰¹ CARVALHO, op. cit., p. 120.

⁶⁰² Ibid., p. 120-121.

a de que os dirigentes comunistas espanhóis foram diretamente responsáveis pelo rompimento da Frente Popular, valendo-se da violência policial para perseguir os comunistas e assassinar seu dirigente Andreu Nin. Somente meio século depois o ex-combatente advoga que conseguiu distanciar-se da concepção das diretivas do Partido, vistas até então como “Tábuas da Lei”:

Tive de esperar que se abrissem as cortinas do tempo para perceber tão duros fatos, que, todavia, em nada desmerecem não só a gesta libertária do povo espanhol, um dos cumes da história humana, mas também a generosa contribuição que lhe prestaram os voluntários e brigadistas do mundo todo, entre os quais o pequeno grupo de brasileiros de que fui parte⁶⁰³.

5.5. O caso Besouchet e a retirada dos voluntários brasileiros

O tenente Alberto Bomfílcar Besouchet, contemporâneo de Apolônio na Escola Militar do Realengo, é lembrado pelo ex-combatente como o primeiro brasileiro a chegar à Espanha, seguido de uma breve descrição de seu itinerário trágico:

[...] Início de 36, integra-se nas milícias do POUM e, meses após, torna-se membro do estado-maior do general Miaja. Ascende a coronel em maio de 37, momento de crise aguda no seio das esquerdas, e logo depois é preso como militante do partido de Andrés Nin. Fins de 38, com os franquistas às portas de Barcelona, Besouchet é assassinado covardemente. Nada poderá apagar, contudo, a imagem desse comunista culto, modesto e bravo como poucos⁶⁰⁴.

Depois de seu desaparecimento nos confrontos de maio de 1937 em Barcelona, os familiares de Besouchet ainda procuravam informações mais precisas sobre as circunstâncias que envolveram sua morte. O então major reformado Helvecio Renato Besouchet, pai de Alberto, enviou uma carta no final de setembro de 1937 à Embaixada da Espanha no Rio de Janeiro solicitando notícias do filho, que se encontrava “servindo junto às gloriosas forças espanholas, que com tanta bravura e patriotismo defendem a

⁶⁰³ Id., p. 122.

⁶⁰⁴ Id., p. 123. “Nascido em 1912, Alberto era o mais jovem de quatro irmãos. Como ele, seus irmãos, Augusto, Lídia e Marino, também foram militantes do Partido Comunista do Brasil (PCB). Seus irmãos foram expulsos do partido em razão de suas críticas ao modo irresponsável como se preparou o movimento que resultaria no ‘putsch’ desencadeado pelos comunistas em novembro de 1935, nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro”. KAREPOVS, Dainis. O “caso Besouchet” ou o lado brasileiro dos “Processos de Moscou” pelo mundo. *O Olho da História*, Revista de História Contemporânea, Salvador, v. 12, n. 9, p. 4, 2006.

lendária pátria do Cid”⁶⁰⁵. Desde abril de 1937, data em que segundo o pai, Alberto teria entrado no território espanhol pela fronteira de Perpignan, a família desconhecia seu paradeiro. Disse ainda que se não fosse pela idade avançada lutaria ao lado do filho e do “valoroso Exército legal espanhol”. Lídia Besouchet também enviou cartas a diversos historiadores e ex-combatentes da Espanha pedindo notícias do irmão. Julián Gorkin⁶⁰⁶, ex-dirigente do Comitê Executivo do POUM, lamentou a impossibilidade de ajuda-la nessa dolorosa investigação. Num trecho importante de sua carta, Gorkin recordava o propósito das ações dos agentes soviéticos na Espanha:

Antes, durante y después de las famosas jornadas de mayo de 1937 hubo no pocas victimas bajo la dirección de los agentes de Stalin en España, y principalmente en Cataluña. La provocación de este movimiento tenía un fin: destruir la resistencia que oponíamos a Moscú tanto los poumistas como los anarcosindicalistas. Y sus consecuencias fueron tremendas⁶⁰⁷.

No dia 13 de julho de 1986, numa edição especial sobre a participação dos brasileiros na guerra civil, Lídia Besouchet revelou numa entrevista à *Folha de São Paulo* que em 1939, quando morava em Buenos Aires, recebeu a notícia do ex-membro do Comitê Central do PCB, major Costa Leite⁶⁰⁸, de que Alberto Besouchet foi fuzilado por comunistas na retirada das Brigadas Internacionais em Barcelona, junto com anarquistas e trotskistas prisioneiros nos cárceres daquela cidade⁶⁰⁹. Lídia Besouchet

⁶⁰⁵ BESOUCHET, Helvecio Renato. Carta a Fernando Morales Lamas datada de 28 de setembro de 1937, Vitória-ES. Informes solicitados por particulares/Archivo General de la Administración, Alcalá de Henares. Inventario de la Embajada de España en Rio de Janeiro/AGA, 51, 16488/1937.

⁶⁰⁶ “Julián Gómez Martín, más conocido como Julián Gorkin, desarrolló ampliamente la tesis del intento comunista de implantación de una protodemocracia popular en España. [...] el antiguo dirigente del POUM [...] alimentó de forma vehemente la especie de la impregnación comunista de la República en guerra”. HERNÁNDEZ SÁNCHEZ, 2010, p. 26.

⁶⁰⁷ GORKIN, Julián. Carta a Lídia Besouchet. Paris, 6 de octubre de 1980. Fundo Lídia Besouchet, LB (4) 1-21, Arquivo IEB-USP. Agradeço a historiadora Lívia de Azevedo Silveira Rangel por ter gentilmente cedido a transcrição do documento.

⁶⁰⁸ O pesquisador Paulo Roberto de Almeida ficou intrigado com a data e o local em que Lídia Besouchet assevera ter sido informada da morte do irmão: “[...] Ora, Costa Leite esteve em campos de concentração na França, até pelo menos final de 1940 e depois ainda passou pelos Estados Unidos, antes de chegar a Buenos Aires, apenas em 1941. Teria sido o próprio Costa Leite que lhe passou a informação, ou algum outro dos brasileiros retornados?” Através da carta de outro brigadista, José Homem Correia de Sá, Paulo Roberto de Almeida tinha mais uma pista favorável a versão de que Besouchet foi realmente assassinado: “[...] Durante um período de repouso em Barcelona, ele pretendia obter notícias de Alberto, mas foi desaconselhado (textualmente) pelo Costa Leite, o que só pode ser sinal de algum fato político grave”. Carta a Lídia Besouchet. Berna, 5 de maio de 1981.

⁶⁰⁹ “[...] Algunos opositores a Stalin que vivían en España, como el socialista austríaco Kurt Landau, los anarquistas italianos Camillo Bernieri, Adriano Ferrari, Lorenzo di Perreti y Francesco Barbieri, fueron asesinados. Alberto Bomílcar Besouchet, disidente comunista brasileño que combatió en varios frentes a

disse que a mesma versão teria sido confirmada anos depois pelo próprio Costa Leite⁶¹⁰ na casa do então governador da Guanabara, Carlos Lacerda. Numa carta endereçada ao pesquisador Paulo Roberto de Almeida, o irmão de Besouchet disse o seguinte:

Não me recordo e não sei o ano que Costa Leite me deu a notícia da morte de Alberto. Pela maneira que me falou, ar comprimido e fala grave e baixa informou-me que Alberto morrera e que não podia ter sido de outra maneira. Entendi logo que o partido o condenara à morte. Não morte natural em guerra e sim imposta pelas circunstâncias⁶¹¹.

Neste ponto, caberia questionar: a quais circunstâncias Augusto Besouchet se refere? George Orwell, voluntário integrado numa das colunas do POUM, assinalou que as lutas em Barcelona “foram apresentadas como uma insurreição de anarquistas e trotskistas infíéis e desleais, que estavam ‘apunhalando o governo espanhol pelas costas’, e assim por diante”⁶¹².

Na mesma edição da *Folha de São Paulo*, o ex-tenente da aviação brasileira Dinarco Reis e membro do Comitê Central do PCB discordou da versão apresentada dizendo que “[...] as histórias que têm sido contadas naturalmente por anarquistas, por socialistas e por trotskistas, gente que não sabe da história, mas gosta de elaborar lendas, não estão baseadas em provas”. Dinarco Reis disse ainda que foi amigo de

comienzos de 1937, fue enviado a prisión y finalmente asesinado a fines de 1938, como lo confirmaría su amigo Apolônio de Carvalho. En el momento mismo de su llegada a España había sido marcado como ‘trotskista’ por el Partido Comunista de Brasil mediante un mensaje transmitido por Tina Modotti”. SKOUTELSKY, Rémi. *Novedad en El frente: las Brigadas Internacionales en la Guerra Civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 2006a, p. 347.

⁶¹⁰ “Os voluntários militares brasileiros que lutaram ao lado dos republicanos atuaram sob o duplo comando dos brasileiros Roberto Morena e Carlos Costa Leite, este último o mais velho e prestigiado dos nossos militares; [...] era Costa Leite quem decidia quem poderia ir ou não para a Espanha. Estando lá, Costa Leite foi o elemento designado para dar opiniões sobre cada membro brasileiro brigadista”. MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 25.

⁶¹¹ BESOUCHET, Augusto. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 30 de maio de 1981, Niterói-RJ.

⁶¹² ORWELL, George. *Lutando na Espanha e o ensaio recordando a guerra civil*, Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 166. “Las razones por las que brotó la lucha callejera en Barcelona fueran varias. Muchas más, en efecto, de las que percibió el cronista más famoso de los hechos, George Orwell, quien – no debe olvidarse – no leía castellano ni catalán. En *Homenaje a Cataluña* identifica con acierto que en las luchas callejeras se disputaron dos modelos distintos sobre cómo organizar la sociedad y la política republicanas. Pero exagera el papel desempeñado por los comunistas españoles y catalanes. También resulta insostenible su teoría conspirativa acerca de que las Jornadas de Mayo fueron de algún modo provocadas. De hecho, se habían ido creando tensiones y políticas en la ciudad desde comienzos de 1937. El gobierno catalán, del que los comunistas formaban parte – pero solo parte –, había ido recuperando poco a poco los poderes ejecutivos que había perdido a favor de los comités obreros y sindicales tras el golpe militar”. GRAHAM, Helen. *Breve historia de la guerra civil*. Madrid: Espasa-Calpe, 2006. p. 93.

Besouchet e que na época tentou descobrir sem sucesso seu paradeiro, pois “muitas pessoas desapareceram nas lutas de rua em Barcelona”. Logo após o depoimento de Dinarco Reis, Apolônio de Carvalho disse que nunca ouviu de Costa Leite a confirmação de que Besouchet teria sido assassinado pelos comunistas, levantando duas hipóteses para o caso: “[...] Besouchet tanto pode ter sido morto em combate contra os comunistas como morto na prisão”. O que chama atenção é que em sua obra autobiográfica Apolônio é taxativo, ao sustentar a versão de que Besouchet foi assassinado pela esquerda stalinista⁶¹³. Vale ressaltar que numa entrevista a revista *Teoria e Debate*, publicada em 1989, Apolônio já defendia a hipótese de que Besouchet tinha sido assassinado: “[...] foi para a Espanha, apresentado a Andreu Nin pelo velho Mário Pedrosa, era oficial do Exército republicano, foi preso e acabou assassinado na prisão como figura ligada ao trotskismo, portanto, ao POUM”⁶¹⁴.

Finalmente, o que marcou as últimas páginas de sua narrativa sobre a guerra civil em seu livro autobiográfico *Vale a pena sonhar* foi a homenagem de Dolores Ibarruri, comunista espanhola conhecida pelo nome de *La Pasionaria*, dedicada aos voluntários estrangeiros das Brigadas Internacionais: “[...] Vocês podem sentir-se orgulhosos. Vocês são a História. São a lenda. São o exemplo heroico da solidariedade e da universalidade da democracia. Mais ainda: soldados do mais alto ideal de redenção humana”⁶¹⁵. A referida homenagem, proclamada em outubro de 1938, mobilizou o imaginário popular sobre o conflito “como um capítulo glorioso na história da humanidade em sua luta por liberdade, inspirando apoio e comprometimento ao redor do mundo”. A frase reverberou durante décadas, evocando a participação heroica e o sacrifício voluntário em nome da liberdade. O que ocorreu na Espanha em 1936-39 forneceu ao século XX o mais explosivo exemplo das tensões políticas. Essa comoção em torno do conflito mobilizou todo o Ocidente, através da simpatia, da assistência e da mobilização de voluntários estrangeiros. Para muitos militantes e intelectuais antifascistas a República espanhola se tornou a “última grande causa”. No limite, o

⁶¹³ Talvez seja plausível afirmar que as suspeitas que recaem sobre o assassinato de Besouchet também tenham contribuído para que Apolônio decidisse, sobretudo a partir de sua obra autobiográfica, consolidar a imagem e a identidade política do militante anti-stalinista.

⁶¹⁴ VENCESLAU, Paulo de Tarso. Memória: o general Apolônio de Carvalho. *Teoria e Debate*, n. 6, p. 10, abril-junho de 1989. De acordo com o historiador Dainis Karepovs, embora não existam ainda informações conclusivas a respeito da data de sua morte, não há mais dúvidas de que sua autoria esteja vinculada aos comunistas. Já para o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy as versões sobre o crime de Besouchet são muitas: “[...] Não faltam suspeitas, entretanto a maior delas seria responder se os brasileiros comunistas teriam envolvimento com o grave problema”. MEIHY, 2009, p. 31.

⁶¹⁵ CARVALHO, 1997, p. 126.

colapso da resistência republicana e a derrota trouxeram um inevitável conjunto de reprovações, ensinamentos e balanços.

5.6. O legado da guerra civil espanhola

El hombre lleva la historia – cuando la lleva – dentro de sí; ella se revela como deseo y esperanza, como temor, a veces, mas siempre complicada con el futuro.

Antonio Machado
La guerra (1936-1937)

Muitos dos personagens que desempenharam um protagonismo durante os anos decisivos da tragédia espanhola deixaram testemunho de suas memórias, tecidas com os ingredientes de autojustificação e do ajuste de contas. A obra em questão representou para o ex-militante comunista uma oportunidade de observar o passado a partir de um viés autocrítico. Foi através dela que Apolônio estabeleceu sua própria subjetividade, sua própria capacidade de ver, interpretar e influir na história. Por outro lado, o livro é bastante representativo das posições político-ideológicas da última etapa de sua vida. Mas por que as trincheiras da Espanha foram o ponto de encontro para tantos jovens de 53 nacionalidades distintas?⁶¹⁶ E por que tantos voluntários estiveram dispostos a pagar com a própria vida a ajuda a um povo distante e estrangeiro? Numa entrevista concedida ao historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, Apolônio de Carvalho afirmou que o Partido Comunista era o principal inspirador do chamado “sentimento de coesão internacional”:

⁶¹⁶ Quanto ao perfil dos brigadistas, a historiografia tem demonstrado que se tratou de um exército proletário, dada a preeminência da classe trabalhadora frente a intelectuais, poetas, escritores ou jornalistas. Os estudos confirmam, por exemplo, que 80% dos ingleses, 92% franceses e 57% dos húngaros eram trabalhadores. No que diz respeito à média de idade, sabemos que se situava entre os 25-40 anos com exceções dependendo de cada nacionalidade. Já no que tange à orientação política predominavam os comunistas, variando a porcentagem de acordo com os países em exame: na Itália uns 56%; França um 53%; suíços e norte-americanos 72%; britânicos 75%. SAN FRANCISCO, Matilde Eiroa. “Brigadas Internacionales. La solidaridad de la izquierda”. In: VIÑAS, Ángel (Ed.). *En el combate por la Historia: la República, la guerra civil, el franquismo*. Madrid: Editorial Pasado y Presente, 2012. p. 267.

A luta pela República Espanhola generalizava-se e se estendia como ação internacional contra o fascismo. A República espanhola representava, assim, o anseio de todo o mundo. Era impressionante a força da solidariedade. Todos se sentiam integrados. Esse sentimento de coesão internacional marcou um momento importante na sensibilidade do século XX. Infelizmente foi algo que pouco durou: fluiu rápido e hoje logicamente existe, mas em menor intensidade. Naquela época, foi algo muito intenso, muito vivido. Os canais que catalisavam esse sentimento eram os partidos comunistas de cada país. O internacionalismo dos voluntários – comunistas ou não – tinha uma função: promover a solidariedade e construir a paz. Tínhamos um inimigo em comum: o nazifascismo, e havia um país, a República Espanhola, onde o regime estava sob o ataque direto de agressões internas, promovidas pelos monarquistas e conservadores, e de ataques externos, perpetrados pelo exército italiano e alemão. Essa república representava o objetivo da nossa luta contra esse inimigo comum. Era preciso, pois, ajudá-la⁶¹⁷.

Nos trechos analisados, o autor revisitou suas posições políticas da juventude entrelaçando aspectos da matriz bollotheniana com a “autoexplicação comunista”. Com o propósito de conferir sentido e, simultaneamente, atribuir significado às motivações dos voluntários de esquerda envolvidos no conflito e assim explicar o início da guerra civil, Apolônio aproximou-se do “cânone comunista”. Ao definir a luta como uma guerra antifascista e pela República democrática, o ex-combatente demonstra o impacto da retórica tão propalada pelos dirigentes do PCE: “[...] La lucha que en estos momentos se desarrolla en nuestro país, dice Dolores Ibarruri, es la lucha entre la España democrática, liberal y republicana frente a las fuerzas revolucionarias y fascistas, que [...] quieren implantar en nuestro país um régimen de terror y de sangre”⁶¹⁸. Para determinar as causas das disputas entre as diferentes orientações que formavam a frente antifascista, Apolônio não titubeou e atribuiu total responsabilidade ao papel desempenhado pelo PCE durante a guerra, “[...] que por então apregoava, em letras de ódio e sangue, o combate sem quartel ao trotskismo”⁶¹⁹, trazendo à Espanha a lógica

⁶¹⁷ CARVALHO, Apolônio de. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 119-120. “[...] Una de las condiciones de la adhesión de los intelectuales al comunismo, en un contexto de depresión económica internacional y de ascenso del fascismo, residía en la crisis profunda de las instituciones liberales, asfixiadas, estremecidas por la Primera Guerra mundial, minadas por los impulsos nacionalistas y, en mayor medida, incapaces de oponerse al fascismo”. TRAVERSO, Enzo. Las antinomias del antifascismo. In: *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 258.

⁶¹⁸ JULIÁ, Santos. Los nombres de la guerra. *Revista de Historia Jerónimo Zurita*, n. 84, p. 19-20, 2009. Dossier guerra civil: las representaciones de la violencia, Javier Rodrigo y Miguel Ángel Ruiz Camicer (Coords.).

⁶¹⁹ CARVALHO, 1997, p. 121.

dos expurgos que assolavam a URSS naquele período. É preciso ter cuidado para não exagerar o grau de influência política exercida pela União Soviética na zona republicana⁶²⁰. Para Helen Graham, nas principais cidades da Espanha em guerra havia agentes do serviço secreto de todas as principais potências, pois a guerra civil era reconhecida universalmente como ponto nevrálgico da política e da diplomacia internacional⁶²¹.

Chama atenção sua simpatia e afinidade explícitas em relação às demais forças de esquerda, sobretudo com o POUM. Como explica-las? Apolônio de Carvalho recorda que nutria imensa simpatia pelo partido não só graças à figura de Andreu Nin, “teórico, elaborador, pesquisador”, “uma grande figura cheia de promessas, mas também porque a mais bela figura de jovem comunista que eu conheci chamava-se Alberto Bomílcar Besouchet, trotskista, militante do PC e combatente na Espanha”⁶²².

Ora, mas nem todas as representações da guerra civil espanhola presentes na obra “brotaram” da experiência vivida pelo autor. Como pode, por exemplo, Apolônio ter lembranças diretas das jornadas de maio em Barcelona se ele chegara à Espanha apenas em setembro de 1937? A narrativa do passado oferecida por um testemunho será sempre sua verdade, isto é, uma parte do passado depositada nele. Como diria o historiador Enzo Traverso, dado o seu caráter subjetivo, a memória jamais se encontra fixa: assemelha-se mais a um “canteiro aberto”, em transformação permanente. Ou seja, como construção, a memória é sempre “filtrada” pelos conhecimentos posteriormente adquiridos, pela reflexão que segue ao acontecimento, ou por outras experiências que se superpõem a primeira e assim modificam a lembrança.

O livro *Vale a pena sonhar* mostra os vários estágios de identidade do autor, permitindo ao ex-militante comunista reconquistar uma nova identidade política, próxima aos “trotskistas” do POUM. A esse respeito, torna-se relevante retomar um fragmento já citado anteriormente: “Eu padecia de um otimismo quase obsessivo, e

⁶²⁰ Recorrendo às teses e os lugares comuns mais visitados pela historiografia anticomunista, os organizadores do polêmico *O livro negro do comunismo*, Stéphane Courtois e Jean-Louis Panné, sustentam no capítulo dedicado a Espanha que o objetivo mais urgente “[...] era conseguir que o Partido Comunista Espanhol obtivesse o controle do poder do Estado, para que a República pudesse ser conduzida com a maior proximidade possível dos desígnios de Moscou”. Tal objetivo implicava instaurar os métodos soviéticos, entre os quais apareciam em lugar de destaque a onipresença do sistema policial e a liquidação de todas as forças não comunistas. COURTOIS, Stéphane et. al. *O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão* (Trad. Caio Meira). 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 396.

⁶²¹ GRAHAM, Helen. *Breve historia de la guerra civil*. Madrid: Espasa-Calpe, 2006. p. 70.

⁶²² VENCESLAU, 1989, p. 10.

preservava, nas malhas quentes da primeira militância [...] boa parte de minhas ilusões e características: alta dose de boa-fé, tangente à ingenuidade; tendência a buscar elementos positivos em circunstâncias as mais difíceis”. O elemento central que confere significado à narrativa é o seguinte: explicar a forma como Apolônio passou do jovem militante ingênuo e romântico ao homem maduro e crítico que, muito tempo depois, observara “a fraqueza política dos militantes comunistas dos anos 1930” e, acima de tudo, o colapso dos “oniscientes guias soviéticos”⁶²³.

Os discursos que compõem uma autobiografia podem ser questionados e, com suficiente perspectiva temporal, mostram sua natureza convencional. Mesmo que muitas vezes tais discursos sejam necessariamente contingentes, mudando de acordo com a época e o contexto de cada autor, o historiador não deve cair na armadilha de vê-los como ficções ou falsidades, mas sim realizar um esforço no sentido de perceber quais são os parâmetros fundamentais envolvidos nessa estratégia de redefinição e reivindicação identitárias. No limite, o olhar em direção ao passado se modifica continuamente em função das preocupações do presente⁶²⁴.

Por fim, conclui-se que a obra em questão contribuiu de maneira decisiva para trilharmos algumas pistas das transformações de sua identidade política, acentuada pelo “desmoronamento do mundo socialista”: “[...] Reforçou-se na minha consciência a compreensão de que o socialismo deve ser construído não apenas para o povo a qual se destina, mas com ele. Só pode existir se for uma obra coletiva, indissociavelmente ligada à democracia”⁶²⁵. O clima de confiança no porvir e a utopia de seguir lutando pela construção de um “socialismo renovado” estão presentes nas últimas linhas do livro, o que denota possivelmente a vontade do autor de libertar-se de um passado e de uma época em que a cultura, a política e a violência marcaram profundamente as ideias e as práticas de seus atores.

⁶²³ CARVALHO, 1997, p. 122.

⁶²⁴ Torna-se relevante sublinhar que todo testemunho “[...] manifiesta una parte de verdad filtrada por la sensibilidad, la cultura, y también, se podría agregar, por las representaciones identitarias, incluso ideológicas, del presente. En resumen, la memoria, sea individual o colectiva, es una visión del pasado siempre mediada por el presente”. TRAVERSO, Enzo. *Historia y memoria: notas sobre un debate*. In: FRANCO, Marina; LEVÍN, Florencia (Comp.). *Historia reciente: perspectivas y desafíos para un campo en construcción*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2007. p. 69.

⁶²⁵ CARVALHO, 1997, p. 230.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guerra civil espanhola representou um choque de culturas políticas distintas (desde a direita fascista, conservadora, militar e a católica até a vertente liberal ou as distintas esquerdas, sejam elas anarquistas, socialistas, comunistas e trotskistas), o que reflete a diversidade dos combatentes de 1936-1939. Está claro, portanto, que a guerra não se dirimiu apenas pelas armas, ainda que tenham sido estas que levaram à vitória e à derrota no campo de batalha. Sua tradução no campo historiográfico respondeu a uma dupla necessidade: entre os defensores da República, a guerra poderia ser definida como guerra do povo espanhol contra o invasor; entre os rebeldes, como guerra da nação espanhola contra o estrangeiro. Matizar ou até mesmo problematizar de maneira crítica as distintas versões construídas sobre a guerra civil não tem sido uma tarefa fácil para os historiadores, na medida em que as construções ideológicas e mitológicas são extremamente resistentes e duradouras⁶²⁶.

No que se refere aos vencidos, não houve um paradigma uniforme, ainda que suas diversas manifestações se opusessem à versão franquista. A catástrofe da derrota, com seu cortejo de desacordos profundos, inimizades pessoais, ideológicas e disputas, não permitiu consolidar explicações unívocas. A rivalidade política, presente entre os defensores da legalidade republicana, traduziu-se numa ampla produção de ensaios de absolvição ou de condenação. O antigo pousista Julián Gorkin escreveu sobre a guerra civil como se o conflito tivesse sido uma primeira tentativa de estabelecer uma república popular a exemplo das que a URSS estava criando nos países da Europa central e oriental. O pesquisador galês Burnet Bolloten, outrora pró-comunista, passou trinta anos trabalhando numa obra na qual a guerra civil é em grande medida a cortina atrás da qual se escondiam os desígnios soviéticos⁶²⁷. Tudo isso veio ao encontro da propaganda franquista que, desde 1936, havia reiterado incessantemente que a guerra civil foi o resultado da necessidade de se opor a uma eminente revolução comunista que colocava em risco a sobrevivência da civilização cristã e ocidental. O que chama atenção é que em um ponto específico o paradigma franquista coincidiu com as afirmações dominantes nos círculos dos intelectuais exilados: os perversos planos de Moscou para criar raízes em solo espanhol, aspecto muito difundido pelos anarquistas e

⁶²⁶ VIÑAS, Ángel. Guerra civil y cambios de paradigma. *Revista del Vinalopó*, n. 17, p. 34, 2014.

⁶²⁷ *Ibid.*, p. 36.

pelos militantes do POUM. Nessa perspectiva, o problema fundamental da guerra havia sido a própria atuação dos comunistas⁶²⁸.

A guisa de conclusão, procuraremos sistematizar as principais reflexões e os resultados dessa pesquisa. Em primeiro lugar, discordamos radicalmente de autores como Stanley Payne e Pío Moa que sustentam que as Brigadas formavam um exército mundial de comunistas doutrinados, cujo principal objetivo era contribuir para o triunfo da revolução comunista. Autores como Michael Alpert, Rémi Skoutelsky, Manuel Requena Gallego, Helen Graham, Paul Preston e Enrique Moradiellos colocam em xeque essa perspectiva reducionista e mostram que é possível ter uma leitura crítica sobre o tema sem cair na armadilha de enxergá-los simploriamente como “mercenários” a serviço de Moscou. Em suma, a premissa básica que norteou este trabalho foi evitar a todo custo uma leitura romantizada e maniqueísta a respeito da participação dos voluntários brasileiros no contexto da guerra civil espanhola. Todavia, não há dúvidas que o conflito seguirá repleto de “áreas cinzentas”, e que por vezes este é um tema que oferece diversos obstáculos à nossa compreensão, como foi o episódio da morte de Besouchet.

Mesmo que o grupo de voluntários brasileiros tenha sido reduzido em termos numéricos, esse aspecto não invalida a constatação empírica de que a guerra civil marcou de maneira decisiva suas trajetórias. Além disso, nossa principal contribuição foi trazer à baila a pluralidade de representações em disputa e as visões conflitantes sobre a guerra. Por conseguinte, investigamos as marcas do discurso identitário a partir de dois eixos centrais: como foi a decisão tomada de participar do conflito; e a visão mais geral sobre a guerra civil apresentada pelos voluntários brasileiros. A análise da produção de diferentes modalidades narrativas sobre o conflito (depoimentos, obras literárias, artigos do jornal *A Classe Operária*) foi-nos extremamente salutar na medida em que permitiu abordar o impacto da guerra civil espanhola nas memórias e trajetórias dos ex-combatentes brasileiros, bem como a construção de uma visão canônica sobre o conflito. Tais elementos foram essenciais para problematizarmos a identidade dos voluntários estrangeiros e, por conseguinte, das forças de esquerda que fizeram parte do governo republicano.

Procuramos traçar um painel da memória construída pelos ex-combatentes, ressaltando alguns pontos de divergência. Nesse sentido, cabe destacar que a memória

⁶²⁸ Id., p. 40-41.

não é um mero armazém onde se guardam lembranças, ou seja, ela não deve ser vista como um receptáculo neutro de nossas experiências passadas. Na realidade, a memória deve ser entendida como um conjunto de práticas através das quais os sujeitos vão construindo a própria identidade ou, talvez melhor, vão elaborando a própria biografia⁶²⁹. No entanto, é preciso ponderar que o contexto não deve ser apresentado como algo rígido, coerente e que sirva como pano de fundo imóvel para explicar a biografia. Nas palavras de Giovanni Levi, ao privilegiar a importância do grupo, “[...] subestima-se o problema de sua constituição, de sua amplitude, e conseqüentemente esvazia-se a questão da relação entre indivíduo e grupo”⁶³⁰.

Como sublinhamos ao longo da tese, as Brigadas atuaram em todas as frentes de batalha como “tropas de choque”, mas foram retiradas da Espanha antes do fim da guerra, numa decisão até hoje criticada e controversa. A participação dos dezesseis brasileiros (quatorze militares e dois civis) contrasta com a decisão pessoal e aventureira do personagem Vasco Bruno, pois o grupo era formado majoritariamente por militantes comunistas enviados pelo PCB como demonstração de apoio e solidariedade ao governo republicano espanhol. Em síntese, captamos através da memória e da escrita de si dos voluntários brasileiros os fatores determinantes de sua construção identitária, levando em conta as redes de sociabilidade que explicam a coesão do grupo⁶³¹.

Embora a militância no PCB tenha conformado uma “memória padrão” e “sacralizada”, notamos a presença de fissuras nessa memória canônica. Nesse sentido, a morte de Besouchet, o distanciamento de Apolônio de Carvalho da ortodoxia comunista, a visão pessimista de Erico Verissimo ao não compartilhar essa memória heroizante sobre o conflito, as denúncias levadas a cabo por Nelson de Souza Alves a respeito de casos de fuzilamento no interior das Brigadas e as críticas contundentes de Homero de Castro Jobim no que tange à “ideologia da violência” como forma de ação política, são elementos que rompem com o que Michel Pollak chamou de “enquadramento da memória”. Com efeito, os depoimentos de Apolônio de Carvalho, Homero de Castro Jobim e Nelson de Souza Alves representam especificamente uma

⁶²⁹ CRUZ, Manuel. Las desventuras de la memoria. *Literatura y Memoria*. Actas del Congreso. Jerez, Fundación Caballero Bonald, 2002. p. 121-143.

⁶³⁰ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 181.

⁶³¹ BERNSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília; BICALHO, Maria Fernanda; KNAUSS, Paulo; QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise; (Orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009. p. 36.

tentativa de revisão da memória do grupo, uma revisão (auto) crítica do passado e, inclusive, uma clivagem entre memória oficial/dominante (heroica e maniqueísta) e as chamadas “memórias subterrâneas”, entendidas aqui como lembranças dissidentes que esperam o momento propício para serem expressas e, por conseguinte, buscam romper determinados tabus⁶³².

Não obstante, os combatentes estrangeiros que lutaram pela República personificavam mudanças sociais profundas, desestabilizando e complicando certas categorias identitárias (nacionais, raciais e culturais) pretensamente fixas e homogêneas. É por isso que devemos compreender o sentido da luta dos brigadistas numa perspectiva mais ampla, na medida em que: “[...] tenían una clara conciencia de sí mismos como soldados políticos en la guerra civil europea en curso”⁶³³. De modo que, no geral, eram soldados num sentido mais profundo, para além da esfera militar, na medida em que estavam alinhados aos setores da sociedade espanhola que desafiavam uma ordem política pautada nas diferenças sociais:

[...] En España, aquellos que apoyaron la República, ya fuera con las armas o en la retaguardia, lo hicieron porque eran personas que aspiraban a alguna clase de apertura social y cultural y que consideraban que la República ofrecía un futuro más esperanzador, la posibilidad de una sociedad más abierta⁶³⁴.

Ao combater o fascismo na Espanha os brigadistas também resistiam a diversas formas de exclusão política e social. Em termos raciais e culturais, bem como políticos, a heterogeneidade das Brigadas a converteu numa imagem viva e sólida de oposição aos princípios de purificação e categorização brutal adotados pelo fascismo e, principalmente, pelo nazismo. Como exemplo emblemático vale mencionar a Brigada *Abraham Lincoln*, a primeira unidade militar dos Estados Unidos formada por afroamericanos a rechaçar a segregação racial. Dessa maneira, a defesa da República espanhola atraiu escritores e combatentes variados: pensadores, ativistas e revolucionários unidos pelo desejo comum de lutar para acabar com as categorias

⁶³² POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 5, 1989.

⁶³³ GRAHAM, Helen. Cruzando fronteras. Pensar acerca de los brigadistas internacionales antes y después de España. In: *La guerra y su sombra: la guerra civil española en la Europa del siglo XX*. Barcelona: Crítica, 2013. p. 145.

⁶³⁴ *Ibid.*, p. 145-146.

discriminatórias de raça e etnicidade vigentes na Europa e em outros contextos geográficos⁶³⁵.

Finalmente, um dos impactos sociais e psicológicos gerados pela experiência da guerra diz respeito ao sentimento compartilhado por tantos brigadistas: o de ter sido transformado pela guerra civil, de não ter voltado a ser o mesmo e não ser capaz de se encaixar novamente em nenhum lugar, constituindo assim outro tipo de exílio, além do territorial e político. A Espanha marcou a todos porque havia sido um lugar de possibilidades futuras, e é por isso que ainda hoje nos impressiona.

⁶³⁵ Id., p. 154.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. ARQUIVOS

Archivo General de la Administración de Alcalá de Henares (AGA)

Fondos del Servicio Exterior, caja 51, 16488/1937. Quejas por la manera de ejercer la censura previa en los periódicos brasileños; Informes solicitados por particulares.

Fondos del Servicio Exterior, caja 51, 16493/1937. Manifiesto de los intelectuales brasileños sobre la guerra civil.

Fondos del Servicio Exterior, caja 51, 16142/1936. Expediente informativo sobre el encarcelamiento de Luis Carlos Prestes, comunista encarcelado en Brasil.

Fondos del Servicio Exterior, caja 51, 16434/1936. Correspondencia con el Ministerio de Asuntos Exteriores de Brasil.

Fondos del Servicio Exterior, caja 51, 16431/1936. Correspondencia de entrada. Años 1936, 1937 y 1939.

Fondos del Servicio Exterior, caja 51, 16133/1939. Correspondencia de salida. Año 1939-1940.

Archivo General Militar de Ávila (AGMAV)

Unidades de la Fuerza, caja 2484, carpeta 12,14 y 15. Relación de voluntarios brasileños: GAY DA CUNHA, José; SOUZA ALVES, Nelson; SILVEIRA, Delcy; CANABARRO LUCAS, Nemo; ASSIS BRASIL, Hermenegildo; COSTA LEITE, Carlos.

Unidades de la Fuerza, caja 256, carpeta 7. Documento de la subsecretaria del Ejército de Tierra (Negociado de Extranjeros) acerca de la incorporación del teniente de infantería Hermenegildo de Assis Brasil.

Unidades de la Fuerza, caja 298, carpeta 5. Documento del teniente coronel director que confirma la presencia del teniente Apolonio Pinto de Carvalho en la 2ª batería del 7,7.

Unidades de la Fuerza, caja 1092, carpeta 11. Nombres de voluntarios brasileños hospitalizados (hospital de Mota): GAY DA CUNHA, Jose; SOUZA ALVES, Nelson; SILVEIRA, Delcy.

Arquivo Histórico Provincial de Albacete (AHPA)

Colección documental de las Brigadas Internacionales, caja 63184. Expedientes 1/52 a 1/54, cartas de los voluntarios Apolônio de Carvalho y Delcy Silveira a los miembros de la Asociación de Amigos de las Brigadas Internacionales.

Colección documental de las Brigadas Internacionales, caja 64450. Artículos sobre la guerra civil en la prensa brasileña.

Arquivo Histórico del Partido Comunista de España (AHPCE) – Biblioteca Histórica Marqués de Valdecilla (Universidad Complutense de Madrid)

Documentos militares de la guerra civil, rollo de microfilm 6, agosto-septiembre de 1937. Estado Mayor del ejército soviético. Propositiones de reorganización de las Brigadas Internacionales y proyecto de estatuto.

Arquivo Edgard Leuenroth – AEL (Campinas)

Documentação da Internacional Comunista (10 microfilmes). Característica de los comunistas brasileños. Barcelona, 21 de noviembre de 1938.

Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP (São Paulo)

Prontuários da Secretaria de Segurança Pública sobre os comunistas que combateram na guerra civil espanhola: Apolônio de Carvalho, n. 5303; Carlos da Costa Leite, n. 5290; Delcy Silveira, n. 5314; Hermenegildo de Assis Brasil, n. 5321; Homero de Castro Jobim, n. 5326; Joaquim Silveira dos Santos, n. 5300; José Homem Correia de Sá, n. 5320; José Gay da Cunha, n. 5324; Nelson de Souza Alves, n. 5315; Nemo Canabarro Lucas, n. 5293; Roberto Morena, n. 1696.

Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM (São Paulo)

A Classe Operária. Órgão Central do PCB. São Paulo e Rio de Janeiro, agosto de 1936 a setembro de 1939.

A Luta de Classe. Órgão da Liga Comunista Internacionalista. São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, novembro de 1936 a março de 1939.

Coleção Internacional Comunista/Instituto Astrojildo Pereira.

2. FONTES PRIMÁRIAS

ALVES, Nelson de Souza. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 187-219.

BESOUCHET, Augusto Bomílcar. Questionário. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1979.

_____. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 30 de maio de 1981, Niterói-RJ.

_____. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 28 de junho de 1981, Niterói-RJ.

BESOUCHET, Lidia. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 1º de janeiro de 1981, Madri.

_____. Depoimento (Cronologia de Alberto Besouchet). 11 e 12 de março de 1981, Madri.

_____. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 15 de maio de 1981, Madrid.

CANABARRO LUCAS, Nemo. Entrevista concedida a John W. F. Dulles. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1979a.

_____. Questionário elaborado por Paulo Roberto de Almeida. Rio de Janeiro, 1º de setembro de 1979b.

_____. Entrevista concedida a John W. F. Dulles. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1967.

_____. Entrevista concedida a John W. F. Dulles. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1979.

CARVALHO, Apolônio de. Entrevista concedida a John W. F. Dulles. Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1981.

_____. Entrevista concedida a Nélie Sá Pereira, Daniel Aarão Reis Filho, Álvaro Caldas. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1986.

_____. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 95-127.

CARVALHO, Renée France de. Entrevista concedida a Marco Antônio Machado Lima Pereira. Rio de Janeiro, 2 de junho de 2011.

CORREIA DE SÁ, José Homem. Entrevista concedida a Paulo Roberto de Almeida. Rio de Janeiro, 23 de julho de 1979.

_____. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 11 de fevereiro de 1981, Rio de Janeiro.

_____. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 13 de abril de 1981, Rio de Janeiro.

_____. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 10 de junho de 1981, Rio de Janeiro.

_____. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 10 de junho de 1981, Rio de Janeiro.

_____. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 47-93.

CUNHA, José Gay Da. Questionário elaborado por Paulo Roberto de Almeida. São Paulo, 7 de novembro de 1979.

_____. Questionário elaborado por Paulo Roberto de Almeida. Porto Alegre, 18 de setembro de 1979.

JOBIM, Homero de Castro. Depoimento. In: Depoimento, In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 164-185.

LEITE, Carlos da Costa. Entrevista concedida a John W. F. Dulles. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1966.

LEITE, Rosa Meireles Costa Leite (viúva de Carlos da Costa Leite). Entrevista concedida a John W. F. Dulles. Rio de Janeiro, 28 de julho de 1979.

MORENA, Roberto. Entrevista. Autor desconhecido (a transcrição está no Centro de Documentação e Memória da UNESP).

NAVILLE, Pierre. Entrevista concedida a Paulo Roberto de Almeida. Paris, 2 de junho de 1981.

REIS, Dinarco. Questionário elaborado por Paulo Roberto de Almeida. Rio de Janeiro, 4 de abril de 1981.

_____. Entrevista concedida a José Carlos Sebe Bom Meihy. Mimeo, Rio de Janeiro, 21 de março de 1989.

SILVEIRA, Delcy. Carta a Erico Veríssimo datada de 29 de julho de 1940, Porto Alegre.

_____. Entrevista concedida a Paulo Roberto de Almeida. Porto Alegre, 17 de novembro de 1979.

_____. Carta a Paulo Roberto de Almeida datada de 27 de outubro de 1980, Rio de Janeiro.

_____. Carta a José Carlos Sebe Bom Meihy datada de 12 de dezembro de 1996, Porto Alegre.

_____. Depoimento. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009. p. 129-161.

3. FONTES IMPRESSAS

Coleção Nosso Século. Stalinistas x Trotskistas: surgem as oposições de esquerda. Fascículo 49, período 1945/1960.

Correio do Povo. XAVIER, Roberto Eduardo: Gay, a revolução que terminou em Ipanema. Porto Alegre, s/d – talvez 1960 ou 1961. WAINBERG, Jacques: O relato de um gaúcho que foi à Espanha lutar pela democracia – Homero de Castro Jobim. Porto Alegre, 1º de julho de 1979, p. 17.

Crítica. Los refugiados brasileños que fueron detenidos están en libertad. Buenos Aires s/d, janeiro de 1938.

Diário de Pernambuco. BLOCH, Richard: Como o tenente Besouchet alcançara a Espanha. 16 de junho de 1937.

Diretrizes. WAINER, Samuel: Apolônio, o Partisan da Liberdade. 9 de novembro de 1945, p. 16.

Folha de São Paulo. ARBEX, José: O aniversário da guerra civil espanhola. Voluntários brasileiros lutaram ao lado dos republicanos. 2.º Caderno – Exterior – Domingo, 13 de julho de 1986.

Jornal do Brasil. FIGUEIREDO, Claudio: Recordações da campanha da Espanha – 50 anos depois três brasileiros relembram a guerra civil na Espanha. Revista de Domingo, 13 de julho de 1986, p. 10. JOBIM, Nelson Franco. Os 60 anos de um conflito heroico. Internacional, 18 de julho de 1996, p. 14.

La Vanguardia. Un régimen de terror hay en Brasil aseguran los exilados de ese país. Buenos Aires s/d, janeiro de 1938.

Leia Livros. CARVALHO, Apolônio de: A Espanha dos anos 30. A Segunda República e a Guerra Civil Espanhola, abril de 1980.

Noticias Gráficas. Quedaran en libertad los seis exilados brasileños. Buenos Aires s/d, janeiro de 1938.

Pasquim. CARVALHO, Apolônio de. Entrevista. Rio de Janeiro, v. 11, n. 532, 07 a 13 de setembro, 1979.

Problemas. Revista Mensal de Cultura Política. BARATA, Agildo. Figuras do movimento operário: Hermenegildo de Assis Brasil. Rio de Janeiro, n. 26, 1950, p. 118-128.

Tribuna Popular. Regressaram ao Brasil o herói da Resistência Francesa Apolônio de Carvalho e o pintor Candido Portinari. 10 de dezembro de 1946.

3.1. PERIÓDICOS DE GUERRA (Hemeroteca Municipal de Madrid)

Ejército Popular: Órgano de las Fuerzas Armadas leales a la República. Madrid [s.n], 1936-1937. Signatura P.V.G.T.22 (10).

El Combatiente Rojo: Diario del POUM. Madrid: POUM, 1936-1937. Signatura P.V.G.T.1 (4).

El Garibaldino: Giornale della Brigata Garibaldi. Madrid: [Comisariado de las Brigadas Internacionales], 1937-1938 (Diana). Signatura P.V.G.T.33 (16).

L'Assaut: jornal de la XII Brigade Internationale. Madrid: Comisariado General de la XII B.I., 37 (Diana). Signatura P.V.G.T.7 (9).

La Voz de las Trincheras: órgano de la 108 Brigada Mixta. Madrid, Comisariado de la 108 B.M, 1937-1938. Signatura P.V.G.T.27 (9).

Le Soldat de la Republique: Journal de la XIV Brigade. Madrid, Comissariat de la 14 B, 1937 (Diana). Signatura P.V.G.T.28 (7).

Noi Passaremo! Giornale del Battaglione Garibaldi (Della XIIª Brigada Internazionale). Madrid: Comisariado Político de la XII B.I, 1937 (Diana). Signatura P.V.G.T.27 (4).

Notre Combat: Journal de Front en Spagne de la XV Brigade Internationale. Madrid: Comissariat Politique de la 15 B.I, 1937. Signatura P.V.G.T.30 (5).

Voz del combatiente: diario de las comisiones de guerra del Ejército del Pueblo. Madrid: [s.n.], 1937-1939. Signatura 281/3.

4. BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA DE CIENCIAS DE LA URSS. *La solidaridad de los pueblos con la Republica Española, 1936-1939*. Moscú: Progreso, 1974.

AGUIAR, Flávio. Romance entre dois mundos. In: VERÍSSIMO, Erico. *Saga*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

AGUILAR-FERNANDÉZ, Paloma. *Memoria y olvido de la guerra civil española*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

ALBERS, Patricia. *Shadows, fire, snow: the life of Tina Modotti*. Berkeley: University of California Press, 2002.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na guerra civil espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba: UFPR, p. 35-66, 1999.

ALPERT, Michael. *El ejército popular de la república, 1936-1939*. Barcelona: Crítica, 2007.

_____. "Una trompeta lejana". Las Brigadas Internacionales en la guerra de España. Una consideración sesenta años después. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, n. 12, p. 225-238, 1999.

_____. Historiografía militar de la guerra de España. Estado de la cuestión. Historiografía española contemporánea. X Coloquio del Centro de Investigaciones Hispánicas de la Universidad de Pau. Madrid: Siglo XXI, p. 343-353, 1980.

ALVAREZ, Santiago. *Historia política y militar de las Brigadas Internacionales*. Madrid: Compañía Literaria, 1996.

ALVES, José Édil de Lima (Coord.). *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

AMADO, Jorge. *Os ásperos tempos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AMARAL, Azevedo. *A verdade sobre a Espanha*. Rio de Janeiro: Diretrizes, 1938.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 79, p. 95-111, 2007.

_____. Por uma história da esquerda brasileira. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 09/02, n. 5, p. 333-353, 2002.

ARÓSTEGUI, Julio. *Largo Caballero: el tesón y la quimera*. Barcelona: Debate, 2013.

_____. *Por qué el 18 de Julio...y después*. Barcelona: Flor del Viento, 2006.

_____; GODICHEAU, François (Eds.). *Guerra civil: mito y memoria*. Madrid: Marcial Pons, 2006.

_____. *La historia vivida: sobre la historia del presente*. Madrid: Alianza, 2004.

_____. Retos de la memoria y trabajos de la historia. *Pasado y Memoria: Revista de Historia Contemporánea*, n. 3, p. 5-58, 2004.

_____. Guerra, poder y revolución: la República española y el impacto de la sublevación. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 50, p. 85-114, 2003.

_____. Burnett Bolloten y la guerra civil española: la persistencia del “gran engaño”. *Historia Contemporánea*, n. 3, p. 151-177, 1990.

AZAÑA, Manuel. *La velada en Benicarló: diálogo de la guerra de España*. Madrid: Castalia, 1974.

BATTIBUGLI, Thaís. *A solidariedade antifascista: brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939)*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BAUMANN, Gerold Gino. *Los voluntarios latinoamericanos en la guerra civil española*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2009.

BEEVOR, Antony. *La guerra civil española*. Barcelona: Crítica, 2005.

BELOCH, Israel. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro. 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense, 1983, v. 3.

BERNECKER, Walther L. El anarquismo en la guerra civil española: estado de la cuestión. *Cuadernos de Historia Contemporánea*, n. 14, p. 91-116, 1992.

BERNSTEIN, Serge. *Los regímenes políticos del siglo XX*. Barcelona: Ariel, 1996.

_____. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília; BICALHO, Maria Fernanda; KNAUSS, Paulo; QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise; (Orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

BERTRAND DE MUÑOZ, Maryse. *Bibliografía de la guerra civil española, 1936-1939*. Madrid: Uned, 2005.

BEZERRA, Paulo. Jorge Amado resgatado. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996.

BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés. Apéndice: el registro historiográfico de la guerra civil, 1936-2004. In: ARÓSTEGUI, Julio; GODICHEAU, François (eds.). *Guerra Civil. Mito y memoria*. Madrid: Marcial Pons, 2006. p. 373-406.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*, Trad. Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____; MATEUCCI, Nicolas; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). *Dicionário de Política*, Trad. Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: Ed. UnB, 1986.

BOFARULL, Salvador. Brigadistas árabes en la guerra de España: combatientes por la República. *Revista Nación Árabe*, n. 52, p. 121-134, verano de 2004.

BOLLOTEN, Burnett. *La guerra civil española: revolución y contrarrevolución*. Madrid: Alianza, 1989.

BORDINI, Maria da Glória. Erico Verissimo, um intelectual independente. *Ciênc. Let.*, Porto Alegre, n. 38, p. 8-13, jul/dez. 2005.

BOTTOMORE, Tom (Ed.). *Dicionário do pensamento marxista*, Trad. Antonio Monteiro Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BROME, Vincent. *The International Brigades. Spain 1936-1939*. London: Heinemann, 1965.

BUADES, Josep Maria. *A guerra civil espanhola*. São Paulo: Contexto, 2013.

BUNK, Brian D. “Your comrades will not forget”: revolutionary memory and the breakdown of the Spanish Second Republic, 1934-1936. *History & Memory*, volume 14, n. 1-2, p. 65-92, Fall 2002.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da Era Vargas*. Brasília: Ed. UnB, 1992.

CARDONA, Gabriel. *Historia militar de una guerra civil: estrategias y tácticas de la guerra de España*. Barcelona: Flor del Viento, 2006.

_____. El Ejército Popular y las Brigadas Internacionales. ¿Cuál fue la importancia de las Brigadas? In: REQUENA GALLEGU, Manuel y LOSA, Rosa Maria Sepúlveda (Coord.). *Las Brigadas Internacionales: el contexto internacional, los medios de propaganda, literatura y memorias*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2003.

_____. Entre la revolución y la disciplina. Ensayo sobre la dimensión militar de la guerra civil. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 50, p. 41-53, 2003.

CARR, Raymond. *La tragedia española: la guerra civil en perspectiva*. Madrid: Alianza, 1986.

CARROLL, Peter. *La odisea de la Brigada Abraham Lincoln: los norteamericanos en la guerra civil española*. Sevilla: Espuela de Plata, 2005.

- CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. Forças Armadas e política, 1930/1945. Revolução de 30, Seminário Internacional realizado pelo CPDOC/FGV. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- _____. As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira*. O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1978, t. 3, v. 2.
- CASANOVA, Julián. Pasado y presente de la guerra civil española. *Historia Social*, n. 60, p. 113-127, 2008.
- _____. República y guerra civil. In: FONTANA, Josep; VILLARES, Ramón. *Historia de España*. Barcelona: Crítica, 2007. v. 8.
- _____. Europa en guerra: 1914-1945. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 55, p. 107-126, 2004.
- CASARIEGO, Nicolás. *Héroes y antihéroes en la literatura*. Madrid: Anaya, 2000.
- CASTELLS, Andreu. *Las brigadas internacionales de la guerra de España*. Barcelona: Ariel, 1974.
- CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CELADA, Antonio R.; GONZÁLEZ DE LA ALEJA, Manuel; PASTOR GARCÍA, Daniel. *Los brigadistas de habla inglesa y la guerra civil española*. Salamanca: Ambos mundos, 2006.
- CERCAS, Javier. *Soldados de Salamina*, Trad. Wagner Carelli. 2. ed. São Paulo: Globo, 2012.
- CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flavio M. (Org.). *Para uma história das elites: ensaios de prosopografia e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*, Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- _____. Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 197-216, 2000.
- CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista*, Trad. José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CONCHEIRO, Elvira; MODONESI, Massimo; CRESPO, Horacio (Coords.). *El comunismo: otras miradas desde America Latina*. México: UNAM-CEIICH, 2007.

_____. Repensar a los comunistas en América Latina. *Revista Izquierdas*, v. 3, n. 7, p. 1-19, 2010.

CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom (Orgs.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. A trajetória de um gaúcho na guerra civil espanhola: Saga, de Erico Verissimo. *Aletria*, v. 19, n. 2, p. 247-269, 2009.

CORRAL, Pedro. *Desertores: la guerra civil que nadie quiere contar*. Barcelona: Debate, 2006.

COUTO, André Luiz Faria. *ANL: uma frente de esquerda nos anos 1930*. 226 fls. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, 1996.

COURTOIS, Stéphane et. al. *O livro negro do comunismo: crimes terror e repressão*, Trad. Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CRUSELLS, Magí. El papel de las Brigadas Internacionales en el cine documental extranjero. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 143-163, 2004.

_____. *Las Brigadas Internacionales en la pantalla*. Ciudad Real: Universidad de Castilla-La Mancha, 2002.

_____. *La guerra civil española: cine y propaganda*. Barcelona: Ariel, 2000.

CRUZ, Manuel. Las desventuras de la memoria. In: *Literatura y Memoria*. Actas del Congreso. Jerez, Fundación Caballero Bonald, 2002. p. 121-143.

CUNHA, José Gay da. *Um brasileiro na guerra civil espanhola*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

D'AZEVEDO, Sorares. *Espanha em sangue*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1936.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*, Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 9-25, 2003.

DELPERRIÉ DE BAYAC, Jacques. *Las Brigadas Internacionales*. Gijón: Ediciones Júcar, 1980.

DREYFUS, Michel et. al. *O século dos comunismos: depois da ideologia e da propaganda uma visão serena e rigorosa*. Lisboa: Notícias, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

_____. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996.

DULLES, John F. *O comunismo no Brasil, 1935-1945*, Trad. Raul de Sá Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*, Trad. César Parreira Hortas. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DUTRA, Eliana Freitas. História e culturas políticas: definições, usos e genealogias. *Vária História*. Belo Horizonte, UFMG, n. 28, p. 13-28, 2002.

_____. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

EALHAM, Chris. La historiografía reciente sobre la guerra civil: el rigor histórico contra el rigor mortis. Cuando el “revisionismo” no es nada más que la vuelta a los mitos de ayer expresados con la voz indignada del pasado. *Pasado y Memoria*. Revista de Historia Contemporánea, n. 7, p. 287-306, 2008.

_____; RICHARDS, Michael (Eds.). *The Splintering of Spain: Cultural History and the Spanish Civil War, 1936-1939*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ELORZA, Antonio; BIZCARRONDO, Marta. Las Brigadas Internacionales. Imágenes desde la izquierda. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 67-91, 2004.

_____. *Queridos camaradas: la internacional comunista y España, 1936-1939*. Barcelona: Planeta, 1999.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a guerra civil espanhola*, Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ERICE SEBARES, Francisco. El ‘orgullo de ser comunista’. Imagen, autopercepción, memoria e identidad colectiva de los comunistas españoles. In: BUENO LLUCH, Manuel & GÁLVEZ BIESCA, Sergio (Eds.). “*Nosotros los comunistas*”: memoria, identidad e historia social. Sevilla: Fundación de Investigaciones Marxistas, 2009.

FERNANDEZ, Jorge Christian. *Voluntários da liberdade: militares brasileiros nas forças armadas republicanas durante a guerra civil espanhola (1936-1939)*. 392 fls. Dissertação (Mestrado em História) – UNISINOS, 2003.

FERRARI, Marcela. Prosopografía e historia política. Algunas aproximaciones. *Antíteses*, v. 3, n. 5, p. 529-550, jan-jun. 2010.

FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método. *Convergencia*, Revista de Ciencias Sociales, México: UAEM, n. 44, p. 15-40, mayo-ag. 2007.

_____. Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 9, p. 171-177, 1991. Dossier “Biografia e Património”.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

_____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 e o apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 2: O Brasil Republicano.

_____; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *As esquerdas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 1: A formação das tradições, 1889-1945.

FILHO, César Gisálio; NEDER, Gizlene. Ecos da segunda república e da guerra civil espanhola no Brasil. *Tempo*, Niterói, vol. 4, n. 8, p. 89-109, 1999.

FISHER, Harry. *Camaradas: relatos de un brigadista en la guerra civil española*. Madrid: Ediciones del Labirinto, 2001.

FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaios sobre a ideia comunista no século XX*, Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Siciliano, 1995.

FRASER, Ronald. *Recuérdalo tú y recuérdalo a otros: historia oral de la guerra civil española*, Trad. Jordi Beltran. Barcelona: Crítica, 1979. 2 v.

GAMBI JIMÉNEZ, Esther; REY GARCÍA, Pablo. El poder de la información: la guerra civil española y la prensa en Brasil. *Comunicación y Pluralismo*, Universidad Pontificia de Salamanca, n. 3, p. 141-158, 2007.

_____. La guerra en la distancia: republicanos y franquistas en Brasil (1936-1939). *Studia Histórica*. Historia Contemporánea, n. 24, p. 133-151, 2006.

GARCÍA, Hugo. La historiografía de la guerra civil en el nuevo siglo. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 62, p. 285-306, 2006.

GAVILANES LASO, José Luis. Armas y letras de los brigadistas brasileños. In: RODRIGUEZ CELADA, Antonio; PASTOR GARCÍA, Daniel; LÓPEZ ALONSO, Rosa Maria (Eds.). *Las brigadas internacionales: 70 años de memoria histórica*. Salamanca: Amarú Ediciones, 2007.

_____. Brigadistas brasileños en la guerra civil. *La aventura de la historia*, n. 82, p. 48-53, 2005.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*, Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GIRONA, Albert; MORADIELLOS GARCÍA, Enrique; RODRÍGUEZ, Pascual Marzal; SALVADOR, Albiñana; VERT, Francisco Tomás et. al. *1936-1939: vidas de soldado*. València: Universitat de València, 2006.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONZALEZ, Lucas; BORAGINA, Jerónimo (Coord.); DORADO, Gustavo; SOMMARO, Ernesto. *Voluntarios de Argentina en la guerra civil española*. Buenos Aires: Ediciones del Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2008.

GORENDER, Jacob. Apolônio e a guerra civil na Espanha. *Margem Esquerda: ensaios marxistas*. Boitempo Editorial, n. 7, p. 191-194, maio de 2006.

GRAHAM, Helen. Cruzando fronteras: pensar acerca de los brigadistas internacionales antes y después de España. In: *La guerra y su sombra: la guerra civil española en la Europa del siglo XX*. Barcelona: Crítica, 2013.

_____. *Breve historia de la guerra civil*. Madrid: Espasa-Calpe, 2006.

GROPPO, Bruno. Biografia e autobiografias como fontes para a história do comunismo: os trabalhos de biografia coletiva após a abertura dos arquivos do Comintern. *Revista Contemporânea*. Niterói: NEC-UFF, v. 2, n. 2, p. 226-250, 2012.

_____. El antifascismo en la cultura política comunista. In: CONCHEIRO, Elvira; MODONESI, Massimo; CRESPO, Horacio (Coords.). *El comunismo: otras miradas desde América Latina*. México: UNAM-CEIICH, 2007. p. 93-117.

_____. O comunismo na história do século XX. *Lua Nova*, São Paulo, n. 75, p. 115-141, 2008.

_____. Las políticas de la memoria. *Sociohistórica*, n. 11-12, p. 187-198, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HEMINGWAY, Ernest. *Por quién doblan las campanas*, Trad. Lola de Aguado. 6. ed. Barcelona: Random House Mondadori, 2013.

HÉRNANDEZ SÁNCHEZ, Fernando. *Guerra o revolución: el Partido Comunista de España en la guerra civil*. Barcelona: Crítica, 2010.

HOBBSAWM, Eric J. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*, Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*, Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. (Coord.). *História do marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares*, Trad. Carlos Nelson Coutinho e Nemesio Salles. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*, Trad. João Carlos Vitor Garcia e Adelangela Saggioro Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOWSON, Gerald. *Armas para España: la historia no contada de la guerra civil española*. Barcelona: Península, 2000.

HURTADO, Victor. *Las Brigadas Internacionales*. Barcelona: DAU, 2013.

JACKSON, Gabriel. *Juan Negrín: médico, socialista y jefe del Gobierno de la II República española*, Trad. Marita Gomis y Gabriela Ellena Castellotti. Barcelona: Crítica, 2008.

_____. *La República Española y la guerra civil – 1931-1939*. Barcelona: Crítica, 2006.

JACKSON, Michael W. *Fallen Sparrows: The International Brigades in the Spanish Civil War*. Philadelphia: American Philosophical Society, 1994.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor; HUBER, Peter. *La internacional comunista y America Latina, 1919-1943*. Diccionario biográfico. Moscou/Genebra: Instituto de Latinoamérica de la Academia de las Ciencias/Institut Pour l'Histoire du Communisme, 2004.

JOHNSTON, Verle. *Legions of Babel: The International Brigades in the Spanish Civil War*. Stanford: University Park and London, 1967.

JULIÁ, Santos. Por la autonomía de la historia. *Claves de Razón Práctica*, n. 207, p. 8-19, 2010.

_____. De nuestras memorias y nuestras miserias. *Hispania Nova*, Revista de Historia Contemporánea, n. 7, 2007.

_____. (Coord.). *República y guerra en España (1931-1939)*. Madrid: Espasa, 2006.

_____. Los nombres de la guerra. *Revista de Historia Jerónimo Zurita*, n. 84, p. 22-31, 2009. Dossier guerra civil: las representaciones de la violencia, Javier Rodrigo y Miguel Ángel Ruiz Camicer (Coords.)

_____. (Coord.). *Víctimas de la guerra civil*. Madrid: Temas de Hoy, 1999.

KAREPOVS, Dainis. O “caso Besouchet” ou o lado brasileiro dos “Processos de Moscou” pelo mundo. *O Olho da História*, Revista de História Contemporânea, Salvador, v. 12, n. 9, p. 1-10, 2006.

_____. *Luta subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec; UNESP, 2003.

_____; MARQUES NETO, José Castilho. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966). In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (Orgs.). *História do marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 20 e 60*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

KEENE, Judith. *Fighting for Franco: International Volunteers in Nationalist Spain during the Spanish Civil War, 1936-39*. London: Leicester University Press, 2001.

KOWALSKY, Daniel. *La Unión Soviética y la guerra civil española: una revisión crítica*, Trad. Teófilo de Lozoya y Juan Rabasseda-Gascón. Barcelona: Crítica, 2004.

_____. La Unión Soviética y las Brigadas Internacionales. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 93-120, 2004.

LABORIE, Pierre. Memória e opinião. In: AZEVEDO, Cecília; BICALHO, Maria Fernanda; KNAUSS, Paulo; QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise; (Orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

LAZAR, Marc. Forte et fragile, immuable et changeante...La culture politique communiste. In: BERSTEIN, Serge (Org.). *Les cultures politiques en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

LEFEBVRE, Michel; SKOUTELSKY, Rémi. *Las Brigadas Internacionales: imágenes recuperadas*, Trad. Marga Latorre. Barcelona: Lunwerg Editores, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos de história oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LIMA, Luiz Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LISBOA, Roberto Borges; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. A Luta de Classe: o Brasil pelo viés dos trotskistas (1930-1939). VII Simpósio Nacional Estado e Poder, Uberlândia-MG, 2012.

LONGO, Luigi. *Las brigadas internacionales en España*. México: Ediciones Era, 1966.

LÓPEZ-QUIÑONES, Antonio Gómez. *La guerra persistente: memoria, violencia y utopía: representaciones contemporáneas de la Guerra Civil Española*. Frankfurt: Vervuert; Iberoamericana, 2006.

LOUREIRO, Angel. Los afectos de la historia. In: MONEGAL, Antonio (Ed.). *Política y (po) ética de las imágenes de guerra*. Barcelona: Paidós, 2007.

_____. Autobiografía: el rehén singular y la oreja invisible. *Anales de Literatura Española*, n. 14, p. 135-150, 2000-2001.

LUIZZETTO, Flávio. *Utopias anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MACHADO, Antonio. *La Guerra. Escritos: 1936-39*. Edición de Julio Rodríguez Puértolas y GERARDO Pérez Herrero. Emiliano Escolar Editor, Madrid: 1983.

MALRAUX, André. *A esperança*, Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MARÍN RUÍZ, Ricardo. *Tres visiones de España durante la guerra civil: "L'espoir", "Homenage to Catalonia" y "For whom the bell tolls"*. Murcia: Nausicaä, 2011.

MARTÍNEZ PISÓN, Ignacio. *Enterrar os mortos*, Trad. Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MATTHEWS, James. *Soldados a la fuerza: reclutamiento obligatorio durante la guerra civil, 1936-1939*. Madrid: Alianza, 2013.

MAZZEO, Antonio Carlos; LAGOA, Maria Izabel (Orgs.). *Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Guerra civil espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011.

_____. (Org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009.

MELO, Marcelo Mário de. *David Capistrano: entre teias e tocaias*. Perfil parlamentar século XX. Recife, 2001. Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: SESC, 2007.

MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo: cosmopolitismo e relações interamericanas*. 388 fls. Tese (Doutorado em Letras) – USP, 2013.

MOA, Pío. *Los mitos de la guerra civil*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2003.

_____. *El derrumbre de la Segunda República y la guerra civil*. Madrid: Encuentro, 2001.

MOLINERO, Carme; SALA, Margarida; SOBREQUÉS, Jaume. *Una inmensa prisión: los campos de concentración y las prisiones durante la guerra civil y el franquismo*. Barcelona: Crítica, 2003.

MORADIELLOS GARCÍA, Enrique. *La guerra de España (1936-1939): estudios y controversias*. Barcelona: RBA, 2012.

_____. Revisión histórica, crítica y revisionismo político presentista: el caso español. In: CUESTA, Josefina (Dir.). *Memorias históricas de España (siglo XX)*. Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 2007.

_____. Ni gesta heroica ni locura trágica: nuevas perspectivas históricas sobre la guerra civil. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 50, p. 11-39, 2003.

_____. *El reñidero de Europa: las dimensiones internacionales de la Guerra Civil Española*. Barcelona: Ediciones Península, 2001.

_____. Las Brigadas Internacionales: una revisión histórica y bibliográfica. *Sine Ira et Studio*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2000.

MOSSE, George L. *Fallen Soldiers: reshaping the memory of the World wars*. New York: Oxford United Press, 1991.

NEGRÃO, João Henrique Botteri. *Selvagens e incendiários: o discurso anticomunista do governo Vargas e as imagens da guerra civil espanhola*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; FAPESP, 2005.

_____. Guerra civil espanhola no jornal O Estado de São Paulo. *Revista Histórica*, n. 4, São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, p. 40-44, 2002.

NÚÑEZ DÍAZ-BALART, Mirta. *La disciplina de la consciencia: las Brigadas Internacionales y su artillería de papel*. Barcelona: Flor del Viento, 2006.

_____. Un cuadrilátero para el combate político: la prensa de las Brigadas Internacionales. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 121-141, 2004.

ORWELL, George. Oito anos de guerra: memórias espanholas. In: _____. *Literatura e política: jornalismo em tempos de guerra*, Trad. Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. *Lutando na Espanha e o ensaio recordando a guerra civil*, Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PAYNE, Stanley. *El colapso de la Republica: los orígenes de la guerra civil (1933-1936)*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2005.

_____. *Unión Soviética, comunismo y revolución en España (1931-1939)*. Barcelona: Plaza y Janés, 2003.

PENNA, Lincoln de Abreu. *Roberto Morena, o militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PENA-RODRÍGUEZ, Alberto. *A guerra da propaganda: Portugal, Brasil e a guerra civil de Espanha: imprensa, diplomacia e fascismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 117-127, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). *Literatura e história: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

_____. Erico Verissimo: encontros e desencontros da ficção com a história. *Revista USP*, v. 68, p. 270-273, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POPKIN, Jeremy D. *History, historians, and autobiography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*, Trad. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. A Filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo* – Revista do Departamento de História da UFF, Niterói, v. 1, n. 2, p. 59-67, 1999.

PRADES-ARTIGAS, Lourdes. *Sistema de información digital sobre las Brigadas Internacionales: brigadistas, fuentes documentales y base de datos*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2012.

_____; SEBASTIÁ-SALAT, Montserrat. Fenomenología y guerra civil española: La visibilidad de las fuentes documentales sobre las Brigadas Internacionales (1937-2011), *Diacronie*, Studi di Storia Contemporanea. Spagna Anno Zero: la guerra come soluzione, p. 1-27, 29/07/2011.

PRESTON, Paul. *El Holocausto Español: odio y exterminio en la guerra civil y después*, Trad. Catalina Martínez Muñoz y Eugenia Vásquez Nacarino. Barcelona: Debate, 2011.

_____. *A guerra civil de Espanha*, Trad. António Belo. Portugal: Edições 70, 2005.

_____. Dos médicos y una causa: Len Crome y Reginald Saxton en las Brigadas Internacionales. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 37-66, 2004.

_____ (Ed.). *La república asediada: hostilidad internacional y conflictos internos durante la guerra civil*. Barcelona: Editoras Península, 1999.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 9, p. 7-16, 2009.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994. 2 v.

REIG TAPIA, Alberto. *La cruzada de 1936: mito y memoria*. Madrid: Alianza, 2006.

REIS, Dinarco. *A luta de classes no Brasil e o PCB*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011. v. 1.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). *O Século XX*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. v. 2: O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras.

REQUENA GALLEGO, Manuel; PRADES-ARTIGAS, Lourdes. Las Brigadas Internacionales. *Studia Historica*. Historia Contemporánea, v. 32, p. 181-195, 2014.

REQUENA GALLEGO, Manuel. Las Brigadas Internacionales en el contexto internacional de la guerra civil española. In: SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep (Ed.). *El pacto de la no intervención: la internacionalización de la guerra civil española*. Tarragona: Publicaciones URV, 2009.

_____. La retirada de las Brigadas Internacionales de la guerra civil española. In: SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep; AGUDO BLANCO, Sebastián J (Coords.). *La Batalla del Ebro, perspectivas y balance*. Ponencias: Actas del Congreso Internacional de Historia “La Batalla del Ebro, 70 años después”. Móra d’Ebre, 24-27 de julio 2008.

_____. Mito e historia de las Brigadas Internacionales. In: CUESTA, Josefina (dir.). *Memorias históricas de España (siglo XX)*. Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 2007.

_____. Las Brigadas Internacionales: una aproximación historiográfica. *Ayer*, Madrid: Marcial Pons, n. 56, p. 11-36, 2004.

_____; LOSA, Rosa Maria Sepúlveda (Coord.). *Las Brigadas Internacionales: el contexto internacional, los medios de propaganda, literatura y memorias*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2003.

_____. (Coord.). *La guerra civil española y las Brigadas Internacionales*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1998.

_____. Albacete, base de reclutamiento e instrucción de las Brigadas Internacionales. *Al-Basit: Revista de Estudios Albacetenses*, v. 14, p. 63-83, nov. 1996, Número monográfico sobre la guerra civil y las Brigadas Internacionales en Albacete.

_____; PELÁEZ ROPERO, José Manuel. Memorias de vida: Albacete y las Brigadas Internacionales en el recuerdo de los voluntarios de la libertad. *Al-Basit: Revista de Estudios Albacetenses*, v. 15, p. 207-232, nov. 1996, Número monográfico sobre la guerra civil y las Brigadas Internacionales en Albacete.

RIBEIRO, Patrícia da Silva. *As batalhas da memória: uma história da memória dos ex-combatentes brasileiros*. 217 fls. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, 1999.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 21, p. 35-42, 1998.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil republicano*. Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1981.

RODRÍGUEZ DE LA TORRE, Fernando. *Bibliografía de las Brigadas Internacionales y de la participación de extranjeros a favor de la República (1936-1939)*. Albacete: Instituto de Estudios Albacetenses, 2006.

ROMERO SALVADÓ, Francisco José. *A guerra civil espanhola*, Trad. Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep. Divergencias internas en el campo republicano y en el sublevado. In: SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep (Ed.). *El pacto de la no intervención: la internacionalización de la guerra civil española*. Tarragona: Publicaciones URV, 2009.

SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep; AGUDO BLANCO, Sebastià (Coords.). *Las Brigadas Internacionales: nuevas perspectivas en la historia de la guerra civil e del exilio*. Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, 2015.

SANZ MARTINEZ, Juan. *A guerra civil espanhola: vidas e lutas de um idealista*. São Paulo: Edições Inteligente, 2006.

SANTOS, Andrea Paula dos. *A esquerda das forças armadas brasileiras: história oral de vida de militares nacionalistas de esquerda*. Dissertação (Mestrado em História) – USP, 1998. 2 v.

SANTOS, Maria Cristina Ferreira dos. *Vasco e a dialética do esquecimento*. 86 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRGS, 2011.

SANTOS, Pedro Brum. Aspectos do romance histórico em Erico Verissimo. *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, v. 11, p. 53-59, 2005.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEIDMAN, Michael. *A ras de suelo: historia social de la república durante la guerra civil*. Madrid: Alianza, 2003.

SEMPRÚN, Jorge. *Autobiografia de Federico Sánchez*, Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Cândida Carolina de Andrade e. *Memórias: vestígios da guerra civil espanhola em fragmentos literários (1936-1975)*. 137 fls. Dissertação (Mestrado em História) – UNB, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SKOUTELSKY, Rémi. *Novedad en El frente: las Brigadas Internacionales en la guerra civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 2006a.

_____. Las Brigadas Internacionales: algunas definiciones. Congreso Internacional La guerra civil española 1936-39, p. 1-17, 2006b.

_____. El regreso de los voluntarios. La memoria de las Brigadas. In: REQUENA GALLEGO, Manuel y LOSA, Rosa Maria Sepúlveda (Coord.). *Las Brigadas*

Internacionales: el contexto internacional, los medios de propaganda, literatura y memorias. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUZA, Ismara Izepe de. *Caminhos que se cruzam*: relações históricas entre Brasil e Espanha (1936-1960). 317 fls. Tese (Doutorado em História) – USP, 2009.

_____. *Solidariedade Internacional*. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a polícia política diante da guerra civil da Espanha (1936-1946). São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2005. Coleção História da Intolerância.

_____. “Adiós compañeros”: os espanhóis expulsos durante a Era Vargas. *Histórica*, São Paulo, v. 4, p. 35-39, 2001.

STRADLING, Robert. *History and Legend. Writing the International Brigades*. Cardiff: University of Wales Press, 2003.

THOMAS, Hugh. *La guerra civil española*, Trad. Neri Daurella. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1995. 2 v.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*, Trad. Miguel Salazar. Barcelona: Paidós, 2008.

TRAPIELLO, Andrés. *Las armas y las letras: literatura y guerra civil (1936-1939)*. Barcelona: Península, 2002.

TRAVERSO, Enzo. *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

_____. *El pasado: instrucciones de uso, historia, memoria, política*, Trad. Almudena González de Cuenca. Madrid: Marcial Pons, 2007.

_____. Historia y memoria: notas sobre un debate. In: FRANCO, Marina; LEVÍN, Florencia (Comp.). *Historia reciente: perspectivas y desafíos para un campo en construcción*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2007.

TROTSKY, León. *La revolución española (1930-1939)*: selección de escritos. Madrid: Fundación Federico Engels, 2006.

_____. *La lucha contra el fascismo*. Madrid: Fundación Federico Engels, 2004.

VENCESLAU, Paulo de Tarso. Memória: o general Apolônio de Carvalho. *Teoria e Debate*, n. 6, p. 1-18, abril-junho de 1989.

VERA JIMÉNEZ, Fernando. Cubanos en la guerra civil española. La presencia de voluntarios en las Brigadas Internacionales y el Ejército Popular de la República. *Revista Complutense de História de América*, n. 25, p. 295-321, 1999.

VERISSIMO, Erico. *Saga*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Solo de clarineta: memórias*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1974. v. 1.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____; CARVALHO, René Louis de; CASTRO, Ramón Peña (Orgs.). *Uma vida de lutas*: Renée France de Carvalho. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

VIÑAS MARTÍN, Ángel. Guerra civil y cambios de paradigma. *Revista del Vinalopó*, n. 17, p. 33-46, 2014.

_____. (Ed.). *En el combate por la historia: la República, la guerra civil, el franquismo*. Barcelona: Ediciones Pasado y Presente, 2012.

_____. *El honor de la República. Entre el acoso fascista, la hostilidad británica y la política de Stalin*. Barcelona: Crítica, 2008.

_____. *El escudo de la República. El oro de España, la apuesta soviética y los hechos de mayo de 1937*. Barcelona: Crítica, 2007.

_____. *La soledad de la República. El abandono de las Democracias y el Viraje hacia la Unión Soviética*. Barcelona: Crítica, 2006a.

_____. La decisión de Stalin de ayudar a la República: un aspecto controvertido en la historiografía de la guerra civil. *Historia y Política*, n. 16, p. 65-108, 2006b.

WINTER, Jay; SIVAN, Emmanuel (Eds.). *War and remembrance in the twentieth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ZILBERMAN, Regina. Erico Verissimo: artista, intelectual e pensador brasileiro. *Antares*, Letras e Humanidades, v. 3, p. 129-161, 2010.

ZUGAZAGOITIA, Julián. *Guerra y vicisitudes de los españoles*. Prólogo de Santos Juliá y notas de J. M. Villarías Zugazagoitia. Barcelona: Tusquets, 2001.